

**O PAPEL DA MÃE NA CONSTRUÇÃO DO FENÔMENO  
TRANSICIONAL NA CRIANÇA:  
PRIMÓRDIOS DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO**

*MARJORIE LOH AGUIAR*

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção  
do grau de Mestre em Psicologia sob orientação da  
Profa. Dra. Rita de Cássia Sobreira Lopes

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
Instituto de Psicologia  
Curso de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento  
Porto Alegre, junho de 2003

## AGRADECIMENTOS

Este estudo é resultado de um trabalho de equipe e, neste sentido, gostaria de agradecer a todos os que me ajudaram a concluí-lo.

À professora Rita de Cássia Sobreira Lopes, minha orientadora, agradeço por ter acolhido a minha idéia de pesquisa e por ter acompanhado e auxiliado na realização deste trabalho em todas as etapas, desde os momentos iniciais.

Ao professor César Piccinini, coordenador do grupo de pesquisa GIDEP, por ter viabilizado a realização deste estudo junto ao GIDEP.

À professora Tânia Sperb, com quem trabalhei como bolsista de iniciação científica durante o período da graduação. Acredito que o interesse pela pesquisa e, em especial, pelo brincar tenha se iniciado naquele momento.

Às psicanalistas Marta Pedó e Ana Marta Meira, agradeço pela leitura do meu trabalho e pelas questões levantadas, as quais constituíram auxílio essencial em diferentes etapas deste estudo. À Ana Marta, em especial, agradeço pelas questões apontadas durante a observação das filmagens.

Às bolsistas de iniciação científica, Tonantzin, Carolina Gasperin, Carolina Lima, Tatiana, Lisandra, Gisele, Luana, Daniela Lindemayer, Aline e Bruna, pois a ajuda delas foi essencial para a realização deste estudo.

Aos colegas do GIDEP e também aos colegas da turma do mestrado (2001), em especial à colega e amiga Luciane Carraro, com quem pude dividir angústias e alegrias nestes dois anos.

Ao Alziro, pela ajuda prestimosa, sempre pronto para “dar um jeito” em todos aqueles aparelhos com os quais tínhamos que lidar na coleta de dados (gravador, filmadora, vídeo), sem nunca reclamar de nossa ignorância.

Às famílias que participaram deste estudo, as quais confiaram a ponto de revelarem suas histórias, permitindo que pudéssemos acompanhar um pouco delas. Em especial, agradeço aos bebês/crianças, os quais me possibilitaram aprender um pouco mais sobre as pequenas crianças, não só através do estudo, mas também pelo convívio.

Ao CNPq, pelo respaldo financeiro fornecido no primeiro semestre do curso de mestrado.

Ao meu marido, Marcelo, com quem tenho compartilhado, nestes dois anos, momentos de angústia e alegria. Agradeço pelo amor, paciência e apoio em todos estes momentos, bem como pelo estímulo para seguir em frente.

À minha mãe, pelo incentivo e apoio nos momentos difíceis. Ao meu pai (*in memoriam*), por sempre ter me estimulado a querer conhecer mais.

Aos meus irmãos, pelo apoio e auxílio efetivo na execução deste trabalho e, além disso, por sempre terem despertado em mim a curiosidade por conhecer mais.

Agradeço de forma especial aos meus sobrinhos, Laura, Ana Luiza, William e Maria Eduarda, com os quais a cada dia que passa tenho aprendido mais e mais sobre os bebês e as crianças. As suas palavrinhas e brincadeiras são fontes de inspiração que me solicitam de uma forma envolvente. Certamente foi a partir do convívio com eles que teve início este estudo.

## SUMÁRIO

Resumo.....	6
Abstract.....	7
Capítulo	
1 – INTRODUÇÃO	
1.1 Os fenômenos transicionais.....	8
1.2 O papel da mãe e a constituição do sujeito.....	20
1.3 Estudos sobre o tema.....	33
1.4 Justificativas e objetivos de pesquisa.....	37
II – MÉTODO	
2.1 Participantes.....	42
2.2 Delineamentos e procedimentos.....	44
2.3 Material e instrumentos.....	46
2.4 Análise dos dados.....	48
III - RESULTADOS	
3.1 Caso 1 - Rosane e Roberto / Heitor.....	51
3.2 Caso 2.- Renata e Vilmar / Ana Carolina.....	69
3.3 Caso 3 - Neusa e Rui / Nádia.....	83
3.4 Caso 4 – Maria Helena e Dilson / Elisa.....	98
3.5 Caso 5 – Marta e Paulo / Mateus.....	113
IV – DISCUSSÃO	
4.1 Aspectos singulares.....	129
4.1.1 Caso 1 - Rosane e Roberto / Heitor.....	129
4.1.2 Caso 2.- Renata e Vilmar / Ana Carolina.....	132
4.1.3 Caso 3 - Neusa e Rui / Nádia.....	136
4.1.4 Caso 4 – Maria Helena e Dilson / Elisa.....	139
4.1.5 Caso 5 – Marta e Paulo / Mateus.....	142
4.2 Aspectos gerais.....	146

4.2.1 O papel da mãe.....	146
4.2.2 Fenômenos / espaço transicional.....	156
4.3 Considerações finais.....	162
REFERÊNCIAS .....	166

## ANEXOS

Anexo A – Entrevista sobre a experiência da maternidade (3º. mês).....	172
Anexo B – Ficha de impressões gerais dos pais sobre o temperamento da criança	174
Anexo C – Entrevista sobre a experiência da maternidade (8º. mês).....	175
Anexo D – Observação da interação familiar.....	177
Anexo E – Entrevista sobre a experiência da maternidade (12º. mês).....	178
Anexo F – Filmagem do bebê em interação livre com o pai e com a mãe.....	180
Anexo G - Entrevista sobre o desenvolvimento da criança aos 24 meses.....	181

## RESUMO

O presente estudo tem por objetivo investigar o papel da mãe na construção dos fenômenos/espço transicional. Estes fenômenos foram considerados, a partir da concepção de Winnicott (1971/1975), e o papel da mãe foi investigado a partir do conceito de *mãe suficientemente boa* de Winnicott e também através das teorizações de Dolto acerca das trocas simbólicas que se estabelecem na relação entre mãe e bebê. Foi realizado um estudo de caso coletivo com cinco casais e seus respectivos bebês. Os casais residiam junto e as mães eram primíparas. Os participantes pertenciam a um projeto longitudinal maior (GIDEP, 1999). As mães foram entrevistadas nos seguintes períodos: terceiro mês, oitavo mês, décimo segundo mês e vigésimo quarto mês de vida do bebê. Os bebês/crianças foram filmados em laboratório nos períodos do décimo segundo mês e do vigésimo quarto mês.

As entrevistas foram analisadas através da Análise de Conteúdo (Laville e Dione, 1999), com o objetivo de identificar os fenômenos e objetos transicionais aos quais os bebês/crianças recorriam e com o intuito de examinar as falas da mãe que faziam referência aos momentos de separação do filho, assim como de que modo elas estabeleciam as trocas simbólicas com ele. Em relação à análise das filmagens, foram selecionadas algumas cenas as quais foram consideradas significativas para exemplificar o uso de fenômeno transicional e a interação mãe e bebê. O brincar das crianças também foi investigado nas filmagens.

Os resultados revelaram que todas as crianças utilizaram algum fenômeno ou objeto transicional em algum dos períodos mencionados. Elas recorriam a eles no momento de dormir ou quando se encontravam sós. Quanto ao papel da mãe, percebeu-se que os objetos aos quais os bebês desenvolviam alguma ligação foram oferecidos por ela. Ressalta-se as trocas simbólicas que a mãe estabelece com o bebê, percebendo que estas constituem material para o brincar que depois a criança apresenta nas filmagens. Observou-se, em torno de doze meses, o aparecimento do *fort-da*, bem como o início da brincadeira de faz-de-conta. Winnicott já apontava para a permanência desta área de transição, fundada pelos fenômenos e objetos transicionais, referindo que é preenchida pelo brincar e pela experiência cultural.

## **ABSTRACT**

**This study aims at investigating the role of the mother for the construction of transitional phenomena/space. These phenomena were analysed from Winnicott's viewpoint and the mother's role was investigated using Winnicott's definition of good enough mother and also using Dolto's theory of symbolic exchanges between mother and child. A collective case-study encompassing five married couples and their babies was performed. These couples lived together and the mothers had only one child. These participants belonged to a larger longitudinal project (GIDEP, 1999). The mothers were interviewed at the third, eighth, twelfth and twenty-fourth months after their babies were born. The children were filmed, in laboratory, during the twelfth and twenty-fourth months.**

**Interviews were analysed using the Content Analysis (Laville & Dione, 1999) to identify phenomena and transitional objects pursued for the children and to examine their mother's speech referring to moments of absence from their children, as well as the way they established symbolic exchanges with their children. Some scenes were selected from the video tapes being considered representative examples of the use of transitional phenomena in the mother-children interaction. The children activity while playing was also analysed from the films.**

**The results revealed that all children used some kind of transitional phenomenon or object during the investigated moments. Children sought them at the moment prior to sleeping. With respect to the role of their mothers, we established that all these objects were given by them to their children. These results emphasise the symbolic exchanges between mother and child. Around twelve months the appearance of fort-da was observed, as well as the beginning of symbolic playing. The presence of this transition area has been already pointed out by Winnicott, as based on transitional phenomena and objects, who proposed that it is fulfilled by the children's playing and by cultural experiences.**

## **CAPÍTULO I**

### **INTRODUÇÃO**

É importante perceber como a literatura tem refletido o interesse das crianças por alguns objetos, como ursos e bonecos. Esses objetos parecem desempenhar papel relevante na formação das crianças, desde muito cedo. Destacamos, como elemento motivador do interesse suscitado pelo tema, as histórias de Calvin<sup>1</sup> (as quais acompanham a pesquisadora), juntamente com seu fiel companheiro, o tigre Haroldo. Nelas, este tigre é retratado com grande vitalidade e desenvoltura, nos momentos em que se encontra somente com Calvin, para logo em seguida voltar à franzia posição de um pequeno tigre de pelúcia, quando surgem os pais de Calvin. Estas cenas retratam de que forma as crianças têm percebido e concebido os seus brinquedos, antes de tudo fiéis companheiros. Há que se pensar que certamente a história de Calvin se torna muito mais interessante nos instantes nos quais Haroldo interage, retruca e planeja novas aventuras com Calvin. Em especial, Haroldo acompanha Calvin nas suas incursões contra os monstros, que insistem em permanecer embaixo de sua cama.

A importância dos momentos retratados acima não pode ser minimizada. Pelo exposto, o presente estudo objetiva investigar os fenômenos e objetos transicionais aos quais a criança recorre, bem como, de que forma eles se relacionam com o papel exercido pela mãe. Este momento é concebido como uma etapa primordial da constituição do sujeito.

Inicialmente, apresentaremos as considerações teóricas acerca dos fenômenos e objetos transicionais, procurando enfatizar o espaço transicional que se constitui. No segundo momento, serão abordadas as funções da mãe, assim como a constituição do sujeito. A terceira seção deste capítulo contempla alguns estudos realizados sobre os fenômenos transicionais, bem como suas relações com a presente pesquisa. Por último, no quarto item, são consideradas as justificativas e os objetivos desta pesquisa.

#### **1.1. Os fenômenos transicionais**

O interesse de Winnicott (1971/1975), ao conceber os fenômenos e objetos transicionais, provinha da percepção do autor da falta de uma área, a qual pudesse conter a experiência cultural, para além do que já existia descrito sobre a realidade interna e externa. A

---

<sup>1</sup> Personagem de histórias infantis criado por Bill Watterson.



partir de suas observações, Winnicott percebeu a importância de *Winnie the Pooh*<sup>2</sup> na vida das crianças, enfatizando a capacidade imaginativa que sobressaía no apego a este objeto.

Os trabalhos desenvolvidos por Winnicott, bem antes da teorização que veio a tomar corpo posteriormente, sobre o jogo da espátula e sobre os jogos dos rabiscos foram cruciais para a compreensão do objeto transicional no desenvolvimento do bebê (Abram, 2000). Ambos enfatizam a capacidade da criança de fazer uso da imaginação. O jogo da espátula foi descrito no texto de Winnicott (1941/2000) *A observação de bebês numa situação padronizada*. Este texto, o qual é redigido dez anos antes do texto *Objetos transicionais e fenômenos transicionais*, condensa questões nas quais Winnicott ficará imerso por longo tempo na sua obra, principalmente em toda a sua teorização a respeito do brincar e da criatividade (Abram, 2000).

O jogo da espátula é descrito por Winnicott (1941/2000) a partir da observação de bebês (entre cinco e treze meses) numa situação padrão, na qual, estando o bebê no colo da mãe próximo à mesa, uma espátula (depressor de língua) era deixada sobre a mesa, a fim de observar qual seria a reação da criança frente a este objeto. O autor expõe três estágios, sendo que no primeiro se evidencia a hesitação do bebê em pegar ou não a espátula. O segundo diz respeito àquele instante em que a criança pega a espátula e a leva à boca, desfrutando da posse deste objeto. Além de levá-la à boca, o bebê bate com o objeto sobre a mesa, oferecendo-o à mãe ou a Winnicott, como se fosse alimentá-los (propondo uma brincadeira), passando a expressar através da espátula o seu mundo interno. É ressaltada a importância de não se impor o objeto ao bebê, pois este deve imaginar que o está criando. Esta característica é observada neste estágio, segundo Abram (2000), visto que o bebê possui a ilusão de um controle completo do ambiente. O estágio seguinte consiste em a criança deixar a espátula cair por diversas vezes, repudiando-a. Para além de representar o seio ou mesmo o pênis, a espátula representa pessoas, e Winnicott faz uma associação deste jogo com a brincadeira do *fort-da*, descrita por Freud (1920/1990), na qual o carretel representa a mãe. Ressalta-se o caráter de primeira posse encontrado neste jogo, pois se vislumbra a ação do bebê sobre o objeto. Além disso, o terceiro estágio remete ao jogo de presença e ausência, também descrito por Freud na brincadeira do carretel. E, ainda, através do jogo, verifica-se o constante intercâmbio entre realidade interna e externa. Dessa forma, o texto de Winnicott antes mencionado, certamente propõe diversas questões, as quais serão apontadas neste estudo. Em consonância

---

<sup>2</sup> Personagem bastante popular de histórias para crianças, criado por A.A. Milne. Ainda mais conhecido no Brasil pelo nome de Puff.

com essa abordagem, Abram (2000) refere que a espátula pode ser considerada como um representante do objeto transicional.

O jogo dos rabiscos, por sua vez, consistia no momento em que Winnicott pedia à criança para rabiscar em um papel, enquanto ele próprio já havia iniciado os seus rabiscos. Muitas vezes, estes rabiscos se transformavam em desenho. O objetivo de tal jogo é facilitar o brincar e o elemento surpresa (Abram, 2000). De acordo com Khan (2000), a essência deste jogo consiste no modo como Winnicott cria um espaço transicional para a criança, permitindo que ela possa transpor o instante de hesitação inicial, conduzindo-a a um gesto criativo através do rabisco.

Na hipótese original acerca dos fenômenos e objetos transicionais, Winnicott (1971/1975) pressupõe haver um relacionamento entre os fenômenos de sugar o punho, o polegar e os dedos e a ligação dos bebês a algum objeto em especial, como por exemplo as bonecas, salientando a importância de um estudo que observasse o desenvolvimento destes fenômenos, desde os primeiros até os últimos. Já nesta primeira suposição do autor, existe a referência à mãe, descrita como aquela que irá permitir ao filho algum objeto.

Ao descrever tais fenômenos, Winnicott (1971/1975) ressalta a diversidade encontrada. Segundo o autor, eles têm início a partir de carícias que o bebê faz nele mesmo, a saber: quando o bebê suga o polegar e ao mesmo tempo acaricia o rosto com os dedos; leva um objeto externo à boca juntamente com os dedos; ou ainda, segura e chupa um pedaço de tecido. Esta atividade acariciante também é encontrada sozinha, sem a união do polegar à boca. Ao invés de ressaltar o progresso da *mão na boca* para a *mão no genital* (a qual é mencionada por Freud, 1905/1990), o autor aponta para um outro lado contido nestes fenômenos, isto é, insiste no desenvolvimento de tal atividade até o manuseio do objeto. Assim, para Winnicott (1954), o uso do objeto transicional estaria mais relacionado a um fenômeno afetivo secundário do que ao sugar o polegar primário. Dessa forma, outras características nestes fenômenos são enfatizadas, para além da excitação e satisfação orais (as quais, porém, não são desprezadas). Winnicott (1971/1975) refere que, posteriormente, estas primeiras experiências dos fenômenos transicionais, podem progredir para fenômenos mais amplos, como a ligação das crianças a algum objeto especial. Os bebês, desde cedo, tendem a entremear objetos *diferente-de-mim*.

Winnicott (1971/1975) evita uma ampla descrição dos fenômenos e objetos transicionais, com o intuito de que não se viesse a proceder a uma classificação destes, visto que são fenômenos universais e de variedade infinita, cabendo preservar a sua singularidade.

Ainda assim, ele acaba mencionando alguns fenômenos, tais como o balbúcio de um bebê, a forma de entoar uma canção, uma palavra, um maneirismo e também aqueles em que se utilizam objetos que não fazem parte do corpo do bebê, como segurar a ponta do cobertor, a ligação a uma bola ou a uma boneca. À medida que o bebê começa a falar, fazendo uso de alguns sons, pode ocorrer de tal objeto receber um nome, o qual frequentemente está relacionado com alguma palavra fornecida pelos pais. O autor ressalta ainda que há casos em que não se identifica nenhum objeto transicional, a não ser a própria mãe. Nestes casos, pode-se apontar a dificuldade de a criança estabelecer um estado de transição.

Da mesma forma que Winnicott (1971/1975) se abstém de propor uma classificação dos fenômenos e objetos transicionais, ele também destaca que a idade em que estes fenômenos surgem varia muito, referindo que o padrão destes começa a aparecer por volta dos quatro a seis meses até oito e doze meses de idade. Os padrões que tiveram início num momento primordial podem permanecer até períodos posteriores do desenvolvimento. A tendência, entretanto, é ocorrer uma ampliação destes fenômenos.

Nestes fenômenos e objetos predominam o aspecto tátil e o olfativo. O aspecto visual não é importante para a criança, já que ela o esburaca, rasga-o; o toque e o olfato é que constituem fatores essenciais (Dolto, 1988/1989). Winnicott (1971/1975) refere que a criança não permite que ele seja modificado, nem mesmo lavado, pois, dessa forma, perderia sua continuidade de ser, não consistindo mais no mesmo objeto. O objeto é percebido pela criança como possuindo textura, demonstrando vitalidade ou realidade próprias e fornecendo-lhe calor. O bebê se sente como se possuísse direitos sobre tal objeto, apresentando uma certa onipotência com relação a ele. Dessa forma, o objeto pode ser tanto acariciado como mutilado, tendo que sobreviver a este amor ou a este ódio.

Stevenson (1954) distingue os objetos primários e os secundários. Os primários dizem respeito aos primeiros objetos aos quais a criança se liga, como o cobertor ou a ponta de um pano, já os secundários referem-se a um brinquedo, argumentando que existe um progresso do primeiro tipo para o segundo. Entretanto, em estudo realizado, este autor encontrou que algumas crianças permaneceram apegadas ao primeiro objeto, enquanto outras já demonstravam ligação no primeiro ano de vida a um brinquedo macio (ao invés do paninho). Houve casos em que a união a um objeto especial foi percebida apenas na idade de dois ou três anos. Busch (1974), reportando-se a esta divisão feita por Stevenson, modifica a terminologia, denominando-os de primeiro e segundo objeto transicional, a fim de evitar confusões com conceitos psicanalíticos. Assim, os primeiros ocorrem no primeiro ano de vida e os segundo

surtem por volta do segundo ano. Gaddini (1975) faz objeção a esta divisão, dizendo se tratar de uma fragmentação do processo, pois ressalta que as diferenças são muito mais quantitativas do que qualitativas. Para a autora, há um padrão que se mantém na passagem dos primeiros para os segundos objetos transicionais. Pode-se estabelecer uma continuidade desde, por exemplo, a situação de maternagem da mãe, na qual ela usava um cobertor, até o apego a objetos que reproduzam a textura deste cobertor. O que é salientado é muito mais o surgimento deste padrão, o qual ocorre em situações nas quais a mãe pôde ser continente ao filho. Ainda de acordo com Gaddini, a situação da alimentação possui um significado etiológico na escolha do objeto transicional, referindo que num momento de separação com a mãe, tal situação é lembrada na tentativa de restabelecer a união com ela. O que ocorre é que a criança substitui o mamilo pelo bico, mas a fantasia subjacente é a mesma. Winnicott (1971/1975) também destaca uma ligação entre os fenômenos até os objetos transicionais.

Semelhante ao que Gaddini argumenta, para Dolto (1988/1989), o objeto transicional aparece relacionado à amamentação, tornando-se o objeto mais próximo dessa experiência e, dessa forma, o mais estreitamente ligado à necessidade. Tal objeto é, portanto, um objeto de desejo, mas ainda bem próximo da necessidade, pois, ao mesmo tempo em que está ligado à necessidade, também se encontra articulado com a pessoa que a criança deseja, isto é, aquela pessoa que está ligada à satisfação de suas necessidades. Este objeto vem justamente apontar o início do descolamento da mãe como objeto de satisfação de necessidades. Entretanto, a criança ainda precisa de um aparato imaginário que possa ajudá-la a lidar com isso. Assim, surge o objeto transicional, que permite que a busca da criança pela mãe, agora não mais somente em função da necessidade, continue acontecendo, sendo representada pelo objeto transicional.

Dessa forma, para Dolto (1988/1989), o objeto transicional é “uma representação substancial de um laço emocional necessário ao sujeito (...)” (p.103), mediando seu desejo em relação à pessoa por ele escolhida e encontrando-se no limite entre necessidade e desejo. Esta autora aponta que a diferença entre o objeto e o objeto transicional é que o segundo sempre remete a uma comunicação. Trata-se de uma comunicação que permite que o narcisismo (a *mesmice de ser*) se reconstrua, mesmo havendo ausência de uma relação com a pessoa eleita. Reportando-se à diferença do objeto transicional com relação ao fetiche, refere que o primeiro é um representante de uma relação, enquanto o segundo representa um objeto parcial. O objeto transicional diz respeito a uma relação com uma pessoa particular (a mãe), já o fetiche é imputável a qualquer um. Steveson (1954), destacando diferenças no uso do objeto

transicional, observou em seu estudo dois tipos de objetos, aqueles utilizados como confortadores e outros em que se percebia uma personificação do objeto, a qual acabava servindo para estabelecer relações interpessoais. Winnicott refere que o objeto transicional pode se transformar num fetiche, caso seu uso persista até a vida adulta.

Os fenômenos e objetos transicionais tornam-se importantes para a criança no momento em que ela vai dormir ou nos momentos de solidão, pois consistem em defesas contra a ansiedade depressiva (Winnicott, 1971/1975). Conforme Petot (1992), a ansiedade depressiva, concebida por Melanie Klein, é definida como ansiedade de separação, que surge com o medo da perda de objeto. É na posição depressiva que se manifesta tal ansiedade<sup>3</sup>.

De acordo com Dolto (1984/1992), os objetos transicionais tornam-se necessários quando há um perigo que ameaça separar a criança do lugar de segurança materna ou ainda, no momento de dormir, quando a criança perde sua motricidade e deambulação, por ser colocada na cama. Nessas situações, a criança fica impossibilitada de rememorar a relação com a mãe, recorrendo, então, ao objeto transicional. Entretanto, Dolto denomina este objeto de “objeto dito transicional”, que representaria muito mais um fetiche contra o perigo.

Conforme Dolto (1984/1992), se a mãe dá assistência ao filho, nutrindo-o com palavras suficientes de amor e com liberdades lúdicas (proporcionando a criação de um espaço *mãeficado*<sup>4</sup>), esta criança não tem necessidade de objetos transicionais. Pois quando surge alguma insegurança, ele possui uma inventividade (associada à mãe) suficiente para retomar sua segurança, seja através das palavras associadas à mãe ou ainda por meio das brincadeiras e canções fornecidas por ela. Para tanto, é necessário que a mãe possa prestar assistência ao filho em seus momentos de angústia, priorizando que esta relação seja *humanizante* através de percepções sutis e de palavras. Muitas crianças se angustiam ao não ter o objeto transicional para dormir. Caso a mãe esteja presente, falando da perda deste objeto, permite que a criança consiga elaborar esta falta.

Crianças institucionalizadas, que passaram pelo cuidado de várias pessoas, especialmente nos primeiros dezoito meses de vida, podem desenvolver uma paixão por chupar o polegar. Estas crianças têm como referência apenas os momentos em que a comida é trazida, não compartilhando da alegria e das palavras de uma mãe. Elas, portanto, permanecem

---

<sup>3</sup> Zornig (2000) refere haver pontos semelhantes entre a fase de dependência relativa descrita por Winnicott e a posição depressiva kleiniana. Entretanto, a autora ressalta que a ênfase no meio ambiente (inicialmente a mãe) distancia as teorizações de Winnicott daquelas postuladas por Melanie Klein, cuja teoria “repousa na polaridade inata das pulsões de vida e de morte e de um funcionamento rudimentar e primitivo do ego desde o nascimento” (p.97).

solitárias, absorvidas nas sensações que este objeto proporciona. Este pode ser um exemplo do que Dolto (1984/1992) chama de objetos obturantes, quando tais objetos configuram ilusões do outro, arrefecendo a busca constante da criança pelo contato com o outro.

A criança, portanto, recorre aos fenômenos e objetos transicionais em momentos de separação. Winnicott (1971/1975) destaca que estes fenômenos representam uma transição, desde um estado no qual o bebê está completamente fundido com a mãe, até um estado em que ele já se relaciona com ela como algo separado. Dessa forma, o objeto transicional constitui um símbolo da união do bebê e da mãe, num momento em que ambos já se encontram separados, isto é, tal objeto surge como um indicativo do início de uma separação, mas representa também a união. Há um paradoxo apontado neste ponto da teorização, visto que para o autor a separação não ocorre por completo, havendo apenas uma ameaça dela. Para Winnicott, este espaço de separação que se cria será preenchido pelo uso dos símbolos, por isso a afirmação de não haver uma separação completa. É justamente esta área, que é de experimentação, que une e separa a mãe e o bebê.

Percebe-se, dessa forma, o primeiro uso de um símbolo pela criança, o que já indicaria a distinção pelo bebê entre fantasia e realidade. Entretanto, como ressalta Abram (2000), esta distinção não significa que o bebê já é capaz de usar os símbolos, pois o que ocorre é que ele está prestes a atingir tal capacidade. Anterior a este período, Winnicott (1971/1975) descreve o primeiro objeto, designado pelo termo *objeto subjetivo*, o qual configura o objeto que ainda não foi repudiado como fenômeno *não-eu*. Nesta etapa, o bebê e o objeto encontram-se unificados (*são um*), precedendo a idéia da fase seguinte, na qual já ocorre o *estar-em-união-com*, em que já se percebe o início de uma separação. Aponta-se, portanto, para a jornada de transição do bebê desde o subjetivo até aquilo que é objetivamente percebido.

Este estado de transição acaba configurando a área intermediária de experiência (que une e separa), a qual se delinea com o surgimento dos fenômenos e objetos transicionais. Esta área encontra-se situada entre o polegar e o ursinho e entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto (Winnicott, 1971/1975). Constitui-se numa área de experimentação, sendo que o foco de interesse está na primeira possessão que se verifica a partir de tais fenômenos, assim como no uso que é dado aos objetos (e não no objeto em si). Winnicott (1954) questiona a origem da ligação a este objeto, se partiu de uma apresentação do objeto por parte dos pais ou através da descoberta do objeto pela criança. O objeto transicional provém do ambiente,

---

<sup>4</sup> Este conceito será discutido com maior abrangência nas páginas seguintes.

mas do ponto de vista da criança, ele foi criado por ela, visto que ele está em uso, mesmo antes de o mundo ter se tornado conhecido para a criança.

Assim, esta área de transição recebe contribuições tanto da realidade psíquica interna, como da realidade externa, constituindo-se numa zona de repouso para o indivíduo, que precisa relacionar os fatos à realidade interna ou externa, procurando separá-las, mas ainda por vezes mantendo-as inter-relacionadas (Winnicott, 1971/1975). O autor propõe a importância de se aceitar o paradoxo que tal zona propõe, não se devendo questionar a criança quanto à procedência do objeto, sobre se é uma alucinação ou se provém do exterior.

De acordo com Winnicott (1971/1975), na relação com o objeto transicional, o bebê passa do controle mágico onipotente (quando a mãe colocava o objeto exatamente no lugar onde a criança esperava encontrá-lo) para o controle pela manipulação, envolvendo o prazer muscular e o prazer de coordenação. Esta área torna-se importante para o início do relacionamento da criança com o mundo.

Winnicott (1971/1975) ressalta que aquilo que é percebido como sendo criado pela própria criança, já foi anteriormente experienciado (cheirado, sentido), sendo que tais objetos, portanto, foram adotados e não criados. Entretanto, para a criança, sempre se trata de um objeto descoberto, enfatizando-se o viver criativo que se inicia ali. Caso não seja dada oportunidade ao bebê de experimentar este paradoxo, pode-se arrefecer a sua capacidade criativa.

Dolto (1984/1992) também menciona a construção de um espaço, o qual ela denomina de *mãeficado*, situando-o entre a mãe e o bebê. Este espaço se constitui a partir dos significados que a mãe deposita na criança. Dessa forma, esta área é configurada justamente por essas significações e por tudo aquilo que compõe as trocas entre mãe e filho. Assim, os balbucios (repetições dos sons produzidos pela mãe), o olfato e os objetos, os quais estejam associados à mãe, suscitam na criança “a presença reasseguradora memorizada de sua mãe” (p.55). Objetos ou pessoas com as quais a mãe seja associada permitem que a criança possa sentir-se a mesma (é a mãe quem lhe fornece tal sensação). Nas palavras de Dolto (1998), “o mundo é habitado por sucedâneos parciais, sonoros, visuais, táteis, olfativos, da relação com a pessoa da mãe, do adulto amado, momentaneamente ausente e cuja presença eclipsada eles evocam” (p.26).

Bollas (1992), por sua vez, refere que além de a mãe manter a vida do filho, ela ainda fornece a ele uma *estética do ser*, criada a partir de sua maternagem. Assim, o modo de a mãe segurar o bebê, de reagir à gesticulação dele e também a forma de perceber as necessidades do

filho, tudo isso acaba por conformar um discurso particular estabelecido entre mãe e filho, constituído pelos gestos, olhar e discurso intersubjetivo. Para o autor, a mãe é percebida muito mais como um processo do que como um objeto. Dessa forma, ele refere que a primeira experiência subjetiva da criança com o objeto é descrita através de um objeto *transformacional*, no qual se ressalta ser através dele ou desta busca por ele que o *self* se altera. Tal objeto surge de uma relação simbiótica (decorrente de uma experiência do ser e não de uma representação objetual) e as características desta primeira experiência perduram nas buscas pelo objeto na vida adulta. Inicialmente, a mãe vem a desempenhar esta função de ser um meio transformador para o filho. A fase transicional é a herdeira do período *transformacional*. No momento em que a criança cria o objeto transicional, o processo *transformacional* é deslocado para estes objetos, sendo que a criança passa a assumir a função de articular a experiência, livrando-se do ser objetual e passando a desempenhar um papel ativo, o que atenua a perda da mãe ambiental (relação simbiótica). A procura pelo objeto *transformacional* na vida adulta é marcada pela primeira experiência objetual, configurando, portanto, um rememorar desta primeira experiência afetiva intensa. O autor ressalta que esta intensidade não se deve ao fato de ser um objeto de desejo, trata-se muito mais de memórias que voltaram a desempenhar o seu papel, pela sensação que elas fornecem.

Recuperando algumas teorizações, cabe ressaltar as diferenças na concepção do objeto para Dolto e para Winnicott (assim como para Bollas). No texto *A interpretação dos sonhos*, Freud (1900/1990) retoma a concepção acerca da *experiência de satisfação*, descrevendo-a como sendo uma repetição da percepção ligada à satisfação da hipotética experiência original. Conclui-se, portanto, que tal experiência inicial está perdida, podendo ser revocada somente sua percepção mnêmica. Freud (1905/1990), seguindo sua teorização acerca da primeira *experiência de satisfação*, destaca que tal vivência pode estar relacionada inicialmente com o propósito de nutrição, porém aos poucos se descola deste objetivo e, na sua repetição, passa a procurar algo mais que não o alimento. Este é o instante em que o encontro com o objeto começa a ser preparado. Precisamente, a busca pelo objeto é marcada por essa vivência inicial, porém nunca poderá restituí-la, pois se trata sempre de um reencontro.

Lacan (1956/1992), reportando-se a estes textos de Freud, ressalta que existe uma discordância inicial instaurada, já que o termo repetição já impõe que o objeto, que de início foi o ponto de ligação das satisfações da criança, seja um objeto perdido. Há, portanto, uma distância fundamental que funda a relação do sujeito com o objeto. O que se destaca desta concepção é a impossibilidade de um objeto vir a se apresentar como plenamente satisfatório



ou harmonioso. Souza (2001) refere que, ao se partir de Lacan, não há como imaginar que a psicanálise possa ser restitutiva, visto que “não se dá o que o sujeito não teve, pois aquilo que ele não teve é de estrutura” (p.139). A questão do objeto perdido é estrutural e, assim, a falta deve ser realçada e não tamponada.

Possivelmente nas teorizações de Winnicott acerca do espaço transicional, que é união e separação ao mesmo tempo, em consonância com a postulação de Bollas, que menciona uma produção de sensações afetivas relacionadas à primeira experiência objetal, possa se perceber uma tentativa de tamponar a falta que se produz no processo de separação que tem início com o surgimento dos fenômenos e objetos transicionais. Bollas, entretanto, ressalta o processo de transformação do *self*, empreendido pela busca do objeto *transformacional*. Neste processo de procura por um equivalente simbólico para o objeto *transformacional*, se destaca a aquisição da linguagem como a transformação mais significativa. Winnicott, da mesma forma, aponta para o preenchimento deste espaço com atividades simbólicas.

Dolto (1994/1999), por sua vez, enfatiza que o verdadeiro elemento transicional é a palavra, adotando uma posição crítica em relação aos casos em que se preconizava o uso do objeto transicional, por afirmar que tais postulados desconheciam a intuição original de Winnicott. Tal objeto corresponde à falha de uma transição que não se efetuou ou ocorreu de forma incompleta. O fato de privilegiar a palavra revela a crença de que é somente através desta que a criança pode se libertar de seus vínculos substanciais.

O sujeito, na teoria lacaniana, se constitui a partir da falta, a qual permite a articulação da cadeia significante e a constituição do objeto de desejo. Como dito anteriormente, em relação à hipotética primeira *experiência de satisfação*, o objeto inicial está perdido, constituindo a falta primordial. Na busca pela experiência inicial de satisfação, o sujeito acaba constituindo a si e a seu objeto de desejo. Percebe-se portanto que a falta é essencial neste processo de constituição do sujeito. De acordo com Souza (2001), a articulação da cadeia significante, para Lacan, só se estabelece através de um ponto vazio. Os significantes surgem a partir da capacidade do sujeito de negativizar a realidade, isto é, de apagar marcas e substituí-las, fazendo “com que o mundo possa não ser como ele é” (Souza, p.134), isto é, imaginando que as coisas possam ter um outro valor. Esta operação torna-se possível graças à linguagem. Percebe-se, portanto, o porquê da ênfase de Dolto nas palavras, visto ser pela linguagem e pela negação que o sujeito articula a sua falta e o seu ponto de inscrição no simbólico, ou seja, passa a encadear da sua forma os significantes que recebeu do Outro (livra-se de vínculos substanciais). Ponderando-se as devidas diferenças teóricas, cabe ressaltar que Winnicott e

Bollas também mencionam este momento de ascensão a uma posição de sujeito, quando referem a primeira possessão ou a capacidade criativa.

Nesta etapa em que surgem os fenômenos e objetos transicionais, entretanto, a criança está se constituindo e passando à uma posição mais ativa. Dessa forma, apesar de enfatizar a palavra, Dolto (1999 e 1988/1989) muitas vezes refere que o objeto transicional pode aparecer como necessário, assinalando que se trata de uma etapa, em que a criança busca um recurso imaginário que a auxilie a expressar a sua busca pelo outro, a qual muitas vezes não pode ocorrer somente através da palavra. Tavares (1998) argumenta que a palavra ainda não aparece como suporte suficiente, no qual a criança possa se apoiar. Portanto, os fenômenos transicionais surgem como suporte imaginário à falta instaurada pela mãe. Dessa forma, justamente o que eles vêm representar é o significante da falta na mãe, apontando que o desejo da mãe não se realiza no corpo do filho.

Mannoni (1982/1986) aponta que Winnicott está interessado na subjetividade nascente da criança, que constitui uma etapa precoce quase não explorada pela análise. Assim, os fenômenos transicionais configuram precursores de uma organização simbólica que demarca a presença e ausência da mãe, antecedendo o *fort-da* (Freud, 1920/1990). Jerusalinsky (1999) refere que os objetos transicionais fazem alusão à substituição do objeto de desejo.

Freud (1920/1990) descreve a brincadeira de seu neto de dezoito meses, na qual o menino arremessava seu carretel, fazendo-o desaparecer por entre as cortinas, emitindo, ao mesmo tempo, um arrastado *o-o-o-ó*. Freud refere que este som representava a palavra alemã *fort* (partir). O menino brincava de ir embora com o carretel. Puxava, então, o carretel, expressando um alegre *dá* (ali), assim que ele reaparecia. Tratava-se de uma brincadeira completa, onde se evidenciava um desaparecimento e um retorno. A interpretação dada à brincadeira foi a de que se relacionava à “grande realização cultural da criança” (p.27), visto que dizia respeito à renúncia de uma satisfação instintual, efetuada pelo fato de a criança deixar a mãe se ausentar. O carretel corresponde a um objeto transicional. É através do jogo com o carretel que o menino busca lidar com a ausência da mãe. Destaca-se a capacidade de a criança negativizar a realidade (a qual foi enfatizada na constituição do sujeito), ao fazer desaparecer o objeto.

Portanto, o objeto transicional constitui o início dos fenômenos que apontam para a estruturação do sujeito, indicando um deslocamento, pois não é mais a mãe a ocupar este lugar. Destacam-se também do objeto propriedades simbólicas, sendo que a criança não o percebe a partir somente de suas propriedades reais. A representação, entretanto, refere-se a

representar uma falta, sendo que isto acontecerá num momento posterior, pois neste momento a criança ainda precisa de suporte para a falta.

Jerusalinsky (1999) agrupa vários jogos aos quais as crianças se entregam, denominando-os de brinquedos estruturantes. Estes jogos são os fenômenos transicionais, os *jogos de borda* ou *jogos de queda* e o jogo do *fort-da* (brincar de *está-não está*). O jogo do *fort-da* compreende desde os jogos de imitação, os jogos de ocultamento (esconde-esconde), as negativas (virar o rosto para a mãe), até o brincar de *esconder* mais complexo que ocorre mais tarde, podendo se estender até a formação da mentira. A criança pretende, através deles, estabelecer um espaço que lhe seja próprio (denunciando uma separação da mãe). Os *jogos de queda* ou *jogos de borda* consistem nos jogos de: atirar os brinquedos fora do berço; empurrar os objetos lentamente até a beirada da mesa, para que caiam; espiar pelas frestas; remexer nos buracos e nas pequenas aberturas; andar pelas beiradas e por todo lugar que ofereça risco de queda; brincar de cair (numa poltrona, no colchão); tentar saltar de uma altura impossível; tocar o que não se pode; entrar onde não se entra. Estes jogos apontam que as condições necessárias para a constituição do sujeito estão se estabelecendo.

Como destaca Santa Roza (1993), os fenômenos transicionais consistem em precursores das operações simbólicas, constituindo uma etapa de transição para uma série de jogos repetitivos, com caráter de ocultação, tais como: ocultar o rosto com uma fralda e desvendá-lo; deixar cair objetos para o adulto resgatar; jogar longe objetos; abrir e fechar caixas e portas; assim como jogos de esconde-esconde mais complexos. Esta autora ainda afirma que tais fenômenos configuram uma passagem do pólo natural ao pólo cultural, instaurando o acesso da criança à função simbólica, que virá se confirmar mais tarde com os jogos, acima descritos, de esconde-esconde.

Ao tratar dessa etapa, dos jogos e do brincar, Winnicott (1971/1975) constata que os fenômenos transicionais perdem seu significado quando a criança não precisa mais deles, derivando para o brincar criativo e para a experiência cultural. A área intermediária segue existindo mesmo na vida adulta, abrigando a experiência cultural de homens e mulheres, a qual repousa em aspectos que distinguem o homem dos animais, ou seja, nas artes, na filosofia, na religião, etc.

O brincar criativo, então, é a atividade que irá habitar a área intermediária de experiência, após os objetos e fenômenos transicionais terem perdido seu interesse para a criança. Assim como em relação aos fenômenos precedentes (quando não ressaltava as satisfações orais), Winnicott (1971/1975) salienta o estudo do brincar como um tema em si,

para além da sublimação subjacente a esta atividade. Para ele, a masturbação não se coaduna com o brincar. No momento em que a criança brinca, caso a excitação física se faça presente, o brincar se interrompe.

Winnicott (1971/1975) também ressalta a importância de se considerar o brincar e não a brincadeira, priorizando o fazer que tal atividade engendra, ao invés de priorizar o conteúdo que a brincadeira transmite. O brincar por si mesmo já é considerado uma terapia. O autor postula a existência de um espaço potencial entre o bebê e a mãe, a fim de situar nele o brincar. Tal espaço varia de acordo com as experiências de vida do bebê em relação à mãe. Da mesma forma que os fenômenos transicionais, a área de experimentação em que se localiza o brincar recebe contribuições da realidade interna e externa. Assim como Winnicott ressalta a capacidade da criança criar através do brincar, Freud (1920/1990) refere que na brincadeira a criança “passa da passividade da experiência para a atividade do jogo” (p.29), transferindo desta forma a experiência desagradável para um de seus amigos. Além disso, o autor também enfatiza que as crianças tendem a repetir no brincar tudo “o que lhes causou grande impressão na vida real” (p.28).

Do brincar criativo, surge o brincar compartilhado, desencadeando posteriormente a experiência cultural. Dessa forma, Winnicott (1971/1975) não faz referência a um objeto obturante permanente, visto que o caminho a ser percorrido pelos fenômenos transicionais é se desenvolverem para atividades. Ele também nunca se deteve no objeto em si, salientando que o mais importante a ser observado era o uso que se fazia do objeto. Como coloca Khan (2000), o objeto transicional não é importante por ser uma coisa, “sua *coisidade* é crucial apenas porque ele ajuda a criança a sustentar uma realidade interna que se amplia e evolui, e a auxilia a diferenciá-la do mundo que não é o eu” (p.21).

Em todos os aspectos que foram ponderados acerca dos fenômenos e objetos transicionais, percebe-se que o papel desempenhado pela mãe na sua construção foi várias vezes apontado. No tópico a seguir, são desenvolvidas as considerações teóricas concernentes ao papel da mãe.

## **1.2. O papel da mãe e a constituição do sujeito**

Jerusalinsky (1984) refere que muitos autores têm retratado a função materna de formas diversas. Uma delas diz respeito às descrições de cuidados reais, no atendimento das necessidades da criança. Assim, as preocupações principais concernem à puericultura. Uma

outra corrente localiza-se entre o campo da psicanálise e o campo da pediatria, articulando “uma imagem da função materna, no vaivém que a caracteriza, entre a satisfação de necessidades e a estruturação do Imaginário/Simbólico” (p. 35). Descreve-se, a partir desta última, o que deve se fazer presente, de modo imprescindível, na relação mãe-filho, a fim de que o filho venha a se constituir como sujeito. Neste tópico, são expostas algumas teorizações acerca da função da mãe.

Para Winnicott (1963/1990), o ambiente, reconhecido através da provisão ambiental fornecida pela mãe, exerce papel preponderante no desenvolvimento do bebê. O autor não desconsidera a herança genética, mas enfatiza a necessidade de um ambiente favorável a fim de que o processo maturativo da criança se constitua.

Dessa forma, Winnicott (1971/1975) postula a importância de a mãe desempenhar a função de *mãe suficientemente boa*, a fim de que o bebê possa percorrer o caminho de transição do subjetivo ao objetivo. Assim, o surgimento dos fenômenos e objetos transicionais encontra-se profundamente relacionado a este papel da mãe. Tal papel diz respeito à capacidade de a mãe efetuar uma adaptação gradativa às necessidades do bebê. No início, a mãe encontra-se numa adaptação completa às necessidades dele, diminuindo gradativamente esta adaptação, à medida que ela percebe que o filho já apresenta condições de tolerar frustrações.

Winnicott (1963/1990) descreve o desenvolvimento emocional em termos de um percurso da dependência à independência, pressupondo três estágios neste processo. Quanto ao primeiro estágio, denominado de *dependência absoluta*, ele refere que o lactente encontra-se completamente dependente da provisão física que a mãe lhe fornece, enquanto ainda está no útero materno, para, logo em seguida, tornar-se dependente dos cuidados maternos, após o nascimento. A mãe, dessa forma, é o ambiente favorável. Neste momento inicial, de acordo com Winnicott (1956/2000), ela entra num estado designado de *preocupação materna primária*. Tal estado já se instala ao final da gravidez e segue até as primeiras semanas após o nascimento do bebê. A mãe encontra-se devotada ao bebê, desenvolvendo uma especial sensibilidade, que lhe permite identificar-se com ele, podendo assim saber como ele está se sentindo. Esta identificação é consciente, mas também profundamente inconsciente. A mãe se percebe como se estivesse no lugar do bebê, podendo assim responder às necessidades dele (inicialmente biológicas e, depois, também psicológicas).

Neste período, o lactente e o cuidado materno formam uma unidade, sendo que Winnicott (1960/1990) inclusive menciona não existir o bebê sem a sua mãe, pois ambos

encontram-se fundidos. Este cuidado materno se baseia muito mais na empatia, do que naquilo que poderia ser expresso verbalmente. Ele é evidenciado no *holding*, o qual significa não somente o segurar físico, mas também a provisão ambiental, isto é, proteger da agressão fisiológica, cuidar (a rotina de cuidados) e considerar toda a sensibilidade do bebê (tato, temperatura, audição, visão), na tentativa de unificá-las. Para Winnicott (1988/1999), a comunicação entre o bebê e sua mãe, portanto, não repousa sobre a verbalização, ela ocorre de forma silenciosa, através da respiração da mãe, do seu calor, do seu cheiro ou ainda por meio dos sons das batidas do seu coração. Esta comunicação se configura pela reciprocidade na troca física e só se torna possível em função de a mãe retroceder a formas de experiência infantil. O que fica registrado pelo bebê nestas trocas é a confiança na mãe, devido à manutenção desta dependência inicial. Dessa forma, possibilita-se ao bebê constituir uma sensação de *continuidade de ser*, sendo que invasões frêquentes tornam-se perigosas, visto que podem ser percebidas como uma ameaça de aniquilamento. Esta continuidade é o que propicia uma base para o estabelecimento do ego.

O segundo estágio descrito por Winnicott (1963/1990) é denominado de *dependência relativa*. Nele, a mãe começa a retornar à sua própria vida, tornando-se relativamente independente das necessidades do bebê. Passa a se perceber o espremer na criança, o qual corresponde às pequenas falhas na adaptação da mãe, visto haver um arrefecimento no estado de sensibilidade dela. Dessa forma, a mãe passa a prover uma desadaptação gradativa às necessidades do filho.

O bebê, por sua vez, passa a ter consciência desta dependência. A comunicação pela empatia (compreensão mágica) é substituída pela compreensão a partir dos sinais que o lactente fornece à mãe. É, desse modo, que a mãe passa a se guiar, a fim de prover satisfação às necessidades do filho. Winnicott (1963/1990) ressalta que mães as quais logo se apressam em interpretar o que ocorre com o bebê, não dão espaço a fim de que ele desenvolva esta capacidade de emitir sinais, ou seja, complicam o estabelecimento de sua capacidade de comunicação. O bebê, assim, pode apresentar dificuldade para engendrar um estado de transição.

Neste estágio, o bebê sente falta da mãe, isto é, ele tem a consciência de que ela é necessária. O crescimento do lactente passa a se dar por meio de um intercâmbio entre realidade interna e externa. Conforme Winnicott (1963/1990), tal fase dura dos seis meses aos dois anos. A mãe, entretanto, deve ser sensível no sentido de não se afastar por períodos prolongados, a fim de não causar aflição ao seu bebê. Este período corresponde ao momento

do surgimento dos objetos e fenômenos transicionais, apontando para o início do estado de transição descrito no tópico anterior.

O último estágio, chamado de *rumo à independência*, corresponde àquele no qual a criança já é capaz de se defrontar com o mundo. Seus círculos de convivência se tornam mais abrangentes. Cabe ressaltar que a presença dos pais é necessária, mesmo na adolescência, a fim de possibilitar um encadeamento de uma situação a outra na vida da criança, além de tornar gradual a passagem de um círculo menor de relacionamento a outro maior. Pode-se verificar tal fase nos pré-escolares e púberes (Winnicott, 1963/1990).

A tarefa *ilusão-desilusão* empreendida pela mãe situa-se no estágio de *dependência relativa*. Esta tarefa possibilita que a criança possa progredir em direção ao princípio da realidade. De acordo com Winnicott (1971/1975), na adaptação inicial completa que a mãe estabelece com o bebê, ela apresenta o objeto exatamente no instante e no lugar em que o bebê esperava encontrá-lo (isto é possível pela sua sensibilidade especial neste momento), fornecendo a ele a impressão de ter criado tal objeto. A mãe, portanto, proporciona ao filho a ilusão de que “existe uma realidade externa correspondente à sua capacidade de criar” (p.27). Há uma sobreposição de duas áreas, mas nunca um intercâmbio, visto que mãe e bebê configuram ainda uma unidade. Este é o período em que o bebê exerce sua onipotência, pois ele imagina deter o controle sobre o objeto, supondo desempenhar um controle mágico sobre ele.

Winnicott (1971/1975) refere que após este período de ilusão, cabe à mãe iniciar a tarefa de desilusão, conduzindo o bebê a uma crescente capacidade de aceitação da realidade. Esta tarefa é preliminar ao desmame e para as demais frustrações que irão advir. Se algo interrompe este processo, o bebê não conseguirá chegar ao desmame. O autor enfatiza que o simples término da amamentação não constitui o desmame. Salienta ainda que a tarefa *ilusão-desilusão* não é solucionada por completo, em consonância com o que ele menciona acerca da separação (a qual nunca se realiza completamente). A área intermediária, onde se situam os fenômenos e objetos transicionais, surge como uma forma de lidar com o paradoxo, permitindo que algo seja proveniente da realidade externa, assim como também tenha sido concebido a partir da realidade interna do indivíduo.

Retornando à capacidade de adaptação da mãe às necessidades do bebê, observa-se que a ausência prolongada dela influencia de forma importante os fenômenos transicionais, visto que estes estão associados à figura materna. Caso a mãe fique longe do filho durante um período de tempo que ele ainda não é capaz de suportar, os fenômenos transicionais podem se

tornar gradativamente sem sentido para o bebê, o qual deixa de experimentá-los. Logo antes da perda, pode-se observar um uso exagerado de tal objeto ou fenômeno. Winnicott (1971/1975) destaca um caso clínico que ilustra este processo. O autor relata a história de um menino, cuja mãe se afastou por períodos prolongados, devido a internações hospitalares. Ele então acabou por desenvolver uma ligação com um cordão, utilizando-o para atar móveis e amarrar objetos. Winnicott observou que o cordão desempenhava a tentativa de uma reparação das ausências da mãe, mas também exercia uma função de comunicação. Entretanto, devido ao afastamento da mãe, o cordão passava a ser utilizado como uma forma de negar tal separação. O autor, no entanto, conseguiu mostrar a situação à mãe, a ponto de ela poder retomar a relação com o filho.

Winnicott destaca a provisão inicial que a mãe fornece ao bebê, através dos cuidados que ela exerce. Entretanto, o autor (1971/1975) enfatiza que um bebê pode ser alimentado sem amor, o que levaria a uma tentativa fracassada de transformá-lo numa criança humana e autônoma. Dessa forma, ressalta-se ser a confiança que se estabelece entre mãe e bebê (a qual tem início na possibilidade de a mãe fornecer ao bebê a percepção de *continuidade de ser*) que irá se situar no espaço potencial. Portanto, é crucial para a constituição deste espaço que a mãe forneça proteção ao filho inicialmente, passando posteriormente a estabelecer o que Winnicott denomina de *experiências do viver*, ampliando a capacidade lúdica da criança e provendo elementos culturais a ela. Constata-se, assim, que Winnicott não se detém apenas nos cuidados que a mãe executa com seu bebê.

Dolto (1984/1992), reportando-se às funções da mãe, vai além da descrição dos cuidados maternos. Esta autora faz referência em sua obra às sucessivas castrações, que ela denomina de *humanizantes*, atravessadas pela criança ao longo da vida, enfatizando os momentos de separação entre mãe e criança e priorizando o estabelecimento de uma relação *humanizante*. A autora destaca que o alimento essencial para uma criança e seu desenvolvimento é o alimento simbólico, o qual é oferecido principalmente pela mãe.

Ao falar do pequeno ser que está se constituindo, Dolto (1984/1992) diferencia dois conceitos fundamentais na sua obra: imagem inconsciente do corpo e esquema corporal. Esquema corporal concerne ao que é específico ao indivíduo, enquanto pertencente a uma espécie. As experiências acerca da realidade se estabelecem através do organismo, isto é, por meio do esquema corporal. Lesões orgânicas podem provocar perturbações no esquema corporal, que, por sua vez, conduzem a mudanças na imagem do corpo, sejam elas fugazes ou permanentes. Não é raro, no entanto, que esquemas corporais com problemas correspondam a



imagens do corpo saudáveis, dependendo da forma como tal lesão é significada e reportada à criança pelos pais.

De acordo com Dolto (1984/1992), é através do esquema corporal que a imagem do corpo se expressa, ou seja, ele se constitui como um intérprete desta imagem. Esta, por sua vez, medeia a comunicação com o outro, pois todo contato é subentendido pela imagem do corpo, a qual refere-se ao que é particular a cada indivíduo, encontrando-se relacionada ao sujeito e à sua história. Esta imagem configura a “síntese viva de nossas experiências emocionais (...)” (p.14).

As pulsões emergem do substrato biológico, que está estruturado como esquema corporal, expressando-se psiquicamente por meio da imagem do corpo. Dessa forma, temos que o lugar fonte das pulsões é o esquema corporal e o lugar no qual elas se representam, é a imagem do corpo. A elaboração da imagem do corpo na criança pode ser acompanhada, somente, ao longo da estruturação de seu esquema corporal. Nos seus três primeiros anos, a criança se constitui em relação às experiências olfativas, visuais, táteis, auditivas, vistas a partir de seu valor de comunicação com os outros (Dolto, 1984/1992).

É, portanto, na relação com a mãe que esta imagem se constitui. A mãe significa o que se passa com a criança e ao redor dela. Dolto (1981/1992) ressalta que, ao surgir uma experiência sensorial desconhecida, a criança ou a recobre com uma lembrança proveniente de uma relação simbólica já conhecida (fornecida pela mãe), ou volta-se para a mãe, esperando que ela a signifique de forma compreensível. Cria-se um espaço *mãeficado* entre a mãe e o bebê, constituído pelas trocas entre mãe e filho.

Portanto, de acordo com Dolto (1984/1992):

“...na primeira infância, é indispensável, para que a imagem do corpo se organize, que exista um contínuo de percepções repetidas e reconhecidas sobre o qual se alternam percepções sucessivamente ausentes e presentes, e outras desconhecidas e novas que a criança descobre e que a questionam. Algumas, a criança reconhece; outras, a surpreendem. Diante das outras que a surpreendem, cor, forma, percepção, pessoa, espaço, desconhecidos, é necessário que o adulto testemunha lhe dê, através de sonoridades, respostas à sua surpresa. É assim que o campo de variação das percepções sutis toleradas, vividas em segurança, pode estender-se” (p. 55).

A imagem do corpo permite que a criança possa sentir-se a mesma, apesar das mudanças que lhe acontecem durante a vida. Dolto (1984/1992) relata ser aí que repousa o narcisismo, isto é, essa *mesmice de ser*. A autora, porém, salienta que não são ignorados os sucessivos remanejamentos decorrentes de cada fase em que a criança se encontra. Percebe-se que a imagem do corpo não está composta apenas por uma dimensão estática. Dolto (1984/1992) refere que a imagem do corpo se move através do *desejo de ser*. Tal desejo, marcado pela falta, apresenta-se sempre aberto ao desconhecido. Um esquema que poderia representá-lo seria o de uma linha pontilhada que parte do sujeito e, pela mediação de uma zona erógena, vai em direção a um objeto, ou seja, é o caminho do desejo dirigindo-se a um objetivo. O desejo está sempre em busca de um objeto novo.

Dolto (1984/1992) exemplifica tal momento descrevendo como ocorre a amamentação. Após dar o seio, a mãe continua com o bebê, conversando com ele, colocando-lhe objetos na mão e nomeando esses objetos, permitindo que a criança possa aos poucos ir substituindo a sucção do polegar por um momento partilhado com a mãe e com novos objetos. O polegar, por sua vez, apresenta-se como substituto do mamilo. Estes objetos consistem em representantes parciais da mãe. Na busca por tais objetos, o que a criança deseja é entrar em contato com o outro, com a mãe. Dolto, contudo, aponta que o mamilo, o polegar e outros objetos podem aparecer como obturações que aos poucos minam a busca da criança pelo contato constante com o outro, isto é, surgem como ilusões do outro. Cabe ressaltar que, possivelmente, esta autora enfatize o modo como tais objetos são apresentados, não fazendo menção aos objetos em si serem problemáticos. Por exemplo, pode-se pensar em uma mãe que entrega um objeto à criança, para que não precise se ocupar dela (Dolto, 1994/1999).

Temos, portanto, descrito acima como os elementos da pulsão são trabalhados pelos que se encarregam da criança. Freud (1915/1990) assinalou que uma pulsão possui vários caminhos que levam à sua finalidade. Da mesma forma, novos objetos são apresentados pela mãe em substituição ao seio. O que mais varia numa pulsão, de acordo com Freud, é o objeto pelo qual ela atinge sua finalidade, pois o objeto não se encontra originalmente ligado a ela. Outro aspecto retratado é a mediação realizada pela mãe. Ela apresenta os objetos, desenhando a borda, porém não a preenchendo (Jerusalinsky, 1999), não os tomando, portanto, como definitivos (obturantes) do desejo da criança.

A mãe é quem medeia a falta do objeto, na abordagem de Dolto (1984/1992), fazendo-o através da linguagem. Ela fala ao filho sobre o que ele quer, mas não lhe dá o que é pedido. Tais palavras medeiam a ausência do objeto ou a não satisfação de uma demanda, não a

ignorando, pois ela reconhece este desejo, porém não o satisfaz. Portanto, a mãe priva a criança do seio, pois não é mais suportável para ela continuar tal relação. O bebê, por sua vez, já pode saciar sua fome de outras formas.

Seguindo ainda as teorizações de Dolto (1984/1992), a falta do objeto configura as castrações sucessivas atravessadas pelo desejo humano. Estas castrações não são senão proibições radicais às satisfações antes procuradas, permitindo que se estabeleça uma relação *humanizante* entre mãe e criança. A satisfação direta e imediata encontrada no corpo a corpo com a mãe é abolida, a fim de que a criança possa colher o *fruto* destas castrações. Assim, a expressão *frutos da castração* refere-se ao “destino dado às pulsões que não podem satisfazer-se diretamente na satisfação do corpo a corpo, ou na satisfação do corpo com objetos eróticos incestuosos” (p. 61). Dolto denomina de *castração simbolígena*<sup>5</sup> as castrações presentes ao longo da vida do indivíduo.

Tal processo pode ser vislumbrado quando no desmame, o *circuito curto*, que se estabelece entre a mucosa e o mamilão, transforma-se em um *circuito longo*, no qual a comunicação passa a acontecer de forma mais sutil, não estando mais referenciada ao corpo a corpo. Este modo sutil compreende o olfato, a audição e a visão. Na relação da boca com o seio, ninguém interfere. Já quando a referência passa a ser a voz, a criança pode ser introduzida em novas relações, com outras pessoas. Não se trata de um desaparecimento da mãe, mas sim de uma mudança na maneira como ela se presentifica (Dolto, 1984/1992).

Tal modo sutil de se comunicar configura a relação *humanizante*, preconizada por Dolto (1984/1992), a qual se estabelece entre mãe e criança através das “relações vocalizadas, visuais, olfativas, mímicas animadas e lúdicas” (p. 56). Estas trocas são promovidas pela mãe durante os cuidados da criança ou ainda em outros momentos (constituindo o espaço *mãeficado*). O bebê deixa de ser tratado como um simples objeto de cuidados, e a mãe fornece à criança meios para que possa vir a se comunicar. É através desta relação que se cria um sentido humano, que se origina na mãe e é alimentado por ela.

Pode-se observar esta relação *humanizante* no momento da mamada, quando a criança buscar satisfazer as suas necessidades (vinculadas ao desejo), sendo que ela busca encontrar não só o alimento, mas também o espaço *mãeficado*. É importante para ela reconhecer o odor daquele que a alimenta ou os vãos do braço que a aninha, pois do contrário o encontro

<sup>5</sup> A palavra simbolígena é acrescentada, no sentido de conferir à palavra castração a noção que ela designa em psicanálise, referindo-se ao processo que se realiza em um ser humano, quando outro ser humano lhe indica que a realização do seu desejo, sob a forma que gostaria, está proibida pela Lei.

responderá somente à necessidade, não satisfazendo sua intenção de reencontrar o outro (sua intenção de comunicação). O espaço que lhe fornece segurança é conformado não só pelo alimento, mas principalmente pelas sensações visuais, auditivas e olfativas que permeiam este momento. Que a mãe esteja distante fisicamente, mas seu odor persista ou sua voz se faça presente. Tais fatores anunciam a sua presença, propiciando uma continuação do sentimento de viver em segurança, que é experimentado com a mãe. Dessa forma, mesmo que se estabeleça uma distância entre mãe e filho, é fundamental que se preserve estas marcas sutis do outro (a mãe), para que o bebê possa se reconhecer.

Mannoni (1982/1986), teorizando acerca do momento descrito acima, refere que “o desejo, desde a sua origem, manifesta-se no intervalo cavado pela demanda. É a partir da falta de ser que o sujeito sustenta um apelo, para receber do Outro o complemento desse apelo. Quando o adulto está demasiadamente presente no nível da necessidade, a criança tem dificuldade em fazer-se ouvir no registro do desejo” (p. 61).

Portanto, é somente na relação com o outro que o bebê pode vir a constituir seu objeto de desejo. Não havendo um objeto a ser desejado, que esteja inscrito hereditariamente, o bebê se vê diante de um vazio, restando a ele desejar o que o outro deseja. Assim, conforme Lacan (1946/1998), o “desejo do homem constitui-se (...) sob o signo da mediação” (p. 183). Tal mediação se faz presente em todo desenvolvimento da satisfação humana, tendo início, por exemplo, já pelo fato de que o alimento do bebê tem que ser preparado, não podendo ele resolver este problema sozinho. “É no outro que o sujeito se identifica e até se experimenta a princípio” (p. 182).

Mannoni (1982/1986) refere que Lacan passa a privilegiar a função de apelo na relação mãe e filho. Tal função “irá ordenar-se para o sujeito em torno da escansão significante presença/ausência” (p.24), ou seja, onde antes havia uma continuidade, isto é, havia somente presença, surge a ausência, produzindo uma descontinuidade. O movimento presença-ausência é articulado muito cedo para a criança, sendo introduzido pela mãe. É a mãe quem provê as necessidades da criança, sendo ela quem as frustra; cabe à mãe também introduzir a ordem simbólica, através do apelo produzido em torno de sua ausência.

O apelo à mãe ausente é circunscrito por Lacan (1956/1992) nos jogos de repetição, aos quais a criança se entrega. Ele relata o que os bebês de seis meses executam ao tomarem uma bola, que não é senão um objeto materno, fazendo-a passar por cima da beirada de sua cama, para em seguida apanhá-la. Assim, este objeto materno que aparece e desaparece passa a ser tomado em um jogo, no qual é chamado quando está ausente, através de um apelo

vocalizado, para ser logo depois rejeitado quando se mostra presente. Esta escansão que se produz, na qual o objeto passa a representar algo mais, que não somente uma simples bola, permite destacar uma outra dimensão, para além do objeto real. Este momento caracteriza a origem virtual da ordem simbólica, isto é, a condição fundamental para que ela se instale. Aqui, retoma-se a questão considerada no tópico anterior acerca da possibilidade de negativizar a realidade.

Tal momento de virada, em que a relação primordial ao objeto real se abre e se complexifica é demonstrada no instante no qual a relação mãe-criança passa a se abrir a outros elementos. Dessa forma, é no espaço de tempo em que a mãe não responde mais aos apelo que lhe faz o seu bebê, ou seja, quando a mãe falha, não respondendo mais exatamente do lugar onde o bebê esperava sua resposta, que ela se torna real. De acordo com Mannoni (1982/1986), a mãe passa a ser “marcada pelo poder de responder segundo sua vontade” (p.24).

Assim, conforme Lacan (1956/1992); “a partir do momento em que a mãe se torna potência e como tal, real, é dela que para a criança vai depender, e de modo manifesto, o acesso a esses objetos que até então eram pura e simplesmente objetos de satisfação, eles vão se tornar, da parte dessa potência, objetos de dom ...” (p.36). Ainda de acordo com Lacan, “...objetos que, eles próprios, a partir desse momento, não têm mais tanta necessidade de serem objetos de satisfação como de serem objetos que são a marca de valor dessa potência que pode não responder e que é a potência da mãe. (...) A partir desse momento, o objeto tem duas ordens de propriedade de satisfação, ele é duas vezes, possivelmente, objeto de satisfação, pois assim como certamente satisfaz a uma necessidade, como anteriormente, não menos certamente simboliza uma potência favorável” (p. 36). Neste instante, a mãe se torna real (passagem da mãe à realidade), enquanto o objeto passa a ser simbólico. Passa a articular-se uma demanda de amor, que vai além de uma satisfação de necessidades. Quando a mãe, segundo Mannoni (1982/1986), confunde o “dom de seus cuidados com o de seu amor, quanto mais atende à necessidade, mais a criança é privada da mãe simbólica” (p.24).

Algumas diferenciações entre as teorizações discutidas são fundamentais neste momento do estudo. Souza (2001) refere haver uma multiplicidade de teorias psicanalíticas, as quais podem ser divididas em dois grupos: (i) teorias identificatórias em sua base; e (ii) teorias intersubjetivas. As identificatórias são as teorias que postulam que o momento inicial entre mãe e bebê é marcado por uma indiferenciação, tendo Winnicott como um de seus representantes. As intersubjetivas, nas quais encontramos Freud, Melanie Klein e Lacan como

referência, preconizam que o “sujeito nasce tendo diante de si o objeto” (p.135) e está sempre às voltas com o objeto.

O conceito de identificação primária para Winnicott, conforme Souza (2001), consiste na existência de um campo experiencial mãe-bebê (pré-subjetivo), não se podendo falar ainda de um sujeito. Para Lacan, a identificação primária relaciona-se à identificação do sujeito ao significante da demanda do outro, havendo, portanto, desde o início, um sujeito e um objeto. Todo o campo de experiência subjetiva, dessa forma, encontra-se fundado na demanda e, por conseguinte, na pulsão. Assim, a relação mãe-filho se constitui na dialética do dom, ou seja, este é o momento, descrito acima, no qual a mãe se torna real e os objetos, por sua vez, antes objetos de satisfação, passam a ser objetos de dom. Souza ressalta que dar o seio é diferente de apresentar o seio.

Freud (1905/1990), no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, descreve a experiência do *chuchar*, referindo que a atividade do sugar tem aos poucos, destacada de sua repetição, o objetivo de nutrição. Assim, o bebê passa a buscar a mãe não mais somente em função do alimento. O bebê já consegue formar uma *representação global* da mãe, passando portanto a buscar o amor dela. Ressalta-se que na dialética do dom, a questão gira em torno de ser ou não amado.

Souza (2001) salienta que não há como fazer menção a necessidades psíquicas nas teorizações em que a relação mãe e filho é permeada pela demanda. Já nas teorias identificatórias, postula-se a existência de necessidades psíquicas, isto é, de algumas coisas as quais têm que ser fornecidas ao sujeito num dado momento (em que ele está se constituindo). Estas coisas são apresentadas, porque precisam estar ali naquele instante. De acordo com Klautau (2002), o que está em questão nas teorizações de Winnicott são as relações de dependência mãe-bebê, as quais são estabelecidas num âmbito não pulsional. Trata-se de necessidades físicas e psíquicas que recebem atendimento dos cuidados maternos. Para Lacan (citado por Klautau), não existe um estado originário de necessidade pura, pois a necessidade encontra motivação no plano do desejo (como na experiência do *chuchar*). A dimensão simbólica, então, está em jogo desde o início, e a relação mãe-bebê só pode ser pensada nos termos da lógica do significante (o sujeito se identifica ao significante da demanda do outro). Frente ao apelo do bebê, a mãe deposita um significado (ele tem fome), fazendo com que o filho se identifique a este ter fome. Já para Winnicott (1956/2000), ocorre uma identificação da mãe com o filho, o que a possibilita saber e fornecer o que ele necessita.

Jerusalinsky (1999), referindo as primeiras inscrições simbólicas, aponta que as marcas simbólicas que a mãe inscreve no corpo da criança (ele tem fome, sede, sono) acabam por desenhar a borda do objeto da pulsão, que não será preenchida (a menos que se fale de uma psicose). A mãe (ou quem se encarrega da criança) é quem constitui, para o bebê, a imagem do objeto faltante, visto que o bebê, na relação com a mãe, passa a desejar o desejo da mãe (deparando-se com o vazio). Este processo faz com que aquilo que traz satisfação seja diferente para cada ser humano, ao contrário do que acontece com os animais.

Dessa forma, a mãe é quem ocupa o lugar de agente da intermediação do simbólico para a criança. Conforme Lacan (1957-1958/1999), "(...) para lhes apresentar a relação da criança com a mãe, na medida em que a criança revela depender do desejo da mãe, da primeira simbolização da mãe como tal, e de nada mais. Através dessa simbolização, a criança desvincula sua dependência efetiva do desejo materno da pura e simples vivência dessa dependência e alguma coisa se institui. (...) No desejo da criança, em seu desejo próprio, esse ser é essencial. O que deseja o sujeito? Não se trata da simples apetência das atenções, do contato ou da presença da mãe, mas da apetência de seu desejo" (p. 188). Ainda de acordo com Lacan, "a partir dessa primeira simbolização em que se afirma o desejo da criança, esboçam-se todas as complicações posteriores da simbolização, na medida em que seu desejo é o desejo do desejo da mãe. Em vista disso abre-se uma dimensão pela qual se inscreve virtualmente o que a própria mãe deseja em termos objetivos como ser que vive no mundo do símbolo, num mundo em que o símbolo está presente, num mundo falante" (p.188). Assim, para além da mãe, há a existência de toda a ordem simbólica, da qual esta se encontra em situação de dependência, instaurando o acesso da criança ao sistema simbólico.

O nascimento de um indivíduo sadio da espécie humana não é garantia para que ele venha a se constituir como sujeito psíquico. Tal indivíduo requer cuidados. Entretanto, os cuidados por si só (a satisfação ou a frustração de necessidades) também não bastam, pois a entrada deste ser humano na ordem simbólica depende de como a mãe se situa com relação à falta constituinte que produz um sujeito (Jerusalinsky, 1984).

Na maternidade, a falta vem a se especificar no desejo ao filho. Este filho surge como aquele que poderá por um fim às agruras sofridas, concretizando os sonhos dos pais (Freud, 1914/1990). O que permite, de acordo com Jerusalinsky (1984), "a ruptura da continuidade entre mãe e filho é a intromissão de um discurso que, operando na mãe a castração simbólica, obriga ambos à referência a um terceiro" (p. 10). Como já foi dito anteriormente, não se faz

referência, porém, a uma união entre mãe-filho, a qual se separa ao longo do desenvolvimento. A falta de objeto está presente desde o início.

Para Winnicott (1963/1990), a diferenciação mãe e bebê começa a ocorrer justamente no momento em que surgem os fenômenos e objetos transicionais. Nesta fase também se instala a dimensão intersubjetiva e pulsional. Os fenômenos transicionais situam-se numa área intermediária de experimentação, cuja existência e variação depende das experiências de vida do bebê em relação à mãe. Assim, Winnicott (1971/1975) enfatiza a interação lúdica e os elementos culturais que permeiam este espaço. Mannoni (1982/1986) postula que Winnicott, na situação analítica, teria trabalhado muito mais no campo da constituição progressiva da palavra, atuando em torno da ausência, “condição do desenvolvimento do pensamento simbólico que introduz o *princípio da realidade* (pois a realidade a ser dominada é a ausência do objeto)” (p.17). Assim, o campo onde conduz sua experiência seria o do objeto transicional. Em um de seus últimos textos, Mannoni (1998) refere uma passagem que retrata bem o percurso teórico deste estudo:

“As concepções de Winnicott e de Lacan, que parecem opostas em alguns pontos (como o da relação de objeto), coincidem em noções com as de presença e de ausência ou a de mestria simbólica necessária à criança para poder, num certo momento, superar uma perda sem desmoronar como sujeito. Se Winnicott se interessou particularmente como pediatra por todas as crianças bem pequenas (até mesmo os bebês desde sua vinda ao mundo), Lacan centrou seus interesses na criança de mais idade e no adulto, enquanto Dolto forneceu de seu lado elementos essenciais para compreender as crianças de 0 a 3 anos, contribuindo assim para o esclarecimento em vários pontos de certos aportes de Lacan” (p.12).

Finalizando, embora a descrição das funções da mãe ainda seja um aspecto interessante, tal descrição não esgota o que configura esta função. Uma mãe pode apropriadamente cuidar de seu filho, sem, no entanto, oferecer-lhe um lugar de sujeito. O que caracteriza a função que exerce uma mãe, para além dos cuidados, é que esta se apresenta como desejante e que o filho não seja tomado como aquele que irá enfim sanar o seu mal-estar. Ao se olhar apenas o atendimento que uma mãe presta a seu filho, tal dimensão pode ficar excluída. Um exemplo disso pode ser obtido através das mães com preocupações



extremas acerca das necessidades da criança e nada mais. Alimentam, cuidam da higiene, mas não conseguem estabelecer outras trocas com o bebê, privando-o de significações simbólicas.

### 1.3. Estudos sobre o tema

São destacados, aqui, estudos que relacionam o objeto transicional com uma etapa do desenvolvimento infantil, bem como investigações que apresentam dados empíricos. A fim de se ter um panorama dos temas relacionados com o objeto transicional, merece destaque o estudo realizado por Ahluvalia e Schaefer (1994), no qual os autores fazem uma revisão dos achados empíricos obtidos pelas pesquisas que têm como tema central o objeto transicional. Relatam estudos preocupados com a definição de objeto transicional; pesquisas que enfocam a incidência do uso deste objeto; estudos que enfatizam as diferenças culturais encontradas entre crianças que se apegam ou não a um objeto transicional; investigações que examinam a relação mãe-bebê, no que concerne ao uso ou não destes objetos (a maioria dos quais utilizava o apego da criança à mãe como uma medida da qualidade da relação mãe-criança); pesquisas que enfocam as características da personalidade da criança, tais como habilidades cognitivas, temperamento, progressão do desenvolvimento e sociabilidade; e, ainda, estudos que relacionam o uso ou não de objeto transicional com a psicopatologia.

Baseados nos resultados encontrados nesta revisão (Ahluvalia & Schaefer, 1994), um achado bastante significativo foi o de que a falta de um companheiro durante o momento de dormir encontra-se significativamente relacionada ao uso de objeto transicional. Outros resultados obtidos são os seguintes: as expectativas dos pais quanto ao uso deste objeto parecem ter pouca relação com o apego ou não da criança ao mesmo; as atitudes maternas relacionam-se mais com a persistência do uso; também, algumas evidências indicam a não influência da qualidade da relação mãe-bebê, exceto no que diz respeito ao uso do objeto transicional como um mecanismo para suportar ficar longe da mãe.

A mesma revisão (Ahluvalia & Schaefer, 1994) encontrou que o uso do objeto transicional está longe de ser um fenômeno universal, sendo, entretanto, bastante comum nos Estados Unidos, o que aponta sua prevalência em sociedades ocidentais que privilegiam a independência das crianças com relação à mãe. Foi encontrado, ainda, que o uso ou não de objeto transicional não se correlaciona com problemas significativos de comportamento durante a infância. Considerando os resultados relatados, o estudo preconiza o uso de objeto transicional, visto que parece fornecer uma fonte de conforto às crianças, sendo

particularmente indicado para aquelas que dormem sozinhas. O objeto transicional passa a ser associado com a mãe e com segurança, mas não se configura como uma garantia contra problemas futuros da criança.

Destaca-se desta revisão empírica o resultado altamente significativo de que o uso de objeto transicional está amplamente difundido entre as crianças que dormem sozinhas. Winnicott (1971/1975) refere que a criança recorre ao objeto transicional em momentos de solidão, especialmente quando vai dormir, como uma defesa contra a ansiedade depressiva. Dolto (1984/1992) aponta, da mesma forma que Winnicott, a procura pelo objeto nestes momentos, argumentando que nestas ocasiões, em que a mãe não está mais presente, a criança não consegue ter nenhuma lembrança das trocas realizadas com a mãe.

Foram encontrados poucos resultados significativos na revisão realizada por Ahluvalia e Schaefer (1994) no que diz respeito à qualidade da relação mãe-criança relacionada com o aparecimento ou não do uso de objeto transicional. O presente estudo se deteve neste tema, porém, concebeu a relação mãe e filho de uma forma diferente da que é enfatizada nos estudos retratados. Nesta revisão, qualidade da relação mãe-bebê é apreendida através da medida de apego da criança à mãe. A presente pesquisa se ancorou nas teorizações da psicanálise na concepção da relação mãe e bebê, traçando um paralelo entre as teorias de Dolto e Winnicott. Foram ressaltados, nesta relação, os elementos simbólicos que a mãe forneceu ao bebê.

Wolf e Lozoff (1989) examinaram a relação entre a proximidade do cuidador e o uso de um objeto de apego e o sugar o polegar na hora de dormir. A proximidade do cuidador é refletida nas práticas de cuidado em que mãe e criança encontram-se próximas, tais como a mãe fica com a criança até ela adormecer; amamentação no seio; a cama da criança localizada no quarto dos pais; a criança dormir no quarto dos pais. Referem que essas práticas estão pouco associadas com o apego ao objeto ou ao sugar o polegar. Em relação à metodologia utilizada, participaram 126 crianças, cujos pais são entrevistados, não havendo a participação direta da criança no estudo. Novamente aparece um índice alto de apego a objetos entre as crianças que dormem sozinhas. Baixo índice de crianças que não recorrem nem a objetos, nem a sugar o polegar na hora de dormir. O estudo focaliza as práticas de cuidado da mãe, como apontando para um distanciamento dela, que leva a criança a recorrer ao objeto. O fato de a função da mãe ser apreendida pelas práticas de cuidado materno já foi amplamente discutido no tópico sobre o papel da mãe e a constituição do sujeito.

Um estudo que focaliza a *mãe suficientemente boa* verifica a incidência de objeto transicional em crianças com diagnóstico de cólica infantil (Jonsson & Taje, 1983). A

pesquisa reporta que crianças que apresentam cólica geram necessidades que são muito difíceis de serem satisfeitas pela mãe, não podendo esta exercer suas funções. Os resultados apontam que as crianças com cólica apresentam menos objeto transicional do que as crianças sem cólica. Discute-se, entretanto, se a cólica seria resultado de um horário mais flexível de amamentação, ou o oposto. Já por esta ressalva pode-se perceber que o conceito de mãe suficientemente boa foi captado através das práticas de cuidado que a mãe realiza com a criança, deixando de contemplar outras questões que Winnicott prioriza, em especial no período de surgimento dos objetos transicionais. As entrevistas do presente estudo realizadas com as mães (de um total de 72 crianças, sendo que 29 não apresentavam cólicas) procuraram focalizar de que forma a mãe relatava os momentos de aproximação e de separação com o filho, assim como de que modo ocorriam as trocas simbólicas com ele. Outro ponto a ser questionado é que somente as mães participam, os dados são provenientes de entrevistas com as mães, não se trabalhando com as crianças, diferente da pesquisa que foi realizada, a qual analisou a filmagem da criança em dois períodos do seu desenvolvimento.

Lehman, Denham, Moser e Reeves (1992) realizaram um estudo longitudinal a fim de avaliar a hipótese de que uma relação mãe-bebê saudável é pré-requisito para o desenvolvimento do apego da criança a cobertores e outros objetos macios. Reportam o que Winnicott menciona sobre a *mãe suficientemente boa*, bem como as teorizações de Ainsworth que refere que somente crianças com apego seguro à mãe desenvolvem apego a objetos macios, visto que a função do objeto é fornecer o conforto usualmente dado pela mãe. Esta visão se baseia nos pressupostos de Bowlby, que preconiza que os objetos inanimados ocupam o lugar da mãe, quando ela não está disponível. Participaram da pesquisa 19 meninos e 14 meninas. O estudo mede o apego através da situação estranha aos 12 meses da criança, e depois aos 30 meses, por meio do *Attachment Q-Sort*. Os resultados apontam que o apego seguro é uma condição necessária, mas não suficiente para o surgimento do apego a objetos. Destaca-se ser o único estudo longitudinal aqui relacionado, entretanto focaliza somente a criança, enfatizando o papel da mãe somente através da medida de apego da criança. Diferencia-se também do estudo realizado, por se referenciar na Teoria do Apego, a qual não considera as funções simbólicas de tal objeto.

Uma pesquisa que se aproxima, em termos de metodologia do estudo efetuado, foi realizada por Steier e Lehman (2000). Eles focalizaram as origens do objeto de apego: a relação da criança com aquele que cuida (*mãe suficientemente boa*); temperamento da criança e práticas de cuidados. Referem, assim como o estudo citado anteriormente, que a criança

requer um apego seguro à mãe, para que então o objeto possa surgir como um substituto dela, também colocando tal condição como necessária, mas não como suficiente. Participaram da pesquisa 50 díades mãe-criança, sendo então focalizadas a mãe e também a criança. As mães respondem questionários, a fim de verificar o apego ao objeto, a personalidade materna e o temperamento da criança. Acrescentam a estes procedimentos, uma filmagem em laboratório, na qual mãe e criança interagem. A interação é avaliada através da escala *Emotional Availability*, utilizada para acessar variáveis maternas e da criança. Assim, tanto a mãe como a criança participam do estudo. A diferença com relação à presente pesquisa, diz respeito à teoria que referencia o estudo. Steier e Lehman se referenciam na Teoria do Apego. O próprio instrumento para avaliar a interação mãe-criança parte de um instrumento que mede sensibilidade materna, proposto por Ainsworth, considerando, portanto, a disponibilidade da mãe. Os participantes pertencem a uma faixa etária de 15 a 31 meses. Trata-se de um estudo transversal, observando como se comportam crianças de diferentes idades. Entretanto, não há como apreender as mudanças que ocorrem com o objeto de apego, bem como na relação mãe-bebê, ao longo do desenvolvimento da mesma criança.

Duas pesquisas focalizam as crenças maternas e sua relação com o apego a objetos macios (uso de objetos transicionais). Lehman, Arnold, Reeves e Steier (1996) aplicaram questionários e entrevistaram mães, a fim de verificar o papel dos pais no desenvolvimento do apego a objetos macios. Participaram da pesquisa um total de 82 mães, sendo 58 com filhos apegados a um objeto macio e 24 mães cujos filhos nunca foram apegados a algum objeto. As mães falavam de suas crenças com relação ao objeto, se incentivavam ou não o uso, bem como a maneira como lidavam com eles. Também descreviam hábitos utilizados para confortar a criança. Mães de crianças apegadas a objetos mostraram-se mais acuradas e positivas com relação a este uso. Triebenbacher (1997) também examinou a atitude dos pais e suas percepções em relação ao uso do objeto transicional. Estes estudos parecem prever que o aparecimento do apego a objetos depende de uma atitude positiva dos pais com relação ao uso deles pela criança. Tal crença não privilegia o ponto mais importante, que é a separação entre mãe e criança, denunciada pelo aparecimento de tal uso.

Triebenbacher e Tegano (1993), assim como Jonsson, Elwin e Weingarten (1988), observaram igualmente a reação das crianças nas situações de separação dos pais, quando deixadas nas creches. No estudo de Triebenbacher e Tegano participaram 105 crianças, sendo 65 meninos e 40 meninas, cujas idades variavam de 18 a 36 meses. Já na pesquisa de Jonsson, Elwin e Weingarten participaram 15 meninos e 14 meninas, com idades entre 1 e 4 anos. Em

ambos estudos foram realizadas observações naturais. O segundo estudo observava as crianças no momento em que eram deixadas pelos pais e também no momento da soneca. Além dos objetos de apego e objetos transicionais, também observaram alguns fenômenos, tais como balançar-se, afagar-se, vocalizações. Este é um ponto interessante deste estudo. O primeiro estudo também se detém em outros comportamentos que não só o apego a objetos. Observam comportamentos que Bowlby menciona serem depois substituídos pelos cobertores e objetos. Trata-se de uma pesquisa interessante, no sentido de ter realizado uma observação natural, no próprio ambiente da criança. Uma das ressalvas a serem consideradas no estudo realizado diz respeito às observações terem sido feitas em laboratório e em marcos do desenvolvimento do bebê muito afastados um do outro, o que empobreceu os dados.

Um último estudo, ainda, é aqui mencionado. Jonsson, Reimbladh-Taube e Sjöswärd (1993) realizaram uma investigação, a fim de propor uma classificação dos objetos, denominados favoritos por eles, isto é, os objetos com os quais a criança se ocupa. Participaram do estudo 36 crianças pré-escolares, com idades entre 1 e 3 anos e 45 crianças escolares, pertencentes à faixa etária de 7 a 10 anos. Os resultados referem que crianças pré-escolares utilizaram, mais do que crianças escolares, objetos considerados precursores dos objetos transicionais, tais como seio, mamadeira, bico, polegar e partes do corpo. As crianças mais velhas, por sua vez, tendiam a usar objetos não fofos e se engajavam mais nas atividades do que com os objetos propriamente ditos. Este último achado vai ao encontro do que Winnicott (1971/1975) preconiza sobre o desenvolvimento dos objetos transicionais, referindo que se transformam no brincar.

Outro ponto no qual a presente pesquisa se diferenciou das citadas acima é a idade da criança que participou da investigação. Os estudos citados trabalharam com crianças mais velhas, em geral, com idades a partir de 1 ano e 6 meses. A presente pesquisa trabalhou com bebês de 12 meses, acompanhando-os novamente quando completaram 24 meses. As entrevistas com as mães ainda retrocederam a períodos anteriores (3º. e 8º. mês).

#### **1.4. Justificativas e objetivos de pesquisa**

O que se pode apreender a partir desta breve revisão das pesquisas realizadas, tendo como tema central o fenômeno transicional, é que existem poucos estudos longitudinais; a maioria trabalha ou com os pais ou com as crianças, poucos têm como foco o trabalho com ambos; utilizam instrumentos, na sua maioria questionários que focalizam dados informativos

(sobre o objeto transicional e sobre práticas de cuidado); somente um estudo utiliza filmagens; apresentam como referência a Teoria do Apego, visto que mesmo que façam referências a Winnicott, os instrumentos são provenientes das teorizações acerca do apego, não refletindo as funções simbólicas destes fenômenos; nenhum trabalho que tenha como referência a psicanálise foi encontrado.

Vários psicanalistas reportam o aparecimento dos fenômenos transicionais, principalmente aqueles cujo trabalho clínico está voltado para a infância. Relatam casos clínicos, enfatizando a importância do aparecimento de tais fenômenos como um indício de que o sujeito está se constituindo. Entretanto, nenhuma pesquisa fora do *setting* clínico foi encontrada. Então, o fenômeno acaba sendo visto circundado pelas questões que levaram tal sujeito a buscar tratamento. Dessa forma, o presente estudo pode iluminar as teorizações acerca dos fenômenos transicionais, a partir dos dados empíricos que foram coletados. O fato de considerar também o brincar criativo aponta justamente para a função simbólica de tais fenômenos, resgatando-a, já que a maioria das pesquisas tem relegado este aspecto. Disso também decorre a escolha do aporte teórico proposto por Dolto (1984/1992), o qual vem justamente sublinhar que o teor principal do fenômeno transicional é o elemento simbólico.

Os estudos encontrados demonstram que os fenômenos transicionais foram tomados muito mais a partir de a criança ter ou não um objeto de apego, quando o próprio Winnicott (1971/1975) argumenta que mais importante do que ver o objeto é priorizar o uso que é feito dele e quais funções ele tem para a criança. Este mesmo autor também se abstém de fazer qualquer tipo de classificação deste fenômeno, evitando até mesmo dar muitos exemplos, pois quer ressaltar que se trata de um fenômeno singular.

O presente estudo verificou os fenômenos transicionais, definidos como aqueles fenômenos que denunciam o início da separação mãe-bebê e que surgem como um suporte imaginário a esta falta que se apresenta para a criança e com a qual ela não pode, ainda, lidar através da palavra, priorizando o elemento simbólico que tais fenômenos ressaltam.

O fenômeno transicional é amplamente descrito e discutido. A presente pesquisa não foi inédita neste aspecto. Entretanto, o seu conjunto foi inovador, pois trabalhou com aspectos antes não considerados conjuntamente: realizou uma pesquisa fora do *setting* clínico, trabalhando com dados empíricos (apreendidos longitudinalmente) e tendo como referência a Psicanálise. Ressalta-se o fato de ter se constituído num estudo longitudinal, acompanhando também as primeiras brincadeiras às quais a criança se entrega. Dessa forma, pôde apreender justamente o que é mais enfatizado por Winnicott (1971/1975), ou seja, o espaço potencial que

se cria com o surgimento dos fenômenos e objetos transicionais. Além disso, em termos de pesquisas empíricas, verificou também os fenômenos que estão relacionados com o *fort-da* (Freud, 1920/1990).

O tema é relevante, pois, para quem trabalha com crianças e o desenvolvimento infantil, tais fenômenos não são inócuos. Jerusalinsky (1999) aponta que se tratam, juntamente com os demais brinquedos que ele denomina estruturantes, de fenômenos que possuem a “capacidade de promover as articulações necessárias para a constituição do sujeito” (p.159). Assim, eles não se destinam a resolver algum sintoma, orientam-se para a constituição do sujeito. A constituição de um sujeito é uma preocupação para aqueles que se ocupam das crianças, visto que a estruturação ainda não está completamente estabelecida, sendo, portanto, uma questão que surge e, com a qual, o trabalho com as crianças pequenas deve também se deter.

Foram escolhidos os marcos de 3º. mês, 8º. mês, 12º. mês e 24º. mês do desenvolvimento do bebê para a coleta dos dados. Houve uma modificação neste ponto, com a inclusão dos marcos de 3º. e 8º. mês, em relação ao que havia sido proposto no projeto deste estudo. Tal mudança deve-se ao surgimento, ao longo da análise, da necessidade de obter dados sobre a história inicial do desenvolvimento da criança com relação aos objetos (com os quais se ligava), assim como no que diz respeito a como se estabeleceu a relação mãe e filho nos primeiros meses. Winnicott (1963/1990) e Dolto (1984/1992), nas suas teorizações, ressaltam o que ocorre no início do relacionamento entre a mãe e o bebê. Winnicott o faz, em termos das relações de dependência mãe-filho e Dolto, no que diz respeito às significações e trocas simbólicas que a mãe fornece ao bebê. Dolto (1998) menciona que, aos três meses do bebê, a necessidade de trocas afetivas começa a dominar a de trocas físicas. O bebê passa a ficar acordado por mais tempo, não lhe bastando mais ter suas roupas trocadas e ser alimentado. Este pequeno ser quer estar no colo e ser carregado ao som de canções, procurando ser embalado. Além disso, ele também busca o movimento e a deambulação no espaço, ficando atento às trocas sutis (conversas, brincadeiras, mímicas). Tudo isto começa a acontecer independente de suas necessidades, mas também na ocasião em que estas são efetuadas.

Conforme Winnicott (1971/1975), os fenômenos transicionais têm início por volta dos 4 ou 6 meses (havendo uma ampla variação). Spitz (1965/1998) refere que, entre o 6º. e o 8º. mês, começa a ocorrer uma transformação na relação que o bebê estabelece com a mãe. A *discriminação diacrítica* já está bem adiantada, o que permite ao bebê distinguir entre amigo e

estranho. Assim, se um estranho se aproxima do bebê, este manifesta um comportamento bem característico (choro, gritos, abaixa timidamente os olhos e outros). Tais comportamentos compõem o fenômeno denominado a angústia do 8º. mês. Não se trata de uma resposta da criança a uma pessoa com quem teve uma experiência desagradável, pois não manteve contatos anteriores com os estranhos. É na ausência da mãe que se pode evidenciar melhor tal angústia. Quando o estranho se aproxima, o bebê já consegue perceber que não se trata de sua mãe e por isto se angustia. O bebê já consegue confrontar os traços do rosto do estranho aos traços de memória do rosto materno, concluindo não ser a mãe, o que o faz rejeitar o estranho. Spitz refere, portanto, que se forma uma relação objetal verdadeira, em que a mãe torna-se o objeto libidinal para a criança. Tem início a separação da mãe e bebê. Cabe ressaltar que algumas entrevistas realizadas com as mães no 8º. mês do bebê foram ricas de informações sobre os momentos de separação, bem como sobre as transformações que começavam a ocorrer com o filho.

Coriat (1997), retomando este fenômeno descrito por Spitz (1965/1998), vai apontar, trazendo o fenômeno para um aporte teórico mais afim com o da presente pesquisa, que é a partir da angústia do 8º. mês que a mãe surge como real. Lacan (1956/1992) refere que os objetos, que antes satisfaziam uma necessidade real, surgem agora como objetos simbólicos. Freud (1905/1990) aponta que a criança já consegue fazer uma *representação global* da mãe. Assim, se antes procurava por ela a fim de encontrar o seio, neste momento, sua busca tem como objetivo a comunicação com a mãe. A mãe desponta como sujeito e não mais como objeto capaz de satisfazer todas as vontades do filho. É o momento, como descreve Lacan (1956/1992), em que a palavra surge como elemento simbólico, que toma o lugar de um objeto de pura necessidade. Dessa forma, destaca-se o elemento simbólico que emerge a fim de dar conta da falta, que se instala na criança, com a separação que começa a ocorrer entre ela e a mãe (a mãe aparecendo como sujeito marcado pela falta). Tal aspecto vai ao encontro do que a presente pesquisa procura resgatar com relação aos fenômenos transicionais.

É neste período também que costuma ocorrer o desmame, momento caracterizado por Dolto (1984/1992) como da castração oral. Há uma mudança na forma como a relação da mãe e do bebê se estabelece. A relação que antes era marcada pelo contato corpo a corpo e pela satisfação de necessidades modifica-se, operando-se o que Dolto chama de uma humanização da relação, cujo centro deixa de ser o contato corporal entre mãe e bebê, passando a estar permeada, cada vez mais, por elementos simbólicos (palavra, brincadeira).



No 12º. mês, pôde-se acompanhar o desenvolvimento dos fenômenos transicionais, da mesma forma que a relação mãe e filho. Este é um período também em que as interações entre mãe e bebê tornam-se mais ricas, pelo fato de que a criança começa a assumir uma posição ativa no brincar (Freud, 1920/1990). Depois do 12º. mês, a coleta volta a ocorrer quando o bebê completar 24 meses. O objetivo foi verificar como se desenvolveram os fenômenos transicionais e o brincar, bem como as mudanças na relação mãe e bebê. Winnicott (1963/1990) refere que, neste período, a criança está saindo do estágio de dependência relativa, iniciando-se uma fase em que seu círculo de relacionamentos passa a aumentar, isto é, a criança começa a se socializar.

Ressalta-se que este estudo observou tanto o que ocorre do lado da mãe, como o que acontece com a criança.

A proposta deste estudo é observar a ocorrência e a evolução dos fenômenos/espço transicionais, bem como a forma como a mãe foi influenciando a constituição deste espaço. Os casos foram considerados em particular, sem o intuito de traçar comparações ou identificar a melhor mãe ou a criança que apresenta o melhor desenvolvimento. Seguem as principais questões que norteiam este estudo.

Em relação ao papel da mãe:

- De que forma ela oferece o objeto ao bebê?
- Como ela se separa do filho?
- Como a mãe interage/brinca com o bebê/criança?

Em relação ao bebê/criança:

- Quais os fenômenos ou objetos transicionais que a criança apresenta?
- Quais as suas características?
- De que forma a criança brinca (como se constitui o espaço transicional)?

## **CAPÍTULO II**

### **MÉTODO**

#### **2.1 Participantes**

Participaram, deste estudo, cinco casais e seus respectivos bebês, de ambos os sexos. Os casais residiam junto. As mães eram primíparas e os bebês não apresentavam problemas de saúde crônicos.

Os participantes pertencem a um estudo longitudinal maior realizado pelo Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia - GIDEP/UFRGS (1999), que acompanha cerca de 120 casais da gestação ao terceiro ano de vida da criança, envolvendo diferentes idades, níveis sócio-econômicos e configurações familiares. Este projeto de pesquisa maior objetiva estudar o desenvolvimento e as interações pais-bebê durante os primeiros anos da vida familiar. O grupo de pesquisa é coordenado pelos professores César Augusto Piccinini, Rita de Cássia Sobreira Lopes e Tânia Mara Sperb, em parceria com o professor Jonathan Tudge (EUA). Estudantes do curso de mestrado e doutorado do Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento compõem este grupo de pesquisa. Cada pesquisador é responsável por acompanhar um grupo de casais e seus respectivos bebês em diferentes momentos do desenvolvimento do filho. Esta pesquisadora, em decorrência do estudo realizado, acompanhou 10 casais, a partir do oitavo mês de vida do bebê até o vigésimo quarto mês. Estes participantes já estavam participando do projeto de pesquisa GIDEP, tendo, portanto, passado por duas etapas anteriores de coleta de dados, realizadas no último trimestre da gestação e aos três meses de vida do bebê.

Os casais foram selecionados em hospitais da rede pública da cidade de Porto Alegre que realizavam grupos de gestantes, assim como através de anúncio em veículos de comunicação locais (imprensa), o que despertou a atenção de alguns casais, que, voluntariamente, se apresentaram para participar do estudo.

Do total de 10 casos acompanhados, apenas 5 participaram deste estudo, em função de os outros casos não preencherem os critérios propostos, ou terem sido excluídos da análise dos dados devido à necessidade de uniformidade metodológica na investigação, ou ainda terem desistido de participar da pesquisa. Destes, em um dos casos não foi possível realizar a filmagem do bebê no laboratório da universidade, sendo que esta foi feita na casa da família. Em outro caso, o bebê apresentava problemas no seu desenvolvimento. Houve ainda três casos que desistiram de participar da pesquisa ao longo da coleta de dados, não

chegando ao período dos 24 meses. Destes três casos que não completaram a sua participação, pode-se evidenciar que os motivos para a desistência variaram, visto que uma família mudou-se, passando a residir em outro estado; outra família não foi localizada, nem pelo telefone e nem pelo endereço, interrompendo a participação após a coleta dos 8 meses; e a última família não pode realizar a coleta dos 24 meses, em função do excesso de trabalho do casal. A opção foi pela manutenção, no estudo, daqueles casos nos quais pode-se sustentar uma uniformidade, tanto nas características do bebê e do casal, quanto nos procedimentos utilizados na investigação.

A caracterização da amostra será apresentada na tabela 1, a seguir:

**Tabela 1. Caracterização da amostra**

Caso	01	02	03	04	05
<b>Mãe</b>	<b>Rosane</b>	<b>Renata</b>	<b>Neusa</b>	<b>M<sup>a</sup>. Helena</b>	<b>Marta</b>
<b>Idade</b>	25	24	30	23	31
<b>Profissão</b>	Estudante universitária	Digitadora e atendente	Escrivã da polícia	Babá e doméstica	Pedagoga
<b>Escolaridade</b>	3 <sup>o</sup> . Grau incompleto	2 <sup>o</sup> . Grau incompleto	3 <sup>o</sup> . Grau completo	1 <sup>o</sup> . Grau incompleto	3 <sup>o</sup> . Grau completo
<b>Pai</b>	<b>Roberto</b>	<b>Vilmar</b>	<b>Rui</b>	<b>Dilson</b>	<b>Paulo</b>
<b>Idade</b>	32	25	34	38	30
<b>Profissão</b>	Servidor público	Pintor e serviços de manutenção	Digitador	Caseiro	Empresário
<b>Escolaridade</b>	3 <sup>o</sup> . Grau incompleto	2 <sup>o</sup> . Grau incompleto	3 <sup>o</sup> . Grau incompleto	1 <sup>o</sup> . Grau incompleto	3 <sup>o</sup> . Grau incompleto
<b>Bebê</b>	<b>Heitor</b>	<b>Ana Carolina</b>	<b>Nádia</b>	<b>Elisa</b>	<b>Mateus</b>
<b>Sexo</b>	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino
<b>Situação familiar</b>	Casados	Casados	Casados	Casados	Casados

Cabe ressaltar que foram modificados os nomes do casal, bem como da criança, procurando-se manter algumas especificidades, por exemplo, nomes compostos, primeira letra do nome, quando foi possível.

## 2.2 Delineamentos e procedimentos

Foi realizado um estudo longitudinal, utilizando o Estudo de Caso Coletivo (Stake, 1994), buscando-se investigar as relações entre o papel da mãe e a construção do fenômeno transicional na criança. Cabe ressaltar que a realização de um estudo longitudinal possibilitou observar a construção deste fenômeno, bem como suas transformações com o decorrer do tempo. Dessa forma, pode-se evidenciar os primórdios da ligação do bebê ao objeto, assim como as modificações que foram ocorrendo e o que foi mantido nesta ligação. Da mesma forma, em relação ao papel da mãe, foi possível verificar tanto os movimentos de aproximação da mãe em relação ao filho e as primeiras significações que ela depositava nele, como de que modo transcorreram as separações, observadas em momentos posteriores. Assim, este estudo propiciou estabelecer relações entre os dois focos da pesquisa, ao longo do período de tempo abrangido.

O estudo de caso, conforme Stake (1994), prioriza aquilo que se pode apreender a partir de uma única ocorrência, valorizando a compreensão de casos individuais. O autor divide os estudos de caso em três tipos: intrínseco, instrumental e coletivo. O primeiro é realizado devido ao interesse intrínseco do pesquisador em um caso, objetivando aprofundar o conhecimento acerca deste caso em particular. Assim, este caso não é utilizado para compreender algum constructo teórico. O instrumental (segundo tipo) diz respeito à investigação de um determinado caso, a fim de possibilitar a compreensão de um problema ou o refinamento da teoria. Neste, o caso ocupa um papel secundário, mesmo sendo visto em profundidade, em função de servir como suporte para um aprofundamento teórico. E, por fim, o estudo de caso coletivo, cuja característica é se estender a vários casos, sendo a partir deles que ocorre a investigação de um fenômeno ou conceito teórico. Dessa forma, torna-se possível identificar tanto o que é comum aos casos, quanto o que concerne especificamente a um único caso. O estudo de caso coletivo pode levar a uma melhor compreensão sobre um número maior de outros casos.

O primeiro momento da coleta de dados foi realizado na residência dos participantes, na qual ocorreu o preenchimento pelo casal de um **Consentimento informado**. Tal procedimento foi realizado pelas pesquisadoras que acompanharam o período da gestação e primeiros meses do bebê.

Este estudo está composto de quatro fases. A primeira fase foi realizada após os três meses do bebê na residência da família. Foi efetuada uma filmagem da interação dos pais com o bebê na própria casa. A mãe foi entrevistada individualmente, utilizando-se a **Entrevista sobre a experiência da maternidade (3º. mês)**. Esta etapa da coleta de dados foi realizada por outros pesquisadores (mestrandos e doutorandos) integrantes do GIDEP, visto que a pesquisadora ainda não havia ingressado neste grupo de pesquisa. Outros instrumentos também foram utilizados neste período, porém não foram considerados neste estudo<sup>1</sup>.

A segunda fase ocorreu após os 8 meses do bebê. Em apenas um caso (caso 3), houve atraso na coleta de dados deste período, a qual foi feita quando o bebê tinha de 10 para 11 meses. Inicialmente os pais foram entrevistados, utilizando-se a **Ficha de impressões gerais dos pais sobre o temperamento da criança**. Este momento foi filmado. Posteriormente, foi realizada a **Entrevista sobre a experiência da maternidade (8º. mês do bebê)**, individualmente com a mãe. Cabe ressaltar que nos casos 2, 4 e 5, a pesquisadora atuava como auxiliar neste período da coleta, sendo que coube a ela entrevistar o pai (instrumento não considerado neste estudo). Nos casos 1 e 3, a pesquisadora se encarregou da entrevista com a mãe. Outros instrumentos também foram utilizados neste momento, porém não foram considerados neste estudo<sup>2</sup>.

A terceira fase do estudo ocorreu após o bebê completar 12 meses. Nesta etapa da pesquisa, foi efetuada a **Observação da interação familiar**, a qual consiste numa filmagem dos pais com a criança, realizada no laboratório da universidade (UFRGS). Trata-se de uma sala com espelho unidirecional, onde ficam dispostas duas câmaras de vídeo, em ângulos opostos. A mobília da sala é composta por três poltronas e uma mesa e uma cadeirinha para crianças. Foram disponibilizados alguns brinquedos, tais como berço, carrinho de boneca, boneca, peças de montar, pianinho, pandeiro, ursinho, carrinhos, bola de pano, livro para bebês e outros, os quais foram deixados no chão sobre um tapete, onde também ficavam duas almofadas. Logo após a filmagem, os pais foram entrevistados, utilizando-se a **Ficha de impressões gerais dos pais sobre o temperamento da criança**. Este momento também foi filmado. Posteriormente, foi realizada a **Entrevista sobre a experiência da maternidade (12º. mês do bebê)**, individualmente, com a mãe. A pesquisadora, nesta fase, entrevistou as mães em todos os casos. Salienta-se que tanto no período anterior (8º. mês), como neste, em alguns casos, devido ao cansaço da criança, a

---

<sup>1</sup> Foram realizadas: com o pai, a **Entrevista sobre a experiência da paternidade** e com a mãe e o pai, a **Entrevista sobre o relacionamento do casal**.

<sup>2</sup> Foram realizadas também a **Observação da interação familiar**, a **Entrevista sobre a experiência da paternidade** com o pai e a **Entrevista sobre o relacionamento do casal** com o pai e a mãe.

filmagem não era realizada no mesmo dia em que a mãe era entrevistada. Porém, respeitava-se a fase da coleta e, portanto, a entrevista não se distanciava muito em tempo da filmagem, sendo que elas acabavam ocorrendo na mesma semana. Outros instrumentos foram utilizados, porém não foram considerados neste estudo<sup>3</sup>

A quarta fase deste estudo foi realizada após os 24 meses da criança. Inicialmente foi realizada a filmagem da criança em interação livre com os pais. Esta filmagem foi também realizada no laboratório da universidade (UFRGS), descrito acima. Nesta etapa, porém, foram dispostos brinquedos diferentes na sala, os quais estavam previstos na elaboração deste momento de interação (ver anexo F). Logo após, a mãe foi entrevistada individualmente, utilizando-se a **Entrevista sobre o desenvolvimento da criança aos 24 meses**. Da mesma forma que nos períodos anteriores, outros instrumentos foram utilizados nesta etapa, mas não foram considerados neste estudo<sup>4</sup>.

Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas literalmente, a fim de se efetuar a análise. Cabe ressaltar que consistiam de entrevistas semi-estruturadas, sendo que se procurava seguir o roteiro proposto em cada etapa, mas o entrevistador podia incluir alguma questão e não seguir necessariamente a ordem das questões apresentadas no roteiro. O fato de a pesquisadora não ter realizado todas as entrevistas utilizadas neste estudo possivelmente constituiu um limite, visto que nas entrevistas efetuadas por ela, houve a possibilidade de aprofundar o tema de interesse para o presente estudo. De acordo com Lavige e Dione (1999), a análise já se inicia na coleta dos dados, pois esta coleta não é simplesmente uma acumulação cega ou mecânica de informações. O pesquisador elabora a sua percepção sobre o fenômeno e se deixa guiar por ela e pelo material coletado, explorando, em função disso, mais alguns temas do que outros.

O projeto deste estudo previa a realização de entrevistas com os pais. Elas foram realizadas (como consta nos procedimentos), porém não foram utilizadas para a análise dos dados, em função de o material presente nestas entrevistas não diferir significativamente do material já encontrado nas entrevistas com as mães.

### **2.3 Material e instrumentos**

**a) Entrevista sobre a experiência da maternidade (no 3º. mês do bebê)** (Piccinini & cols., 1999 a): Trata-se de uma entrevista semi-estruturada que investiga os sentimentos da mãe acerca da experiência da maternidade nestes três primeiros meses do bebê, assim

---

<sup>3</sup> Foram realizadas também a **Entrevista sobre a experiência da paternidade** como o pai e a **Entrevista sobre o relacionamento do casal** com o pai e a mãe.

como o seu envolvimento com ele. As questões focalizam o desenvolvimento do bebê neste três meses, o parto e as tarefas e brincadeiras que a mãe realiza com o filho. A mãe é questionada quanto à sua visão sobre o desempenho do pai e da rede de apoio (creche, familiares) (ver cópia no Anexo A).

**b) Ficha de impressões gerais dos pais sobre o temperamento da criança** (Piccinini & cols., 1999b, adaptado de Fullard & cols., 1984): Trata-se de entrevista que focaliza as rotinas de alimentação, higiene e sono do bebê. Há questões ainda sobre o humor e a reação da criança frente a mudanças na sua rotina. São enfocadas também as reações dos pais aos comportamentos do filho, bem como quem se encarrega das tarefas com o bebê. Esta entrevista foi realizada após os 3, 8 e 12 meses (ver cópia no Anexo B).

**c) Entrevista sobre a experiência da maternidade (no 8º. mês do bebê)** (GIDEP, 2001a): Trata-se de uma entrevista semi-estruturada que investiga os sentimentos da mãe acerca da experiência da maternidade, bem como seu envolvimento com o bebê. São enfatizados os momentos do desmame e o engatinhar do bebê. Pergunta-se sobre o objeto preferido da criança e como ele é utilizado. Há questões sobre a reação da mãe e da criança frente ao afastamento de ambas. As tarefas e as brincadeiras que a mãe realiza com o filho também são enfocadas. A mãe é questionada quanto à sua visão sobre o desempenho do pai e da rede de apoio (creche, familiares) (ver cópia no Anexo C).

**d) Observação da interação familiar** (Piccinini & cols.1999c): Foi composta por uma seqüência de cinco episódios de interação livre entre a família: pai-mãe-bebê, pai-bebê, mãe-bebê, novamente pai-mãe-bebê e, por último, a filmagem seguiu durante a entrevista do casal, na presença da criança. Cada episódio da seqüência teve a duração de oito minutos, exceto o último que se estendeu de acordo com a duração da entrevista. Foi solicitado aos pais que fizessem livremente, o que costumavam fazer com seu bebê quando estavam juntos. A sessão foi filmada pela pesquisadora com auxílio de outra pesquisadora. A mãe foi solicitada a se retirar do local, a fim de evitar possíveis interferências na interação com o pai. Este mesmo procedimento foi utilizado com o pai, no momento da filmagem da interação mãe-bebê. Durante os episódios de interação, a pesquisadora teve uma postura apenas de observação, não encorajando nenhuma interação verbal ou comportamental com ela. A ordem da seqüência de interação mãe-bebê e pai-bebê, não foi rígida, podendo ser alternada (ver cópia no Anexo D).

**e) Entrevista sobre a experiência da maternidade (no 12º. mês do bebê)** (GIDEP, 2001b): Trata-se de uma entrevista semi-estruturada que investiga os sentimentos da mãe

---

<sup>4</sup> Foi realizada com o pai a *Entrevista sobre o desenvolvimento da criança aos 24 meses*. Os pais foram entrevistados utilizando-se a *Entrevista sobre práticas educativas parentais*.

acerca da experiência da maternidade, bem como seu envolvimento com o bebê. São enfatizados os momentos do desmame e os primeiros passos do bebê. Pergunta-se sobre o objeto preferido da criança e como é utilizado. Há questões sobre a reação da mãe e da criança frente ao afastamento de ambas. As tarefas e as brincadeiras que a mãe realiza com o filho também são enfocadas. A mãe é questionada quanto à sua visão sobre o desempenho do pai e da rede de apoio (creche, familiares) (ver cópia no Anexo E).

**f) Filmagem do bebê em interação livre com o pai e com a mãe (GIDEP, 2001c):** O bebê foi filmado durante o tempo de 10 minutos em interação livre com a mãe e foram disponibilizados vários brinquedos. Posteriormente, a criança foi filmada, durante o tempo de 10 minutos, em interação livre com o pai. Foram, igualmente, disponibilizados vários brinquedos. Ao final, a criança foi filmada em interação com ambos os pais durante o tempo de 6 minutos (ver cópia no Anexo F).

**g) Entrevista sobre o desenvolvimento da criança aos 24 meses (GIDEP, 2001d):** Trata-se de uma entrevista semi-estruturada. Investiga a experiência da maternidade, priorizando dados do desenvolvimento da criança. Pergunta-se sobre o objeto preferido da criança e como é utilizado. São enfocadas as tarefas e brincadeiras que a mãe realiza com a criança. Focaliza-se também a experiência da maternidade neste período, bem como os momentos de separação entre mãe e bebê. O relacionamento do casal e a visão da mãe sobre o papel do companheiro são investigados (ver cópia no Anexo G).

## **2.4 Análise dos dados**

As transcrições literais de todas as entrevistas foram submetidas à Análise de Conteúdo Qualitativa (Laville e Dione, 1999). Os autores referem que mesmo que o material coletado tenha sido organizado, ele ainda permanece em estado bruto, dificultando a possibilidade de se extrair tendências claras dele. Torna-se necessário, portanto, estabelecer um estudo minucioso do seu conteúdo, buscando nas palavras e frases algum sentido, assim como captando-lhes as intenções. É importante reconhecer o essencial para o tema do estudo e também descartar o que é acessório, procurando nortear este recorte a partir das idéias principais da investigação. Trata-se, portanto, de desmontar a estrutura, a fim de extrair a sua significação. De acordo com os autores, a Análise de Conteúdo, entretanto, não é um método rígido, pois consiste num “conjunto de vias possíveis, nem sempre balizadas, para a revelação – alguns diriam reconstrução – do sentido de um conteúdo” (p.216). Não há etapas bem circunscritas, cabendo ao pesquisador o dever de julgamento e de prudência crítica.



Uma das etapas previstas pela Análise de Conteúdo Qualitativa (Laville e Dione, 1999) é o recorte dos temas. Ao invés de recortar unidades simples (estruturas sintáticas), privilegiou-se a seleção de temas. Tal seleção impele o pesquisador a partir da sua compreensão desse conteúdo. Podem surgir censuras ao caráter subjetivo das inferências feitas, mas argumenta-se que toda análise compreende uma parte de interpretação, em que o pesquisador revela o que ele entende dos resultados obtidos.

Na Análise de Conteúdo Qualitativa, o pesquisador prende-se às nuances de sentido que existem entre as unidades, devido à significação de um conteúdo residir justamente nas relações entre estas unidades ou temas. Deve-se estar atento a fazer dos procedimentos um processo transparente, explicando e justificando cada uma das etapas propostas, num esforço pela objetivação dos dados, por mais que análise e interpretação se misturem.

Nas entrevistas, foram selecionadas as falas em que a mãe mencionava como ocorria a aproximação entre ela e o filho. Foram também privilegiadas as falas sobre as modificações ocorridas na relação com o bebê, em função do desenvolvimento deste. Seus sentimentos com relação às experiências de separação do bebê foram enfocados, por exemplo, através das falas em que a mãe menciona como ocorreu o desmame. Foi verificado como a mãe referiu os momentos em que, por exemplo, foi abolida uma relação que privilegiava o contato corpo a corpo, passando-se a se estabelecer outras formas de comunicação com a criança (a relação *humanizante*). Assim, foram privilegiadas também as falas em que a mãe refere as brincadeiras e os jogos que estabelece com a criança (as trocas simbólicas com a criança), isto é, apreendendo, portanto, como ela passou a se presentificar, quando a relação não era mais regida pelo contato corporal. Focalizou-se, adicionalmente, o modo como a mãe apresentava/dava os objetos à criança. Percebe-se que, à medida que a criança foi crescendo e se tornando mais independente, outros remanejamentos foram se impondo na relação com a mãe, os quais também foram focalizados. A questão acerca do objeto preferido foi considerada na entrevista com a mãe, destacando-se quando começou o seu uso, de que forma o bebê o utilizava, em quais momentos ele recorria ao objeto e quem havia fornecido o objeto. Para além do objeto preferido, destacou-se os fenômenos que o bebê apresentava no momento de dormir ou ainda no instante da amamentação. Privilegiou-se, também, as falas da mãe que referiam o interesse do bebê por objetos, procurando-se obter dados sobre os primeiros objetos (brinquedos), especialmente o uso que era dado a eles. Foram selecionados ainda alguns dados sobre o desenvolvimento da criança, a fim de se compreender a história dela. Talvez, em alguns casos e períodos, tenham sido destacadas informações que não se encaixem em nenhum dos temas levantados acima. Possivelmente, tal recorte se deve à necessidade de

se construir uma história deste caso. Dessa forma, foram selecionados estes temas em todas as entrevistas, recortando-se o essencial para as interpretações futuras.

As filmagens foram editadas, a partir das duas fitas produzidas, visto que duas filmadoras foram utilizadas para registrar as interações surgidas no laboratório da universidade. Inicialmente a pesquisadora assistiu a cada filmagem, juntamente com uma psicanalista de crianças, a qual auxiliou a recortar os momentos essenciais, reportando-se ao tema do estudo. A supervisão desta psicanalista também proporcionou uma alteridade, visto se tratarem de imagens, as quais possibilitam que vários significados possam ali ser depositados. Posteriormente, foram transcritos os episódios que contemplavam o tema do estudo. Em função de a observação se centrar no detalhe da interação, ocorreu que quase toda a filmagem foi transcrita e depois foram então selecionados os episódios, tendo como referência os pontos descritos a seguir. Portanto, observou-se de que forma ocorria a interação mãe e filho, se a mãe permitia que a criança fosse constituindo um espaço próprio, não interferindo e deixando a criança fazer sozinha aquilo que já era capaz. Privilegiou-se também os recortes que evidenciavam o modo como a mãe brincava com o filho, destacando as propriedades reais dele, ou imprimindo um significado nele (propondo o faz-de-conta). Foram destacados também os momentos em que o pai participava da filmagem, a fim de perceber se a mãe permitia a interferência dele. As brincadeiras nas quais a criança se engajava, os fenômenos transicionais ou outros fenômenos que ela apresentou, como *fort-da* (Freud, 1920/1990), também foram selecionados. Tais episódios foram descritos.

Pode-se constatar que as filmagens, além de acrescentarem informações àquelas já coletadas nas entrevistas, também trouxeram dados novos, proporcionando o que Stake (1984) denomina de triangulação, que consiste em um processo, no qual se faz uso de várias percepções, com o intuito de esclarecer significados e verificar a repetição de uma observação. Além da análise das filmagens, a utilização de várias entrevistas (3º, 8º, 12º e 24º mês) já configuram este processo de triangulação. Salienta-se que, muitas vezes, uma impressão surgida a partir da entrevista era relativizada com a observação da interação mãe e filho na filmagem.

## CAPÍTULO III

### RESULTADOS

Neste capítulo, serão apresentados os resultados da pesquisa realizada. Estes serão apresentados caso por caso e seguindo a ordem cronológica das entrevistas (de acordo com as etapas previstas no Capítulo I). A fim de promover uma melhor compreensão dos dados, os aspectos considerados foram divididos em dois itens: *Sobre a mãe* e *Sobre a criança*. Os aspectos que compõem cada item respeitam os critérios indicados na Análise dos Dados. As cenas das filmagens que foram destacadas também são apresentadas aqui, ao final de cada entrevista correspondente.

#### 3.1. Caso 1 - Rosane e Roberto / Heitor

##### Período três meses / entrevista com a mãe

##### Sobre a mãe

Rosane pensava no bebê, quando estava grávida, mas não conseguia imaginar como seria o jeito dele.

O que mais surpreende a mãe é o fato de Heitor já querer ficar sentado. Antes mesmo dos 4 meses, ele já tentava se sentar.

Heitor começou a ter cólica, agora. Rosane relata não ter dificuldade para acalmá-lo, fazendo-o até com certa rapidez.. Nos primeiros meses, a mãe pensava que Heitor vinha tendo cólica, entretanto, depois, percebeu que era fome o que ele sentia, passando a dar complemento.

Rosane descreve o parto como algo horrível, referindo ter sentido a pior dor da vida dela. *Eu pensava assim na hora que se um caminhão me atropelasse não ia doer tanto.* Entretanto, ao mesmo tempo em que o relata como horrível, refere ter sido um dia especial. Logo após o nascimento de Heitor, a família ficou alguns dias na praia de Capão da Canoa, onde reside a mãe de Rosane. Esta revela que só pensava em dormir, devido ao cansaço.

A mãe ficou deprimida logo após os primeiros dias. Ela achava que isso não iria acontecer, pois havia feito inclusive tratamento para engravidar e queria muito um nenezinho. *Achei também que a criança ia nascer e a gente ia morrer de amor, não achei que fosse assim também.* Percebe que a depressão poderia estar relacionada com o fato de, nos primeiros dias,

pensar que nunca mais sua vida ia ser como antes. Imaginava que ela e Roberto não teriam mais tempo para os dois. Nesta fase inicial, *era só o nenê o tempo todo*.

Houve uma vez em que ligou para a mãe, pedindo ajuda. Heitor chorava e não queria dormir; ela, por sua vez, não tinha conseguido comer durante todo o dia. Atualmente, tem preferido cuidar dele sozinha. Relata não se sentir segura, se é a sua mãe ou a sua sogra que estão cuidando do Heitor. Para Rosane, cada um tem seu jeito (é um jeito diferente) para cuidar de nenê e ela não confia no jeito da mãe e da sogra.

Rosane diz que a pior parte é vê-lo com cólica, se pudesse alguém ficaria no seu lugar neste momento. Diz não encontrar o que fazer nestes momentos para acalmar Heitor.

Rosane relata brincar com o filho, tentando chamar a atenção dele com um brinquedo. Um dos momentos que mais gosta é quando eles estão deitados juntos e ele fica passando a mãozinha no seu rosto.

A mãe refere que planeja colocar Heitor na creche, apesar de a sogra ter se disponibilizado para ficar com ele. Não considera a opção de as avós cuidarem do filho, pois pensa que Heitor possa ficar muito mimado. Quando Heitor iniciar na creche, ele vai ter 7 meses. Outro motivo para Rosane optar pela creche, foi a possibilidade de o filho ter mais contato com outras pessoas, não se restringindo às relações da família. A mãe imagina que o filho vá ficar com medo no início da adaptação à creche, mas acredita que ele irá se acostumar, pois se adapta rápido às mudanças. Entretanto, ela acha que ele pode vir a estranhar mais, caso permaneça muito tempo com os pais, tornando-se mais difícil a separação. Neste mês de janeiro, por exemplo, eles (pais) vão estar de férias e ficarão o tempo todo com ele.

Rosane sentiu falta da faculdade, relatando sentir-se presa em casa. Quando ela quer sair, tem que planejar com alguns dias de antecedência, visto que não tem parentes morando próximo a eles. Há ainda a dificuldade de não poder se ausentar por mais de duas horas, em função da amamentação.

A maternidade era vista por Rosane como uma festa. Este quadro se modificou quando ela teve fissura no seio. Além disso, ela ficava preocupada se estava cuidando dele direitinho.

### **Sobre a criança**

A mãe refere já saber quando o choro de Heitor é de fome ou quando é choro de manhã. *Ele não me engana mais. (risos) A gente se conhece muito, né, filho.*

Rosane relata que o pai tem o dom de acalmá-lo, acha que é assim porque talvez passe o dia todo com ele. Só de ouvir a voz do pai, Heitor já se acalma.

Heitor não estranha pessoas, exceto quando há um grupo com mais de 10 pessoas e quando há barulho também. Ele tem viajado bastante e não costuma estranhar mudanças na rotina.

#### **Período – 8 meses / Entrevista com a mãe**

##### **Sobre a mãe**

Rosane menciona o período em que teve depressão, dizendo que chorava durante o todo o dia. Refere que antes era só ela e o Roberto, vindo, então, o Heitor. Aí passou a ser ela e o Heitor e mais nada. Considerava horrível estar sentindo aquilo (depressão), já que tinha feito até tratamento para engravidar e nunca havia rejeitado o filho. Imaginava um quadro diferente antes do nascimento. Pensava que logo após o nascimento dele já estaria amando-o. Percebeu então que a paixão pelo filho surgiria aos poucos. Ela já o amava, quando ele estava na sua barriga; mas, ao nascer, ele se transformou em outra pessoa, mudando toda a sua rotina e afastando-a do marido. A vinda de Heitor acabou com o relacionamento, em que antes era só ela e o marido vivendo como namorados. Devido a isso, na primeira semana, sentia o filho como um intruso.

A mãe lembra que na última entrevista havia dito que estava começando a se apaixonar por Heitor. Neste momento, relata que nem se lembra mais como era não ter o Heitor, parece que já nasceu com o Heitor junto.

Rosane acha ótimo que o filho tenha se sentado bem cedo, considerando que ele está adiantado no seu desenvolvimento. Destaca que ele já engatinha há bastante tempo, e espera vê-lo caminhar logo. A mãe conta uma situação em que mostra o botão do rádio para Heitor e ele consegue, mesmo sendo algo bem pequeno, mudar o volume. Esta performance dele a satisfaz, mesmo que depois ela venha a proibi-lo de brincar com o rádio, como de fato ele vem tentando fazer.

A mãe acha esta fase de Heitor mais interessante. *Ai tá dando mais trabalho, mas tá melhor mais engraçadinho, agora eu vejo como quando era recém nascido não tem graça né, fica deitadinho, enroladinho, não faz nada, só chora pra mamar e trocar. Agora é mais engraçado, agora é melhor.* Diz que agora é melhor, porque às vezes dá uma fugida e vai deitar um pouco na cama. Ela refere poder fazer isso porque sabe que na sala não tem nada de perigoso. Depois de um tempo, Heitor vem atrás dela, procurá-la no quarto.

Conforme o relato de Rosane, ela não imaginava o filho na fase de bebê. *Eu sempre imaginava eu brincando levando ele no parque, mas ele caminhando já, sabe nunca pensava*

*essa fase de bebê. Eu imaginava já um gurizinho caminhando assim, caminhando, levava no parque com a bolinha, chutando uma bolinha. Eu sempre gosto, eu gosto mais de bebê do que criancinha maior, mas eu não imaginava ele bebê, eu imaginava ele andando assim, já maior.*

Ela acha que Heitor se parece com o pai no jeito de ser. Ele às vezes é bravo como o pai. A mãe tinha medo que ele fosse ser assim. Pensava nisso antes de ele nascer e tinha receio de que ele fosse um menino brigão, pois o pai sempre foi brigão (relata que ele está melhor agora, depois que o filho nasceu). Diz que, no dia em Heitor nasceu, ele se parecia muito com o pai (fisicamente) e que parecia que eles tinham encolhido o Roberto. Ela diz que queria que ele fosse parecido com o pai, queria e aconteceu.

A mãe sempre pensava que não daria conta dos cuidados com o filho, imaginando que não iria conseguir cuidar de um recém-nascido, mas refere ter se surpreendido, pois está se saindo bem. A dificuldade que sente neste período é não ter nenhum parente por perto. Quando precisa sair ou fazer alguma coisa sempre depende de alguém que possa ficar com o Heitor. Sente dificuldade também em alguns momentos de madrugada, quando vê que Heitor faz manha e está sem paciência. Diz ficar com raiva, brava mesmo nestes momentos.

Rosane refere que seu dia-a-dia com Heitor é uma mesmice. Ela se contradiz, dizendo que não é uma mesmice, porque sempre tem uma novidade; mas, em seguida, diz que é sempre igual. Relata que procura sair com ele, ir a um parque, quando nota que não tem mais graça o brinquedo que deixou com ele. Essa rotina ela também menciona ser diferente de antes, pois naquela época ela podia ficar lendo depois de ter limpado a casa. No momento atual, já não consegue mais ler. Relata que agora tem que sair do apartamento, obrigando-se a descer com Heitor. A mãe sonha em ter uma noite inteira para dormir, dizendo sempre ter sido muito dorminhoca.

No relato da mãe, ela se queixa de Roberto, porque ele não a ajuda. Porém, ao mesmo tempo diz entender que ele esteja cansado. Às vezes, relata que briga com Heitor só para chamar a atenção de Roberto, percebe ser uma infantilidade, mas não consegue mudar. Incomoda-se quando Roberto está em casa e não ajuda (fica envolvido com outras coisas) ou vai a jogos de futebol, acha que ele deveria querer ficar com ela e Heitor nos horários livres. Ressente-se, dizendo que Roberto agora mora com a mãe de seu filho e que eles não namoram mais.

A mãe brinca com frequência com o filho, mostrando brinquedos para ele. Entretanto, quando percebe que ele está envolvido com algum brinquedo, sai para fazer alguma coisa. Antes ele era mais tranqüilo, não exigia tanto a presença dela; agora está mais manhoso. A

mãe acha que foi em função de uma gripe que ele teve e, então, acabou ficando em casa (não foi à creche por duas semanas). Daí *tá sempre no meu pé*. Rosane costuma entregar uma panela para ele se ocupar e deixá-la fazer outras coisas. Relata que ele fica faceiro com as brincadeiras, dizendo ser fácil de enganá-lo.

A mãe percebe que Roberto é mais rígido com Heitor. Ela sempre foi muito mimada pelos pais, pois eles sempre a superprotegeram. Quando ela vinha para Porto Alegre sozinha, tinha dificuldade para *se virar* aqui. Rosane relata que não quer que isso se repita com Heitor, por isso o colocou na creche, para ele não estar sempre só com ela e para que ele saiba *se virar* sozinho.

Diz que Roberto tem mais jeito com adolescente, com criança maior. Ela, por sua vez, tem mais jeito com bebê. Acha que eles (o casal) combinam nisso.

Não se sente bem com outras pessoas cuidando de Heitor. Quanto ao Roberto, ela gostaria que ele ajudasse, mas não pede. Incomoda-se de pedir ajuda. Como ela não trabalha, acha que deveria dar conta dos cuidados com Heitor. Outra coisa que a incomoda é a forma como os outros executam os cuidados, acha que nunca está bem feito (mesmo com as tarefas da casa). Ressente-se quando alguém, por exemplo, diz para tirar as meias de Heitor, porque está quente, então, prefere que não haja ninguém por perto. Principalmente, no caso das críticas surgirem por parte da família de Roberto.

Não consegue levar Heitor à creche, só o busca (referindo ser a melhor parte). Quando o vê chorando, lembra-se dela, que nunca ficou longe da mãe, só quando foi para a primeira série. Diz que chorava muito, e sentia o momento como sendo o fim do mundo. Ficava no colo da sua mãe e quando via a sua mãe saindo, apavorava-se. Acha que com Heitor seria pior, visto que ele é menor do que ela era.

A sogra se ofereceu para cuidá-lo, mas Rosane segue achando que a avó mima muito e que é melhor Heitor ficar com estranhos e com outras crianças. Outro motivo é que queria que ele passasse algum tempo longe dela e, se ele estivesse em casa, isso não aconteceria, pois ela passa alguns dias em casa (não está sempre na faculdade). A mãe não queria ficar tão grudada com Heitor.

Na entrevista com o casal, quando pergunto como vai a vida deles, Rosane pergunta “De nós dois?”; Roberto, por sua vez, fala “De nós três?”. Rosane menciona novamente nesta entrevista que achava que tudo seria uma maravilha, não pensava nas noites mal dormidas, só pensava na parte boa.

### **Sobre a criança**

A mãe relata que mostra brinquedinhos para Heitor, mas que ele acaba se interessando por alguma coisa da casa (uma latinha, um pote de café), que são novidades, porque ele enjoa dos brinquedos. A mãe dá uma panela e ele fica no chão batendo nela.

O objeto preferido de Heitor é o hipoglós. A mãe entregava o tubinho, no momento da troca de fraldas, para ele parar mais quieto. Atualmente, ele se interessa por qualquer tubinho (pasta de dente, também). Logo que os vê, quer pegá-los (não só na hora da troca de fraldas). A mãe fez um tubo especial para ele (pegou um tubo vazio e o limpou). A avó materna também tem um tubo para ele na sua casa. A mãe dá o tubo quando ele está querendo choramingar ou então como uma forma de ele parar. Nos momentos em que ele quer pegar algo que não pode, o tubo é o único que o faz recuar. Rosane não se lembra quando começou este interesse, mas já faz bastante tempo.

O brinquedo preferido de Heitor nos últimos tempos passou a ser o rádio, deixando o tubo de lado. O rádio ficava num rack (baixo), Heitor o procurava mais quando estava ligado e tinha uma luz acesa. Os pais colocaram o rádio no quarto deles (posição alta). Mesmo assim, Heitor tenta se levantar, quer alcançá-lo para colocar o dedinho no botão. Ele procura pelo rádio. A mãe procura distraí-lo e relata que ele se distrai fácil, até mesmo com uns papeizinhos. Heitor gosta também do rádio de pilha, ele fica um tempão olhando para aquelas vozes (a avó que descobriu isto – mãe refere que ela tem mais idéias). Entretanto, os pais não deixam que ele brinque com o rádio, porque dizem que ele pode demoli-lo. A mãe não gosta muito de música, o pai é que botava músicas, quando Heitor ainda estava na barriga. O filho também se interessa pela chave. A mãe, porém, acha que é o barulho do chaveiro que o atrai. Na creche, quando a mãe o entrega, as tias oferecem um brinquedinho e a mãe percebe que ele se acalma.

Para dormir, o que o acalma é o mamá e a mãe. A mãe dá o seio e ele, então, consegue dormir.

A adaptação na creche durou dois dias. Como no segundo dia ele estava bem, as tias disseram que a mãe poderia ir embora.

Quanto à alimentação de Heitor, ele ainda mama no peito, mas adora comida de sal. Já pode comer de tudo. Aos seis meses, começou com comida de sal e agora pode comer de tudo (10 meses). Come arroz, feijão, verduras, batatinha. Quer pegar a colher da mãe e colocar a mão na comida; mas quando está com fome, fica bem comportado. Quando ele não gosta de alguma comida, faz careta e cospe fora.



O lugar preferido dele é o banheiro (vê sempre a porta fechada), quando alguém abre a porta, logo ele quer entrar.

#### **Período 12 meses / Entrevista com a mãe**

##### **Sobre a mãe**

A mãe começou a falar sobre o desmame, sem que este assunto tivesse sido introduzido.

Rosane considera esta fase melhor, porque Heitor já caminha e não mama mais no peito, o que faz com que ele não fique tão dependente dela. Agora ele não precisa da mãe sempre, ele já pode ficar com qualquer pessoa. A mãe adiou o desmame por achar que seria muito difícil, acreditava que Heitor ficaria numa choradeira. No fim, ele chorou cinco minutos e dormiu. No dia seguinte, parecia que nem existia o seio. A mãe teve que parar de amamentar, em função de uma medicação para a hérnia de disco que teria que tomar. Ela considera que o desmame foi pior para ela do que para Heitor.

A mãe percebia o desmame como uma separação. Ela ia deixar de fazer uma coisa que ele gostava tanto. Refere ter sofrido quando a médica disse que ela tinha que parar de mamar (faz lapso, dizendo ela parar de mamar). Achava que a amamentação era uma forma de união que ela e Heitor ainda tinham, assim como quando ele estava na barriga (*que ele tá presinho, quando nasce já é aquela coisa e eu pensei que ia ser uma separação total assim de vez, lógico que eu sabia que continua sempre filho né, tá sempre junto, mas tinha aquela coisa assim de ele ser dependente de mim, eu acho que era até um pouco de egoísmo, querer que ele ficasse sempre dependente, assim grudado ...*).

Quando Heitor vê a mãe só de sutiã, ele choraminga e fica puxando-a. A mãe acha que ele lembra do mamá, então procura ficar tapada na frente dele. Quando ele está com fome, mãe acha que ele sente saudade do mamá, ele se esfrega nela (não chega a pedir, nem tenta levantar a blusa).

A mãe não fala com voz de criancinha, nenezinho. Cursa letras e sempre procura usar a linguagem normal.

Rosane relata que tem algo que ele faz que encanta todo mundo. Ele olha com o rabinho do olho, fica olhando com uma carinha de mau, semelhante ao chuckzinho (filme brinquedo assassino).

Ela acha que ele não está parecido com ninguém agora, tem a carinha dele, não tem nada de ninguém. Acha que ele vai puxar o gênio do pai, pois, quando ele é contrariado, fica

bravinho e estouradinho. A mãe torce para que ele não tenha o gênio do pai, mas acha que ele vai ser *teimosinho e brigãozinho*. Queria que ele fosse mais calmo, como o avô materno, que é uma *barata tonta*. Preferia que ele se parecesse com seu pai, mas acredita que isso não vá acontecer.

Refere sensação de já ter nascido mãe, devido a estar tão acostumada com o Heitor. Não consegue se imaginar sem ser mãe. Antes pensava que não havia lado ruim em ser mãe (ter calma para agüentar ele chorando o tempo todo no ouvido e levantar a noite toda para dar mamar, trocar fralda e não poder sair toda hora). Percebeu que ter um bebê não era só aquela coisa maravilhosa.

A mãe fica fascinada ao vê-lo caminhar. Pede para ele buscar algo, só para poder vê-lo caminhar.

Rosane acha que ele não fica bem na creche. Apesar de o marido dizer que ele não ficou chorando, ela acha que é mentira. Ela continua não o levando à creche, pois diz que lhe estraga o dia vê-lo chorar. Fica com pena do filho e quer ligar a toda hora para saber como ele está. Acha que as tias da creche não vão dar atenção a ele, caso ele esteja chorando e que as tias também não terão paciência. Entretanto, continua optando por deixá-lo na creche (mesmo tendo a opção das avós). Refere que isso se deve ao convívio que ele poderá ter com outras crianças. Roberto queria que ele ficasse todo o dia na creche, mas a mãe achou melhor meio turno.

Os pais ficaram um dia inteiro longe de Heitor. Ele deveria ficar dormindo duas noites na praia com a avó. A mãe tentava pensar em alguma coisa para não precisar deixá-lo. Conta já ter começado a sentir saudade mesmo antes de se afastar. Heitor acabou vindo com os pais e não ficando com a avó. O motivo foi o fato de a temperatura ter se elevado e ele precisar comprar uma outra roupa para o aniversário.

Rosane menciona que o momento mais difícil deste ano foi o primeiro mês. Heitor chorava e ela achava que era cólica, já na consulta com o pediatra viu que ele sentia fome (deu complemento e o choro acabou). Este foi o momento em que ligou chorando para a sua mãe e pediu a ajuda dela. Sentia-se cansada e, às vezes, passava um dia todo sem conseguir comer. O sono se alterou.

A mãe segue não gostando de pedir ajuda, nem a Roberto. Acha que o filho é seu (*o filho é só meu*) e, então, o trabalho é só seu também. Considera que tem que agüentar a parte boa, mas também a ruim. Pensa que a obrigação de cuidar é sua. O Roberto já trabalhou o dia

todo e o Heitor é o seu trabalho (*o Heitor é o meu trabalho intensivo*). Além disso, ressentido-se de pedir ajuda, pois imagina que vai estar incomodando.

### **Sobre a criança**

A mãe percebe que Heitor ficou mais manhoso depois do desmame e também começou a estranhar as pessoas. Heitor vai com as outras pessoas, mas tem horas que quer só mãe. Antes ele não pedia colo e agora ele quer colo (justo quando já caminha). Quando vê uma pessoa estranha, dá um gritinho (antes ele não estranhava ninguém).

A mãe brinca com ele, ficando sentada no chão do quarto dele, para mostrar os brinquedos. Estes no entanto já estão muito *manjados*, pois Heitor quer é ficar na cozinha com as panelas. Ele abre o armário mais baixo da cozinha e tira tudo para fora. Bate com as panelas, faz barulho.

Para trocar as fraldas de Heitor, eles necessitam alguma coisa diferente para *botar na mão* do filho. A mãe tem dado o controle (remoto) para ele.

Antes ele também gostava de brincar com a chave, mas já não lhe interessa tanto. Agora ele gosta de estar mexendo no vídeo, quer apertar os botõesinhos. Os pais colocaram TV, vídeo, rádio no quarto e deixam o quarto fechado para que ele não mexa. Gosta de mexer nas estantes de livros dos pais e colocá-los para baixo.

Para dormir, ele fica se nanando, fazendo um barulhinho. Às vezes, ele coça a orelha ou mexe no rosto. Para acalmá-lo, só o colo. Heitor costuma se assustar ao ouvir uma porta se abrindo. Ele vai para trás das pernas da mãe (assusta-se também quando os pais vão ao banheiro e abrem a porta).

Heitor não gosta de comida esmagadinha. Inclusive, ele já pegou uma banana inteira, descascou-a e a comeu inteira. Ele come a mesma comida dos pais (não é feita uma comida especial), pois não gosta de sopinha, que é coisa de nenê (comida muita *fraquinha*). Gosta de grãos e de pedaços de comida.

Quando os pais não deixam ele fazer algo (mexer no vídeo), a mãe refere que ele fica com raiva (percebe pela expressão dele). Ele esperneia e grita. A mãe acha que ele quer beliscar, morder e que quer machucar os pais. Já o pai refere que ele quer esraçalhar com o vídeo.

### **Período 12 meses / Filmagem**

#### **Primeiro recorte**

A mãe se preocupa em ensinar como funcionam os brinquedos, mostrando para o filho de que forma se brinca com determinado brinquedo. Ela começa a significar o brincar de Heitor, iniciando uma brincadeira de faz-de-conta, mas esta logo é interrompida, para que ela possa mostrar outro brinquedo.

Outro ponto a ser destacado é que a mãe não se detém naqueles brinquedos que o filho demonstra algum interesse, não percebendo ou não considerando, algumas vezes, as dicas de Heitor sobre o que ele quer. Cabe lembrar que, nas entrevistas, a mãe menciona utilizar os brinquedos como objetos que podem distrair e, até mesmo enganar o filho. Com os objetos, Heitor se mantém ocupado, liberando a mãe, que não precisaria mais estar com o filho.

Em várias passagens da filmagem, a mãe insiste para que Heitor pegue o cachorrinho de montar, entretanto, ele demonstra parecer ignorá-lo. Não olha o cachorro, aproxima-se dele, mas não o toca, indicando, talvez, uma recusa a uma proposta persistente da mãe. No momento em que a mãe está ausente e permanecem apenas Heitor e o pai na sala, o pai continua sentado na cadeira, não descendo para o chão e ficando, portanto, distante fisicamente do filho. Heitor não se envolve em nenhuma brincadeira proposta pelo pai e acaba chamando a mãe. O menino, então, volta-se para o cachorro, o qual a mãe insistia que ele pegasse, e vai em direção à porta. Cabe ressaltar que, nas entrevistas, a mãe relata em diversos momentos a dificuldade de se ausentar, estando sempre muito *grudada* com o filho.

Heitor interessa-se bastante por brinquedos relacionados à música (que façam barulho), tais como o pianinho e o pandeiro. A mãe, na entrevista realizada, referiu que o pai sempre gostou muito de músicas e, quando ela estava grávida, colocava músicas para eles ouvirem. Heitor demonstrou interesse, conforme o relato da mãe na entrevista dos oito meses, pelo rádio (principalmente quando estava ligado e havia uma luz do rádio acesa). Os pais, entretanto, afastaram o rádio dele, com medo que ele estragasse e o colocaram numa prateleira alta.

Além destes interesses, a mãe relata que o filho aprecia brinquedos não estruturados, tais como as panelas da casa. Ele gosta de ficar batendo nelas. Este interesse pelas panelas perdura e mais tarde (na entrevista de 12 meses), a mãe refere que Heitor faz barulho com as panelas. Percebe-se, portanto, o envolvimento de Heitor com objetos, os quais produzem sons, e que, de alguma forma, os pais ofereceram e, até mesmo, despertaram a atenção do filho por eles.

#### Mãe, Pai e Heitor

*Mãe está sentada no chão, Heitor também. O pai permanece na cadeira.*

*(...) Heitor pega o telefone e pega o fone / Pai fala “alô” / Mãe fala “alô” / Heitor olha o fone/ Mãe segura o telefone/ Heitor coloca o fone no ouvido/ mãe diz “alô”/ (...) Heitor coloca o fone no ouvido/ mãe fala “alô” – “põe aqui agora filho, põe aqui” e coloca o fone de volta no telefone/ Heitor pega o fone e coloca no ouvido/ mãe tenta mostrar como funcionam os botões do telefone/ Heitor olha outro brinquedo/ mãe mostra a ele o pianinho e toca com o martelo/ Heitor pega o martelo e toca também no pianinho/ mãe mostra o livrinho “tu adora livrinho”/ Heitor pega o livro, mas logo o solta/ mãe mostra o cachorro e aponta indicando onde ele está/ Heitor vira o olhar, mas não olha para o cachorro/ mãe segue apontando para o cachorro “olha ali o cachorro de montar”, “olha ali o cachorro”/ Heitor volta o olhar para a mãe (...)*

*(...) Heitor se aproxima do cachorro (engatinhando)/ Mãe diz “traz o cachorro para a mãe/ Heitor se aproxima do cachorro, mas não se detém nele, indo em direção aos blocos de montar (...)”.*

*(...) Heitor pega o pianinho/ mãe diz “esse é de bater, ó” – mãe tira o pianinho de Heitor e bate com o martelo mostrando “viu? Faz”/ Heitor pega o martelo da mão da mãe e bate um pouco no pianinho (...)*

*Heitor busca o pandeirinho/ pai fala “pandeiro”/ Heitor mexe com o pandeirinho, produzindo sons/ mãe diz “filho, traz o cachorrinho para mamãe”, “Heitor?”, “filho?”, “não quer saber de pegar o cachorrinho”*

#### Pai e Heitor

*Pai permanece sentado na cadeira.*

*(...) O pai é quem fica e fala “pode ser eu, tô mais cansado”/ mãe sai/ Heitor fica olhando/ pai o chama/ Heitor bate no pianinho/ pai pega o pandeiro e faz música/ Heitor olha e segue batendo no pianinho/ pai faz música com o pandeiro “olha aqui”/ Heitor olha, mas segue batendo no pianinho – olha para a porta/ pai diz “onde é que tá a mãe?”/ Heitor segue com o pianinho – levanta-se e aproxima-se do pai – segue batendo no pianinho – vai em direção ao cachorrinho, pega-o e vai até a porta, chora/ pai fala “a mãe, tu tá procurando?, tá ouvindo a voz da mãe?”/ Heitor larga o cachorro e pega o martelo e o piano (...)*

#### Segundo recorte

A mãe afasta a cadeira do pai, parecendo não perceber a tentativa de aproximação do pai com o filho. Rosane relata, nas entrevistas, a dificuldade de permitir que outra pessoa cuide do filho, por achar que Heitor não estará bem cuidado. Ela imagina que os cuidados com

o filho são tarefa sua, já que ela não trabalha e não possui outra ocupação (ao contrário do marido). A mãe também não consegue confiar na creche.

#### Mãe, Pai e Heitor

*(...) Pai mostra a cadeira pequena/ Heitor olha a cadeira grande/ pai coloca a cadeira pequena próximo à sua cadeira e diz "a cadeirinha pro gurizinho"/ Mãe coloca cadeirinha próxima a ela e diz "vem cá filhinho, ó?"/ Heitor se sacode olhando a cadeira grande (...)*

#### **Terceiro recorte**

Heitor demonstra estranhamento frente a pessoas desconhecidas, aproximando-se da mãe, a fim de buscar segurança. A mãe refere na entrevista que o filho tem se assustado quando alguém abre alguma porta da casa, em especial a do banheiro.

#### Mãe e Heitor

*Quando eu entro na sala, Heitor se aproxima da mãe e fica me olhando, mas ainda junto à mãe, próximo ao corpo dela.*

#### **Período 24 meses / Entrevista com a mãe**

##### **Sobre a mãe**

Heitor não aceita ficar com a auxiliar de pesquisa durante a entrevista e permanece na sala, enquanto a pesquisadora conversa com a mãe. Em alguns momentos, fica no colo da mãe. Logo no início da entrevista, Heitor pede para ir embora, dizendo (*bora, bora*).

A mãe relata que tudo está bem neste período, exceto pelo fato de Heitor estar muito agarrado com ela. Quando Rosane vai ao banheiro, ele fica *apavorado* batendo na porta. Quando a mãe sai de casa, ele fica chorando. Além disso, Heitor não está mais indo à creche, desde 1 ano e alguns meses. Rosane diz que tirou o filho da creche, em função de ter trancado a matrícula da faculdade, pois tinha muita matéria e não estava conseguindo estudar. Apesar destas questões, a mãe refere que o filho está melhor e está também mais independente nas brincadeiras.

Neste semestre, os pais pensaram em colocar Heitor novamente na creche, mas Rosane tinha medo. Ela menciona que é um receio seu e não de Roberto. Relata sentir-se angustiada quando visita a creche, acredita que é o ambiente que lhe desperta isto, pois vê as crianças *largadas* lá. Sente medo por não saber se as tias da creche vão cuidar de Heitor direito e acha que, neste momento, em que ele está muito *agarrado* com ela, vai ser difícil a readaptação dele à creche. A mãe relata uma situação em que ela e Heitor foram visitar uma creche e ele não aceitou sair do colo dela, demonstrando estar apavorado. Rosane não sabe dizer se a

creche é a melhor solução, mas lembra-se que, antes, quando o filho ia à creche, ele se relacionava melhor com as outras crianças. Atualmente, quando eles vão à pracinha, ele não aceita brincar com as outras crianças. Quando a praça está vazia, ele brinca com todos os brinquedos, mas se chega uma criança, ele se senta ao lado da mãe e permanece ali. Mesmo percebendo estas mudanças no filho, a mãe revela que a creche é motivo de sofrimento para ela. Rosane menciona que o fato de parar a faculdade trouxe um certo alívio por não precisar mais *largá-lo* lá na creche. Imagina que Heitor deveria se sentir *largado* lá.

Entretanto, a mãe percebe que se Heitor está mais *grudado* nela, ela também está mais *agarrada* com o filho, tanto que o máximo de tempo que fica afastada dele é cerca de (uma) 1 hora. O momento mais difícil é quando ela sai de casa, isto é, o momento da despedida. Depois, quando está longe, Rosane relata não ficar sempre pensando no filho. Heitor fica, às vezes, na casa dos avós maternos, inclusive para dormir. A casa dos pais é ao lado (na praia), mas Rosane fica imaginando que alguma coisa ruim aconteceu, ou que Heitor saiu pelo portão e eles não viram, ou ainda que ele está chorando e não consegue dormir. Heitor é que pede para ficar com os avós e dorme tranqüilo lá, não apresentando problemas. A mãe, no entanto, acorda várias vezes durante a noite. Ela refere estranhar o silêncio na casa, pois quando o filho está em casa ele tem tido o sono agitado e acorda em diversos momentos. Quando Rosane sai de casa, ela não se despede do filho, saindo *escondido*.

A mãe relata que Heitor está tomando muito leite. Ele pedia e ela dava. Agora, a mãe menciona que está *enganando* ele, colocando suco na mamadeira, ao invés de leite. Isto de Heitor estar sempre pedindo mamadeira coincidiu com a fase em que ele está mais *agarrado* com a mãe.

Rosane refere que é ela quem cuida da alimentação de Heitor-e, não só da alimentação, pois é ela quem faz tudo para o filho. Ela tem um descanso quando está na casa da mãe, porque então é a avó materna quem cuida de Heitor. O pai se envolve pouco com estas tarefas. Rosane diz que este é o seu trabalho, pois ela só fica com o filho e é ela quem está junto com ele quando Heitor quer comer ou quer algo mais. Quando Roberto faz algo em relação aos cuidados com o filho, Rosane acaba indo conferir para ver se ele fez bem.

Quando a mãe está em casa com o filho, não consegue fazer mais nada, permanecendo todo o tempo em torno do que Heitor lhe solicita. Ela observa que com Roberto é diferente, pois ele consegue até ler com o filho ao seu lado. A única coisa que Rosane consegue fazer com Heitor ao seu lado é cozinhar. Ela sente pena, pois está ali perto, mas ao mesmo tempo está ausente. Queixa-se que Roberto, por sua vez, assiste a jogos na TV e não responde aos

chamados do filho. O pai demonstra maior interesse por crianças maiores e Heitor tem acompanhado mais o pai neste momento. Roberto inclusive comentou que daqui para frente o filho iria sempre estar com ele.

A mãe relata, quando perguntada, se a sua desconfiança com relação à creche não a teria feito se afastar dos estudos. Ela responde que não, mencionando que, logo após ter parado os estudos, até se afastou do filho, por estar aborrecida. Várias vezes, ficava se lembrando da faculdade, pensando qual semestre estaria cursando. Rosane descreve que este momento foi difícil, pois sentia como se ela não existisse mais, já que existia somente a mãe do Heitor. Ela ficava em torno do filho durante todo o dia. Relata que tinha pouca paciência com Heitor, chegando até a bater nele. Heitor até hoje fala *palmada*, quando os pais brigam com ele. A mãe percebe que ele fala deste momento. Rosane descreve que se tornava mais irritada, caso Roberto estivesse próximo, pois queria chamar a atenção dele. Ela queria que ele notasse que ela não estava gostando daquela situação.

Rosane refere que se sente mal por ter parado os estudos, mas também sabe que não irá gostar de deixar Heitor o dia todo na creche. Percebe que nunca está satisfeita. Agora eles têm pensado em ter outro filho. Rosane imagina que talvez tenha nascido para ser uma dona de casa e para cuidar dos filhos, pensando que poderá se arrepender, caso venha a trabalhar e os deixe em uma creche.

Rosane percebe semelhanças na forma como os pais a criaram e no modo como cria Heitor atualmente. Lembra que o pai não permitia que as filhas se afastassem dele e Rosane reconhece que age assim com o filho. Quando ia dormir na casa de um tio, ela chorava muito de saudade. Relata que os pais nunca confiaram em deixá-la ficar sozinha em algum lugar. Rosane refere que seu pai é era mais superprotetor e age dessa forma com o neto também. Ele sempre imagina que alguma coisa de ruim vai acontecer, caso o menino se afaste um pouco dos pais. Da mesma forma, quando Heitor vai para a praça com o pai, a mãe não descansa enquanto não os vê na praça, pois pensa que algo de ruim pode acontecer com eles ao atravessarem a rua. A mãe refere que precisa estar vendo eles, como se seu olhar os pudesse proteger. Considera que este medo está mais intenso agora, justificando que antes Heitor era nenê e ficava sempre no carrinho. Neste momento, ele tem estado *danado*, ele vai para a rua (onde passam os carros). Caso Heitor esteja com pessoas, como seu pai ou sua sogra, que ficam cuidando bem de perto, Rosane fica descansada. Entretanto, com Roberto, que é mais *liberado* e sai caminhando na frente, deixando Heitor para trás, ela se preocupa. A mãe observa que esta insegurança provém da forma como o pai lidava com ela. Para o seu pai, tudo



era perigoso. Ele sempre trabalhou perto de casa ou na própria casa, podendo ter *controle* sobre o que ocorria com a família.

A mãe, no entanto, relata que eles (pais) estão tentando fazer com que Heitor se torne independente. Rosane percebe que para ela isto é mais difícil, pois ela está sempre junto, *grudada*, ficando insegura e com medo de ficar longe dele. Ela revela já estar imaginando como será quando Heitor quiser viajar ou quando for sair à noite. Rosane acha que não irá dormir

### Sobre a criança

Heitor está acima do peso, em função de estar tomando muito leite. A mãe relata que ele gosta de ficar *chupando* mamadeira (*como se fosse bico*), mas tem que estar cheia de leite, o que o faz engolir leite às vezes.

Uma das brincadeiras preferidas de Heitor é brincar de sair, ou seja, fazer de conta que sai. Ele pega uma bolsa (uma sacola qualquer) e diz que está indo trabalhar. Ele tem algumas sacolas no seu quarto, coloca alguns objetos dentro e sai a caminhar pela casa com elas. Heitor mantém ainda o seu interesse pelas panelas. Ele faz de conta que cozinha, imitando o que a mãe costuma fazer na cozinha. Porém, quando é para sair mesmo de casa, muitas vezes Heitor se recusa, não querendo ir à praça ou passear. Ele brinca também com peças de lego, fica encaixando uma peça na outra. A mãe relata que ele ainda não montou nada com elas, só as encaixa. Gosta de brincar de consertar as coisas em casa. Ele pega uma chave e faz de ferramenta. Outro objeto que surge entre os preferidos de Heitor é a mamadeira. Sempre que não está entretido com alguma coisa, ele pede a mamadeira, ou então quando está vendo TV. A mamadeira funciona como um bico, ele pode passar horas com ela, mordendo. Essa *mania* pela mamadeira começou há cerca de 5 meses atrás. Quando Heitor adormece e os pais contam história ou cantam, ele também está com a mamadeira.

Outro dia, Heitor brincou com um menino, mas isso aconteceu na casa da avó, quando a mãe não estava junto. Heitor brinca sozinho, mas de repente ele chama a mãe (pede a mamadeira) ou começa a mexer no *tico*, parando de brincar.

Heitor tem estranhado as pessoas. A mãe relata que ele sempre foi desinibido, mas agora mudou por completo. Ela pensa que pode ser em função de ele estar mais velho e de ter percebido que o mundo não gira em torno dele.

Heitor fala, mas quase sempre pela metade, não completando as palavras. As músicas, no entanto, ele aprende rápido. A mãe canta para ele dormir e ele tem pedido isto sempre agora. A mãe já cantava antes para ele, mas neste momento tem sido rotineiro. Os programas

de TV que possuem música também chamam a atenção dele. Quando Heitor está agitado, outra coisa que o acalma é contar algo para ele, contar algo que aconteceu ou uma história. Heitor busca alguns livrinhos e pede para a mãe contar. Não há uma história ou música em especial, ele possui um repertório variado. Durante a história, Heitor fica representando o que acontece, quando, por exemplo, mencionam um menino triste, ele faz uma expressão triste. Há alguns momentos em que só o colo da mãe acalma Heitor, em especial quando ele está assustado.

Heitor tem acordado umas quatro vezes durante a noite. Ele chama a mãe e Rosane vai até ele e coloca a mão nele, dizendo *a mamãe tá aqui, filho* o que o faz adormecer de novo. Ele tem o sono agitado e se mexe bastante. Neste momento, em que a mãe fala do sono do filho, Heitor pede *teta*. A mãe diz que ele não mama mais no peito, mas que às vezes ele ainda procura o peito dela para ficar olhando. Da mesma forma, quando Rosane vai se vestir, o filho vai atrás dela, dizendo *bunda* e gosta de olhar a mãe. Rosane acha que ele faz isso, porque nunca a vê. Ele fica olhando a mãe com a mão no *tiquinho*. Heitor, em alguns momentos, fica mexendo no *tico*, ele faz isso enquanto mama (quando está *chupando* a mamadeira).

Heitor não tem querido caminhar muito, solicitando sempre estar no colo.

## **Período 24 meses – Filmagem**

### **Primeiro recorte**

O pai se preocupa em ensinar como funcionam os brinquedos (nesta fase da filmagem, os tipos de brinquedos selecionados também estimulam tal ação), não dando um significado a eles e não montando uma história com eles. Roberto aparenta estar mais próximo do filho, pois se senta no chão e procura manter uma conversa. Entretanto, não percebe que aquilo que ele ensina ao filho está além do que Heitor consegue compreender. Heitor, então, acaba se desinteressando e lembra-se da mãe, que está ausente.

A mãe relata na entrevista de 24 meses que o filho tem ficado muito tempo com ela (saiu da creche) e que tem dificuldade de permanecer longe dela, não conseguindo até mesmo brincar com outras crianças na praça.

### **Pai e Heitor**

*Pai está sentado no chão com Heitor.*

*(...) Heitor alcança o cofre para o pai e fala “bi, bi”/ pai pega o cofre “assim, ó”, mostrando como abrir o cofre/ Heitor pega o cofre do pai – pega os martelos e coloca-os dentro do cofre, tira-os de lá e fecha o cofre – fala “bi”/ pai diz “só puxa”/ Heitor abre o*

*cofre e fecha – pega o palhaço e faz ele aparecer/ pai mostra como fazê-lo desaparecer “se tu puxa ele desce, se tu empurra ele sobe”, “é aqui que controla”, mostrando a corda/ Heitor pega o palhaço e não consegue fazer o que o pai estava fazendo – vai até a porta e chama “mamãe”/ pai diz “a mamãe foi ao banheiro”/ Heitor tenta abrir a porta/ pai fala “a mamãe foi ao banheiro, vem cá com o pai, vamo vê o que que tem aqui pra gente brincá”; “olha aqui a boneca tá dormindo” – “segura a chave do pai” e pai alcança a sua chave para Heitor/ Heitor chama “mamãe, mamãe”/ pai diz “vê se serve no cofrinho esta chave”; “vê se ta certo” – pai senta na cadeira/ Heitor com a chave na mão olha o cofre, tenta abri-lo, abre e coloca a chave dentro dele – pega o palhaço e o faz aparecer, empurrando a corda e depois puxando a corda, fazendo-o desaparecer (...) Heitor pega o cofre, tira a chave e chama “mamãe”/ pai diz “a mamãe foi ao banheiro?”; “É a Zazá?”(...)*

### **Segundo recorte**

A mãe, assim como o pai, preocupa-se em mostrar como funcionam os brinquedos. Heitor, numa passagem, recusa a tentativa da mãe de trocar de brinquedo (pegar o macaco), pois ele justamente estava tentando fazer com os parafusos o que a mãe havia ensinado. Novamente aparece a situação (como na filmagem dos 12 meses), em que a mãe não dá espaço àquilo que o filho demonstra interesse.

### **Mãe e Heitor**

*(...) Mãe diz “um parafuso, olha ali um parafuso” – a mãe aperta um parafuso “fica arrodando que ele sai, pro mesmo lado”/ Heitor fica tentando tirar o parafuso – vai olhar outro brinquedo/ Mãe diz “assim, ó” e mostra como tirar o parafuso, “sempre assim, ó, isso, vai tirando”; “tudo isso aqui é parafuso, ó filho” – pega um parafuso/ Heitor pega o parafuso dela/ (...)*

*(...) Heitor aponta para outro parafuso “aqui”/ Mãe diz “esse, esse eu acho que é de enfiar, assim ó!”, “o que tu acha?” mostra como fazer/ Heitor pega o parafuso e o larga – pega a bancada de madeira e puxa um parafuso, resmunga/ mãe fala “vamo ver se sai, não sei se sai, esse aí fica”/ Heitor pega o parafuso grande/ mãe diz “mostra pra mãe esse bonequinho, alcança pra mãe esse bonequinho”/ Heitor segue olhando o parafuso/ mãe pega as bonecas russas e as sacode/ Heitor olha e diz “bi, bi”/ mãe fala “não dá pra abrir, olha tá fechado”, “ouve o barulhinho”/ Heitor pega a boneca e olha embaixo dela, cheira/ “mãe diz “tem cheiro”/(...)*

*(...) Heitor tenta tirar o parafuso da porca/ mãe diz “tira que nem eu te ensinei, roda aqui, que nem a mamãe tirou aqui, olha só, ah! Esse aí não sai, esse aí é o parafuso aquele”/*

*Heitor pega o parafuso e tenta colocá-lo, olha os buracos/ mãe mostra a chave de fenda/ Heitor tenta colocar a chave de fenda no parafuso/ mãe diz “como é que aperta o parafuso?”/ Heitor tenta aparafusar/ mãe brinca com o macaco/ Heitor empurra o macaco e diz não/ mãe fala “não?” – “vamo deixa ele deitadão lá” – mãe diz “tem outro grandão lá” (macaco), mostra pra mãe como é que faz – mãe mostra como fazer o macaco subir “fazendo ginástica, ó, filho” (...)*

### **Terceiro recorte**

Os pais conseguem iniciar uma brincadeira de faz-de-conta, dando significados às brincadeiras do filho. A mãe mostra-se sensível às iniciativas de Heitor, montando uma história (eles vão tomar chá), o pai ainda insiste um pouco em mostrar o funcionamento correto dos brinquedos.

É interessante notar numa das passagens que Heitor não sabe dizer onde ele está, quando os bonecos se transformam numa família. Justamente neste momento, os pais se afastam (sentam-se na cadeira), fazendo com que Heitor proteste bastante, chamando-os novamente. Os pais, entretanto, não cedem e permanecem afastados, demonstrando uma não disponibilidade que aparece também em outros momentos, quando, por exemplo, eles não percebem os interesses de Heitor e os limites da capacidade de compreensão dele. A mãe, nas entrevistas, menciona em vários momentos que utiliza os brinquedos como uma forma de distrair o filho, mantendo-o ocupado para que ela possa fazer suas atividades.

### Mãe, Pai e Heitor

*(...) Pai abre a boneca russa/ mãe diz que Heitor pediu para abrir e ela achou que não dava para abrir “só vi que tinha barulho dentro”/ pai diz “ó, meu filho um monte de boneca”/ Heitor olha/ mãe diz “e agora, como é que a gente vai guardar todos esses bonecos/ Heitor diz “não!”, mostra o pequeno, alcança uma parte da boneca grande para a mãe/ mãe “faz um chá pra mãe”, “amo fazê um chá, qué um chá?” – alcança a xícara/ Heitor faz que toma/ pai diz “isso aqui é um dentro do outro, sabia?”/ Heitor diz “não!!”/ mãe diz “não pai, isso agora é xícara de chá/ Heitor alcança para o pai/ pai faz que toma chá/ mãe fala “tem mais utilidade né filho/ mãe faz que toma/ pai pega o macaco quebrado/ Heitor fala “não, não, não não!!!” – tira o macaco da mão do pai - dá chá para o pai/ pai bebe/ Heitor dá chá para a mãe/ pai mostra “olha ali como cabe um dentro do outro/ mãe mostra “ó, o papai, a mamãe e o nenê”/ Heitor diz “não, não!!” – pega o nenê das mãos da mãe/ Mãe diz “olha ali o nenezinho, que nem o Heitor”/ Heitor procura o outro pedaço do boneco/ mãe aponta “lá, tá a cabeça”/ Heitor pega e fala “papai” – “papai, mamãe, didi”, quando está montando o*

*boneco pequeno – coloca-o próximo aos outros bonecos e fala “mamãe, didi”/ pai diz “cadê a Zazá?”/ Heitor pega o boneco pequeno/ mãe diz “pai e mãe?”/ Heitor pega o boneco médio “aqui”/ mãe pergunta “e o papai?”/ Heitor pega o boneco grande “aqui”/ mãe pergunta “e o Heitor?”/ Heitor diz “não sei”/ mãe fala “não sabe?”/ Heitor diz “hummm!!!” – “bolsa”/ mãe senta na cadeira (pai já está sentado na cadeira)/ Heitor resmungo/ mãe diz “ah! Filho, deixa a mãe senta aqui/ Heitor fala “papai aqui”/ pai diz brinca um pouco tu aí no chão (...)*

### **3.2. Caso 2 – Renata e Vilmar / Ana Carolina**

#### **Período 3 meses / Entrevista com a mãe**

##### **Sobre a mãe**

A mãe refere que, no começo, Ana Carolina queria ficar bastante com ela. Caso a mãe se afastasse, ela começava a chorar. Renata começou a deixá-la chorando para que ela pudesse se acostumar. Houve uma ocasião, entretanto, em que a mãe se assustou, pois Ana Carolina chorou muito, chegando a se afogar. Renata a sacudiu e passou. Desse dia em diante, a mãe passou a deixá-la chorando, mas por pouco tempo, até que Ana Carolina foi se acostumando. Este fato ocorreu quando ela tinha por volta de duas semanas. Renata refere que ninguém falou para ela agir dessa forma, ela mesma imaginou fazer assim, já que tinha medo de que a filha se apegasse demais a ela (mãe) e não quisesse ficar com mais ninguém. Ana Carolina poderia passar a querer só colo e Renata gostaria que a filha se sentisse mais *solta*. Agora ela vai com todo mundo que quer pegá-la.

Ana Carolina surpreendeu a mãe por ser tão perfeita, já que ela não a imaginava dessa forma.

Até este momento, a mãe relata ter se ausentado somente uma vez, quando foi ao shopping fazer compras (era próximo do Natal). Ela e o Vilmar passaram cerca de três horas fora de casa. A filha mamava de 1 em 1 hora e ficou com a madrinha. Ana Carolina suportou a primeira hora e depois começou a chorar. Uma tia tentou amamentá-la, mas não conseguiu. No shopping, o pai já estava ansioso e queria voltar, mas Renata pensava que era melhor terminarem as compras e tentava segurá-lo por lá. A partir daí, a mãe resolveu que, até Ana Carolina desmamar, ela não se ausentaria mais, não ficando longe da filha.

A mãe se admirou com o pai, referindo que ele quer estar o tempo todo com a filha e que ambos (pai e filha) estão cada vez mais grudados um no outro.

Renata relata que quando tem alguma coisa para fazer em casa deixa a filha no carrinho. Ana Carolina, quase sempre, chora nestes momentos. A médica, entretanto, orientou

a mãe a não ficar todo o tempo com a filha. Renata, então, faz o serviço da casa e vai conversando com Ana Carolina. A filha, porém, continua chorando. A mãe refere explicar para a filha que tem outras coisas para fazer.

Nas primeiras ocasiões em que Ana Carolina chorou muito, a mãe ficou em pânico e achou que ela fosse morrer, *a primeira coisa que a gente pensa é morrer*. Renata relata ter chorado muito também, sacudiu a filha e *voltou o ar dela*. A menina chora menos agora. A mãe não gosta de deixá-la chorando, mas diz sentir-se *bastante sufocada*, imaginando que Ana Carolina tem que se acostumar.

Quando Ana Carolina chora, a mãe pensa que não pode pegá-la no colo. Nestes momentos, Renata fala que é para ela ficar quieta, pois a está irritando. A mãe acaba entregando Ana Carolina para o pai. Coincidentemente, esses episódios acontecem próximo da hora de o pai chegar em casa.

O pai não gosta de ver a filha chorando e reclama que Renata sempre acha que o choro de Ana Carolina é um choro de manha. Vilmar acaba pegando a filha, nestas situações, e acha que o choro é sinal de fome. Renata diz *recém dei mamá para ela, e ele acha que ela já tá com fome de novo, ah não! Tem que tá toda hora dando mamá para ela, cansa!*

Renata pensa em voltar a trabalhar, mas não quer ficar longe da filha neste momento.

Apesar do relato anterior, a mãe refere não ter sentido dificuldade, ainda, nos cuidados com a filha. Está *tirando tudo de letra*. Acha que as dificuldades vão aparecer, quando a menina sentir alguma dor.

### **Sobre a criança**

Ana Carolina é bastante esperta. Olha tudo e fica observando, sorrindo e querendo conversar.

Renata relata que a filha é calma, pois não teve cólica e dorme *quieta* por toda a noite. Adormece sozinha, não sendo preciso balançá-la.

Ana Carolina está mamando de hora em hora, com exceção do período da noite. Durante o dia, ela passa o tempo todo mamando. Não chupa bico, mas gosta de sugar a mão, começando pelos dedinhos e depois a mão toda. Ela chega a parar de mamar para ficar mordendo os dedinhos. Outra coisa que tem feito, se há pessoas por perto, é parar de mamar para ficar olhando as pessoas. Quando ela chega em algum lugar diferente, fica olhando tudo.

Quanto ao sono, Ana Carolina, às vezes, precisa estar mamando para adormecer.

Quando está no carrinho ou no bercinho, ela fica ou *comendo a mãozinha* ou pegando o que está à sua frente. Ana Carolina está começando a pegar o chocalho e sacudi-lo. Há

momentos em que fica parada olhando a mãe. Gosta também de ficar puxando uns paninhos coloridos que a mãe coloca no carrinho para ela, ou então, pega o travesseiro e começa a mordê-lo.

### **Período 8 meses / Entrevista com a mãe**

#### **Sobre a mãe**

Renata refere que o casal está enfrentando uma situação bem difícil. Eles têm brigado bastante, principalmente em função das intromissões da família de Vilmar, em especial, da mãe dele. A sogra fala que eles não sabem cuidar da filha. Renata diz que começa a acreditar nisso, contando ter passado a noite toda sem dormir, pois estava pensando no que iria fazer para Ana Carolina melhorar e para o casal parar de brigar. As brigas entre o casal começaram quando o marido comprou uma lancheria junto com a irmã e a mãe dele. Renata se queixa que só ela e Vilmar trabalham, enquanto a sogra e a cunhada não fazem nada. Ela reclama que Vilmar está sempre cansado.

A mãe relata que Ana Carolina tem se mostrado uma criança difícil. Renata logo relaciona com as suas (próprias) crises de nervosismo. Diz que ela e todos os irmãos têm isso. Eles fazem tratamento, tomam diazepam, mas não adianta, eles seguem tendo as crises. Ela gostaria que com a filha fosse diferente, acha que deveria tratá-la desde cedo. A grande preocupação dela não é nem o fato de Ana Carolina não estar se alimentando bem, mas sim o nervosismo que ela vem apresentando. A pediatra indicou um psiquiatra. Renata está tentando marcar uma consulta. Acha que a filha ainda pode melhorar. Quanto a ela própria (Renata), pensa que não há mais remédio.

A mãe acredita estar prejudicando a filha com o comportamento que vem apresentando (quando está nervosa e chorando). Quer conversar com o marido, mas ele está cansado e não a ouve. Sente-se sem apoio, gostaria que alguém dissesse em que ponto ela está errando. Tem vontade de quebrar toda a casa. Houve um dia em que jogou objetos no chão, Ana Carolina deu um grito, desesperada, levou um choque. A mãe já tinha esses ataques antes de a filha nascer, mas antigamente Vilmar conseguia conversar mais com ela, evitando que ela ficasse assim. O que a sufoca é ficar o dia todo com Ana Carolina. Incomoda-se se a casa não está limpa do jeito que ela gosta. A presença da filha não permite que ela possa cuidar da casa como antes. *A Ana Carolina toma o meu tempo, a família do Vilmar pressionando, o Vilmar não tem mais tempo para nós, isso tudo... me deixa fora de controle. E sem saber o que fazer...*

Renata começou a procurar uma creche comunitária, mas só aceitam crianças maiores. Acha que Ana Carolina, da mesma forma que ela, não gosta de ficar sozinha. Renata foi cedo para a creche e o pai saiu prematuramente de casa, também. Ela e os dois irmãos menores iam para a creche. *Eu sei que eu me sentia muito triste e só ficava feliz quando chegava em casa. Não quero deixar minha filha com a sogra e nem com meus irmãos.* Apesar de estar procurando uma creche, a mãe relata não gostar de se separar de Ana Carolina. Refere que tem pensado muito em voltar a trabalhar, mas Vilmar não concorda com esta idéia.

De acordo com a mãe, seus primeiros pensamentos no dia são se Ana Carolina irá comer. Se ela come, a mãe fica super feliz. Entretanto, incomoda-se caso não consiga arrumar a casa, pois muitas vezes a filha não permite que a mãe faça qualquer atividade. Ana Carolina acorda, olha para a mãe e *gruda*. Renata refere, então, ter que deixar ela chorando. A mãe prefere isso a não poder arrumar a sua casa. Renata conta que, por vezes, a filha fica brincando no chão, mas logo exige a presença da mãe, a qual tem que largar o que estava fazendo para ficar com ela. Com muito *esforço*, ela acaba fazendo isso. Começa a brincar com a filha, mas sem demora Ana Carolina já quer ficar no colo da mãe (*gruda-se* na roupa dela) e pára de brincar.

Renata não imaginava que ser mãe fosse tão difícil, como está percebendo. Já havia ajudado a criar os seus irmãos, mas era uma situação diferente. Quando tinha alguma dúvida, sempre perguntava para a mãe. Atualmente, quando surgem as dúvidas, procura o médico. Acredita que se a mãe estivesse por perto, seria mais tranquilo.

Para a mãe, o problema está em ela e Ana Carolina não se entenderem. Acha que ela é que deve ceder, por ser adulta. Renata percebe a situação como uma luta entre as duas.

A médica orientou a mãe a diminuir o mamá, quando Ana Carolina tinha 6 meses, em função de que começariam a introduzir as papinhas. A médica organizou um cardápio com horários e tudo o que a Ana Carolina deveria comer. No início correu tudo bem. Quando começaram a nascer os dentes, Ana Carolina já não aceitava tão bem a comida e a mãe voltou a amamentá-la, mas daí a filha queria mamar a toda hora. Na consulta seguinte com a médica, a menina estava abaixo do peso (2 kg.), a médica se apavorou e orientou a amamentá-la somente pela manhã e à noite. Nos outros horários a mãe deveria dar farinha láctea, almoço e janta. Renata não deixa a filha brincar com a comida. Ela até abre a boca e aceita a comida, mas depois cospe tudo fora.

Outra orientação vinda da enfermeira foi a de não deixá-la de pé, porque ela tem que engatinhar. A mãe omitiu da enfermeira que está colocando Ana Carolina no andador.



Renata se preocupa em não mimar muito a filha, para que ela não se torne dependente, assim como ela foi. Gostaria que ela não sentisse necessidade de ter sempre alguém perto dela, como ocorre com ela própria (Renata).

A mãe imaginava que Ana Carolina fosse ser mais bebê com essa idade, acreditando que ela não seria tão decidida, já sabendo o que quer. Renata pensava que a filha seria uma criança bobinha que ela poderia enganar, mas isso não aconteceu.

#### **Sobre a criança**

Até os seis meses, Ana Carolina mamou só no peito e estava engordando até mais do que deveria. Quando iniciaram com as frutas e papinhas, ela não aceitou bem, empurrava a comida e brigava com a mãe. Ela só queria o peito, mas a mãe foi orientada a não dar. A idéia de parar de dar o peito surgiu por indicação da enfermeira. A mãe, entretanto, foi favorável a esta idéia, pois gostaria que a filha comesse mais, já que se cansava ao dar o peito e a filha a machucava com os dentes. Ana Carolina não aceitou bem a mamadeira, preferindo tomar o leite no copinho. Ela começou a mamar durante a noite, o que antes não acontecia, chegando a acordar de hora em hora. O pai acha que ela sente falta da mãe e quer passar a noite toda com ela. Numa situação, Ana Carolina chorava querendo o peito e a mãe disse que não daria, ela mordeu e puxou os cabelos de Renata.

Quando chora, ela grita, os pais tentam acalmá-la, mas ela grita ainda mais. Ela chora dessa forma, quando quer ficar perto da mãe (ela quer ficar agarrada com a mãe). Mesmo com o pai, ela quer estar sempre no colo, agarrada, ou então, eles têm que ficar no chão brincando com ela. Numa área mais aberta, ela aceita ficar no andador sozinha. Quando a mãe ri muito alto, Ana Carolina chorava desesperada, por não saber se é choro ou grito.

Ana Carolina começou com as *crises de nervosismo* antes do desmame. Tiveram início quando eles viajaram para outro estado (onde reside a avó materna), pois ela estranhou o local e ficou chorando e gritando muito. A mãe é quem a acalma. Mostra alguma coisa e ela logo pára. O colo faz com que ela esqueça rápido o desconforto. Entretanto, não adianta só ficar perto, é necessário pegá-la no colo e ficar agarrada com ela.

Ana Carolina chama a mãe de *Nata*, não de mãe.

#### **Período 12 meses / Entrevista com a mãe**

##### **Sobre a mãe**

Para Renata, a filha vai ter uma personalidade muito forte. A sua primeira fala na entrevista é dizer que a filha é brava.

Renata deixou de dar o peito. Foi diminuindo aos poucos e passou a dar mamadeira. A mãe achou bom o desmame. A amamentação era boa quando ela era pequena e não tinha dentes. Aos sete meses, começou a ficar desconfortável, pois ela mordia. Ana Carolina também queria mamar a toda hora e não deixava a mãe cuidar da casa.

A mãe a imaginava mais calma nesta idade. Relata que a filha não aceita carinhos dos primos. Quando eles pegam algum brinquedo dela, ela atira o que tiver na mão, tentando puxar o cabelo deles e gritando muito. Por um lado, Renata acha que essa atitude de Ana Carolina pode ser boa, no sentido de ajudá-la a se defender dos outros.

A mãe refere que Ana Carolina se parece com ela no jeito de ser. Renata diz ter coisas que a filha faz que lembram ela própria. Entretanto, não consegue referir nenhuma dessas coisas. Fica um bom tempo em silêncio, e diz não conseguir lembrar de nada. Por fim, acaba dizendo que Ana Carolina é impaciente, assim como ela. Renata se descreve como nervosa, caso não esteja tudo do seu jeito, ela quer briga. A filha também age desse jeito.

A maternidade mudou muito a vida de Renata. Agora tudo acontece em função da Ana Carolina. Ela não tem liberdade para nada, vive só para a filha. Ao fazer a comida, pensa antes no que a filha vai querer comer. Renata relata não ter mais vida própria. Porém, refere que isso é bom e que enquanto Ana Carolina for pequena vai ser dessa forma.

Renata tem dúvidas quanto a ser uma boa mãe. Principalmente, porque na hora de dormir a filha quer adormecer só no colo. A mãe a tem deixado chorando, a fim de que ela se acostume a não ficar no berço (a enfermeira a orientou dessa forma). Os avós, porém, ficam bravos com ela, dizendo que ela não sabe cuidar da filha e que vão denunciá-la ao conselho tutelar, em função do choro da neta.

Ainda há momentos em que, conforme a mãe, *dá as crises nela* e ela só quer ficar no colo da mãe ou do pai, *gruda*, não a deixando fazer outras coisas. Os pais a acalmam, levando-a para passear. A mãe conta uma situação em que a filha acordou às 6 horas e queria passear. A mãe, porém, disse que não a levaria. Ana Carolina começou a chorar e gritar. Renata dizia para ela que não adiantava gritar, que eles não iam levá-la (falava num tom bravo). Refere que a filha olhava de um jeito cada vez mais bravo.

Ana Carolina chama a mãe de *Nata*. Renata acredita ser em função de todos sempre a chamarem pelo nome. Ela refere não se incomodar com isso. Já aconselharam a Vilmar chamá-la de mãe, mas agora a filha já se acostumou com *Nata*.

A mãe gosta, quando à noite, eles brincam de pocotó (cavalinho) com Carolina na cama. A filha não pode ver os pais próximos, que ela começa a empurrá-los. Ela não gosta

destas situações. Empurra o rosto do pai se ele for dar um beijo em Renata. A mãe brinca também com ela com os brinquedos de montar. Renata monta e Ana Carolina imita. Gosta de bola e assiste futebol com o pai. Ele é colorado e quando assistem o jogo, o pai bota a camisa do Inter em Ana Carolina.

Renata está olhando algumas escolinhas. Tem procurado aquelas que têm aula de informática, balé. A mãe acha que essas são melhores, porque Ana Carolina vai poder aprender mais. Já escolheu uma creche e levou a filha lá. Ana Carolina gostou e brincou com as outras crianças. A mãe só irá matricular a filha depois que encontrar um emprego. Acha que vai sentir muita saudade de Ana Carolina, mas considera que será melhor para as duas.

O momento mais difícil do primeiro ano foi o desmame. Ana Carolina não queria e Renata se sentia insegura se estava fazendo certo.

#### **Sobre a criança**

Ana Carolina é descrita como brava pela mãe. Renata diz que ela fica furiosa quando a mãe proíbe e não a deixa fazer alguma coisa. Ela está começando a caminhar e quer mexer em tudo. Nestas situações, Ana Carolina bate o pé, fica se debatendo e quer agredir os pais. Caso não consiga, acaba agredindo a si mesma e puxando os seus próprios cabelos.

A mãe relata que a filha está crescendo e se desenvolvendo devagarzinho, pois o peso e a altura estão abaixo do esperado. Acha a filha esperta e ativa, ela já está engatinhando e já está quase caminhando. O pai mostrou para ela como engatinhar e foi então que ela começou (ela está começando a imitar). Antes, ela se arrastava pelo chão. Ela já caminha de mãos dadas com alguém. Renata relata que no início tinha que dar as duas mãos, porque ela é muito insegura e tinha medo de cair.

Ana Carolina está mais ligada com o pai. A mãe dá a mamadeira, mas é no colo do pai que ela adormece.

Os pais se preocupam porque Ana Carolina come pouco, mas começam a perceber que talvez ela não seja uma criança comilona mesmo. Ela come de tudo, só que pouco. A mãe relata que na terceira colherada, ela começa a dar tapa, quer botar a mão. Com alimentos novos, na primeira colherada ela faz cara feia, mas na segunda colherada ela já gosta. Ela gosta de variedade e não de quantidade.

Ana Carolina chora forte quando é contrariada, principalmente quando a mãe não a pega no colo. Ela exige muito a atenção da mãe. O pai é quem acalma Ana Carolina, porque a mãe fica nervosa. Ele a pega no colo e conversa com ela, procurando não dar exatamente o que ela estava pedindo.

A filha não tem objeto preferido. Ela possui vários brinquedos e sua escolha varia muito, pois acaba enjoando deles. Não dorme com nada. A mãe tentou oferecer um paninho (para acalmá-la), mas ela não quis. Os pais a acalmam, pegando-a no colo, abraçando e conversando com ela.

Ana Carolina gosta de brincar de esconder. A mãe coloca um paninho no rosto dela. Ela também gosta de dar susto na mãe, vem por trás da mãe e dá um susto.

### **Período 12 meses / Filmagem**

#### **Primeiro recorte**

#### **Pai, mãe e Ana Carolina**

Ana Carolina demonstrou grande interesse pelo carrinho de boneca, voltando a procurá-lo em outros momentos da filmagem, nos quais, assim como neste recorte, faz a tentativa de entrar nele. A mãe relata na entrevista que, por vários momentos, deixou a filha no carrinho, para que pudesse fazer suas atividades. Ela menciona que deixar a filha no carrinho era também uma forma de evitar o *grude* da filha, que sempre lhe pedia colo. Os objetos pelos quais as crianças se interessam são, em geral, aqueles que detêm algum significado para elas. No caso de Ana Carolina, o carrinho era o objeto que lhe restava, quando a mãe estava ausente. Além disso, esta cena expressa possivelmente a dificuldade de Ana Carolina fazer a passagem de bebê à criança, procurando permanecer ou voltar a um tempo em que não caminhava e ficava no carrinho.

Outro fator que aparece nas filmagens, é o fato de Ana Carolina sempre se deslocar com a ajuda dos pais. Para ficar de pé, ela também usa como apoio o corpo dos pais. Além disso, os pais encontram-se fisicamente posicionados sempre em torno dela, em especial o pai.

*(...) Ana Carolina segue olhando o livro – engatinha até o pai, precisa do auxílio dele para se levantar/ Mãe “ela quer um colo agora”/ Ana Carolina vai caminhando (ajudada pelo pai, que segura suas mãos) até o carrinho de boneca/ Pai “ah, quer pegar o carrinho, né?”/ Mãe “leva o carrinho para passear”/ Pai “segura” e coloca as duas mãos de Carolina segurando o carrinho/ Mãe “isso vem passeando com o carrinho, vem, vem”/ pais a ajudam a andar com o carrinho/ Ana Carolina tenta colocar uma das pernas dentro do carrinho/ Pai “não esse aqui não é para ti”, “não é pra ti andar”/ Mãe “é para ti levar o nenê para passear”, “coloca o nenê ali”/ pai “a gente bota o nenê ali”/ Mãe “olha só filha, o nenê tá passeando no carrinho”/ Ana Carolina segue querendo entrar no carrinho/ Pai “não pode entrar”/ Ana Carolina tira o ursinho de dentro do carrinho/ Mãe “é o nenê que vai passear,*

*tirou o nenê do passeio?"/ Ana Carolina olha o carrinho e mexe nele/ Pai "faz o nenê dormir, faz nana"/ Ana Carolina puxa o carrinho para cima dela/ Pai "opa, opa" – "cadê o nenê que tava ali"(...)*

### **Segundo recorte**

#### **Mãe e filha**

A mãe toma como uma recusa da filha o fato de ela não aceitar brincar no telefone. Nas entrevistas, a mãe encara o relacionamento de ambas como uma luta, não conseguindo se situar numa posição diferente frente à filha, terminando por rivalizar com ela. Além disso, a mãe não percebe que a filha estava envolvida com outro brinquedo (o carro), não explorando esse interesse da menina. Renata tenta iniciar uma brincadeira de faz-de-conta, dando um significado ao brincar (telefonema), porém sem ponderar os interesses de Ana Carolina.

*(...) Ana Carolina tenta novamente entrar no carrinho – precisa do apoio dos pais para ficar de pé/ pai "tu não pode subir filha"/ mãe "tu é muito grande para esse carrinho"/ Ana Carolina segue mexendo no carrinho/ mãe "vou ligar para a Ana Carolina, "alô, Ana Carolina? alô Ana Carolina?" – pega o telefone e fala no fone/ Ana Carolina segue mexendo no carrinho/ mãe "tu não vai dizer alô pra mamãe? Alô?", "alô, alô Ana Carolina, tudo bom?"/ Ana Carolina tenta pegar o fone/ mãe alcança para ela/ Ana Carolina não pega/ mãe "ah, não quer dizer alô, então não diga alô" – mãe fica mexendo nos botões do telefone (...)*

### **Terceiro recorte**

#### **Pai e Ana Carolina**

O pai consegue se soltar mais, quando a brincadeira é de futebol, antecipando para a filha alguns movimentos, como se ela estivesse num jogo. Na entrevista, a mãe menciona que o pai é colorado e assiste a jogos junto com a filha, inclusive a vestindo com a camisa do time. O pai monta uma brincadeira de faz-de-conta, fornecendo um significado aos atos da filha. Esta é também uma brincadeira significativa para o pai, na qual ele transmite um interesse seu à filha.

*(...) pai "quer jogar bola, cadê a bola?" – pai joga a bola perto de Ana Carolina "tá ali a bola, tá ali", "quer jogar bola?"/ Ana Carolina pega a bola/ pai "gol, e agora tem que dá um chute nela, levanta" – pai a ajuda a levantar – faz ela chutar a bola, Ana Carolina não consegue "cadê a bola, cadê a bola?", "vem cá, chuta bola, chuta, vai" – levanta a filha e faz ela chutar/*

### **Quarto recorte**

#### **Pai e filha**

Ana Carolina tenta entrar no berço, semelhante ao que já havia feito com o carrinho. Como mencionado anteriormente, o carrinho, possivelmente, era um lugar no qual a menina ficava, nos momentos em que a mãe não conseguia permanecer com ela. A mãe também relata deixar a filha chorando no berço para que ela não se acostume a ficar sempre com os pais. Há o início de uma brincadeira de faz-de-conta, mas o pai insiste em que a filha brinque com os objetos, partindo do uso formal deles, não permitindo que ela tire o colchão do berço e nem a boneca. Isso também aparece quando os dois brincam com os blocos e o pai tenta ensiná-la como encaixá-los.

*(...) Ana Carolina aproxima-se do berço da boneca/ pai “a nenê tá dormindo”, “tá dormindo”, “não, não sobe que tu vai cair”/ Ana Carolina tenta entrar no berço da boneca/ pai a aproxima do berço, onde está a boneca/ Ana Carolina pega a boneca/ pai segue apoiando-a, coloca-a no colo de Ana Carolina, fala “coloca ela pra dormir, põe ela na caminha, aqui, ó, põe ela ali”/ Ana Carolina faz que nana a boneca, dando tapinhas nela/ pai “dorme, a boneca”/ Ana Carolina tira-a da cama e depois tira o colchão/ pai “nossa, tu desmanchou toda a caminha dela”, “olha, ela tá te olhando, ó Carol, ela tá te olhando”/ Ana Carolina tenta tirar o plástico que envolve o colchão/ pai “não, isso não é pra fazer”/ pai coloca o plástico de novo – “vamo fazer assim, ó, coloca ela aqui e faz ela dormir assim”, pai coloca a boneca de novo na caminha e a embala no berço/ Ana Carolina tenta tirar a boneca do berço/ pai “não, não ela tá dormindo”/ Ana Carolina tira a boneca e tenta tirar o colchãozinho/ pai “canta musiquinha pra ela dormir, canta a musiquinha da Xuxa pra ela dormir, ó filha ensina ela a cantar a música da Xuxa”, mostrando a boneca para Ana Carolina (...)*

#### **Quinto recorte**

##### **Pai, mãe e filha**

Ana Carolina demonstra se envolver mais com a brincadeira, inclusive falando mais, quando ela reconhece uma música, percebendo algo familiar no brincar. Os pais costumam colocar a fita da Xuxa para Carolina assistir.

*(...) pai “cadê a bola?” – “vamo ensinar a bonequinha a dançar a música da Xuxa?”/ Ana Carolina deixa a boja e volta a atenção para a boneca – vai em direção ao colo do pai/ mãe pega a boneca e começa a cantar “cabeça, joelho, ombro e pé”/ Ana Carolina aponta para a cabeça “óh, óh”/ mãe “olhos, ouvido, boca e nariz/ Ana Carolina aponta para a boca (...)*

(...) mãe “cabeça, ombro, joelho e pé”/ pai pega a boneca/ mãe segue cantando a música/ Ana Carolina aponta para a cabeça e ri, aponta para a boca e para a orelha/ mãe “boca, cadê o nariz?”/ Ana Carolina vai apontando conforme a mãe vai dizendo/ os três jogam bola, Ana Carolina joga a bola também e ri bastante/ Ana Carolina sobe no colo da mãe/ mãe a pega, seguem jogando bola, mas Ana Carolina está no colo da mãe – Ana Carolina aponta para o olho da mãe/ mãe fala “olho, a boca”/ Ana Carolina aponta para a boca/ mãe “o nariz”/ Ana Carolina aponta para o nariz da mãe/ os três seguem jogando bola, Ana Carolina ri bastante (...)

### **Período 24 meses / Entrevista com a mãe**

#### **Sobre a mãe**

Para a mãe, o momento da comida é bastante *estressante*. Renata refere sentir um *embrulho no estômago* e, quando começa a se incomodar muito, prefere deixar a filha comer do jeito que ela quer. A mãe se queixa que, além de comer pouco, Ana Carolina também prefere comer com a mão, o que incomoda a mãe.

Outra situação que tem trazido alguns transtornos é a do controle esfinteriano. Renata relata ter começado a dizer para a filha avisar quando fosse fazer *xixi* ou *cocô*. A mãe se aborrece, pois Ana Carolina avisa quando já está fazendo. Renata, então, diz ter que estar a todo momento perguntando se ela quer fazer *xixi* ou *cocô*. Ana Carolina, por sua vez, não quer deixar de brincar para ir ao banheiro e, por vezes, ocorrem alguns acidentes (faz *xixi* nas calças). A mãe diz brigar com a filha, lembrando a ela que deve pedir quando sentir vontade de ir ao banheiro. Este é outro momento que a mãe descreve como *estressante*. Renata relata estar estudando, tem várias coisas na cabeça e ainda tem que estar em volta da filha a toda hora. Na percepção da mãe, a filha sabe que tem que usar o banheiro, mas não quer ir. Para Renata, paira esta dúvida se Ana não quer ir ou se não consegue ir ao banheiro.

A mãe se preocupa bastante com a saúde da filha e, para piorar, Ana sempre está com algum problema. Tem alergia, brotoeja ou gripe, o que faz com que a mãe esteja sempre a levando ao médico.

O fato de a filha ser mais próxima do pai traz uma *pontinha de ciúmes* para a mãe. Entretanto, ela revela que já esperava por isso, pois acha que as filhas mulheres sempre são mais ligadas no pai, com ela também aconteceu dessa forma.

Na parte da manhã, a mãe arruma a casa e deixa Ana brincando sozinha. À tarde, a filha vai à creche e a mãe estuda. Renata faz seus trabalhos para o colégio durante a noite,

sobrando pouco tempo para estar com a filha. Nos fins-de-semana, a mãe limpa melhor a casa e *deixa a filha de lado mais um pouquinho*. Às vezes, Ana Carolina pede colo, a mãe conta parar as suas atividades por alguns instantes, mas não por muito tempo. Renata sente-se culpada por não poder despender toda a atenção que a filha lhe demanda, mas pensa que o seu estudo é também uma forma de investir no futuro da filha.

Renata refere que seus pais se separaram quando ela era muito nova (não lembra a idade). O pai traiu a mãe e esta o colocou para fora de casa. Os filhos perderam contato com o pai, o que fez com que Renata crescesse sentindo a falta dele.

Renata não tem se afastado da filha por muito tempo. Quando sai sem a filha, Ana fica, em geral, com a avó e a mãe se sente tranqüila com isto. Entretanto, como a mãe não está muito acostumada a sair sem Ana, fica com a sensação de que esqueceu de alguma coisa. Ana Carolina está indo à creche e está gostando bastante. Houve uma semana em que a avó materna estava visitando-os e a mãe propôs à filha ficar com a avó. Ana recusou, dizendo querer ir à creche.

#### **Sobre a criança**

Ana Carolina é indisciplinada, pois ela bate o pé quando quer alguma coisa. A mãe refere que a filha está mandando neles. Dependendo do humor dela, há momentos em que a menina aceita melhor o que os pais dizem. À hora de comer é uma situação que gera conflitos, pois Ana Carolina segue não querendo comer, alimenta-se pouco. A mãe tem ameaçado bater nela e relata estar deixando o chinelo ao lado da filha, enquanto ela come.

A mãe iniciou o controle esfinteriano da filha. Ana Carolina gosta de ficar no penico e faz festa quando consegue fazer *xixi* nele.

Ana Carolina gosta de ficar sem camisa, imitando o pai e dizendo que está sem camisa, igual a ele. A mãe diz que a filha é bastante próxima do pai e que o imita em diversas coisas. O pai usa o cabelo amarrado e Ana Carolina também tem amarrado o seu cabelo, dizendo *igual ao pai*. Além do pai, Ana Carolina tem imitado bastante também os primos (um menino e uma menina), quando eles estão brincando juntos.

A mãe comprou um carrinho de bebê de brinquedo para a filha e ela agora está brincando bastante com boneca. Outro dia, a mãe observou que ela brincava de dar *mamá* ao bebê. Ana Carolina, porém, dava *mamá* à boneca da mesma forma que a mãe a amamentava, pois a mãe dava o peito deitada e era assim que ela fazia com a boneca.

Ana Carolina toma a mamadeira deitada na cama e mexendo nas próprias *tetinhas*. Ela também gosta de mexer nos seios da Dinda. Ela apresenta tal mania desde pequena. No início,



Carolina tocava só no seu próprio seio. Agora tem procurado tocar no seio das outras pessoas, homens ou mulheres. Até os mamilos do pai ela procura. Outra mania tem sido ficar sem roupa. Ana Carolina alega sentir calor, mas a mãe relata que mesmo em dias frios, ela tira toda a roupa e fica andando pela casa nua. A mãe, porém, afirma que a filha não toca em outras partes do corpo, além do seio. Ana também não gosta de colocar calçado, preferindo andar sem meias, de pés descalços.

Um dos seus brinquedos preferidos é o de montar. Pega as peças e monta casinhas, castelos, depois chama os pais para olharem o que ela fez. Outra brincadeira que gosta é dançar. A mãe comprou a fita da Xuxa e ela tenta fazer igual à coreografia da fita. Ana também gosta de desenhar e sempre que vai alguém à sua casa, ela pede para a pessoa fazer um desenho, dizendo *faz nenê*. A mãe diz que ensina as vogais e a filha as desenha, mas faz uns *riscos*. Ana Carolina desenha também os avós, a mamãe e o papai. Ela, porém, não possui nenhum brinquedo preferido. Há uma boneca que ela ganhou ainda pequena e que a mãe coloca na sua cama. Mas, por várias vezes, Carolina não leva a boneca junto com ela, quando por exemplo vai para a cama dos pais. Não é um brinquedo que ela precise sempre ter junto dela.

Para dormir, Ana Carolina precisa da mamadeira e tem adormecido na cama dos pais. Depois que ela já está dormindo, os pais a levam para a sua cama. Há noites, porém, em que Carolina acorda e chama pelos pais, fazendo com que eles a tragam novamente para a cama do casal. Ela gosta de dormir próximo do pai. O ritual para dormir acaba sendo, então, uma mão na *tetinha* dela, a outra mão na mamadeira e, às vezes, precisa ficar tocando o seio da mãe.

### **Período 24 meses / Filmagem**

#### **Primeiro recorte**

#### **Pai e filha**

Ana Carolina é quem inicia a brincadeira com a Chapeuzinho. O pai se mostra disponível às propostas da filha, perguntando o que ela quer fazer. Percebe-se que Ana Carolina já consegue inventar uma brincadeira. É ela quem mostra a boneca ao pai e também é ela quem vai indicando ao pai os rumos da brincadeira.

(...) *Ana Carolina pega a chapeuzinho e mostra para o pai "ó"/ pai "o nenê"/ Ana Carolina "nenê"/ pai "bonitinho" – "vestidinho"/ Ana Carolina "vestidinho", pega no vestido e aponta para o nariz/ pai "...a Carol não tem nenê, né"/ Ana Carolina aponta para o*

*chapéu/ pai “ah, o chapéu”/ (...)/ Ana Carolina “não, não tem, qué mamá”/ pai “qué mamá”/ Ana Carolina aponta para o travesseiro/ pai “travesseiro, para o nenê dormir”/ Ana Carolina “...” – levanta/ pai “vai botar o nenê para dormir?”/ Ana Carolina tenta tirar o chapéu/ pai “não, não dá para tirar a touca, é chapeuzinho vermelho, bota ela aqui?” – apontando para o travesseiro – “não?, onde tu vai colocar ela?”/ Ana Carolina faz a volta, mas acaba levando a chapeuzinho para o travesseiro/ Pai “vai dormir”(...)*

### **Segundo recorte**

#### **Pai e filha**

O pai ainda insiste em ensinar a filha a usar os brinquedos corretamente (isso aparece também com o cofre e com o brinquedo dos martelos), preocupando-se em explicar como eles funcionam. Ela ri muito quando o palhaço aparece, podendo sugerir um início de *fort-da*. Quando o pai dramatiza, deixando de lado a preocupação com o uso formal dos objetos, ela entra na encenação e então o palhaço beija o pai. O fato de ela puxar o palhaço das mãos do pai indica que ela está querendo conduzir a brincadeira, ou seja, que ela própria já propõe um significado para os objetos.

*(...) Ana Carolina pega o palhaço “aqui, ó”/ pai “empurra pra cima”/ Ana Carolina puxa a cabeça do palhaço “ó, olha aqui”, demonstrando surpresa quando o vê/ pai pega o palhaço e mostra como fazê-lo aparecer empurrando a corda/ Ana Carolina puxa o palhaço das mãos do pai “eu”/ pai “tá empurra o ..., não, assim, assim ó”/ Ana Carolina ri ao ver o palhaço/ pai mostra como fazê-lo aparecer “oi, Ana Carolina”(mudando a voz)/ Ana Carolina ri – pega o palhaço das mãos do pai e puxa o palhaço para fora “oi” fazendo que ele fala com o pai, faz o palhaço dar um beijo no pai(...)*

### **Terceiro recorte**

#### **Mãe e filha**

Ana Carolina demonstra grande interesse pelas bonecas russas, o qual também é um brinquedo que lembra o *fort-da*, visto que as bonecas aparecem e desaparecem. Ana Carolina, justamente, expressa surpresa e excitação quando vê as bonecas aparecerem. Ela também está sempre a procura do *nenê*, o boneco menor (semelhante ao seu interesse pelo carrinho e pelo berço). A mãe percebe o interesse da filha, mas segue tentando fazê-la brincar com os outros objetos. A filha reage chamando a atenção da mãe para o que ela está fazendo. Mesmo com o brinquedo dos parafusos, a menina traz à tona o papá do *nenê*. Aparece também a preocupação da mãe em ensinar as cores à filha. A mãe na entrevista menciona apreensão com a creche da filha, procurando aquelas que mais cursos oferecem (inglês, balé, etc.).

(...) Mãe mostra a boneca russa "olha aqui Carol"/ Ana Carolina "cadê o papai?"/ mãe "papai saiu, depois ele volta"/ Ana Carolina sacode a boneca "ui, ... outro"/ mãe "será que tem um menorzinho aí dentro, tenta abrir"/ Ana Carolina abre a boneca e vão aparecendo outras bonecas – ri bastante/ mãe "que legal" – "agora vamos guardar dentro de novo, vamos ver se tu sabe? Como é que é?"/ Ana Carolina fecha a boneca "aqui, ó"/ mãe "mas não tem que guardar esse primeiro?", "Não é aqui dentro esse aqui, ó, assim?", colocando a menor dentro das demais/ Ana Carolina olha e ri/ mãe "e esse aí a gente guarda dentro de outro?"/ Ana Carolina "outro", "tá aqui"/ mãe "esse aqui", apontando para a filha/ vão montando as demais/ Ana Carolina ri/ mãe "abre esse aí, para a gente colocar, esse aqui, abre aí"/ Ana Carolina pega a boneca grande/ mãe "puxa embaixo"/ Ana Carolina coloca as bonecas menores dentro da grande – ri/ mãe "que legal, agora vamos abrir de novo?"/ Ana Carolina abre a grande, sai um menor "ôh, ôh!", demonstrando surpresa, quando aparece outra boneca – segue abrindo, quando aparece outra, ri bastante – abre e caem várias bonecas, ri bastante/ mãe também ri/ Ana Carolina "mais?"/ mãe "abre esse aqui"/ Ana Carolina tenta colocá-lo dentro de um maior/ mãe "tu já quer guardar?"/ Ana Carolina tenta guardar/ mãe mostra qual vai dentro de qual/ Ana Carolina fecha todas as bonecas (...)

(...) mãe (com o brinquedo do macaco na mão) "assim, ó, tu aperta..." – "tu aperta as duas madeirinhas", mostrando como fazer o macaco dar cambalhotas/ Carol olha, mas está com a boneca russa na mão e volta a abri-la (ri bastante, quando aparece outra boneca)/ mãe "tu gostou mais desse aí? Olha só, tem outro bonequinho aqui (pegando outro macaco)/ Carol segue abrindo a boneca russa e ri quando aparece outra/ mãe vai mexendo nos macacos/ Carol a chama "ôh! mãe?"/ mãe larga o macaco e olha para Carol/ Carol abre de novo a boneca "cadê o nenê?"/ mãe olha "tá aí o nenê, é esse o nenê?"/ mãe mexe na bancada das ferramentas "como é esse aqui Carol?"/ Carol puxa o brinquedo e mexe nos parafusos/ mãe pega outros parafusos/ Carol pega-os da mãe "papa, ..., nenê?" (colocando o parafuso na boca, como se fosse uma colher)/ mãe "ah, esse aí é de papá?" (...)

### 3.3. Caso 3 – Neusa e Rui / Nádia

#### Período 3 meses / Entrevista com a mãe

##### Sobre a mãe

Para a mãe, tudo o que a filha faz é visto como algo novo, pois ela sempre se surpreende. Nádia fica de braços, emite alguns sons, e já rola. Neusa acompanha o

desenvolvimento da filha e o compara com uma revista fornecida pelo médico. De acordo com a mãe, até agora, o desenvolvimento de Nádia está dentro do esperado para a faixa etária dela.

Uma das dificuldades que Neusa vem sentindo é lidar com o choro de Nádia, pois não consegue acalmá-la. Algumas pessoas alegaram que a menina precisava de bico. Neusa deu o bico, mas a filha não quis. A mãe relata estar se acostumando aos poucos ao gênio da filha e tem descoberto alguns *truques* que dão resultado na hora de acalmá-la. Em alguns momentos, a mãe a acalma com o peito.

A mãe imaginava que a filha seria um pouco mais calma do que é atualmente. Esperava, também, que ela fosse mais parecida com ela, justamente por ser menina. Entretanto, Nádia nasceu muito parecida com o pai. Atualmente, está apresentando alguns traços mais próximos aos da mãe. No que diz respeito ao jeito (bravinha), Nádia se parece mais com o pai.

O período em que Nádia teve cólica (até 3 meses e meio) foi bem *estressante*, pois elas ocorriam em vários períodos do dia. Igualmente, os primeiros 15 dias foram cansativos, porque Neusa não conseguia dormir, já que estava sempre de olho em Nádia, com medo de que ela não estivesse respirando. Segue sendo uma mãe preocupada, que é como se descreve, pois quer sempre ver o que está acontecendo com Nádia, se ela está dormindo ou não. Neusa não consegue se desligar, indo sempre olhar a filha, mesmo que não escute nenhum barulho ou choro.

O relacionamento do casal se modificou, tornando-se mais difícil. Neusa e Rui passaram muito tempo casados, antes de terem Nádia, e estavam acostumados a passar bastante tempo juntos. Atualmente, eles não conseguem mais ter a vida social que tinham antes, como sair para barzinhos. Rui auxilia Neusa, mas mesmo assim, a rotina se modificou.

A mãe relata ter se incomodado com o fato de ter que dar o NAN, já que o seu leite não era suficiente. Assim, ela deixava para que Rui desse a mamadeira a Nádia. As conversas com a pediatra, entretanto, ajudaram bastante, fazendo com que conseguisse dar o peito, concomitante com a mamadeira.

Neusa tem feito todas as tarefas relativas aos cuidados de Nádia. Ela percebe as tarefas da casa como uma sobrecarga. A sua mãe tem ajudado um pouco e Rui também. Durante o dia, ela procura não ficar sempre com Nádia no colo. Coloca-a na cama, quando ela enjoa passa para o bercinho e depois para o carrinho. Relata que o dia inteiro é isso, Nádia vai trocando de lugares na casa.

A mãe acha que o pai consegue brincar mais com a filha. Ela percebe que está sempre preocupada com o bem-estar da filha, por isso fica cuidando a temperatura, se está frio e Nádia pode se resfriar. O pai, porém, é mais desligado, o que o permite seguir brincando com a filha por mais tempo, sem interromper a brincadeira, devido a essas preocupações.

Neusa só volta a trabalhar quando Nádia completar 11 meses. Ela acumulou licença prêmio, mais licença maternidade e férias. Tudo isso foi programado para que quando tivesse filho, não precisasse deixar Nádia com ninguém, nem em escolinha. Mais tarde, pensa em colocar Nádia numa escolinha. Poderia deixá-la com a sua mãe, mas acha que privaria muito a liberdade da sua mãe.

### **Sobre a criança**

No início, a mãe teve que dar o NAN. Cerca de três meses após, Neusa passou a dar somente o peito e Nádia não reclamou. Geralmente, mama de 2 em 2 horas ou até mais. Às vezes, ela mama mais, porque os pais dão o peito para acalmá-la. Durante a mamada, ela fica olhando tudo, inclusive parando de mamar para ficar observando.

Agora está mais fácil para acalmá-la, porque ela fica observando o que há em volta. O pai consegue acalmá-la, mostrando algo para ela. A mãe, às vezes, dá o peito para acalmá-la. Os pais já conseguem perceber os diferentes tipos de choro.

Quando ela acorda, agora tem ficado brincando com um ursinho. Antes ela chorava. Gosta de brinquedos que façam musiquinha e também de alguns bichinhos, os quais coloca na boca.

**Período 8 meses / Entrevista com a mãe (Esta entrevista foi realizada com atraso, Nádia estava quase completando 11 meses)**

### **Sobre a mãe**

Nádia permanece com a mãe na sala, durante a entrevista. Neusa interage muito com a filha, conversa e brinca com ela, mesmo respondendo às perguntas. A mãe privilegia poder estar com a filha, atendendo-a sempre antes, para depois voltar-se para a entrevista.

Neusa sente-se mais calma agora, em comparação com os primeiros meses. Refere estar mais organizada.

A mãe percebe que Nádia sente a separação que está ocorrendo, em função de a mãe ter voltado a trabalhar e em decorrência do desmame também. Quando Neusa chega em casa, a filha a abraça forte, como se sentisse falta da mãe. Neusa tem diminuído a amamentação no peito, mas relata estar tendo dificuldade para parar de dar o peito por completo. A mãe observa

que quando volta do trabalho, Nádia em geral quer mamar e ela acaba cedendo, alegando ficar mais difícil negar. Em outros momentos, porém, Neusa dá mamadeira em vez do peito, inclusive algumas vezes durante a noite. A mãe relata que Nádia inicialmente jogava longe a mamadeira, mas aos poucos foi se acostumando. Ela menciona que procurou não deixá-la chorando, em função disso achou interessante ir retirando o peito gradualmente. Rui a ajuda neste momento do desmame. Durante a noite, quando Nádia acorda, é o pai quem esquentava a mamadeira.

Neusa refere que o desmame é difícil para ela própria, pois é como se tivesse algo e não quisesse dar. Sentiu-se mal com o fato de dar NAN no início da amamentação, pois queria muito amamentar e sentia o reforço do leite como um sinal de que não estivesse amamentando bem. Insistiu bastante em dar o peito, apesar das fissuras que teve. Depois, pôde seguir somente com o peito. Sobre o desmame, fala: *é uma coisa um pouco difícil, mas ao mesmo tempo tu tem que pensar que é importante, né, porque é uma fase, que passou, que ela queria ficar mais perto, e tal. Mas que ela tem outros, agora... a partir de agora ela vai ter outros interesses, né.(...) Que a mãe tem que deixar que a criança vá crescendo, né, não tem...(..)*.

A mãe descreve o momento em que Nádia começou a engatinhar, o qual aconteceu aos 7 meses. Agora, Nádia já está querendo caminhar. Neusa gostou bastante de vê-la engatinhar, mas já está esperando o próximo passo dela, que é justamente caminhar. Refere que os pais estão sempre prontos para ver o que mais os filhos vão fazer.

Nádia é mais parecida com o pai no jeito de ser, de acordo com o relato da mãe. Neusa a imaginava mais parecida com ela, queria que a filha fosse mais parecida com ela, mas refere achá-la bonita deste jeito também. Agora, não fica mais pensando em como ela seria caso fosse parecida com ela, aceitou-a assim.

A mãe relata ter tido filho na hora certa. Mesmo assim, ressentia-se por não poder mais sair com os colegas do trabalho, ir ao cinema ou a um barzinho e, além disso, tem que pensar se os lugares em que vai são apropriados para a Nádia. Segundo Neusa, isto não é um fardo, mas não deixa de lembrar daquilo que fazia quando não tinha filho. Apesar desta dificuldade, diz que a experiência está sendo boa. Menciona que não seria completa, caso não tivesse filho.

No início a mãe se percebeu um pouco devagar em relação aos cuidados com a filha. Estava mais acostumada com crianças maiores. Relata que Rui foi mais decidido que ela, logo a ajudou a dar o banho. Refere que quando é com o próprio filho, os cuidados se complicam.

Neusa canta para a filha, inclusive para dormir. Os pais fazem pagode batendo nos banquinhos e Nádia os acompanha, querendo bater também. A mãe brinca bastante com a

filha. Quase todos os momentos em que elas estão juntas são permeados por brincadeiras. Neusa passa quase todo o tempo em função da filha. Ela aproveita para fazer alguma coisa sua (ler ou tomar banho), quando a filha dorme.

Antes do desmame, Neusa acalmava Nádia com o peito. Neste momento, ela não tem mais usado este artifício. Procura acalmar a filha, mostrando algo diferente, um cachorro ou um brinquedo.

Quando está trabalhando, Neusa sente bastante saudade da filha. Pela parte da manhã fica tranqüila, pois Nádia está com o pai, que consegue cuidar bem dela. À tarde é o momento que preocupa Neusa, pois a filha fica com a avó materna e a avó está cuidando também de outra criança, o que a sobrecarrega. Porém, são poucas as tardes em que a mãe trabalha. Neusa se ausenta somente nos horários do trabalho, não passou nenhuma noite longe de Nádia, acha que seria muito difícil fazer isso.

#### Sobre a criança

Nádia é descrita pela mãe como agitada. A mãe dá o exemplo da troca de fraldas, contando que a filha se mexe muito e que, por vezes, tem que dar o hipoglós para ela brincar. Relata que procura não fazer tudo o que a filha quer, mas diz que há momentos em que tem que recorrer ao hipoglós, pois a filha não pára quieta. A mãe diz também que Nádia está *birrentinha*, chora quando não consegue o que quer.

A mãe voltou a trabalhar há pouco tempo. Quando chega em casa, percebe que a filha quer mamar muito, como se quisesse mamar tudo o que não mamou. Os pais referem que Nádia quer uma aproximação (quer ter contato), não é a fome que a leva a mamar tanto. O pai relata que quando Nádia está com ele (o pai fica com a filha na parte da manhã), ela não passa fome, porque ele dá fruta, dá mamadeira, então esse comportamento dela não é fome de mamá, é vontade de ter contato com a mãe. *Ela quer mais é ficar perto da mãe, mesmo* (fala do pai). A mãe iniciou o desmame, um pouco antes de retornar ao trabalho. Quando Nádia acordava chorando, Neusa dava um pouco d'água e a ficava embalando, evitando amamentá-la. A pediatra então lhe disse que não era mais necessário que Nádia fosse amamentada à noite, o que reforçou a atitude da mãe. Assim, as noites em que Nádia acorda, Neusa passou a dar a mamadeira.

Nádia antes dormia na sua cama, em outro quarto. Mas, de uns tempos para cá, está dormindo com os pais. Ela ficou gripada e tinha que fazer nebulização, então os pais acharam menos cansativo deixá-la no quarto deles. Eles querem levá-la de volta para a cama dela, mas estão esperando passar o frio.

Neusa percebe que desde o desmame, Nádia tem dormido mais junto com ela. A mãe relata que Nádia não tem nenhum objeto preferido, mas gostaria que ela tivesse, porque imagina que seria mais fácil lidar com os momentos em que a mãe estivesse ausente, pois Nádia poderia recorrer a um ursinho, já que ela não chupa bico e *não tem nada*. Acha que esse objeto poderia ser algo que lembrasse ela própria (a mãe) ou então que lembrasse a casa deles para ajudá-la a se adaptar, por exemplo, na creche.

Quando Nádia chora, Rui é quem costuma acalmá-la. Leva-a para passear pela casa, mostra um brinquedo diferente, procura distraí-la. Os pais já percebem vários tipos de choro. Há o choro de fome, o de manha, o de sono, etc.

Antes ela estranhava mais quando encontrava alguma pessoa diferente. Os pais relatam que agora parece estar melhorando um pouco.

Quando Neusa voltou a trabalhar, nos primeiros dias, Nádia não dormiu. Depois, Rui achou um jeito para fazê-la adormecer. Rui relata que a filha sempre adormecia mamando e ele então teve que encontrar uma forma de fazê-la dormir, sem dar o peito. Conta que ficou embalando, sempre mexendo porque ela não gostava de ficar parada, e que teve paciência, esperando até ela dormir. Atualmente, Nádia não precisa mais da mãe para dormir. Quando fica com a avó, ela resmunga pouco e a avó tem conseguido acalmá-la, levando-a para passear.

Nádia resmunga um pouco logo que a mãe chega em casa, como se estivesse fazendo uma queixa. Porém, não demora muito tempo ela já se aproxima da mãe.

Neusa relata que Nádia gosta muito de cantar. A mãe sempre ouvia muita música durante a gravidez e depois cantava para a filha. Nádia, além de já cantar um pouquinho, faz também alguns gestos que acompanham a música. A menina prefere objetos que façam barulho e agora está gostando de brincar de enfeitar a geladeira (fica mexendo nos ímãs de geladeira) e de brinquedos de encaixe. A mãe relata que ela já encaixou a tampa da mamadeira. Para adormecer, Nádia precisa estar segurando o lençol ou a roupa da mãe.

## **Período 12 meses / Entrevista com a mãe**

### **Sobre a mãe**

A mãe relata que a relação com a filha melhorou, agora que ela está maior. Refere que consegue entendê-la melhor, sabendo o que está acontecendo e o que ela quer. Há ainda algumas coisas que Neusa não compreende, devido à filha não conseguir falar o que quer, mas a mãe já consegue reconhecer os choros dela.



Neusa segue ainda amamentando algumas poucas vezes. Percebe estar tendo dificuldade para parar de dar o peito. Relata considerar o desmame como se ela não estivesse querendo dar algo que tem, o que a leva a sentir-se culpada. Acha que é mais difícil proibir quando se trata de comida, pois nota que para outras coisas é mais fácil dizer não. Ela ainda amamenta Nádia, quase sempre nos momentos em que chega do trabalho. Neusa menciona amamentar somente quando percebe que Nádia quer (ela fica puxando a blusa da mãe e querendo tirá-la), referindo não oferecer o peito à filha. Relata que a dificuldade está em resolver parar e não dar mais o peito. Espera que isso parta de Nádia, que ela coloque este ponto final. A mãe nota que está passando a responsabilidade para a filha.

Para acalmar Nádia, Neusa não tem mais utilizado o peito. Relata que agora procura ver antes o que a filha quer, para não oferecer algo que ela nem quer, por exemplo, oferecendo o peito, quando ela quer colo.

A mãe relata que Nádia tem imitado os pais em tudo (tosse, risada), refere satisfação de ver a filha fazendo coisas que antes ela não fazia. Ela também já está caminhando.

Quanto ao jeito da filha, diz que ela continua bravinha. Ela expressa subitamente, quando não gosta de algo. Além disso, às vezes dá tapa e outro dia mordeu o pai quando ele foi levar a mamadeira até ela. A mãe acha que ela vai ser uma pessoa de pavio curto. Segue achando a filha parecida com o pai, descrevendo-a como mais séria e observadora, assim como o pai. Fisicamente, Neusa demonstra satisfação por perceber que a filha está mais parecida com ela agora.

Neusa novamente relata ter tido filho na hora certa. Acha que se tivesse acontecido antes, seria mais difícil, pois não poderia manter as suas atividades. Quando era só o casal, eles podiam sair a qualquer hora. Com a vinda de Nádia, eles sempre têm que avaliar se é possível fazer tal programa e se podem levá-la junto. Eles saem bastante, mas Neusa refere que procuram passeios para crianças, como ir a parques, jantar com amigos. Revela ser interessante poder ter a filha como uma companheira, que os acompanha nos passeios.

Neusa percebe que quando ela e Rui se beijam, Nádia fica observando e sente mais ciúmes dela, neste momento. A mãe acha que depois ela vai mudar, sentindo mais ciúme do pai. Neusa descreve que é difícil o casal ter um momento só deles, pois a criança quase sempre está junto. Preocupa-se que eles possam ter um momento só deles, percebe que isto é importante também para a criança, para que ela possa ver que os pais se relacionam.

Nesta fase da filha, Neusa se preocupa com os acidentes, porque Nádia está sempre querendo descer ou subir algum lugar sozinha. Revela ser mais estressada do que Rui, percebe que ele consegue permitir mais os movimentos de Nádia, ela já proíbe mais.

A mãe descreve os primeiros meses de Nádia como o momento mais difícil deste primeiro ano. Refere este momento, em função das fissuras no seio e a dificuldade para amamentá-la nessa fase e também devido à novidade de ser mãe.

### **Sobre a criança**

Nádia tem se mostrado agitada, na hora de comer. Os pais percebem que, na verdade, a filha quer mais é brincar do que comer.

Os pais dão os alimentos amassadinhos, mas Nádia come de tudo. Ela ainda mama no peito, mas bem pouco, cerca de uma vez ao dia ou menos. Ela pede mais à noite ou quando a mãe está em casa pela tarde. A mãe sempre procura dar outra coisa, quando Nádia pede o peito, mas refere que às vezes não consegue substituí-lo.

Neusa diz que a filha está na fase do não. Quando quer algo e os pais não permitem, ela começa a choramingar (é um choro de manha), porém ela fica brava e às vezes chora forte e se joga no chão. Não é difícil acalmá-la, os pais conversam com ela ou oferecem outra coisa. Neusa não tem mais acalmado a filha com o peito.

Chora um pouco se alguém dá tchau, principalmente quando é a mãe ou o pai, que estão saindo. Logo depois já está bem.

Nádia gosta de brincar abrindo as portas dos armários e abrindo as gavetas. Tira as roupas para fora. Ela convida os pais para brincarem com ela. Neusa conta que outro dia ela estava cozinhando e Nádia veio por trás e agarrou a sua perna, querendo chamar a sua atenção. Por vezes, ela brinca sozinha no seu quarto. Porém, ela adora quando os pais brincam com ela. Gosta de brincar de esconde-esconde ou de engatinhar junto com os pais. Pela manhã, Rui procura ligar a TV, para manter a filha mais tempo na cama. Relata que ela gosta de ver desenhos e a fita da Xuxa "Só para baixinhos". Nádia já imita alguns gestos que aparecem na fita. A brincadeira de esconde-esconde começou quando ela tinha 7 meses, mas agora ela participa mais, ela também quer assustar os pais.

Nádia não tem nenhum objeto que ela goste mais. Para dormir, ela adormece no colo ou na cama. Alguém tem que ficar com ela ali, passando a mão na sua cabeça, para ela conseguir relaxar. Ela já não tem mais segurado o lençol ou a sua roupa, somente algumas vezes ela ainda faz isso.

## **Período 12 meses / Filmagem**

### **Primeiro recorte**

#### **Pai, mãe e Nádia**

A mãe permite a interferência do pai, dando lugar às propostas dele. A filha, portanto, não se relaciona exclusivamente com a mãe. O pai, por sua vez, libera a filha para que ela consiga fazer coisas novas, conseguindo conter os impulsos de medo da mãe. Ao final, Nádia já consegue desempenhar mais uma ação, que é caminhar empurrando o carrinho de bonecas.

*(...)pai vem e coloca a boneca dentro do carrinho de boneca/ mãe larga o cachorro e observa junto com Nádia o que o pai está fazendo/ pai deixa o carrinho para Nádia empurrar/ Nádia começa a querer se levantar/ mãe “ih, iiiihhhh!!!”/ Nádia levanta e segura um pouco o carro, mas logo cai/ mãe “iiihh!” – mãe “filha ....”, ajudando Nádia a se levantar e segurar o carrinho/ pai “deixa ela....”/ mãe “eu sei, mas é que ela se segura nele”- “opa”/ pai “não faz mal, ela vai cair no chão”/ mãe fica oscilando entre pegar o braço de Nádia e não pegá-lo”/pai “vira o carrinho pra cá”/ mãe “ela se segura ainda amor”/ pai “deixa, ela vai cair...”/ mãe vira o carrinho e ajeita Nádia para ela segurá-lo/ Nádia vai empurrando o carrinho/ mãe “ó, ó” (rindo)/ pai “viu? viu?”/ mãe “primeiro, ela tava segurando, agora ela tá começando a empurrar”/(...)*

### **Segundo recorte**

#### **Pai, mãe e Nádia**

A mãe fala pela filha, dando significado aos atos dela, ora dizendo o que ela quer (ela gosta de bagunça), ora traduzindo as suas ações (ela quer coisa diferente).

*(...) Nádia coloca a bola na boca e depois a joga, fazendo a bola cair perto da cadeirinha/ mãe “olha a cadeirinha, parece a cadeirinha da Nádia”/ pai a coloca sentada na cadeirinha – bate palma “eh, eh!”/ Nádia se segura nos joelhos do pai, tentando se levantar/ mãe “eu não gosto muito de ficar sentada papai, eu gosto de bagunça” (falando pela filha)/ pai “senta, senta filha, senta na cadeirinha, senta que nem o pai”/ mãe “ela quer subir, ó, eu acho que ela não tem ainda essa noção que tem que virar de costas pra sentar”/ pai “tá difícil, né?”/ Nádia tenta subir na cadeira, colocando o joelho/ mãe “esses dias ela tentou subir na cadeira de praia, tentou, tentou, eu só observando, daqui a pouco ela subiu”/ pai a ajuda a sentar/ Nádia senta no encosto da cadeira/ mãe “ela quer coisa diferente”/ pai a segura e a solta às vezes/(...)*

### **Terceiro recorte**

#### **Mãe e Nádia**

Neste recorte, aparece a mãe significando a brincadeira da filha, inclusive dramatizando, o que faz com que a filha responda dentro da brincadeira de faz-de-conta (pondo a boneca para nanar). A mãe utiliza palavras (sossó) que dizem respeito a uma fala própria dos pais com Nádia, fazendo com que ela possa reconhecer a brincadeira.

*(...) mãe “oi nenê, tudo bom, nenê? Oi nenê, tu quer naná, vamo naná nenê” (mudando a voz), pegando a boneca e alcançando para Nádia, “nana a boneca”/ Nádia dá tapinhas na boneca, nanando-a/ mãe canta “nana nenezinho, nana meu amor” – “põe ele pra naná aqui no travesseiro”, ajeitando a boneca no travesseiro, “nana nenê, tu quer naná nenê (mudando a voz), nana junto com o nenezinho, nana? (para Nádia)” – “deita pra naná com o nenezinho”/ Nádia sobe no travesseiro e bate na cadeira/ mãe “vai ficar sossó, aí, aí que barulhão”/ (...)*

#### **Quarto recorte**

##### **Mãe e Nádia**

Nádia já demonstra buscar um espaço próprio, não querendo se ater somente ao que os pais lhe oferecem. Isto se percebe pela sua teimosia em querer pegar a tomada, justamente o que a mãe proibia. Observa-se também como ela reage frente às músicas, as quais são interesses dos pais e foram oferecidas também à Nádia, já na gravidez. Nas entrevistas, a mãe relata que durante a gravidez, ouvia muita música. Além disso, ela e o pai têm interesse especial por batucar e cantar. A mãe inclusive referiu que a filha já os acompanha nisso, batendo na mesa junto. Não é à toa, então, que a mãe busque o pandeirinho e que Nádia logo comece a dançar, quando ouve a música conhecida. Outro fato a ser destacado neste recorte, é a percepção da mãe sobre os interesses da filha, quando nota o olhar de Nádia para a bola e pergunta se é isto que ela quer. Acrescente-se ainda que a mãe pergunta, antes de entregar o objeto, interrogando pelo interesse da filha. Dessa forma, observa-se que Neusa, ao mesmo tempo em que significa os atos e brincadeiras da filha, não faz isso de forma irrefutável, permitindo que tais significados se modifiquem, a partir dos indícios que a filha lança.

*(...) Nádia vai em direção à tomada/ mãe pega o pandeirinho “não, ali na tomada não dá pra mexer, ali não dá pra mexer” – mãe tira Nádia de lá – “vamo toca o pandeirinho, vamo toca o pandeirinho”/ Nádia bate no pandeirinho/ mãe “vamo toca a música da Xuxa, vamo toca os patinhos”, mãe canta a música dos patinhos/ Nádia dança, enquanto a mãe canta, senta no chão e levanta os braços/mãe canta outra música/ Nádia vai em direção à tomada/ mãe “onde tu vai guria?” – mãe a pega no colo e segue cantando a música/ Nádia segue querendo pegar a tomada/ mãe “não, vamo lá ver o ursinho” – “oi ursinho, tu tá aí*

*nesse carrinho, tu tá aí nesse carrinho?” (mudando a voz)/ Nádía segura no carrinho e mãe a ajuda/ mãe “opa, o ursinho caiu”, seguem empurrando o carrinho/ Nádía olha para outro lado/ mãe “quer pegar a bola?” – “busca a bola então, aí”/ Nádía chuta a bola/ mãe “chuta? Eh! Olha a Nádía tá chutando a bola” – “olha a Nádía tá chutando a bola”/(...)*

#### **Quinto recorte**

##### **Pai e Nádía**

Percebe-se a reação de Nádía a uma brincadeira conhecida, demonstrando que os pais costumam brincar bastante com ela. Nádía ri, excitada diante da brincadeira de o pai pegá-la, já sabendo que terá que correr, pois assim o pai vem atrás dela. Depois, por iniciativa dela, transforma a brincadeira num jogo de esconde-esconde, no qual ela vai propondo o que vai acontecer (esconde-se e aparece). Mesmo com o pai atendendo o telefone, Nádía mantém-se tranqüila e arruma uma forma de chamá-lo de volta para o jogo. Para tanto, ela busca o pandeiro (o qual havia sido o primeiro brinquedo que o pai mostrara para ela), como uma maneira de atrair a atenção dele novamente. A mãe refere na entrevista que Nádía vem brincando bastante de esconde-esconde, já assumindo um papel mais ativo na brincadeira, pois quer assustar os pais. Observa-se neste recorte o início do *fort-da* com a brincadeira de ocultar e aparecer.

*(...) Nádía vai até a porta/ pai “eu vou pegar”/ Nádía ao ouvir o pai falando que ia pegá-la, começa a engatinhar mais rápido - fica de pé se amparando na porta/ pai joga a bola para ela “joga a bola” – “vem, vem sossó, vem neném”, abrindo os braços para esperá-la, “vem com o papai, vem com o papai, vem”/ Nádía faz que irá caminhando, mas se abaixa e vai engatinhando/ pai “não, vem sossó,sossó,sossó”(...) (o sossó é a forma como os pais chamam o caminhar sozinha)*

*(...) Nádía caminha pela sala, vai atrás da bola/ pai “atira a bola para o papai” – pai vai se arrastando até ela, fazendo ser um cachorro e morde a sua perna “vou pegar”/ Nádía muda a expressão e ri excitada – Nádía vai para trás da cadeira e se esconde/ pai “eu vou pegar”/ Nádía, ao ouvir o pai dizer isso, mostra o rosto para ele e ri, voltando para trás da cadeira/ pai “eu vou pegar, eu vou pegar”/ Nádía ri e mostra o rosto “ahh, ahh!”/ toca o celular do pai/ Nádía sai detrás da cadeira e vai engatinhando até o pai/ pai fica falando no telefone/ Nádía mexe na bolsa do pai, fica olhando a sala, toca o pandeiro, como se chamasse o pai (...)*

#### **Sexto recorte**

##### **Pai, mãe e Nádía**

Outro recorte com momentos nos quais a mãe fala por Nádia, depositando significados e expressando o que a filha poderá estar sentindo e querendo.

*(...) mãe dá água para Nádia, oferece, perguntando se Nádia vai querer, dá água “ai que água boa essa, ai que aguinha boa essa” (falando por Nádia) – “qué mais?”/ Nádia coloca a tampa em cima da mamadeira/ mãe “vamo tapá, vamo tapá a mamadeira”/ Nádia se aproxima do mamá/ mãe “qué mais? quer é brincar com a mamadeira” – “tá mais interessada em tapar a mamadeira”/(...)*

### **Período 24 meses / Entrevista com a mãe**

#### **Sobre a mãe**

Neusa percebe que a filha se desenvolveu bastante (*deu um salto*), desde a última entrevista (que ocorreu nos dezoito meses). Nádia já fala algumas frases mais completas, ela consegue dizer o que está sentindo e o que está querendo.

Ao mesmo tempo, ela está mais teimosa, atirando coisas no chão quando está com raiva. A mãe relata que, em alguns momentos, tem que ser mais ríspida com a filha, porque ela quer fazer coisas que podem machucá-la ou coisas que não há como deixar mesmo. Nádia demonstra a teimosia quando proíbem algo que ela quer fazer. Nos últimos meses, Nádia quer fazer tudo sozinha, como por exemplo botar pasta na escova de dente e vestir a camiseta sem ajuda. E ela já está conseguindo fazer algumas coisas sozinha. A mãe relata que quando tem tempo, procura deixar que a filha se vista sozinha, mas há outros momentos em que está com pressa e tem que vesti-la rápido. Nádia também tenta amarrar o tênis e colocar o cadarço nos buraquinhos. Ela já consegue colocar, mas não fica certo. A teimosia de Nádia surge quando os pais estão com pressa e acabam querendo fazer as coisas pela filha.

A mãe percebe que eles próprios (pais) incentivaram esta independência que a filha hoje apresenta. Eles foram ensinando a ela o que e como fazer. As primeiras ocasiões em que Nádia demonstrava conseguir realizar alguma atividade sozinha eram festejadas pelos pais.

Neusa refere gostar de ver a filha crescendo. Relata sempre ter gostado de crianças maiores. Ela gosta de crianças que interagem, que brincam, não prefere os bebês. No dia da entrevista, Nádia usava uma calça pela primeira vez. A mãe diz ter achado bonito em função de a filha ter ficado *espichada* com aquela calça. A mãe conta orgulhosa que a filha quer subir sozinha no escorregador e não aceita ajuda dos pais. Neusa, entretanto, não a deixa sozinha, fica ali do lado com a mão por perto, pois tem medo que a filha possa cair.

A mãe relata já ter esquecido do seu bebê. Agora sente saudade da época em que a filha era pequeninha, mas está adorando a fase atual em que ela está crescendo e falando. Neusa sente saudade da amamentação. Entretanto, refere não sentir falta do período em que a filha chorava e ela não sabia o que Nádia tinha.

Neusa refere que Rui a ajudou bastante no desmame. Quando Nádia pedia o seio, Rui é quem dava a mamadeira à filha. A mãe percebe que isto facilitou a passagem da filha para a mamadeira. Atualmente, quando Nádia tem medo, ela aceita bem que o pai a acalme. A mãe relata que foi fundamental a interferência do pai na época do desmame, no sentido de se prontificar a dar a mamadeira. Caso contrário, Neusa revela que teria sido mais difícil parar de dar o seio, pois a filha chorava e ela se sentia mal por negar algo que tinha (o leite).

No início, a mãe interferia mais, quando era o pai que cuidava de Nádia. Agora ela procura não intervir, pois percebe que é uma oportunidade de o pai estar com os filhos também.

A maior dificuldade para a mãe neste momento é dar limites à filha. Houve algumas vezes que ela deu uma palmada de leve em Nádia, mas agora reavaliou isto e desistiu deste método. Porém, ela se incomoda quando a filha não a obedece.

A mãe tem saído mais agora. Ela vai a bares com as amigas ou janta com os colegas de trabalho. Antes, na época da amamentação, ela não conseguia fazer isso, mas agora acha bom poder sair com os amigos. Quando Nádia fica com o pai, Neusa permanece tranqüila. Caso a filha esteja com outra pessoa, ela telefona para saber como estão as coisas, mas se preocupa somente um pouco.

Quando Neusa sai para trabalhar, Nádia dá tchau para a mãe. Além disso, Nádia já consegue ficar com mais pessoas, além da avó materna.

A mãe irá colocar a filha numa creche no início do próximo ano (cerca de 6 meses depois da entrevista). Neusa acha que será tranqüila a adaptação da filha. Constata que Nádia adora brincar com outras crianças, fica muito faceira quando vai algum primo na sua casa, logo os leva até o seu quarto e mostra alguns brinquedos. Às vezes, há conflitos, porque ela não quer dividir os brinquedos. Neusa, por sua vez, também imagina que não será complicado para ela, pois pensa que a filha estará bem cuidada, não sendo muito diferente de agora, quando ela fica com a avó.

### **Sobre a criança**

Nádia gosta de brincar na terra e com água. Logo que veio o inverno, os pais tiveram que explicar à filha que ela não poderia mais brincar com água. Ela gosta de encher o balde

com terra e esvaziá-lo. Ela faz isso no banho também, só que enche os potes de água. A hora do banho é uma brincadeira para Nádia. Ela já escolhe alguns brinquedos antes e os leva para a banheira. Depois, ela ajuda a mãe a encher a banheira. A mãe relata que já incentiva que a filha mesma vá se esfregando. Outra brincadeira preferida de Nádia é dançar e ouvir música. Ela também gosta de brincar com bonecas, mas tem preferência por brincadeiras mais agitadas, como correr, jogar bola. Um outro brinquedo que tem interessado Nádia é o de encaixe. A mãe a descreve como minuciosa, ela consegue lidar com peças pequenas sem problemas. Na hora de dormir e de mamar (que costumam coincidir), Nádia gosta de ter uma boneca ao seu lado para ficar nanando. Quando a mamadeira já está no fim, ela brinca de dar mamá à boneca. Houve uma situação em que a mãe a repreendeu, o que a fez ir *emburrada* para o seu quarto e acabar adormecendo em sua cama sozinha. Há momentos em que ela consegue dormir sozinha, só com a mamadeira. Os pais costumam colocar música, o que tem facilitado que ela adormeça sem precisar que alguém fique junto.

A pediatra diagnosticou asma alérgica em Nádia. A mãe relata que a filha sempre apresentou muita tosse e que inclusive às vezes vomitava secreção (um pouco). Esta tosse persistente fez com que o médico investigasse mais o que poderia estar ocorrendo, chegando a tal diagnóstico. A mãe, no entanto, relata que Nádia nunca teve crises de falta de ar. Atualmente, ela está em tratamento com uma medicação e depois retorna ao médico para nova avaliação.

Nádia ainda está dormindo no quarto dos pais. A mãe se justifica dizendo que a casa é muito fria e no inverno fica com pena da filha sozinha. Neusa alega que tal fato não ocorre em função de ela querer a filha *do lado*. Inclusive, a mãe refere que a própria Nádia pede para voltar ao seu quarto. Quando a filha está acordada, ela gosta de mamar e dormir na sua cama. Às vezes, ela fala da sua cama e aponta para ela. Nádia também nunca pediu para ficar na cama dos pais, eles é que achavam que ela devia estar sentindo frio e a deixavam na cama do casal.

Nádia não quer mais comer na sua antiga cadeira de bebê. Agora, ela quer sentar nas cadeiras como a da mãe e do pai. A mãe então vai comprar uma mesa e cadeira menores para a filha.

Nádia brinca sozinha, mas não por muito tempo, logo chama a mãe ou o pai para ficarem com ela. Quando os pais estão conversando, ela vai até o quarto e pega algum brinquedo. Depois, ela chama a mãe ou o pai e os puxa até o quarto. Há momentos ainda em que Nádia quer o pai e a mãe junto. A mãe relata que quando diz *Nádia é a guriazinha da*



*mamãe*, a filha completa dizendo *da mamãe e do papai*. Da mesma forma ela age com o pai. Nádía gosta que o pai e a mãe dêem beijo nela ao mesmo tempo, um em cada lado.

Nádía fala bastante e já está atendendo o telefone em casa. A mãe conta que ensinou Nádía a dizer aparelho de barba que o pai usava. Outro dia, a filha apontava para o aparelho e a mãe fez que não compreendia, forçando Nádía a falar a palavra. Neusa relata gostar de ver a filha falando, estimulando a fala da menina.

### **Período 24 meses – Filmagem**

#### **Primeiro recorte**

##### **Pai e Nádía**

O pai aparece neste recorte propondo uma brincadeira e dramatizando, montando ele próprio uma brincadeira de faz-de-conta. Dessa forma, ele nutre o brincar com significados, os quais poderão mais tarde ser utilizados por Nádía.

*(...) pai mostra o palhacinho para ela “tudo bom Nádía, tudo bom Nádía, tudo bom Ni, Ni?” (mudando a voz), fazendo o palhacinho aparecer e desaparecer/ Nádía olha um pouco para ele/ pai “eu sou o palhacinho e sou teu amiguinho, eu tô aqui dentro e vou brincar contigo” (mudando a voz), fazendo o palhacinho aparecer e desaparecer – “oi, eu vou me esconder Oi, Nini, oi Nini” (mudando a voz)/ Nádía olha para o palhaço, mas mexe no cofre, sacode ele/ (...)*

#### **Segundo recorte**

##### **Pai e Nádía**

O pai interage com a filha, aceitando as brincadeiras que ela propõe. Ele, inclusive, segue um trocadilho com a filha, já criando uma brincadeira em torno da palavra opa (a qual Nádía também dá seguimento). Percebe-se que mesmo os pequenos indícios são captados pelo pai que os aproveita para transformá-los em brincadeira. Nádía demonstra também ter noção de limites, perguntando se pode pegar o que está em cima da mesa, já que aquilo não faz parte dos brinquedos que foram oferecidos. Novamente aparece a música, bastante presente na família e por consequência em Nádía.

*(...) pai canta uma música/ Nádía dança um pouco e canta uma parte pequena junto – levanta e pede para mexer nas coisas que estão em cima da mesa, o pai deixa ela mexer – Nádía pega o pote de lenços e mostra para o pai, pedindo que ele cheire/ pai “o que é, o que é isso, hum, que cheirinho bom, é lencinho”/ Nádía deixa o pote cair “ai, ai”/ pai “opa”/ Nádía vai até a mesa, larga o pote de lenços e pega a caixa de lenços, segue dizendo “opa”/ pai*

*“opa”/ Nádía “opa, opa”/ Nádía senta perto do pai e mexe na caixa de lenços/ pai cutuca ela com o martelo/ Nádía tenta tirar um lenço/ pai “não, não pode tirar lencinho, não pode tirar lencinho”, “bota lá em cima”/ Nádía “lá”/ pai “é lá em cima”/ Nádía leva a caixa de lenços até em cima da mesa – pega o pacote de fraldas “qué ver?”/ pai “qué ver? qué”/(...)*

### **Terceiro recorte**

#### **Mãe e Nádía**

Outro recorte em que se observa o espaço que a mãe dá à filha, permitindo que Nádía vá tentando fazer aquilo que quer por conta própria. A mãe segue ali, mas interfere somente quando necessário. Percebe-se que se estabelece um diálogo entre mãe e filha, com Nádía perguntando e respondendo para a mãe.

*Nádía pega a boneca russa e sacode “abre aqui”/ mãe “esse aí?”, sacodindo a boneca, “tenta abrir, puxa uma parte e a outra” – entrega para a filha a boneca/ Nádía tenta abri-la/ mãe “puxa, forte, puxa”/ Nádía “não”, entregando a boneca para a mãe/ mãe “será que ele abre?”, abrindo a boneca (fazendo expressão de surpresa) e entregando para Nádía/ Nádía abre a boneca e aparece outra/ mãe “outro, será que tem outro aí dentro?”/ Nádía vai abrindo a boneca/ mãe “ai, o que que tem aí filha, que legal”/ Nádía vai abrindo e descobrindo mais bonecas/ mãe “tem outro? Que legal, tem um pequenininho”/ Nádía segue abrindo/ mãe “tem mais?”/ Nádía “tem”/ mãe “que amor, que bonitinho, filha” – “tá, vai botar de novo?”/ Nádía “vou”, botando as bonecas dentro, de novo (...)*

### **3.4. Caso 4 – Maria Helena e Dilson / Elisa**

#### **Período 3 meses / Entrevista com a mãe**

##### **Sobre a mãe**

A mãe esperava que Elisa fosse ser chorona, parecida com ela, porém tem se surpreendido porque a filha tem se mostrado diferente. Maria Helena relata que Elisa não teve cólica e não incomoda, descrevendo como *algo de Deus*, os momentos em que cuida dela. Não se ressentiu de ela não ter nascido de olhos azuis, como queria, pois a acha bonita assim mesmo.

Maria Helena considera que a filha está se desenvolvendo bem e destaca que ela tem conversado com eles.

Quanto à experiência de ser mãe, descreve-se como desajeitada no início, referindo que a emoção posterior fez com que tudo fosse se encaixando. Além disso, retrata-se como carinhosa e paciente, em especial, quando Elisa chora. Observa que a filha fisicamente é um

misto dos dois, porém no jeito de ser é mais parecida com o pai, pois Elisa é calma como o pai, já que a mãe se descreve como nervosa. Quando a filha chora, a mãe procura acalmá-la embalando-a e cantando para ela.

Nos primeiros dias, ainda no hospital, Elisa passava a noite mamando. A mãe achava que não teria leite, mas não teve problemas para amamentá-la.

Os pais não tiveram ajuda de ninguém, por escolha deles. O pai auxiliava a mãe, até na hora de dar banho. Ele sempre está por perto, ainda hoje. Agora, ele já está trabalhando de novo, mas o trabalho fica perto de casa. A mãe relata uma situação em que estava sozinha com a filha e ela caiu do carrinho, pois a havia deixado sem cinto. Sentiu-se desesperada, conta ter ficado mais apavorada do que a própria Elisa.

Maria Helena espera ansiosamente pelo momento em que Elisa começará a falar e a caminhar. Considera que um dos melhores momentos é quando os filhos começam a falar as primeiras palavrinhas.

A mãe descreve uma situação, na qual Elisa foi passear com uma tia e passou cerca de três horas longe da mãe. Maria Helena ficava o tempo todo pensando se a filha estaria bem, se não estaria chorando e sentindo fome. Esperava na janela sua chegada. Quando Elisa chegou, a mãe relata que ela ficou desesperada, procurando o *mamá*. A filha, porém, foi no colo de todos e conversou com todos, não estranhando as demais pessoas.

Maria Helena tem medo de que a filha possa vir a apresentar alguma doença mental, em função de sua mãe ter uma doença mental e também devido a uma irmã ter tido depressão. Esse é um fantasma que a acompanha.

A mãe leva a filha a dois pediatras. Um num hospital e outro num posto de saúde. Acha bom que a filha consulte num hospital, porque fica prático caso ela tenha algum problema. Porém, não quis se desligar do pediatra do posto que considera muito bom. Diz que, dessa forma, pode comparar as duas opiniões que eles não diferenciam muito um do outro.

Por enquanto, Maria Helena não planeja voltar a trabalhar. Talvez, venha a trabalhar quando a filha completar seis meses. Pensa em deixá-la com o pai. Esses planos se devem às exigências financeiras, já que a vontade da mãe seria ficar sempre com a filha, pois não sente falta do trabalho. Na creche, a mãe pensa em colocá-la somente quando ela já puder falar.

A mãe descreve o dia com Elisa, dizendo que ela consegue fazer o trabalho da casa, enquanto a filha fica no carrinho. Às vezes, sente saudade, vai até Elisa e a pega no colo. Refere conversar bastante com a filha, e ela responde rindo e conversando com a mãe. Há momentos em que Elisa chora e Maria Helena não a pega no colo, preferindo dar o biquinho.

Já consegue reconhecer o choro de fome e de sono. Quando não sabe o motivo de ela estar chorando, procura ver se ela fez cocô ou se está com fome.

Maria Helena incomoda-se com uma mancha que a filha tem no rosto, nasceu com ela. Gostaria de retirá-la logo, mas os médicos acharam melhor esperar o momento em que Elisa estivesse maior e pudesse escolher. A mãe, entretanto, queria que a mancha fosse retirada agora, pois a considera feia, ainda mais estando localizada próximo aos olhos.

Elisa nasceu muito parecida com a tia materna. Esta tia é filha da mãe biológica de Maria Helena, com quem ela conviveu pouco. A mãe deu os filhos para outras famílias criarem. O fato de Elisa ter nascido com semelhança tão grande com a tia, trouxe a certeza de que ambas (Maria e a tia) são realmente irmãs. Esta tia vai ser a madrinha de Elisa e também, será provavelmente a pessoa que cuidará da menina, quando a mãe voltar a estudar ou precisar trabalhar (caso o pai não possa ficar com ela).

Maria Helena conta que a sua mãe só veio ver Elisa, quando ela já tinha um mês. Maria chama a mãe pelo nome. Ressente-se pelo fato de ela ter *dado* os filhos. Maria foi a filha que mais conviveu com a mãe, com quem a mãe permaneceu por mais tempo. Para Maria, torna-se difícil compreender estes atos da mãe, que gosta dos filhos mas os entrega para outras pessoas criarem. Maria relata que não conseguiria fazer isso, dizendo que por nenhum motivo se separaria da filha. Já a mãe (vó) gosta de um jeito diferente, pois parece não se apegar a nada.

### **Sobre a criança**

Elisa está dormindo no quarto dos pais, no berço. A mãe diz ficar mais cômodo para amamentar, pois quando a filha chora é só tirá-la do berço e dar o *mamá*. Neste momento, ela só mama, esta é a única alimentação dela.

A mãe reconhece um choro da filha, dizendo que parece que ela está chamando *manhee*. É um choro que ocorre, em geral, quando Elisa acorda. Ela só chora mais forte, quando está com sono ou com fome. Para fazer ela parar, os pais a embalam ou a colocam no carrinho, onde ela fica conversando e *trovando* sozinha mesmo.

Quando Elisa está acordada, os pais relatam que ela conversa bastante e gosta de ficar olhando o que acontece à sua volta, fica observando tudo.

### **Período 8 meses / Entrevista com a mãe**

#### **Sobre a mãe**

A mãe relata estar sendo difícil a amamentação, em função de ela estar se machucando ao dar o peito. Mesmo assim, quer seguir amamentando até os dois anos, pois foi o que aprendeu no curso do hospital. Há momentos em que Elisa morde o peito e a mãe chega a chorar de dor. Nesta situação, Maria Helena conta brigar com a filha. Ela já tentou dar a mamadeira, mas a filha fica só mordendo o bico.

Maria Helena considera que o desenvolvimento de Elisa está indo bem. Relata que ela já fala “Tatata” e “mama”. Ficou preocupada porque a filha não engatinhava ainda. Elisa começou a engatinhar há pouco tempo e ainda o faz para trás. Porém, percebe que há crianças que nesta idade não engatinham ainda. Maria Helena notou também que não estava deixando Elisa muito solta, pois ela ficava muito tempo no colo. A mãe passou então a colocá-la no chão, sobre um edredom ou sobre a cama e Elisa tem gostado muito disto.

A mãe relata que Elisa teve febre. Logo pensou que pudesse ser meningite, pois a sua mãe teve. Mas, no fim, foi só uma febre, porém a menina teve que fazer exame de sangue. Maria Helena conta ter ficado com pena de a filha ter que fazer este exame, porque ela é tão pequeninha.

Maria Helena acha a filha mais parecida com o pai, em especial, no que diz respeito ao seu jeito tranqüilo. Maria Helena se descreve como mais nervosa. A mãe prefere que a filha seja assim, pois inclusive tinha receio de que a filha se parecesse com ela, que é nervosa e está sempre chorando.

Maria Helena conta algumas *rateadas* que fez, como por exemplo ter começado a colocá-la para fazer xixi no peniquinho. Relata que a madrinha deu o penico e ela pensou em experimentá-lo, começando a colocar a filha. Sente-se mal, quando percebe que estava fazendo errado. Outra *rateada* foi o tombo do carrinho, que ela já havia mencionado na entrevista dos 3 meses. Revela ter ficado tão desesperada que começou a chorar junto com a filha, assustando ainda mais Elisa.

A mãe relata estarem sendo cansativas as noites em que Elisa quer mamar. Por vezes, ela dá o peito e as duas acabam adormecendo, sendo que Elisa dorme no peito, na cama dos pais. Ela não sabe se a filha sente fome, outro dia deu um mingau e Elisa dormiu a noite toda. Maria Helena começou a estudar à noite. Os primeiros dias foram difíceis, imaginava que a filha estava chorando e querendo mamar. Porém, quando a mãe chegava em casa, o quadro era outro. A filha tinha passado bem e quando começava a chorar, o pai saía com ela, fazendo-a se acalmar. Maria Helena deixava mamadeira pronta, mas a filha não mamava, só ficava mordendo o bico. Eles dão a comidinha dela, quando a mãe está ausente.

O que mais chama a atenção da mãe naquilo que a filha faz é quando Elisa quer alguma coisa e começa a resmungar e a dizer *esse, esse*, tentando mostrar o que quer. Ou então quando a filha sai e dá tchau. O que Maria Helena mais gosta de fazer com a filha são as conversinhas. Além disso, ela gosta quando ensina algo para Elisa e ela fica fazendo o que aprendeu com a mãe.

Os momentos que a mãe menos gosta são aqueles em que a filha chora e não pára. A mãe relata se desesperar, por não saber o motivo do choro. Agora já sabe que, em geral, Elisa chora quando está com sono. Maria Helena, às vezes, acalma a filha com o peito.

A mãe segue com a idéia de só colocar Elisa na creche quando ela souber falar, talvez em torno dos 4 anos. Entretanto, acha que pode ser interessante ela frequentar a creche antes, em função do convívio com outras crianças. Caso a filha, no convívio com o primo, não esteja conseguindo dividir os brinquedos, esta poderá ser uma razão para que ela entre para uma creche. Antes, porém, Maria Helena irá consultar o pediatra.

A mãe se lembra, às vezes, do menino que cuidava, apesar de ressaltar que ele era diferente de Elisa, pois era terrível e muito bravo, sempre chorando. Já em função disso, Maria Helena queria ter uma menina, porque imaginava que seria mais calma.

Há pouco tempo, faleceu a mãe biológica de Maria Helena, em função de uma infecção generalizada. Maria cuidou da mãe, enquanto ela esteve doente. Relata que foi horrível e que pedia que a mãe se fosse, pois não agüentava vê-la naquele sofrimento. Houve momentos em que amamentou Elisa chorando. Preocupa-se que este nervosismo possa ter passado para a filha. Já havia ocorrido uma perda anterior, pois Dilson perdeu a mãe no período da gravidez. A mãe de Maria, além dessa doença, apresentava problemas mentais. Maria Helena refere que a mãe tinha crises em que ficava desorientada, sem conseguir dormir, chorava muito e ficava depressiva. Ela tem medo de que Elisa possa vir a ter algum problema parecido, visto que a sua irmã apresenta a mesma doença da mãe (começou aos 11 anos). Mesmo antes de engravidar, Maria Helena tinha esse medo, entretanto, pensava que isso não iria ocorrer com seu filho.

A mãe já deixou Elisa dois dias com outras pessoas, a cunhada e a mãe adotiva. Ficou bastante preocupada, ficava telefonando e perguntando se a filha havia chorado e se havia conseguido dormir. Quando Maria Helena deixa a filha aos cuidados do pai, ela se mostra mais tranqüila. Ela agora começou a estudar (fica fora a tarde toda) e Elisa fica com o pai. No início, ambos estavam estudando e a filha ia junto com eles para a escola. A menina, porém,

ficava agitada e demorava para dormir. O pai acabou desistindo, pois a mãe relata que não iria parar de estudar de jeito nenhum.

#### **Sobre a criança**

Sobre o objeto preferido, a mãe relata que Elisa adora um bonequinho que apita, ela gosta de mordê-lo. Ela também sempre usa uma fraldinha. A mãe é que começou a colocá-la junto de Elisa, para ela adormecer. A filha agora só dorme com a fralda. Além disso, ela adormece no peito sempre. Caso a mãe não esteja em casa, Elisa consegue dormir com o pai, mas a fralda tem que estar junto. O bonequinho que apita é uma margarida. Foi o primeiro brinquedo que os pais deram à Elisa, ela era *bem nenezinha*. Maria Helena acha que a filha se acostumou com o boneco.

Elisa tem acordado cerca de duas vezes por noite. Antes chegava a acordar de duas em duas horas. A mãe ficava com o seio todo machucado e tinha dúvidas se Elisa sentia fome ou se usava o seio como bico. Para fazer Elisa adormecer, a mãe sempre dá o peito (*teté*). Às vezes, Elisa até acaba dormindo um pouco na cama dos pais. Em geral, ela dorme numa caminha no mesmo quarto dos pais. A mãe também usa o peito para acalmar a filha. Dilson já costuma levar Elisa para passear se for preciso acalmá-la.

Com os alimentos novos, no início fazia cara de nojo, mas aos poucos foi gostando. A mãe cuidou também para ir acrescentando sal aos poucos, para ela não estranhar muito.

#### **Período 12 meses / Entrevista com a mãe**

##### **Sobre a mãe**

A mãe porém refere que tem sido cansativo, devido a ela e Dilson estarem estudando. Há momentos em que eles não têm tempo para fazer os temas. Elisa exige muito a atenção deles, ainda mais depois que começou a engatinhar (com 8 meses) e agora que já está quase caminhando. Maria Helena, entretanto, descreve ter sentido uma emoção grande ao vê-la, primeiro, engatinhar e, agora, começar a caminhar. A mãe espera que, no dia da filmagem na UFRGS, Elisa já esteja caminhando.

Maria Helena segue amamentando. Refere que faz isso porque quer. Ela relata que, antes do parto, achava que não teria leite. Todos diziam que o leite já começa a vir antes mesmo do parto e como o dela não vinha, ela imaginava que teria algum problema. Maria queria muito amamentar, pois acha um momento bonito e também sente a filha mais próxima dela. Além de ela querer seguir dando o peito, a mãe refere que a filha também quer mamar.

Ela pensa em desmamar Elisa, quando ela estiver com dois anos. Pensa parar nesta idade, porque daí a filha será muito grande para ficar *dependurada* no peito.

Quando a mãe está na escola, Elisa passa a tarde toda sem mamar. Se a mãe, porém, estiver em casa, daí ela quer o peito.

Para Maria Helena, a filha está meiga, carinhosa e também arteira e sapeca. Ela faz a maior bagunça na casa, mas a mãe diz não se importar com isso. O pai é quem reclama mais. A mãe ainda a acha parecida com o pai, fisicamente e também no jeito de ser. A filha é tranqüila como o pai. Já a mãe, é nervosa. Quando algo sai errado, diz ficar tensa, chorar e se estressar.

Maria Helena descreve a experiência da maternidade como muito boa. Relata ser um sonho antigo seu. Tornou-se uma forma de ela constituir uma família, visto que ela nunca teve, pois a sua mãe não cuidava dos filhos. Eles ficavam um pouco com a mãe, um pouco com outras famílias. Maria refere sempre ter sentido carência.

Para a mãe, o início da fala nas crianças é um dos momentos que mais gosta. Espera que a filha seja bem falante. Gosta de ver as crianças contando o que aconteceu e perguntando. Maria Helena gosta de ficar cuidando de Elisa e fazendo as coisas para ela. Preza bastante também os momentos em que elas ficam conversando.

Logo que a mãe começou a estudar, preocupava-se, pensando que a filha poderia não estar bem, querendo mamar. O que mais a prendia à filha era o mamar. Agora, percebe que ela fica bem, o que a deixa mais tranqüila.

Maria Helena se incomoda com Dilson, quando ele engana Elisa para fazer ela comer mais, dizendo que vai dar suco e acaba dando comida.

A mãe relata que Elisa caiu algumas vezes da cama e que isso a preocupou, pois achava que a filha poderia ter alguma seqüela, por ter batido a cabeça.

Para Maria Helena, o momento mais difícil do primeiro ano foi quando Elisa teve febre e chegaram a fazer exames de sangue para ver se ela não estava com meningite (já que a avó estava com esta doença). A mãe sentia-se mal pelo que ela poderia ter trazido para a filha, quando ficava cuidando da sua mãe.

### **Sobre a criança**

Elisa aprendeu a fazer coisas novas, como bater palminhas, dar tchau, atirar beijo, fazer bichinho. Logo que ela aprende, ela não quer mais parar de fazer. Elisa é carinhosa, já acorda dando beijinho e não chora muito.



Elisa ainda está mamando no peito, inclusive à noite (mama umas duas vezes). Quando a mãe vai colocá-la na cama dela, Elisa acorda e volta a mamar. Assim, na última mamada, Elisa acaba ficando no peito, que se torna um bico, pois a mãe percebe que ela não está engolindo e que está só chupando o peito. Isto tem machucado a mãe, já que Elisa tem vários dentes. Maria Helena não quer usar a mamadeira, porque acha que vai ser difícil tirar depois. Ela tem dado leite no *copinho* e também mingau.

Quando Elisa chora de sono (choro mais forte), a mãe a acalma dando o peito. Quando são choros de manhã, daí eles conseguem acalmar mostrando um brinquedo ou fazendo alguma brincadeira.

A mãe às vezes coloca-a no chiqueirinho, mas tem procurado deixá-la mais solta. Quando ela pode estar com a filha, a tem tirado do chiqueirinho.

Maria Helena descreve a filha, dizendo que ela é bem humorada e agora tem se mostrado beijoqueira, atirando beijos para todo mundo na rua. Ela não costuma estranhar nem pessoas e nem lugares diferentes. Em geral, quando acontece algo diferente, ela olha para os pais para ver qual será a reação deles.

Quando a mãe vai para o colégio, Elisa dá tchau e atira beijo para a mãe. Sempre que um dos pais sai, o outro fica com Elisa. Ela sempre fica com o pai ou com a mãe.

Nos últimos tempos, Elisa tem se mostrado interessada em pegar aquilo que não pode. O vídeo, por exemplo. Já na entrevista de oitavo mês, os pais haviam comentado que ela gostava muito do controle remoto da TV.

Sobre o objeto preferido, a mãe relata que agora Elisa gosta bastante do Mickey. Antes era a Margarida, mas agora é o Mickey. Para dormir, ela fica com o patinho que está na sua cama. Mas o que a acompanha sempre na hora de dormir é a fraldinha. Caso não tenha a fralda, tem que haver o peito. A mãe não sabe o que pode acontecer na ausência dos dois. Elisa fica mexendo na fraldinha, jogando para um lado e para o outro até adormecer. Os momentos em que Elisa mais procura a fraldinha são quando está com sono. Os pais deram a ela a fraldinha, desde que nasceu.

### **Período 12 meses / Filmagem**

#### **Primeiro recorte**

#### **Pai, mãe e Elisa**

Aparece em vários momentos a brincadeira de nanar os bonecos e fazê-los dormir. Possivelmente seja uma alusão às questões relativas ao sono e ao adormecer de Elisa, pois ela

segue pegando no sono quando está mamando no peito. Além disso, as brincadeiras que fazem referência ao dormir estão relacionadas também à fraldinha que acompanha Elisa nos momentos de adormecer. Percebe-se que a mãe está bastante engajada na brincadeira com a filha, significando o brincar de Elisa e incorporando à brincadeira as iniciativas da menina.

*Pais mostram o bercinho com a boneca/ mãe “vamo lá na nenê?”, vai levando Elisa até o bercinho “eh, eh, olha a nenê!”/ pai chama ela também, para se aproximar do berço/ Elisa fica balançando o bercinho/ a mãe faz o som “ahm, ahm, ahm”/ Elisa aponta para o rosto do bebê/ mãe “olha aqui o olhinho dele, que bonitinho, ah, é uma menina?”/ Elisa parece responder “eh”/ mãe “tá de brinco, ó que linda”/ Elisa pega o ursinho (que também está no berço) “ah, ah”/ mãe “o ursinho, ah, o ursinho, nanar o nenê”/ Elisa balança o ursinho, nanando ele – olha para a sala/ mãe “tá procurando ela”/ Elisa olha para o espelho e aponta/ mãe “ah, achou ela”/ Elisa segue nanando o urso “ah, ah”/ mãe também faz o som de nanar – “acho que ele já dormiu”/ (...)*

### **Segundo recorte**

#### **Mãe e Elisa**

Em alguns momentos da filmagem, a mãe significa os atos da filha, inclusive falando por ela, como se traduzisse aquilo que a filha gostaria de dizer e ainda não consegue. A mãe, porém, faz isso considerando os sinais que a filha lhe dá, tentando, portando, compreender o que a filha gostaria de falar.

*(...) Elisa segura a boneca e a beija no rosto/ Elisa a embala e afaga a cabeça da boneca/ mãe “ah, ela é careca, tem só um pouquinho de cabelinho”/ Elisa se aproxima do pai com a boneca/ mãe “mostra pro pai o cabelo, ó pai tem só um pouquinho de cabelo, a Elisa tem mais” ( como se fosse Elisa a falar)/ Elisa aproxima a boneca do pai e afaga os cabelos da boneca(...)*

### **Terceiro recorte**

#### **Mãe e Elisa**

A mãe fala em tom interrogativo com a filha, perguntando o que ela gostaria de fazer. Isto reforça ainda mais a sua posição de tentar entender o que a filha quer. Abre-se, portanto, um espaço para o querer da filha, que já é outro, não confundido com o da mãe.

*(...) Elisa segue jogando a bola – larga-a e vai em direção à cadeirinha/ mãe “é a cadeirinha”/ Elisa bate na cadeirinha “taná, tá”/ mãe “é prá sentá, qué sentá na cadeirinha?”, tentando colocar a filha sentada na cadeirinha “qué sentá na cadeirinha?”, colocando a filha sentada na cadeira, “ai que bonita” (...)*

#### Quarto recorte

##### Mãe e Elisa

Elisa brinca de se esconder da mãe. Ela mesma inicia a brincadeira, em um momento em que a mãe procura a fraldinha e, conseqüentemente, não está com sua atenção voltada à filha. A mãe corresponde à brincadeira proposta pela filha.

*(...) Elisa "aii", tentando se levantar/ mãe "qué ajuda", auxiliando Elisa a se levantar/ Elisa "dá"/ mãe "dandá"/ Elisa "dá"/ mãe "dandá" – "tá babando, tá babando, cadê tua fralda? vou pegar a fralda pra limpa a boca, deixa a mãe pegar ali a fralda pra limpar a boca", levantando para ir buscar a fralda/ Elisa fica sozinha, olha a sala e vai em direção às cadeiras/ mãe pega a fralda e vai atrás de Elisa "vamo limpa a boca, ai a bola"/ Elisa se cruza com a bola "ah"/mãe "vamo limpa a boca"/ Elisa vai indo para trás das cadeiras/ mãe "onde tu vai?", "cadê a Elisa, achei, achei"/ Elisa aparece do outro lado da cadeira/ Elisa passa por debaixo da cadeira "eh"/ mãe "eh! Oi Elisa", quando ela aparece/(...)*

#### Quinto recorte

##### Mãe e Elisa

A mãe introduz o pai na brincadeira, mesmo ele estando ausente da sala. Demonstra dar espaço para que o pai se relacione com Elisa, não mantendo a relação exclusivamente entre ela e a filha. Aparece outro recorte da brincadeira de esconder.

*(...) Elisa "dá, dá", alcançando o telefone para a mãe/ mãe "É o Tatatá? Tatatá", pega o fone "oi Tatatá, quer falar com a Elisa? Ó o tatatá", alcançando o fone para Elisa/ Elisa pega o fone, coloca-o próximo ao ouvido "dá"/ mãe "Tatatá?"/ Elisa coloca o fone de volta no telefone/ mãe "foi embora?" (...)*

*(...) Elisa pega o fone de novo "dá, dá" e o alcança para a mãe/ mãe "o Tatatá? De novo?", pega o fone "oi Tatatá, a Elisa tá aqui brincando com um monte de brinquedo, tá, quer falar contigo o Tatatá", alcançando o fone para a filha, "é o Tatatá"/ Elisa vai engatinhando para trás das cadeiras/ mãe "ah, ela não quer falar" – mãe faz que a procura "cadê a Elisa, cadê?"/ Elisa vai até a mãe / mãe "achei"/ Elisa "ah, ah"/ mãe "vou te pegar"/ Elisa engatinha mais rápido para trás da outra cadeira/ mãe "vou te pegar, ai cuidado aí, vou te pegar"/ Elisa foge engatinhando/ mãe "vou te pegar" (...)*

**Período 24 meses / Entrevista com a mãe**

**Sobre a mãe**

Maria Helena segue trabalhando (já havia começado a trabalhar na entrevista de 18 meses), mas agora trabalha também aos sábados. Elisa acompanhava a mãe no trabalho nos fins de semana, mas agora não tem sido possível (pois ficam muitas crianças na casa). Elisa, então, fica de segunda a sábado na creche.

A mãe percebe que, quando chega em casa, a filha faz palhaçadas para chamar a atenção da mãe. Elisa fica mais manhosa também. O pai é quem leva a filha à creche. A mãe sai antes de Elisa. Como a filha chora ao ver a mãe sair de casa, Maria deixa-a dormir mais um pouco e depois o pai a leva na creche. Elisa não apresenta problemas para se despedir do pai. Com a mãe, entretanto, ela sempre chora.

Maria Helena relata estar mais cansada com o novo horário de trabalho e percebe se *estressar* mais com a filha. Quando chega em casa, toda a atenção tem que se voltar para Elisa, a mãe refere que a filha *rouba muito tempo* e ela não consegue fazer nada para ela própria.

A mãe, entretanto, descreve-se feliz ao ver a filha falando bastante e mostrando-se esperta. Em alguns momentos, Elisa chama a mãe e pede para ela se sentar ao seu lado para brincar. Maria Helena revela que, mesmo sem tempo, não recusa o convite da filha.

Quando Elisa incomoda, em geral no ônibus (ela não gosta de ir ao centro), começa a ficar rebelde. A mãe usa o peito para distraí-la.

A mãe continua amamentando-a, somente durante a noite (pois é quando está em casa), mas relata que Elisa mama desesperadamente e bastante. Elisa intercala o peito com os copinhos de leite. A mãe, por vezes, sente tanto sono que nem percebe quantas vezes a filha mama no peito. Elisa, às vezes, está mamando enquanto a mãe está dormindo. A mãe pensa que Elisa está *viciada* no peito. Quando Elisa chora, a mãe acha que a filha está com fome ou precisa trocar as fraldas, não imagina outro motivo.

A mãe justifica a dificuldade de parar de amamentar, dizendo ter preguiça de procurar outro método que faça a filha adormecer. Além disso, revela adorar amamentar, referindo que isto a aproxima mais da filha. Segue com as justificativas, relatando que agora Elisa só mama à noite (como se isso minimizasse o problema) e que, durante o dia, a filha mama somente quando ela oferece o peito, declarando haver situações em que ela própria oferece o peito. A mãe também utiliza o peito como um calmante para Elisa. Maria Helena não consegue imaginar nada mais que pudesse acalmar a filha e nem nada mais que pudesse aproximá-la da filha, que não a amamentação.

Maria Helena revela dificuldade para tirar o peito e para tirar a filha da cama do casal. Para as duas situações ela alega o mesmo motivo, dizendo não saber como proceder. Percebe

que seria bom que a filha tivesse seu próprio quarto, para não se tornar dependente dos pais. A mãe pensa em utilizar a Ana (boneca), dizendo para a Ana o que ela deve fazer, como falar que ela deve dormir no seu quarto, fazer *xixi* no penico, visto que Elisa gosta muito da Ana. Maria Helena declara adorar ver a filha trocando a fralda da Ana. A mãe, por sua vez, entra na brincadeira e diz que a fralda está suja.

Maria Helena refere adorar brincar com a filha, sendo descrito como um dos melhores momentos com a filha. As duas brincam bastante também. A mãe não gosta quando a filha começa a chorar e Maria não sabe o que ela quer e não sabe como acalmá-la. Maria Helena procura ensinar palavras novas para Elisa, pois gosta de vê-la falar.

Uma das dificuldades desta fase é o pouco tempo que a mãe tem com a filha. Ela está trabalhando quase 6 dias por semana. Maria Helena pensou em trabalhar meio e turno e poder voltar a estudar. Mas, por enquanto, a situação seguirá assim, porque a mãe não quer parar de trabalhar. Maria Helena, porém, relata que, quando está com a filha, procura dar bastante atenção a ela. Descreve-se como uma mãe com paciência e que sempre ensina coisas novas à Elisa.

Até os cinco anos de idade, Maria Helena viveu com a mãe (biológica). Recorda-se que, nesta fase, era muito *agarrada* com a mãe. Quando a mãe saía, Maria ficava chorando. Era também uma menina envergonhada. Maria Helena percebe que o fato de não ter recebido *carinho de mãe*, faz com que hoje procure ser mais carinhosa e atenciosa com a filha. Maria se lembra que não chegou a mamar no peito, só alguns dias, pois a sua mãe dizia que Maria não queria e virava o rosto. A mãe nota que a dificuldade de parar a amamentação está relacionada com a separação que houve entre ela e a mãe. Relata que hoje, quando vê Elisa chorando e, logo depois, já se acalmando no peito, sente-se reconfortada.

A mãe se angustia quando a filha chora e ela não consegue acalmá-la. Relata sentir-se pior, caso esteja no ônibus ou na casa dos outros, pois fica preocupada com o que os outros irão pensar, como que não podem olhar para aquela criança ou que criança chorona.

Quando a Maria Helena está no trabalho, sempre imagina que a filha está bem, seja nos momentos em que ela fica com o pai ou na creche. Elisa chora ao se despedir da mãe, somente quando está em casa. Na creche, ela dá tchau para a mãe e fica tranqüila.

A mãe descreve a filha, dizendo que ela está mais teimosa. Às vezes, Maria Helena consegue ser mais *dura* com a filha, mas em muitas situações acaba cedendo aos pedidos de Elisa. A menina, porém, quer pegar tudo em casa, até o rádio relógio. O pai discorda da mãe, pensando que ela deveria ser mais rígida e não ceder às solicitações da filha.

### Sobre a criança

Elisa está bem adaptada na creche, não chora mais e se despede dos pais com tranqüilidade. Ela inclusive tem uma amiga, com quem sempre brinca.

A mãe refere que a filha está falando bastante. Fala algumas frases curtas. A mãe se descreve apaixonada ao ver a filha falar.

Ela gosta dos batons da mãe. Quando vê a mãe passando batom, começa a pedir para usar também. Além disso, Elisa mexe na bolsa da mãe procurando o batom. Maria Helena relata que algumas vezes que ela encontrou o batom, acabou estragando-o.

Elisa começou a se interessar mais por uma boneca, desde que passou a levá-la para o trabalho da mãe, quando a acompanhava. A boneca possui um nome (Ana) e Elisa a chama pelo nome. Ela chora, caso a mãe a esqueça. Ela tem outros bonecos, mas demonstra um interesse especial pela Ana. A mãe percebe que a filha sempre expressa uma afeição por algum boneco em especial. Primeiro foi com a Margarida, depois veio o Mickey, mais adiante surgiu a Branca de Neve e agora Elisa elegeu a Ana. Quando a menina vai dormir, ela pede *dê Ana e dê fralda*. Com os outros bonecos (Margarida e Mickey), foi a mãe quem os ofereceu à filha e os colocava no berço, para Elisa dormir com eles. Com a Ana já é diferente, pois Elisa solicita a boneca. Além disso, ela fala com a boneca como se Ana fosse a sua filha, dizendo *toma tudo, limpa a boca* e outras frases deste tipo. O interesse pela Ana teve início há 3 ou 4 meses atrás. Elisa ainda precisa da fralda também para dormir. Logo que vai mamar, ela já pede a fralda. Leva-a para a creche, a mãe não pode esquecê-la. Maria Helena imagina que, caso a fralda fosse esquecida, Elisa só conseguiria dormir se Ana (boneca) estivesse junto. Segue dormindo na cama dos pais, mas não consegue adormecer direto na cama, a mãe precisa ficar embalando-a no colo ou no carrinho. O pai trabalha à noite e Elisa fica toda a noite na cama dos pais.

Quando é necessário acalmar Elisa, a mãe relata que só o peito funciona. Em geral, Elisa fica irritada, quando está com sono.

Como passa bastante tempo na creche, Elisa tem feito a maior parte das refeições lá. Além disso, a mãe só dá banho na filha nos fins de semana, pois, durante a semana, a menina também toma banho na creche.

A mãe relata que Elisa gosta muito de brincar. Prefere brincar com bonecas, fazendo que dá *papá* para a boneca, ou ainda, de cozinhar e fazer café para a mãe. Elisa consegue brincar sozinha, chamando os pais apenas quando eles estão por perto. Com as outras crianças, ela também brinca, mas agora começou a ter dificuldade para dividir os brinquedos, dizendo,

por vezes, *é meu, é meu*. Elisa dá preferência por brincar com os primos mais velhos. Há uma prima de 3 anos, com a qual ela não gosta de estar, em função de ela ficar muito *grudada* com Elisa, gosta de dar beijo e abraçar e Elisa não gosta disto. Outra brincadeira preferida de Elisa é de esconde-esconde, ela brinca de esconder também com os pais (fica escondida atrás da porta). Gosta de fazer de conta que vai trabalhar, então, pega a bolsa da mãe, a fralda e a Ana (boneca) e faz de conta que está saindo.

### **Período 24 meses / Entrevista com a mãe**

#### **Primeiro recorte**

##### Mãe e Elisa

Percebe-se um diálogo entre mãe e filha. A mãe sempre interroga o que a filha quer fazer e Elisa já consegue responder. A mãe, nas entrevistas, sempre mencionava esperar pelo momento em que Elisa começasse a falar. Ela se encantava com as primeiras palavras e as conversas das crianças.

*(...) Elisa levanta e vai até a cadeira/ mãe “quer sentar aí?”/ Elisa “quero”/ mãe “tá eu te ajudo”/ Elisa sai de perto da cadeira e olha para a sala/ mãe “quer? quer sentar aqui”, mostrando a cadeira/ Elisa “qué aqui naná”, deitando no travesseiro/ mãe “quer nana?” – “vou te botar no travesseiro”/ Elisa fica deitada no travesseiro “ó, lá mãe, ali”/ mãe “o quê? Ah, ali, dá tchau pra lá”, acenando para a câmera “tchau”/ Elisa olha para a câmera e acena dando tchau/ mãe “a tia tá filmando a Lisa, igual a tia Denise”/ Elisa olha para a câmera e começa a se levantar/ mãe “tu não vai nana? Não quer mais?”/ Elisa deita no travesseiro e puxa a Vovó para perto/ mãe “canta o boi para ela nana, canta que ela gosta, canta o boi para ela nana”/ Elisa “não qué”/ mãe “não qué?”/ Elisa pega a vovó e começa a virá-la, achando a Chapeuzinho “..., esse ali”/ mãe “outro?”/ Elisa “Lisa”/ mãe “qual que tu vai cantar?”/ Elisa “esse aqui”, mostrando a Vovó/ mãe “vai cantar para essa aqui”, apontando para a vovó/ Elisa “não, pra esse aqui”, apontando para a Chapeuzinho/ mãe “vai cantar o que pra ela? O boi?”/ Elisa “ó, tira a touca”, mexendo na touca do Chapeuzinho/ mãe “tem que colar” – “então nana ela no colo e canta o boi”/ Elisa pega a Chapeuzinho no colo, canta “boi cara preta” embalando a Chapeuzinho, entrega a Chapeuzinho para a mãe “ó, mãe”/ mãe embala a Chapeuzinho no colo “boi da cara preta...”, cantando/ (...)*

#### **Segundo recorte**

##### Mãe e Elisa

A seguir, constam duas passagens em que aparecem de formas diferentes brincadeiras relacionadas ao *fort-da*. Seja no palhaço que aparece e desaparece, ou na brincadeira de sair e voltar, ou ainda quando ela brinca de dormir e acordar. A brincadeira de sair para trabalhar pode expressar uma tentativa de lidar com o afastamento da mãe, que neste período já voltou ao trabalho. Estas cenas retratam também a passagem de Elisa de um período em que é bebê, para outro momento em que já é uma criança. Assim, em alguns instantes, ela assume uma posição passiva, deixando a mãe conduzir a brincadeira, quando desempenha o papel de bebê; para logo em seguida incumbir-se de um papel ativo, como uma criança, em que ela própria também passa a dirigir o enredo.

*(...) Elisa sai dali e pega o palhaço, faz ele aparecer/ mãe "cadê? tá ali ele"/ Elisa puxa o palhaço para fora "ó", e empurra de novo para dentro do cone/ mãe "se esconde lá dentro, né?", "se escondeu"/ Elisa puxa ele para fora "ó"/ mãe "achou, o palhaço"/ Elisa entrega o palhaço para a mãe "faz com ele"/ mãe "faço, cadê?", escondendo o palhaço, "não tem palhaço", fazendo ele aparecer "tá aqui"/ Elisa levanta os braços "achou"/ mãe esconde de novo o palhaço "cadê?", fazendo ele aparecer "oi Lisa"/ Elisa levanta os braços, como se quisesse pegá-lo/ mãe esconde o palhaço e o faz aparecer "oi Lisa"/ (...) Elisa pega o brinquedo do arame como se fosse uma bolsa e vai até a porta "vou... pra ... casa"/ mãe "vai passear? vai pra casa? Tchau"/ Elisa tenta abrir a porta/ mãe "a Lisa chegou palhaço, a Lisa chegou"/ Elisa vai ao encontro da mãe / mãe "oi lisa chegou, que saudade"/ Elisa sai de novo/ mãe "tchau, tchau"/ Elisa vai para trás da cadeira/ mãe "vai embora? vai trabalhar? Então tá, tchau"/ Elisa sai de trás da cadeira "Oii!"/ mãe "oi, Lisa chegou"/ Elisa vai em direção à porta/ mãe "tchau, bom trabalho, vai com Deus"/ Elisa tenta abrir a porta/ mãe "não precisa sair lá na rua", "vai trabalhar"/ Elisa pega o cofre como se fosse outra bolsa/ mãe "oi, já chegou do trabalho? Vai levar esse pro trabalho hoje? (referindo-se ao cofre) vai levar esse?"/ Elisa aponta para a câmera "ó, lá"/ mãe "ó"/ Elisa "tchau", acenando para a câmera/ mãe "tchau, a Lisa vai trabalhar"/ Elisa "tchau"/ mãe "tchau"/ Elisa "ó, lá", apontando para a câmera "tchau"/ mãe "tchau", "é deu tchau pra ti", "a Lisa vai trabalhar"/ Elisa segue acenando – alcança o cofre para a mãe e fala "....."/ mãe vai pegar o cofre/ Elisa "é meu" e puxa o cofre de novo/ mãe "é teu? Me empresta?"/ Elisa "é meu"/ mãe "ah, me empresta um pouquinho pra mim brincar"/ Elisa "tá bom" e alcança o cofre para a mãe/ mãe "a menina", alcançando a Chapeuzinho para Elisa/ Elisa pega a Chapeuzinho no colo/ Elisa pega as duas bolsas e mais a Chapeuzinho e vai até a porta/ mãe*



*“tchau”/ Elisa volta/ mãe “oi, chegaram todos, oi”/ Elisa entrega as bolsas para a mãe “ó” e — também a Chapeuzinho/ mãe “oi, menina”/ (...)*

*(...) Elisa coloca a vovó deitada no travesseiro “ó, vai naná”/ mãe “vai nanar agora, mas ela não tem fraldinha pra naná?”/ Elisa “não tem”/ mãe “não tem? Tu não vai emprestar a tua pra ela?”/ Elisa levanta a saia da vovó e vê a Chapeuzinho, “tem outra ali”/ mãe “a outra tá ali”/ Elisa deita ao lado da boneca no travesseiro “vou nanar aqui”/ mãe “a mãe vai achar a fraldinha pra vocês nanarem tá?”, indo pegar a fralda na bolsa/ Elisa fica deitada no travesseiro/ mãe “achei, uma pra Lisa e outra pra nenê”, voltando com duas fraldas/ Elisa deita segurando a sua fralda/ mãe “nana nenê que a cuca vai pegar”, cantando e dando palmadinhas no bumbum de Elisa (nanando ela), mãe se aproxima para ver se ela está dormindo “não fechou o olho ainda, não tá dormindo”, olha de novo “tá nanando agora, não faz barulho palhaço”/ Elisa levanta do travesseiro/ mãe “acordou, já acordou” — “a menina não acordou, não faz barulho pra ela, a menina não acordou ainda (cochichando)”, “não vamo acordar ela”/ (...)*

### **3.5. Caso 5 – Marta e Paulo / Mateus**

#### **Período 3 meses / Entrevista com a mãe**

#### **Sobre a mãe**

A mãe refere, quando perguntada sobre os primeiros meses, que havia momentos em que pensava em se suicidar. Apesar de falar com um certo humor, relata que eram momentos difíceis, em especial aqueles nos quais Mateus chorava muito (*gritos insuportáveis*) e ela não encontrava a forma de acalmá-lo. Na primeira vez em que ficou sozinha com ele, pensou em amarrar Mateus nela e se jogar pela janela. No princípio, não comentou com Paulo, posteriormente, ao falar com o marido sobre essa passagem, Paulo relatou que também havia tido pensamento parecido. Para Paulo, porém, aconteceria da seguinte forma, ele aprontaria a cadeirinha de Mateus e a deixaria na frente da porta do vizinho, quando ele viesse atender a porta, ele (Paulo) já teria se jogado pela janela. Marta percebe que ela como mãe levaria o filho junto com ela, não deixaria para ninguém criá-lo. Ela menciona ter sentido alívio quando percebeu que tal idéia não passara somente pela sua cabeça. Comentou, depois, com outras mães, as quais também relataram já terem tido vontade de se matar nestas situações.

Marta refere que tentava várias formas para acalmar Mateus: aninhava, botava no colo, no carrinho, fazia massagem e nada adiantava. Descreve-se como *autista*, pois gosta de tudo na linha e logo levou o filho ao pediatra para ver o que estava acontecendo. Mateus seguia

regurgitando e descobriram mais tarde se tratar de refluxo. Marta não medeia esforços, no que dizia respeito a consultas com médicos. Uma vez chegou a esperar uma médica no aeroporto para mostrar alguns exames de Mateus. A mãe também se mostrava bastante cuidadosa com as medidas, de leite por exemplo, dando exatamente o que o pediatra havia prescrito. Mais tarde, o médico esclareceu que tais medidas eram apenas uma base.

Depois a mãe descobriu que o refluxo estava também associado à alergia ao leite de vaca. A mãe descreve em detalhes os procedimentos médicos, demonstrando bastante apego a este saber.

A mãe relata que tentou dar o seio e Mateus não pegava o bico. O mesmo aconteceu com o mamilo artificial. Marta refere que ele queria uma coisa fácil, porque ele sempre foi esganado. A madrinha de Mateus foi quem o amamentou durante os primeiros dez dias. Marta tinha leite, mas Mateus não conseguia sugar o mamilo.

Marta relata ter tido pouca ajuda da mãe, sendo um fato que a magoou bastante. A avó havia se disponibilizado a ficar com o neto alguns dias da semana e depois não cumpriu a combinação. Paulo a ajudava, mas ela sentia falta de alguém com mais experiência em bebês. Ligava com frequência para o pediatra, para esclarecer suas dúvidas. Sentiu-se desamparada sem a ajuda da mãe e da sogra. A madrinha, que amamentou Mateus, foi quem a ajudou.

Após o primeiro mês, Marta se organizou melhor. Mateus ficava alguns dias com a avó materna pela manhã, mas à tarde já ia com ela para o trabalho. Quando Mateus tinha quinze dias, já estava acompanhando a mãe ao trabalho (*então ele já entrou no que foi possível já na minha rotina também*). Algumas noites trabalhava até tarde e, então, era o pai quem cuidava do filho. Na semana seguinte à entrevista, a mãe menciona que teria uma viagem e que Mateus não iria junto, mencionando não haver outro jeito. Compreende que ele é pequenininho, mas acha que ele vai ter que se acostumar com o fato de ela (mãe) se ausentar muitas vezes. Novamente refere que ele terá que entrar na rotina dela.

Em função de Mateus regurgitar, ele está dormindo no carrinho no quarto dos pais. Marta queria que ele dormisse no quarto dele desde o início, o pediatra insistiu que ele deveria ficar perto dos pais e que a mãe deveria deixar *suas teorias* um pouco de lado. Isso contrariou seus planos, mas ela acabou aceitando.

Para Marta, Mateus se parece fisicamente com o pai, mas tem o temperamento dela. Ela reconhece este temperamento por uns gritos que ele dá que são semelhantes aos seus gritos. Fala que o filho já fazia estes gritos com dias de vida.

Planeja colocá-lo na creche em março (quando ele terá de 8 para 9 meses). A mãe está atravessando um período importante no trabalho, o que a impede de ficar com Mateus, como havia planejado. Imaginava que a situação estaria mais tranqüila, mas tem tido pouco tempo para estimular o Mateus e, em função disso, percebe que o melhor é ele ir para uma creche em março.

Marta refere que o seu trabalho é como um filho para ela. Descreve em detalhes a situação no trabalho e fala de planos para o futuro relacionados com a atividade profissional. De repente, diz ter percebido que seus dois filhos estariam desamparados. O trabalho estava exigindo a sua presença e Mateus também. Ressente-se por não ter curtido muito o filho, pois logo ele já vai estar indo à creche. Não imaginava esses primeiros meses seriam assim, e diz ter dificuldade de lidar com as situações que não saem da forma como ela idealiza. Descreve-se como perfeccionista, dizendo imaginar tudo nos seus detalhes antes mesmo de acontecer.

Já imagina várias coisas para Mateus. Sonha que ele vai ser médico, na área de neurologia ou um geneticista, dizendo que alguém tem que continuar o seu sonho. Paulo também queria fazer medicina. Acha que pode ser pesado esperar tanto dele, mas considera que todas as mães devem pensar nisso, só que não falam abertamente disso. Fica pensando se ele vai decepcioná-la ou se vai ser como ela imagina. Percebe que espera dele posições muito adultas. Refere que os filhos podem decepcionar os pais ou surpreendê-los, mas com Mateus sempre imagina que ele vai surpreendê-la muito mais do que decepcioná-la. Ele já a surpreende, pois está adiantado no seu desenvolvimento (não é um *superdotado*), mas Marta observa que ele já identifica algumas coisas. Ela mostrou as cores para ele e relata que ele acertou o lugar de uma cor num momento (a mãe percebe que foi por acaso). Mesmo assim, ela desistiu da idéia de alfabetizá-lo com três meses, pois Paulo se opôs a isto. Entretanto, tenta ensiná-lo a ser organizado, mostrando onde é o lugar do seu tênis. Quanto à idéia de alfabetizá-lo, considera que seria um adestramento, apesar de muitas vezes querer tentar ensinar algo do tipo. Porém, acha melhor criá-lo de um modo mais natural.

Desde os primeiros dias de vida de Mateus, Marta o veste com calça e camisa, não usando tip top. Para ela, Mateus é um bebê com cara de menino, desde a maternidade. As pessoas nunca tiveram dúvidas (ao olhar para Mateus) de que ele fosse um menino, ainda mais em função das roupas que Marta colocava nele (ficava mais menino ainda). Já no hospital, a mãe o vestiu como um *gurizinho*. Marta inclusive mandou fazer algumas roupas, cuidando os detalhes que lembravam roupas de guri.

Marta e Paulo pertencem a religiões diferentes. Mateus foi batizado em ambas as religiões. Marta foi quem quis dessa forma, justificando que mais tarde o filho vai poder optar por qual religião ele vai seguir. Assim como Mateus poderá optar por qual religião deseja seguir, caso não queira se médico, também terá liberdade para mudar. Marta refere seu exemplo, dizendo que os pais inicialmente desaprovaram a sua escolha, porém, passaram a apoiá-la quando perceberam que esta profissão a fazia feliz.

Marta percebe ter ficado mais afetiva após a gravidez. Observa isso no próprio relacionamento com as crianças com quem trabalha. Antes ela fazia mais brincadeiras (lutinha, rolar no chão) *de pai*, agora acha que conseguiu mesclar a isso o fato de conseguir ser mais carinhosa.

O casal refere que a vida mudou bastante após a vinda de Mateus. A mãe relata que eles sentem saudade da vida de antes, mas até acham que Mateus tem conseguido acompanhá-los nos programas deles (restaurantes, viagens). A mãe refere que eles sempre foram um casal organizado e Mateus está entrando na organização deles.

#### **Sobre a criança**

Quando Mateus chora por fome, os pais têm que sair correndo para ir fazer o mamá. Logo que ele ouve o barulho do microondas, ele pára o choro. Marta já reconhece quando é choro de manha ou de fome.

Quando ele está acordado, gosta de ver TV e brincar com os palhaços. Gosta que a Kity (empregada) esteja por perto e procura ficar numa posição em que possa ver a Kity e também a TV.

Os pais o acalmam através das viagens. Esta era a última alternativa, eles então saíam de carro para fazer um passeio. Os pais têm procurado outras formas de acalmá-lo, colocando-o em posições diferentes. Quando está com fome, só a mamadeira o acalma.

#### **Período 8 meses / Entrevista com a mãe**

##### **Sobre a mãe**

Marta relata ter viajado três vezes. Nas duas primeiras, ficou três dias fora e, na última, ficou cinco dias viajando. Esta última foi a mais difícil. Mateus estava com uma virose, apresentando uma diarreia forte, com risco de desidratação. Marta queria cancelar a viagem, mas o médico disse que ela deveria ir e que sua presença não ia alterar o quadro. Ela pensava que caso estivesse junto, cuidaria melhor e poderia evitar a desidratação e a internação dele.

Refere isso, descrevendo-se como onipotente. Conta que quando retornou de viagem, ele logo melhorou (mesmo mencionando que talvez fosse o ciclo da virose).

A mãe afirma estar num ritmo intenso de trabalho. Tem atividades que se estendem até tarde da noite. Entretanto, sente-se mais aliviada com o fato de Mateus estar na creche, percebendo ter conseguido a organização que almejava antes. Com medo de perder a vaga e devido a um incidente com a empregada, os pais acabaram matriculando-o em janeiro (o plano era ele começar em março), quando ele completaria seis meses. Para Marta, o filho está indo estudar. Quando o leva à creche, despede-se dele desejando boa aula.

Marta desistiu das férias na praia em fevereiro, pois notou que não teria estrutura para cuidar de Mateus sozinha. Tinha receio também de ficar em um lugar sem muitas opções de atividades. Relata não conseguir ficar parada, está sempre saindo com Mateus, indo a algum lugar, fazendo um passeio diferente. Na praia, não teria estas opções. Outro motivo, foram as exigências profissionais. Tinha alguns trabalhos para serem feitos em fevereiro.

Sobre Mateus, refere que ele tem *uma cara preparada*, parece ser um santo, mas não é. Conta uma situação em que Paulo foi dar um remédio e ele *virou uma bofetada na cara do Paulo*. Mãe relata que ele é furioso e briguento. Quando está bravo, ele belisca e puxa os cabelos. Ele também acaba urinando nos pais durante a troca de fraldas. Acha que este comportamento é intencional. Mesmo o pediatra dizendo que é impossível ele ter controle esfinteriano para fazer isso, ela acredita ser um ato intencional. Em função disso, Mateus recebeu o apelido de *zurriho*. Quando ela retira à força algum brinquedo dele, ele começa a gritar e a se bater. Se Marta volta atrás e devolve o brinquedo, ele não aceita, fica de olhos fechados. A mãe acha que não estimulou este comportamento, pensa que isto é próprio dele, mesmo ele tendo apenas 8 meses. Marta se descreve como sendo furiosa e explosiva e assustada de ver as semelhanças entre o temperamento de Mateus e o seu. Refere que seria mais fácil para ela lidar com ele, caso ele fosse parecido com o pai.

Já em relação ao nome de Mateus, Marta havia se questionado sobre a primeira sílaba do nome, mencionando que a lembrava o adjetivo mau. Acha que passou o receio de que este nome pudesse despertar alguma característica má nele. Percebe que ele conquista os adultos e adora as outras crianças. Agora o vê como Mateus.

No segundo dia de adaptação à creche, Marta o deixou lá e retornou depois de três horas, deu só um telefonema para saber como ele estava. No dia seguinte, ele já ficou as quatro horas e, em fevereiro, passou a ficar o turno integral (chega às 8 e sai às 19 horas). Mãe refere tranquilidade em relação à creche, sente-se segura e confiante com sua escolha.

Valoriza bastante as recomendações do pediatra. Passa as informações dele para as *tias* da creche (sobre alimentação). Além disso, a empregada que antes cuidava de Mateus também costumava ir as consultas com o médico.

Marta brinca bastante com Mateus. Gosta de brincar no banho. Outra brincadeira que Marta faz com ele é de esconde-esconde. Coloca uma fraldinha na frente do rosto. Gosta também de imitar personagens e fazer vozes, conta historinhas (Lobo Mau, Pequena Sereia) e vai mostrando as figuras dos livrinhos – refere que faz com ele o que geralmente se faz com uma criança maior.

Mateus fica com a avó materna, somente se há outras pessoas junto, visto que a avó ainda não consegue cuidar dele sozinha. Marta acha que é em função de ela nunca ter sido mãe, pois era muito mais um pai para as filhas. A sogra também nunca trocou uma fralda, quem fazia isso eram as empregadas. Marta as considera egoístas, apesar de perceber as dificuldades que elas têm para cuidar de crianças.

Marta se descreve como uma mãe prática e afetiva. Ela tinha medo de não conseguir ser muito afetiva com Mateus, pois sua mãe sempre foi mais distante, mas acha que está conseguindo fazer de uma forma diferente com Mateus. Às vezes, percebe estar sendo muito rígida com ele e tenta ser menos exagerada.

#### **Sobre a criança**

Mateus é *super comilão*. Marta refere que ele é *comilão* como o pai. Marta dá a comida mais devagar, já Paulo enche bem a colher e dá mais rápido. Mateus gosta mais quando é o pai quem dá a comida. Se for a Marta, ele às vezes joga coisas nela, porque ela quer ir conversando e brincando com ele.

Mateus dorme inicialmente na sua cama, passando na metade da noite para a cama dos pais. Dorme com um pé em cima do Paulo e uma mão na Marta. Ele tem sono agitado, não consegue ficar coberto.

Mateus é bastante ligado a um paninho, o qual é uma fraldinha, que a mãe colocava junto dele, desde pequenininho. Marta fez isso pensando em acalmá-lo, pois sempre o achou agitado. Mateus procura pelo paninho somente quando está no carro ou quando vai dormir. Ele se aninha com o paninho, procura o cheirinho e gosta do toque dele. No carro, às vezes, resmunga. Marta alcança o paninho e ele se acalma. A mãe relata que também tinha uma fraldinha, quando era bebê, mas era uma só, não podia lavá-la.

Marta relata não conseguir deixar o filho chorando. Logo, ela começa a inventar alguma coisa, propor uma brincadeira, pois não suporta vê-lo chorar. A mãe refere que há o

choro de manha e o choro com lágrima, que é quando há algum motivo. Além disso, já distingue o choro da fome, o do cocô e xixi.

Conforme Marta, Mateus se faz entender. Outro dia estava na casa de alguns amigos e queria entrar na piscina, ficou chorando até que perceberam e o colocaram na piscina. A mãe percebe nele sempre uma intenção.

Os pais não têm saído mais tanto. Agora Mateus sai da creche e vai direto para a casa, para poder aproveitar o seu quarto e seus brinquedos, já que ele fica o dia todo fora de casa.

Quando ele vai à creche, fica bem na hora de se separar, com exceção de segunda-feira, em que está um pouco mais manhoso. Nestes momentos, Marta canta a música do tchau tchau e ele logo se acostuma. Durante as viagens da mãe, Mateus fica com Paulo. Na segunda vez em que a mãe viajou, Mateus a rejeitou no início

#### **Período 12 meses / Entrevista com a mãe**

##### **Sobre a mãe**

Marta percebe um envolvimento maior com o filho, conforme ele vai crescendo. Ela sente vontade de estar mais perto dele, tornando-se mais difícil viajar agora. Para ela, isso ocorre em função de Mateus entender melhor a situação e também por ele solicitar mais os pais do que quando era bebê. Quando bebê, as solicitações eram outras, isto é, ele chamava quando estava cocô ou queria mamar. Hoje ele pede coisas além disso. Ele quer carinho, atenção para mostrar o que ele já sabe fazer, ou seja, ele procura interagir muito mais. Dessa forma, quando pode, a mãe tem evitado viajar

Marta cortou o cabelo de Mateus, acha que ele ficou com cara de gurizão, ainda mais devido às roupas que a mãe veste nele (camisa de veludo cotelê, calça jeans). Menciona que eles já não têm um bebê em casa, mas sim um menino. Considera-se preparada para o fato de ele estar deixando de ser bebê para passar a ser um menino.

A mãe acha que este primeiro ano passou muito rápido. É bom vê-lo crescendo e evoluindo, mas ao mesmo tempo ela tem a sensação de não ter curtido todas as fases dele. O primeiro engatinhar dele foram as tias da creche que viram. Ressente-se frente a isso, mas diz ser o preço a pagar quando se trabalha e se tem outros compromissos além de cuidar do filho.

Marta conta terem levado Mateus a um mini Zôo quando ele tinha três meses. Percebe que é um passeio para uma criança maior, mas refere que queria mostrar essas coisas para ele naquele momento. Acha que ele é bastante observador, relata que ele nunca foi um bebê de ficar deitado, enquanto eles passeavam.

A mãe relata que o momento mais difícil desse primeiro ano foi aos três meses, naquela situação em que ela pensou em se matar (situação mencionada na entrevista de 3º mês). Refere que os três primeiros meses foram todos de angústia (cita situações de ele regurgitar e poder se afogar, devido ao refluxo). Ela pensava que estava preparada para ter filhos, mudando de idéia depois. Para ela, mesmo depois do nascimento de Mateus, ela ainda não estaria preparada, pois cada filho é um filho.

Marta segue tranqüila quanto a deixar Mateus na creche, gosta do trabalho que as tias realizam, principalmente no sentido de facilitar a vida dos pais. Quando a mãe tem algum compromisso depois da creche, elas procuram dar banho em Mateus e deixar uma mamadeira pronta.

De acordo com Marta, esta fase de 1 ano do filho é um momento em que ela curte cada descoberta. A mãe se coloca no lugar do filho, procurando descobrir junto com ele as coisas, não no sentido de mostrar a ele as coisas, mas sim de poder pensar como ela estaria vendo tal coisa se tivesse 1 ano. Marta gosta de contar histórias e percebe que Mateus consegue manter a atenção por mais tempo do que outras crianças de 1 ano. Isso talvez aconteça devido à mãe contar as histórias imitando os personagens, fazendo vozes diferentes. Além disso, ela brinca de esconde-esconde.

#### **Sobre a criança**

Mateus aceitou bem os alimentos sólidos, passando a recusar a sopa na creche. As tias acharam que ele estava doente, mas o motivo era ele não gostar mais da sopa, ele queria comida. Quando ele não quer mais, ele arranja uma forma de avisar, em geral ele empurra a colher.

Mateus segue acordando no meio da noite, às 24 horas, e acaba indo para a cama dos pais, que se sentem cansados para fazê-lo adormecer no quarto dele. Ele se encosta às costas do pai e segura os cabelos da mãe, como se precisasse ter certeza de que ambos estão ali. Quando os pais acordam colocam um travesseiro ou lençol para ele seguir segurando.

Quando a mãe retorna das viagens, Mateus fica um pouco afastado, a princípio, mas, aos poucos, vai se aproximando novamente da mãe. Aos sábados, às vezes, Mateus fica com a avó, mãe relata que sempre se despede dele. Ela percebe que, talvez devido à creche, ele está mais habituado a *essa coisa de perder e depois ter de volta o pai e a mãe*.

A primeira alternativa que os pais buscam para acalmar Mateus é a fraldinha. Caso não seja possível, a mãe procura brincar (encenar vozes) e conversar com ele. Marta não suporta ver o choro do filho. Já o pai relata saber que é choro de manha. Este é um ponto de discórdia



do casal. Paulo deixa Mateus chorando e Marta não aceita que ele faça isso. Quando ela viaja, ela o faz prometer que não deixará o filho chorando.

O objeto preferido de Mateus é o *nhonho*, o qual é uma fraldinha, usada principalmente para dormir. Mateus busca o *nhonho* e o bico ao mesmo tempo. A mãe é que oferece o objeto como uma forma de acalmá-lo. Ele gosta de segurá-lo, amassá-lo e colocá-lo perto do rosto. O *nhonho* serve para brincar. Aceita que sejam fraldas diferentes, desde que mantida a maciez das mesmas.

A mãe acha que é hora de substituir o *nhonho* e o bico. Considera que há momentos em que Mateus já pode recorrer a outras coisas. Quando eles andam de carro, a mãe não tem entregue o *nhonho*, pois ele pode ir olhando as coisas pela janela. Começou uma campanha com as tias da creche contra o *nhonho* e o bico, acha que ele estava se apegando demais a eles (objetos), ficando muito carente. Marta acha horrível criança grande usando bico e ele já não é mais um nenê.

Marta relatá uma situação em que brincava de esconde-esconde com o filho, ela o chamou e Mateus ficou um pouco escondido. Marta não sabe dizer se ele fazia intencionalmente, mas acha que sim. Marta tem permitido que Mateus ande de carrinho na sala. Lembra-se ter dito que não iria bagunçar a sala, mas ele precisa de um espaço para circular. Nos domingos, eles vão aos parques.

### **Período 12 meses / Filmagem**

#### **Primeiro recorte**

#### **Pai, mãe e Mateus**

Os pais interagem bastante com Mateus e ambos participam. A mãe inclui o pai na brincadeira e aceita os jogos que ele propõe. Percebe-se que os pais primeiro brincam, mostrando ao filho como ele pode brincar, para em seguida dar espaço a Mateus para que ele próprio brinque. Mateus, portanto, consegue, aos poucos, apropriar-se da brincadeira. Os pais falam bastante também, durante o jogo, fornecendo palavras ao filho.

*(...) pai joga a bola pequena para Mateus, dizendo "cabeça"/ Mãe diz "ai pega a bola"/ Mateus olha/ Mãe joga a bola para o pai/ Pai fala "cabeceia, gordo" e joga a bola que toca a cabeça de Mateus/ Mateus ri/ Pai joga a bola de novo "pum!" (...)*

*(...) Pai pega o telefone, mexe no dial/ Mateus olha/ pai diz "fala com a mãe lá" e coloca o fone no ouvido dele/ Mãe diz "alô Mateus, oi Mateus"/ Mateus mexe no telefone –*

*pega o martelo e dá batidinhas na mãe/ Mãe fala "uiii! Uiii!"/ Mateus joga a bola/ Mãe joga a bola de volta para ele/ Mateus vai por debaixo da cadeira pegar a bola grande/ Mãe diz "onde que tu vai? Ah! Vai atrás da bola" (...) Mãe joga a bola para o pai/ Pai joga a bola para a mãe/ Mãe diz "ó é a vez do Mateus, vamo joga bola com a mãe e com o pai – coloca-o sentado e dá a bola para ele – "joga a bola"/ Pai diz "vem"/ Mateus joga a bola para o pai/ Mãe "eh!eh!eh!"/ Pai joga a bola para a mãe/ Mãe "ó,ó,ó" (...)*

### **Segundo recorte**

#### **Mãe e Mateus**

Nesta cena, aparece a fala de Mateus, repetindo uma palavra que os pais falaram várias vezes.

*(...) Mãe joga a bola para ele/ Mateus pega a bola "a ba, a ba"/ Mãe repete a fala dele "a ba, a ba" (...)*

### **Terceiro recorte**

#### **Mãe e Mateus**

A mãe propõe brincadeiras de faz-de-conta. A brincadeira do telefone, por exemplo, pode estar relacionada às constantes viagens da mãe, pois várias vezes a mãe menciona sentir saudade (ela havia voltado de viagem no dia anterior ao da filmagem). Mateus responde às propostas da mãe, mantendo a brincadeira de faz-de-conta por algum tempo. Marta também tem a sensibilidade de incorporar na brincadeira aquilo que Mateus vai fazendo, dando um significado aos atos dele. Além disso, a mãe utiliza vozes diferentes, dramatizando a situação e, por conseguinte, despertando o interesse de Mateus.

*(...) Mateus pega o telefone/ Mãe diz "alô! É a mamãe Mateus, tô com saudade Mateus, vamo passear Mateus, vamo?" / Mateus com o fone no ouvido fala algo/ Mãe diz "vamo? Vamo anda de carrinho?" (...) / Mateus segue com o fone no ouvido/ Mãe fala "alô, alô Mateus" – "alô mamãe, é o Mateus" (fazendo como se ele estivesse falando/ Mateus tenta colocar o fone no telefone (...) Mateus pega o fone e coloca a boca próxima, fala algo/ Mãe diz "alô, alô, mamãe, é o Mateus" (como se ele estivesse falando)/ Mateus larga o fone/ Mãe pega o fone e muda o tom de voz "alô, é o meu gordinho picolé", abraça-o e larga o fone/ Mateus pega o fone e coloca-o no ouvido/ Mãe fala baixinho como se falasse no telefone "que saudade Mateus"(...)*

### **Quarto recorte**

#### **Mãe e Mateus**

Marta pergunta a ele com quais brinquedos ele gostaria de brincar, abrindo um espaço de escolha a ele.

*(..) Mateus olha e se aproxima do telefone/ Mãe “vamo brinca com o telefone de novo? Ou com o ursinho? Ou com o cachorrinho de desmontar, o que que o Mateus quer?” – mãe empurra o carro/ Mateus olha/ Mãe diz “o que que o Mateus quer, heim?”/ Mateus pega a bola e joga/ Mãe diz “ah, a bola de novo” (...)*

#### **Quinto recorte**

##### **Mãe e Mateus**

Mateus, por iniciativa própria, utiliza os objetos, não se atendo ao significado convencional deles. Transforma o martelo num telefone. A mãe, neste momento, não o acompanha, insistindo no uso formal do objeto. Mateus, entretanto, demonstra já poder criar, pois propõe um outro significado àquele objeto, diferente do usual.

*(..) Mateus pega o telefone, antes mesmo de pegar o fone, já começa a falar “ah!” – pega o fone e coloca-o no ouvido/ Mãe “alô, Mateus, Mateus gosta de telefone, é? Telefone celular, telefone convencional”/ Mateus larga o telefone e pega o martelo e coloca no ouvido/ Mãe “isso aí não é telefone, isso aí é ó”, mostra martelando o chão, “um martelinho para arrumar as coisas, quando papai coloca os quadros lá em casa”/ Mateus vai até o telefone e pega o fone (...).*

#### **Período 24 meses / Entrevista com a mãe**

##### **Sobre a mãe**

Marta relata perceber que o filho tem evoluído muito rápido. O entendimento dele sobre as coisas aumenta a cada dia. Ela refere que já sabia sobre esta fase de aquisições através da teoria, porém estar experimentando isto com seu filho é diferente, pois mesmo já sabendo ela acaba sempre se surpreendendo com o que Mateus aprende.

De acordo com Marta, o filho tem se mostrado menos teimoso, aceitando os acordos feitos com os pais. A mãe acha que ele compreende melhor o que se passa, quando os pais proibem algo. Marta tem permitido que ele traga a sua motoca para brincar na sala, assim como seus demais brinquedos. Tal atitude contradiz seus planos iniciais, nos quais não iria permitir brincadeiras na sala e nem iria mexer na decoração dos móveis. A mudança nos planos se deve a ela achar que o filho tem que aproveitar a casa onde passa pouco tempo. Marta ressalta que Mateus é um bom motorista. O único senão é que Mateus tem que guardar os brinquedos quando a brincadeira termina.

Marta leva o filho para escolher revistas e ela compra o que ele escolher, mesmo que ele queira uma revista para crianças maiores.

A mãe relata o interesse do filho por carros e refere sua preocupação, em função de ele enfileirar os carros. Marta achava que poderia ser um sintoma de autismo. Porém, a mãe percebeu que ela própria é detalhista e organizada com seus objetos (seu guarda-roupa está organizado por tons de cores). De acordo com ela, o filho acabou sendo assim, só que escolheu um objeto relacionado com o gosto do pai. Marta tentou dar um boneco a ele, mas não adiantou muito, visto que ele segue preferindo os carros. A mãe demonstra na sua fala, apesar das tentativas por fazê-lo se interessar por outros objetos, uma certa satisfação ao ver o filho tão interessado pelos carros (objetos preferidos também do pai).

Mateus já consegue ficar mais tempo sozinho, mas Marta sempre procura aproveitar o tempo que está em casa para ficar com ele, já que durante a semana ela passa mais tempo na escola e viajando.

A mãe vai combinar com a escolinha como irão proceder na retirada das fraldas de Mateus. Marta percebe que Mateus passa muito tempo na creche, então terá que ser um trabalho conjunto. Ela irá conversar com a psicóloga, porém ressalta que caso não concorde com algo, irá questionar. Marta refere uma situação em que Mateus fez *xixi* na saboneteira, no momento em que ela trocava as fraldas dele. A mãe menciona tal ato como sendo intencional da parte do filho, acreditando que ele já pudesse controlar isto. Mesmo após as explicações do pediatra, a mãe segue imaginando que o filho teria feito aquilo propositalmente.

Marta descreve as situações em que Mateus se incomoda quando, por exemplo, tem que limpar o ouvido, e relata inventar várias brincadeiras e histórias, para que ele aceite. Pelo relato da mãe, percebe-se que ela fala com o filho num tom lúdico, inventando apelidos para ele.

A mãe não suporta ouvir o filho chorar. O pai, ao contrário, acha que em alguns momentos tem que se deixar Mateus chorando. O casal discorda neste ponto. Marta sabe que tem que colocar limites no filho, mas acha que não deve ser desta forma.

Marta viaja, em alguns meses, quase todas as semanas. Ela chora nas despedidas e menciona ser bastante sofrido o afastamento do filho. Porém, ela procura sempre conversar muito com Mateus, explicando que vai viajar e que ele vai acordar e a mamãe não vai mais estar ali, e que daqui a alguns dias a mamãe volta. Marta menciona sentir mais a falta do filho à noite, quando chega no hotel e fala com Paulo. Estes são momentos, nos quais ela sempre chora. Além disso, ela relata que costuma acordar nos mesmos horários em que Mateus

acordou naquela noite, referindo que a *simbiose* permanece. Marta percebe também que Mateus não apresenta mais aquele rechaço inicial logo que ela chega de viagem, como era costume antes. Ele parece já compreender melhor as ausências da mãe. Quanto a deixá-lo sob os cuidados de Paulo, ela se diz bastante tranqüila, mencionando confiar no marido. No retorno da viagem, Marta nota que o filho fica mais manhoso e que adormece segurando em sua camisola.

Mateus mudou de creche. Inicialmente, ele foi transferido para outra turma na creche antiga, a qual era uma turma em que as demais crianças apresentavam algum atraso no desenvolvimento. Tal fato fez Marta se desesperar, visto que ela achou que o filho tivesse algum problema. Ela foi na mesma hora até o pediatra, exigindo uma explicação. Ela se sentia culpada, pois imaginava que o filho tinha problemas e pensava não ter percebido nada. Em função disto e de outras situações que ocorreram na creche antiga, os pais decidiram colocar Mateus em outra creche. Marta refere que ele demonstra a mesma alegria que expressava quando estava na creche anterior.

As viagens constantes fizeram com que Marta tivesse a sensação de estar perdendo o filho, pois ele era mais próximo do pai. Mateus chamava mais o pai durante a noite e costumava ser mais carinhoso com o pai. Marta refere gostar de ser independente e se alegra de ver que Mateus também esteja se tornando independente. Ela menciona que não imaginava que a sua individualidade iria ser tão *mexida* com a maternidade. Marta relata que quando saiu do hospital, logo após o nascimento de Mateus, passou no trabalho e tinha a sensação de que deveria ficar lá e deixar o Paulo seguir com Mateus.

De acordo com Marta, Paulo sentiu mais pesar pelo fato de Mateus estar crescendo. Ele se ressentiu que o filho irá deixar de usar fraldas, irá deixar de ser um bebê. Já para Marta, isto é mais tranqüilo, pois ela acredita que novas fases virão.

#### Sobre a criança

Mateus é descrito como um menino muito decidido pela mãe. Ele próprio já escolhe as suas roupas. Além disso, Marta relata duas situações em que Mateus demonstrou ter uma memória muito boa, lembrando de promessas que os próprios pais já haviam esquecido. A mãe refere saber que o filho não é um superdotado (algo que parte dela falar), mas se surpreende com a capacidade que Mateus tem para recordar certos fatos.

Mateus adora carros, ele identifica táxi, lotação, ônibus e algumas marcas de carro. Ele também ganha muitos carros de presente. Marta refere que este gosto não veio do pai, mas ao mesmo tempo diz que Paulo também tinha uma coleção de carros pequenos, como o filho tem

agora, só que tinha mais idade (uns 4 ou 5 anos). Desde 1 ano de idade que Mateus demonstrasse gosto por carros.

Outro interesse de Mateus é brincar com outras crianças. Marta percebe que o filho conquista as pessoas, pela meiguice e simpatia. Mateus já consegue brincar sozinho, durante um período, sem solicitar a mãe e mostra-se tranqüilo ao brincar com outras crianças.

Mateus ainda segue com o *nhonho* (fraldinha) e o *bibi* (bico). Ao contrário do que havia dito na entrevista do 1º. ano, Marta alterou seus planos, pois acha que não seria bom retirar os dois ao mesmo tempo. Além disso, Mateus está começando a avisar quando faz cocô (ele inclusive escolhe a pessoa que vai trocá-lo – se há mais pessoas à sua volta), então, a mãe acha que logo ele vai começar a controlar os esfíncteres, este seria mais um motivo para retardar a retirada do *nhonho* e do *bibi*. Sempre que Mateus sai de casa, ele leva o *nhonho* e o *bibi*. Marta refere que quando ela e Paulo brigavam, ele se agarrava no *nhonho*, então, a mãe acha que o ajudou a superar estes momentos (o casal passou por alguns conflitos neste período).

#### **Período 24 meses / Filmagem**

##### **Primeiro recorte**

##### Mãe e Mateus

Marta propõe brincadeiras de faz-de-conta, dando significado aos atos de Mateus e incluindo-os no contexto da brincadeira.

O pai é mencionado, percebendo-se que a mãe dá espaço e ele. Mateus se imagina sendo olhado pelo pai, como uma forma de fazê-lo presente. Neste período, ele demonstra vontade de estar com ambos os pais. A mãe relata na entrevista que quando ele dorme na cama dos pais, ele adormece encostado nos dois ao mesmo tempo, com uma mão ele toca na mãe e com a outra mão aproxima-se do pai.

*(...)Mãe pega a Chapeuzinho Vermelho “e essa aqui, é a Chapeuzinho Vermelho”/ Mateus imediatamente olha para a filmadora e aponta “ó”/ Mãe “ó, o que que tem ali?”/ Mateus fala “.....do papai”/ Mãe diz “ali tá a câmara do papai, é? Como é que tu sabe que ali tá a câmara do papai”/ Mateus segue olhando e mexendo no brinquedo do martelo/ Mãe diz “olha terror” - “e esse aqui é o Chapeuzinho Vermelho” - “Oi Mateus, eu sou o Chapeuzinho Vermelho!!” (mudando a voz, como se fosse a boneca a falar/ Mateus aponta para a boneca e leva algo até a boca dela/ Mãe fala “tu vai dá o que pro Chapeuzinho Vermelho, o que que é isso, papá? É?”/ Mateus alcança um martelo para a boneca/ Mãe diz*

*“vamo ver se o Chapeuzinho Vermelho consegue, OH!! Consegui segurar” (mudando a voz e fazendo de conta que é a boneca que fala), a mãe faz a boneca segurar um dos martelos/ Mateus alcança o outro martelo/ Mãe diz “dois eu não sei se ela consegue, vamo ver” e faz a Chapeuzinho pegar o outro martelo de Mateus “consegue” (...)/ Mateus pega um dos martelos da boneca fala .../ “Tá, eu deixo tu pegar”(fica mais claro que ele havia pedido “deixa eu pegar”) – “Que mais? ”/ Mateus olha para o espelho “tá papai”/ Mãe diz “papai tá ali”/ Mateus olha para a filmadora e aponta “papai”/ “É!! Papai tá ali na câmara” – “Que mais? ”/ Mateus aponta para a filmadora “mamãe”/ Mãe diz “a mamãe tá ali ou a mamãe tá aqui? ”/ Mateus segue apontando para a câmara/ Mãe diz “onde é que a mamãe tá? ”/ Mateus segue olhando a câmara/(...)*

### **Segundo recorte**

#### **Mãe e Mateus**

Há momentos em que a mãe não percebe as propostas de Mateus, quando ele novamente coloca o martelo no ouvido, fazendo-o como um telefone, a mãe fica presa ao uso corrente do objeto.

*(...)Mateus coloca os martelos de novo na orelha/ Mãe “e esse aqui, tu gostou deste?” – “Esse é de por na orelha? Esses martelinhos aí, é de pôr na orelha? Eu acho que não, vamo tirar?”(...)*

### **Terceiro recorte**

#### **Mãe e Mateus**

Novamente, Mateus menciona o pai. O pai não está na sala neste momento, mas o filho lembra-se dele, através do que ele tem em comum com o pai, que é o interesse pelos carros. Apesar de Mateus estar com a mãe, a relação não fica circunscrita aos dois. Além disso, ele se mostra bastante determinado, demonstrando já estar se apropriando de um espaço seu, pois não aceita tudo o que os pais propõem.

*Mateus pega os carros que ele trouxe para brincar, fala algo “carro”/ Mãe “que que tem teus carros? ”/ Mateus “avião” e mostra o avião para a mãe/ Mãe “avião”/ Mateus mostra um carro/ Mãe “esse é o carro da mamãe, ou é o carro do papai? ”/ Mateus “papai”/ Mãe “eu acho que é o da mamãe”/ Mateus “não, é o carro do papai/ Mãe “e a mamãe não tem carro? ”/ Mateus pega outro carro/ Mãe “esse é o da mamãe? ”/ Mateus “não, é o carro do papai”/ Mãe “a mamãe não tem carro então”/ Mateus “carro do papai”/ Mãe “tá bom então, é o carro do papai, esse aqui é o da mamãe”/ Mateus “não, é o carro do papai/ Mãe “mas é um avião, o avião, então pode ser da mamãe”/ Mateus começa a chorar “não”/ Mãe*

*“eu tô brincando contigo, amor, eu só tô perguntando se pode ser, então o avião também é do papai/ Mateus faz que sim com a cabeça/ Mãe “então tu vai ter que dizer avião do papai, é?” / Mateus aponta para a porta “papai”/ Mãe “o papai tá lá, tá tossindo o papai”/ Mateus aponta para a mãe “mamãe”/ Mãe “que que tem a mamãe, qué a mamãe?”(...)*

#### **Quarto recorte**

##### **Pai e Mateus**

Mateus encontra-se mais interessado em brincadeiras de faz-de-conta, do que em brinquedos nos quais se ressalte o seu funcionamento. Quando o pai, provocado pelos objetos presentes, insiste no funcionamento dos objetos (os quais Mateus não consegue acompanhar), Mateus mostra-se contrariado, deixando bem clara a sua posição. Como o pai insiste em mostrar como os objetos funcionam e de que forma (convencional) se pode brincar com eles, o filho acaba chamando a mãe.

*(...) Pai “e esse aqui vamo ver como é que é”, voltando-se para o mesmo brinquedo – pai rosqueia um parafuso, “dá para aparafusar com chave de fenda, ó”/ Mateus pega chave de fenda das mãos do pai e rosqueia algo no seu carro/ Pai tira o carro dele – Pai mostra como colocar uma porca no parafuso/ Mateus “aqui” e pega o parafuso do pai/ Pai coloca alguns parafusos no brinquedo/ Mateus “mamãe”/ Pai “mamãe”/ Mateus “mamãe”/ Pai “o que que tem a mamãe?”/ Pai pega um boneco/ Mateus se levanta e vai até a porta “mamãe?, mamãe?”, chorando/ Pai “vamo ficar aqui brincando um pouco, depois a gente vai lá na mamãe, tá?”/ Mateus segue chorando e chamando a mãe/ Pai “o que que é isso, a mãe foi dar uma voltinha, vem cá”, “olha aqui”, Pai mostra um boneco/ Mateus segue chorando e tentando abrir a porta/ Pai “gordo?, vem cá vem cá!!”(...)* (a mãe entra na sala).



## CAPÍTULO IV

### DISCUSSÃO

Neste capítulo, inicialmente serão apresentados os aspectos singulares de cada caso. Os casos serão abordados separadamente, destacando-se os pontos principais das entrevistas, bem como o entendimento destes, relacionando-os com o tema deste estudo. Posteriormente, serão apresentados os aspectos comuns que foram observados nos casos, assim como aqueles pontos que dizem respeito a um único caso. Os aspectos comuns serão focalizados à luz da teoria.

#### 4.1. Aspectos singulares

##### 4.1.1. Caso 1 – Rosane e Roberto / Heitor

Rosane estimula as capacidades adiantadas que Heitor demonstra, mostrando-se satisfeita quando ele começa a se sentar cedo ou quando ele não quer mais comer papinhas. Rosane não havia imaginado Heitor como bebê, ela somente o concebia já maior (caminhando, indo à praça). A mãe começou a achar o filho mais *engraçadinho* por volta dos 10 meses. Revela que não era divertido quando o bebê era recém-nascido, pois ficava só deitado e não fazia nada. Percebe-se que a mãe valoriza o período em que o bebê já apresenta maiores recursos para interagir.

Nas filmagens, houve momentos em que Rosane iniciava uma brincadeira de faz-de-conta, significando o brincar com o filho, porém, na maior parte do tempo, tanto ela quanto o pai demonstraram preocupação em ensinar o uso correto dos objetos para Heitor. Os pais, então, mostravam como utilizar os objetos. Os pais ofereciam os objetos destacando as suas propriedades reais e não simbólicas. Da mesma forma, a mãe também se preocupava em ensinar a forma correta de pronunciar as palavras, afirmando que não falaria com o filho em tom de bebê. Assim, como Rosane tem dificuldade de imprimir um tom lúdico às brincadeiras, ela também não o faz com a fala.

A ambivalência da mãe frente às situações de separação apresenta-se em vários momentos aqui relatados. Ela mencionava querer se distanciar de Heitor, dizendo sentir falta das atividades que realizava antes da vinda do filho e referindo não poder sair muito de casa, para logo em seguida relatar não se sentir tranqüila deixando o filho aos cuidados das avós.

Para Rosane, é difícil permitir a entrada de outras pessoas no seu relacionamento com o filho. Esta questão aparece em todas as entrevistas, quando Rosane revelava não conseguir deixar o pai fazer as tarefas relativas ao filho, porque este é um trabalho seu, ou ainda, quando mencionava não confiar nas avós para deixar o filho. O cuidado das avós é diferente do seu e, portanto, não confiável. Quanto ao pai, a mãe sempre supervisionava o que ele fazia com relação a Heitor. Na filmagem, aparece uma situação em que a mãe não percebe a aproximação do pai, afastando-o do filho (cena da cadeirinha que o pai a coloca próximo dele e a mãe a traz para perto de si). Da mesma forma, a mãe não confiava na creche, mesmo tendo o relato das *tias* de que Heitor chorava só no momento da separação. Esta desconfiança, somada a outras situações do casal, fez com que a mãe retirasse o filho da creche por volta dos 18 meses. A entrada de um terceiro parece complicar as relações. O próprio filho foi percebido como um intruso nos primeiros meses, e a mãe temia pelo afastamento dela e do marido.

O momento do desmame foi difícil para a mãe. A mãe tinha várias fantasias, imaginando que o filho não aceitaria a mamadeira ou que ficaria chorando, o que acabou não ocorrendo. Para ela, o desmame era percebido como uma separação (rememorando o parto), referindo que ela perderia a última ligação que ainda tinha com Heitor. Percebe-se que a ligação com o filho estava referenciada pelo contato corporal. Ao mesmo tempo em que relatava isto, Rosane parecia encontrar alguns prazeres no fato de não amamentar. "Ela mencionava sentir-se mais livre, já que Heitor poderia ficar com outras pessoas, tornando-se mais independente.

A dificuldade para a mãe se afastar de Heitor apareceu, também, no caso de uma viagem, em que ele ficaria com os avós e, por fim, acabou indo junto com os pais. Aos 24 meses, Heitor já dorme na casa dos avós, mas a mãe não fica tranqüila, sempre imaginando que algo ruim irá acontecer. Esta situação se agravou neste período, pois Heitor estava mais *agarrado* com a mãe e ambos não conseguiam se afastar um do outro. Quando a mãe estava junto com o filho, não conseguia se envolver em mais nenhuma atividade e, quando estava longe, não ficava tranqüila. Heitor ficava *desesperado* até quando a mãe ia ao banheiro. Desde a saída de Heitor da creche, ele está tendo dificuldade para se relacionar com outras pessoas, inclusive crianças, e não quer mais sair de casa. Além disso, percebe-se, portanto, que à medida que ele ficaria mais independente, acaba ocorrendo justamente o oposto, pois ele se volta para a mãe, buscando um contato corporal, ao invés de se voltar para a descoberta do mundo.

Nas últimas entrevistas, a mãe fez uma retrospectiva, observando que ela própria sempre foi muito superprotegida, o que talvez a faça agir com Heitor da mesma forma que

os pais agiram com ela. O pai de Rosane sempre teve muitas fantasias de que algo ruim aconteceria, caso as filhas andassem sozinhas. Rosane reproduz isto com o filho, tornando difícil a possibilidade de ela se ausentar. Ela inclusive mencionou que, quando Heitor saía com o pai, ela só se sentia tranqüila caso os acompanhasse com o olhar. Rosane imagina as reações do filho, tendo como referência as suas próprias reações. Ela própria teve dificuldade de ir à escola sozinha e não conseguia permanecer na casa dos tios para dormir, precisando estar próxima dos pais.

Nas entrevistas, a mãe relata que desde o início gostava de oferecer objetos para Heitor. Entretanto, os brinquedos eram utilizados pela mãe, em muitos momentos, como uma forma de manter o filho ocupado, a fim de que ela pudesse realizar as suas atividades, não proporcionando uma comunicação entre os dois. Rosane, inclusive, mencionava que conseguia enganar fácil a Heitor, percebendo o brincar como um modo de distraí-lo. Nas filmagens, também se percebia uma não disponibilidade, nos momentos em que a mãe, por exemplo, insistia com um brinquedo, quando o filho demonstrava interesse por outro objeto. Um exemplo aparece na filmagem dos 24 meses, em um momento em que os três brincavam de faz-de-conta, mas os pais acabavam se cansando, retirando-se da brincadeira, mesmo sob os protestos do filho.

Heitor aos três meses passa a mão no rosto da mãe. O peito o faz adormecer até o período de 1 ano. Heitor, com 8 meses, gosta de outros objetos que não os brinquedos, pois enjoa deles. Assim interessa-se pelas panelas da cozinha, com as quais fica pelo chão batendo nelas. Ele permanecia com a mãe na cozinha, enquanto ela cozinhava. Outro objeto de que gosta é o hipoglós (usado pela mãe para acalmá-lo), o qual foi substituído pelo rádio (a mãe mostrava o botão do rádio para ela, quando tinha três meses). Heitor brinca também com a chave, interessando-se pelo barulho. Aos 12 meses, para dormir, ele começa a ficar se nanando e fazendo um barulhinho, coçando a orelha ou mexendo no rosto (observa-se que isto começou a aparecer logo após o desmame). Além disso, Heitor quer estar sempre no colo e passa a estranhar as pessoas. Segue brincando com as panelas, batendo nelas e fazendo barulho. Gosta de mexer no vídeo. Aos 24 meses, Heitor está sempre pedindo a mamadeira e às vezes a faz de bico, precisando dela para adormecer. Heitor mexe no *tico*, ao mesmo tempo em que suga a mamadeira, quando está vendo TV ou também quando brinca, o que interrompe o seu brincar. Apresenta dificuldade para brincar com outras crianças, brincando sozinho por alguns momentos. Faz de conta que vai sair de casa, mas na realidade não gosta de sair. Cozinha, imitando a mãe. Gosta de ouvir histórias e também que a mãe cante para ele nos momentos de dormir. Mostra-se mais

agarrado à mãe. Nas filmagens, Heitor buscava os brinquedos que faziam música, como pandeiro e pianinho.

Heitor demonstrava interesse especial por objetos que produziam sons. O pai, durante a gravidez, colocava músicas para a mãe ouvir. Heitor buscava as panelas, talvez como uma forma de fazer música com elas. De acordo com as entrevistas, Heitor apresenta alguns maneirismos, no momento de dormir, os quais apareceram justamente na época do desmame. Alguns objetos, relacionados com a música parecem desempenhar a função de auxiliá-lo na transição de se separar da mãe. A própria mãe interpretou a busca de Heitor por determinados objetos, como sendo decorrente de um interesse dela pela música (inscrição de um significado).

Já se percebe uma disponibilidade maior da mãe, quando ela relata cantar para o filho ou mesmo numa cena da filmagem em que ela e Heitor inventam uma brincadeira de faz-de-conta, e a mãe incorpora no brincar a dica de Heitor de transformar a boneca em xícara de chá. Heitor, por sua vez, procura construir um espaço próprio, em torno deste interesse pelos sons e pela música.

Na filmagem dos 12 meses, no momento em que a mãe se ausentou e Heitor permaneceu somente com o pai, Heitor foi buscar justamente o cachorro que a mãe havia apresentado a ele e insistido para que ele brincasse. Tal objeto aparece, então, como um substituto da mãe e Heitor recorreu a ele, visto que o pai não conseguia envolvê-lo numa brincadeira que o fizesse esquecer a ausência da mãe.

Rosane demonstra ambivalência ao falar de situações relacionadas aos momentos em que se vislumbra o início de uma separação entre mãe e filho. Ao mesmo tempo em que ela valoriza a independência do filho, chegando até a querer antecipar o desenvolvimento de Heitor, Rosane também mantém uma certa dependência dele com relação a ela. Nos momentos em que ocorre um afastamento na relação entre mãe e filho, referenciada pelo corpo (parto, desmame), a mãe demonstra dificuldade de se ausentar, trazendo o filho para mais perto de si. Heitor mostrava dificuldades para lidar com a ausência da mãe, buscando estar *agarrado* a ela. As trocas simbólicas que uma mãe estabelece com seu filho, auxiliam a criança a lidar com a ausência dela. Entretanto, algumas dificuldades da mãe, apontadas aqui, não impediram a ligação de Heitor a determinados objetos do seu interesse, os quais podem justamente propiciar que ele se volte para a descoberta do mundo, sem percebê-lo como persecutório, como ocorre à mãe.

#### 4.1.2. Caso 2 – Renata e Vilmar / Ana Carolina

Nas primeiras semanas após o nascimento de Ana Carolina, Renata já demonstrava a preocupação de que a filha não se tornasse muito apegada a ela. Mesmo que a filha chorasse, querendo estar próxima à mãe, ela julgava que o melhor era deixá-la chorando, a fim de que Ana Carolina não se acostumassem a ficar só com a mãe. Tal preocupação é bastante incomum, ainda mais neste período, pois nesta fase as mães costumam estar imersas em tudo o que tenha relação com o filho.

Além disso, Renata costumava deixar Ana Carolina no carrinho, para que pudesse cuidar da casa. A menina chorava com frequência nestes momentos. A mãe não suportava ver a casa desarrumada e queixava-se de que a filha lhe tomava muito tempo. Renata referia não gostar de ver a filha chorando, mas sentia-se *sufocada* de ter que ficar sempre em torno dela. Tal situação se agravou em torno dos oito meses. Nesta etapa, a mãe pensou em procurar uma creche para a filha, para se sentir mais livre para fazer as suas atividades, ao mesmo tempo em que relatava não gostar de se separar da filha, imaginando que Ana Carolina não gostaria de ficar sozinha. Assim, a mãe não suportava a proximidade da filha, mas também pensava que seria difícil o afastamento dela. Esta dificuldade que a mãe apresentava em não suportar a proximidade e a dependência inicial da filha em relação a ela foi um tema constante em todas as entrevistas. Na entrevista dos 24 meses, a mãe referiu a falta de tempo para os estudos e para cuidar da casa, dizendo-se culpada também por não poder dar a atenção demandada por Ana Carolina. Pelo relato da mãe, percebe-se que sempre havia alguma ocupação que a impedia de estar com a filha.

No período dos oito meses, a mãe estava às voltas com o desmame, iniciado por recomendação médica aos seis meses. Houve várias dificuldades, visto que ela seguia regras rígidas de cardápio e se mostrou bastante preocupada em seguir todas as orientações dos médicos. Os problemas surgiram porque Ana Carolina não comia muito (outras comidas) e acabava emagrecendo, o que fazia com que a mãe voltasse a dar o peito. A filha, por sua vez, buscava avidamente o peito. A alimentação da filha foi uma preocupação constante da mãe, presente em todas as entrevistas, desde o desmame. O pai conseguia perceber que a filha buscava o peito como uma forma de estar próxima da mãe. Percebe-se que a mãe não se apresentava tão rígida em relação a outras recomendações médicas, como por exemplo quando deixava a filha no andador (enfermeira havia orientado que não o utilizasse). Havia, portanto, outro motivo para iniciar o desmame, pois Renata revelava que não queria seguir amamentando, já que Ana Carolina a machucava com os dentes, além de sentir sufocada com a proximidade da filha.

Renata percebia a filha como uma criança difícil, relacionando o comportamento dela com suas próprias *crises de nervosismo*. A mãe teve algumas crises neste período,

como jogar objetos no chão, fazendo com que a filha chorasse desesperada. Renata se sentia sufocada de ficar o dia todo com a filha e se incomodava com a interferência da família de Vilmar. Tais fatos a deixavam descontrolada. A mãe interpretava o comportamento da filha tendo como referência as suas próprias reações e sentimentos. Na situação da creche, Renata imaginava que a filha não gostaria de ficar sozinha, lembrando-se que ela própria foi cedo para a creche e só se sentia feliz quando retornava para a casa. Além disso, a mãe mencionava não querer que a filha se tornasse dependente, já que ela própria era assim, pois sempre precisava de alguém ao seu lado.

A mãe percebia o relacionamento dela e da filha como uma luta. Por vezes, Renata demonstrava querer que a filha compreendesse o que se passava, imaginando Ana Carolina como adulta e não conseguindo se situar na posição de mãe. A menina chamava Renata de *Nata* e não de mãe. Há uma passagem nas filmagens em que a mãe demonstrou incomodar-se, devido à filha não responder a uma brincadeira que ela estava propondo. Renata expressava rivalidade com a filha. Da mesma forma, incomodava-se com fatos comuns ao desenvolvimento das crianças, como em relação ao controle esfinteriano (iniciado aos 24 meses), pois Ana Carolina avisava quando já estava fazendo *xixi*. Na percepção da mãe, a filha sabia que tinha que fazer no banheiro, mas escolhia não ir.

Por volta dos 12 meses, Ana Carolina demonstrava maior proximidade com o pai, procurando inclusive imitá-lo. A mãe referiu sentir um pouco de ciúmes. O pai sempre pareceu um pouco mais disponível do que a mãe, relativizando as rígidas regras estabelecidas pela mãe. Quando a filha chorava, ele notava que ela queria estar perto da mãe e achava que a mãe deveria amamentá-la. Além disso, na primeira ausência da mãe, ele se mostrou mais preocupado querendo retornar para a casa.

Ana Carolina solicitava a mãe para brincar e Renata, com muito esforço, brincava um pouco com a filha, mas mencionava que logo a menina já queria ficar no colo e *grudava*. A mãe demonstrava pouca disponibilidade para a filha. Nas filmagens também se percebe isto. Há algumas passagens em que a mãe insistia com algum objeto, não considerando os brinquedos pelos quais a filha demonstrava interesse. Em um momento, Ana Carolina chegou, até mesmo, a chamar a atenção da mãe para o que ela estava fazendo. Adicionalmente, Renata (e também Vilmar) preocupava-se em ensinar Carolina a usar os objetos corretamente, isto é, mostrava como os brinquedos funcionavam, deixando de significar as brincadeiras da filha. Renata referiu que a filha gostava de desenhar, no entanto, a mãe queria ensiná-la as vogais, novamente demonstrando uma preocupação pedagógica, em detrimento de algo lúdico.

Da mesma forma, a mãe parecia não conseguir significar os novos acontecimentos para a filha. Ela relatou que as *crises* de Ana Carolina iniciaram quando eles foram à casa da avó materna (em outro estado) e a menina estranhou o lugar. Nestes momentos, cabe à mãe poder aproximar este lugar estranho a significados familiares para a filha, permitindo que ela possa ir aos poucos o tornando mais familiar. Renata, porém, referia que eles acalmavam a filha com o colo. Então, ao mesmo tempo em que a mãe não suporta a proximidade da filha, ela também não emprega outros recursos que não o contato corporal. Ana Carolina também se assusta quando a mãe ri, por não saber se é choro ou riso. Talvez, a própria mãe tivesse dificuldade de poder diferenciar estes dois momentos para a filha.

Ana Carolina (caso 2), aos três meses, no momento da amamentação, gostava de sugar os dedos e depois toda a mão, chegando a parar de mamar para morder os dedinhos. Quando estava no carrinho, pegava o que tinha à sua frente, como o chocalho ou uns paninhos coloridos. Ela também puxava o travesseiro para mordê-lo. Ana Carolina às vezes precisava estar mamando para adormecer. Aos oito meses, a forma de acalmá-la é através do colo. Não dorme com nada. A mãe referiu ter oferecido um paninho para acalmá-la, mas a menina não se vinculou a ele. Pode-se pensar o que não possibilitou tal ligação com o pano. Ana Carolina com 12 meses, gostava de brincar de esconder, sendo que a mãe colocava um paninho no seu rosto. Ela também vinha dar sustos na mãe. Percebe-se aí o início do *fort-da*. Nas filmagens, ela se interessou bastante pelas bonecas russas (as quais aparecem e desaparecem). Adormecia no colo do pai junto com a mamadeira. Aos 24 meses, Ana Carolina precisava da mamadeira para dormir e com uma mão tocava na sua *tetinha*, enquanto com a outra mão tocava o seio da mãe. Passou a brincar com uma boneca e com um carrinho de bebê (brinquedo). Montava casas e castelos com peças. Assistia a fita da Xuxa e dançava. Gostava de tocar no seio da madrinha também. Nota-se que, desde que Renata passou a ter crises e iniciaram os conflitos do casal, Ana Carolina, por sua vez, passou a solicitar o colo dos pais, não conseguindo se acalmar com algum objeto. As brincadeiras em torno de um objeto passam a ser descritas somente nos 24 meses. Não apresentou nesse período nenhum objeto preferido.

Em várias passagens das filmagens, Ana Carolina aparecia querendo entrar no carrinho de boneca, ou ainda deitar no berço da boneca. Na filmagem dos 24 meses, Ana Carolina procura o *nenê* das bonecas russas. Quando alguém vai à sua casa, ela pede que desenhe o *nenê*. Estas cenas possivelmente expressam a dificuldade da menina em fazer a transição do ser bebê ao ser criança. Em algumas destas passagens, Ana Carolina ainda busca ser bebê, já que é necessário que ela mesma esteja dentro do berço ou do carrinho, não sendo possível, ainda, que ela coloque ali uma boneca (assumindo um papel ativo).

Somando-se a isso, há ainda o fato de que a mãe sempre deixava Carolina no carrinho e no berço (chorando) como uma forma de evitar uma maior dependência entre elas.

Aos 24 meses, a mãe comprou um carrinho de bebê de brinquedo para a filha e relatou que a menina passara a brincar com boneca. A mãe notou que Ana Carolina amamentava a boneca da mesma forma que a mãe fazia com ela. Renata relatou que a filha precisa da mamadeira para adormecer e que fica mexendo nos mamilos.

Ana Carolina estava freqüentando a creche aos 24 meses e não apresentou problemas para se adaptar. Renata também aceitava deixá-la com a avó, não expressando preocupação quanto a isso.

Ressalta-se o quanto a mãe sempre evitava uma maior aproximação da filha. Isto já ocorria nas primeiras semanas de vida de Ana Carolina. Renata tinha receio de que a filha se tornasse dependente, assim como ela foi, e afastava-se da filha num momento em que seria essencial a proximidade entre ambas. Ela mencionou se sentir sufocada com a presença da filha. Ana Carolina parece ter experienciado algo semelhante a um desamparo, pelo seu choro constante. Além disso, a mãe não brincava e nem significava o que se passava com a menina. Ana Carolina, no entanto, na filmagem dos 24 meses, apresentou-se brincando de faz-de-conta, inventando os próprios significados para a brincadeira. Isto talvez se dê devido à presença do pai, que sempre se mostrou mais disponível do que a mãe, ponderando as capacidades da filha, tentando tornar as situações mais suportáveis a ela. Na filmagem dos 24 meses, notou-se que o pai sempre perguntou à filha o que ela queria fazer, respeitando o espaço dela. Além disso, o pai conseguia transmitir à filha algumas brincadeiras do seu interesse, como o futebol. Ana Carolina, por sua vez, demonstrava interesse pelos objetos, assumindo uma posição mais ativa no brincar.

#### **4.1.3. Caso 3 – Neusa e Rui / Nádia**

A mãe revelou, na primeira entrevista, dificuldade de se desligar da filha. Mesmo que ela estivesse dormindo e calma, a mãe a ficava observando para ver se ela estava respirando, o que a impedia de dormir. Percebe-se uma relação bastante intensa da mãe com a filha. Neusa sentia dificuldade também quando a filha chorava, pois não conseguia acalmá-la. Relatou, entretanto, que já estava descobrindo alguns truques para acalmar Nádia ou então recorria ao peito para isto. Neusa reconhece que tais dificuldades requerem ajustes na relação. Aos oito meses, a mãe não acalmava mais a filha com o peito. Quando Nádia chorava, ela procurava lhe mostrar algo diferente, como um brinquedo ou algo da rua. A mãe demonstrou ir modificando a forma de se relacionar com a filha, de acordo com os recursos que a menina apresentava. Dessa forma, tal relação não fica referenciada



apenas à mãe. Neusa apresentava novos objetos para a filha, ou seja, ela, como referência principal para a filha, oferecia novos elementos aos quais Nádia pudesse vir a se vincular. Por conseguinte, a relação mãe e filha também deixa de ter como referência apenas o contato corporal.

Neusa se ressentiu de ter que dar NAN, como complemento, pois no início o peito não foi suficiente. O pai foi quem se encarregou de dar a mamadeira, já que Nádia não conseguia fazê-lo, pois percebia a necessidade do complemento como sendo decorrente de uma falta sua. Da mesma forma que nesta situação, a participação do pai também foi importante no momento do desmame. A mãe relatava ser difícil fazer a substituição do peito pela mamadeira. Para Neusa, era como se ela se negasse a dar algo que possuía. Ela notava que as proibições relacionadas com a alimentação tornavam-se mais difíceis. O pai, então, desempenhou o papel de dar a mamadeira. Neusa, por sua vez, soube cadenciar a retirada do peito ao que era suportável para Nádia. Mesmo com as recomendações médicas, ela fez do seu jeito, e foi retirando o peito gradualmente. O desmame coincidiu com o retorno da mãe ao trabalho. A filha buscava avidamente o peito, quando a mãe retornava do trabalho. Neusa percebeu que Nádia queria era estar próxima dela e muitas vezes cedia dando o peito. Não tardou muito (1 ano e 2 meses), para que Neusa conseguisse parar de amamentar.

A mãe percebe que o desmame é importante porque a criança passa a ter outros interesses. Antes era importante que ela ficasse próxima da mãe, mas esta fase passou e cabe à mãe poder deixar a criança crescer. Entretanto, desde o desmame, Neusa notou que a filha tem procurado estar mais próxima dela, inclusive dormindo junto da mãe. Nádia, que antes dormia em sua cama, passou a dormir na cama dos pais. Eles justificam tal situação, alegando o frio e a necessidade de a menina fazer nebulização.

Nos momentos de separação, Nádia, no início, chorava um pouco na hora de dizer tchau à mãe. Nas últimas entrevistas, porém, a mãe relatou que não havia mais problemas, pois a filha se despedia dela sem choro.

Percebeu-se a participação do pai também através das filmagens. A mãe permitia tal participação, incluindo o pai e muitas vezes deixando-o conduzir a brincadeira. O pai, por sua vez, conseguia conter alguns medos da mãe, permitindo que Nádia pudesse brincar mais livremente. Rui não tinha receio de brincar junto com a filha, significando o que a filha fazia, brincando de faz-de-conta e dramatizando várias situações, o que propiciava um envolvimento maior de Nádia na brincadeira. Ressaltam-se os significados que ele imprimia ao brincar e todas as brincadeiras que inventava e oferecia à filha. Todos estes constituem materiais aos quais as crianças recorrem em momentos de solidão e ausência

dos pais. Estes também possibilitam que, mais tarde, a criança venha, ela própria, a inventar os seus próprios significados. Da mesma forma, a mãe, nas filmagens, brincava de faz-de-conta, depositando significados no brincar da filha, interpretando o que a filha sentia e queria. Ela, porém, permitia que tais significados fossem sendo modificados, assim que Nádia assumia uma posição mais ativa na brincadeira e criava seus próprios sentidos. Notou-se que os pais criavam algumas palavras, próprias do linguajar deles (como *sossó*, que significa caminhar sozinho), imprimindo um tom lúdico à fala e tornando-a mais familiar para Nádia. Aqui também se percebe a disponibilidade deles ao se aproximarem da compreensão da filha, promovendo uma aproximação entre a fala formal e as primeiras palavrinhas de Nádia.

Nas filmagens, percebia-se a disponibilidade da mãe, quando ela introduzia os interesses da filha na brincadeira, estando sempre atenta aos objetos aos quais a filha demonstrava atração. Além disso, a sua fala com a filha era sempre num tom interrogativo, evidenciando o espaço de escolha que ela proporcionava à Nádia. Dessa forma, Neusa revelava acreditar que a filha também sabia sobre ela própria, não sendo ela (mãe) a única a saber sobre a filha. Isto também se observava no espaço que Neusa dava para a participação do pai.

Aos três meses, Nádia ficava observando tudo, parando de mamar para ficar olhando. Quando acordada, brincava com um ursinho e gostava de brinquedos que faziam música. A mãe costumava ouvir música durante a gravidez e, tanto ela como o pai, gostavam de cantar. Nádia colocava alguns bichinhos na boca. Adormecia mamando. A menina não chupava bico e não dormia com nenhum objeto. Aos 8 meses, a mãe mencionou que a filha gostava muito de cantar, inclusive acompanhando a música com gestos e querendo batucar junto com os pais. Brinca de esconde-esconde. Prefere objetos que façam barulho. Para dormir, precisa estar segurando alguma coisa, o lençol ou a roupa da mãe. Desde o início do desmame, Nádia procurou dormir próxima da mãe. Com 12 meses, ela brinca de abrir portas, armários e gavetas, inclusive tirando roupas para fora. Mostra-se mais ativa na brincadeira de esconde-esconde, pois quer assustar os pais. Já consegue brincar sozinha por algum tempo. Para dormir, alguém precisa estar ao seu lado alisando-a, para que ela consiga relaxar, não precisando mais segurar o lençol como antes. Aos 24 meses, Nádia brinca na terra e com água, além de dançar e ouvir música. Gosta de ter uma boneca ao lado na hora de dormir e de mamar, dando mamadeira à boneca também. Já consegue dormir sozinha ou com a mamadeira. Pais colocam música, o que tem facilitado ela adormecer, sem a necessidade de alguém ficar ao seu lado. Brinca sozinha por pouco tempo, pois logo chama os pais para brincarem junto.

A mãe percebia a importância de a filha ter algum objeto que a auxiliasse a lidar com a ausência dos pais. Neusa relatou que brincava muito com a filha, aproveitando todos os momentos em que ambas estivessem juntas.

Nádia, aos 12 meses, não queria mais se sentar na sua cadeira de bebê. Da mesma forma que no brincar, Nádia vinha demonstrando, em outros comportamentos seus, a tentativa de criar um espaço próprio. Ela se mostrava bastante teimosa, procurando fazer tudo sozinha, não aceitando a ajuda dos pais. Neusa percebia que ela própria sempre incentivou isto. Desde cedo, a mãe propiciou que Nádia pudesse fazer sozinha aquilo que já conseguia. Isto se percebe nas filmagens, quando a mãe deixava que a filha tentasse primeiro, para só ajudá-la caso Nádia não conseguisse mesmo fazer o que desejava.

Percebe-se, a partir do relato do caso, que a mãe conseguiu ausentar-se de forma gradual, cadenciando a sua ausência com as capacidades que a filha apresentava. Além disso, são fundamentais as trocas simbólicas que ela estabelece com Nádia. As brincadeiras de faz-de-conta, dramatizações e música, são constantes, também na relação que o pai estabelece com a menina. A mãe não se cansa de significar o que ocorre à Nádia, assim como o que a filha sente e deseja. A retirada gradual que a mãe realiza é importante, mas poder-se-ia pensar que o fundamental são estas trocas que ocorrem. Mesmo porque a mãe revela que, desde o desmame, Nádia está mais próxima fisicamente dela, inclusive dormindo com os pais. São as trocas simbólicas proporcionadas pela mãe que viabilizaram à Nádia uma maior desenvoltura frente às exigências decorrentes de seu crescimento e seu desenvolvimento.

#### **4.1.4. Caso 4 – Maria Helena e Dilson / Elisa**

Aos três meses, a mãe referia que a filha já conversava com ela, respondendo e rindo, o que demonstra que, desde cedo, Maria interpretava os balbucios da filha como tentativas de comunicação. Maria Helena escutava os choros de Elisa como se a filha a estivesse chamando, dizendo *manhee*. Tal passagem vislumbra o apelo da filha, que logo é significado pela mãe. A mãe relata que um dos melhores momentos dos filhos é quando começam a falar. Aos oito meses, Elisa falava *mama* e *tatata*, apontava para o que queria dizendo *esse* e já dava tchau, quando alguém ia sair.

O primeiro afastamento entre mãe e filha foi difícil. Mesmo longe de Elisa, Maria seguia pensando nela (se estaria bem). Além disso, a mãe revelou que talvez voltasse a trabalhar, mas que isto aconteceria devido a dificuldades financeiras, pois ela não sentia vontade de ficar longe de Elisa. Da mesma forma, a mãe relatava sentir saudades da filha, enquanto cuidava da casa, procurando, então, aproximar-se de Elisa e pegá-la no colo. Esta

passagem expressa uma proximidade entre mãe e filha, sendo possível perceber o quanto a mãe encontrava-se envolvida com a filha. Aos oito meses, a mãe voltou a estudar. Nas primeiras noites em que saiu, ficava preocupada, pensando se a filha estaria bem. Entretanto, quando chegava em casa, percebia que a filha estava bem cuidada e feliz com o pai. Isto, então, deixava-a tranqüila. Maria Helena confiava nos cuidados de Dilson com Elisa.

A mãe procurava acalmar a filha não somente com o colo. Ela também embalava e cantava para Elisa. Paralelamente, a mãe utilizava o peito para acalmar a filha. Isto se intensificou nas últimas entrevistas, quando o peito tornou-se a principal forma de Maria tranqüilizar a filha. No período de 24 meses, a mãe chegou a mencionar não imaginar outra forma de apaziguar Elisa. À medida que a menina foi se tornando maior e mais independente, ficou mais difícil a retirada do peito.

Maria Helena viveu até os cinco anos com a mãe biológica, depois a mãe a entregou para outra família. Ela fez isto com todos os filhos. Maria não conseguia entender como a mãe pôde entregar os filhos. A maternidade para Maria Helena surgiu como uma forma de constituir uma família, visto que relatou não ter tido uma.

A mãe seguiu amamentando até a entrevista de dois anos. Inicialmente, ela dizia que iria amamentar até os dois anos, mas depois (quando chegaram os dois anos), ela resolveu seguir por mais um tempo. Aos oito meses, já era incômodo dar o peito, devido à filha já ter dentes. Elisa dormia no berço, no quarto dos pais. Aos poucos (oito meses), ela começou a dormir na cama dos pais, visto que a mãe a trazia para a cama, a fim de amamentá-la e Elisa acabava adormecendo ali. A mãe percebia que, muitas vezes, Elisa não sentia fome e usava o peito como bico. Nas últimas entrevistas, a mãe revelou nem saber quantas vezes a filha tinha mamado durante a noite, porque a mãe dormia e Elisa continuava mamando. Maria Helena revelou ser difícil parar de amamentar, visto que este é o momento em que ela se sentia mais próxima da filha. Ela refere ainda que a sua mãe a amamentou apenas alguns dias.

Na amamentação, a mãe tomava a sua própria história como referência, dificultando o desmame, já que parece que Maria Helena segue dando o peito como uma forma de reaver a relação que não se estabeleceu com a sua mãe. Quando ela acalmava Elisa com o peito, sentindo-se reconfortada, ela também parecia acalmar a si. Maria Helena era muito agarrada com a mãe, sofrendo com as separações. Entretanto, apesar disso, havia momentos em que a mãe conseguia perceber a filha como diferente dela, dizendo que ela tinha um jeito semelhante ao do pai, não sendo *nervosa e chorona* como ela.

Em torno dos 18 meses, a mãe começou a trabalhar e Elisa passou a freqüentar a creche. No período dos 24 meses, Elisa estava indo à creche de segunda a sábado. Ela chorava, por vezes, ao se despedir da mãe em casa, mas apresentava-se bem na creche. Com o pai, a despedida era mais tranqüila. Quando a mãe retornava do trabalho, Maria Helena percebia que a filha estava mais manhosa e ficava querendo chamar a sua atenção. A mãe relatou estar sendo difícil, pois sentia-se cansada e não tinha muito tempo para a filha. No entanto, ela revelou não conseguir recusar os convites da filha para brincar. Percebe-se aqui a disponibilidade da mãe, procurando compartilhar alguns momentos com a filha. Os momentos em que brincava com a filha foram descritos como os melhores instantes que passava com Elisa. Outro momento de grande prazer era quando a filha falava.

Aos três meses, quando Elisa ficava acordada, ela gostava de observar tudo a sua volta e ficar conversando. Nos primeiros meses, os pais deram uma boneca que apitava (Margarida) à filha. Este era o objeto preferido de Elisa. Além disso, a mãe sempre colocava uma fralda junto da filha e ela se acostumou a dormir com a fralda. Elisa adormecia sempre no peito. Ela conseguia dormir com o pai, caso a fralda estivesse junto. Após a Margarida, surgiu o Mickey. A fralda, porém, continuava sendo o objeto necessário no momento de dormir. Elisa, no período de 24 meses, tornou-se bastante ligada a uma boneca de nome Ana. Quando ia dormir, pedia a fralda e a boneca. A Margarida e o Mickey foram dados pela mãe, que os colocava no berço de Elisa. Já a boneca Ana foi escolhida pela menina. Percebe-se uma mudança de posição, visto que Elisa passou a assumir uma posição mais ativa. Elisa chorava caso esquecesse a boneca, levando-a sempre junto com ela. A menina tratava Ana como uma filha, repetindo com a boneca o que a mãe fazia com ela. Assim, ela fazia comida, dava *papá* para Ana e trocava as fraldas. Talvez esta afeição maior por Ana, neste momento, pudesse estar relacionada com a ida da mãe ao trabalho. Outra brincadeira preferida era fazer de conta que estava indo trabalhar. Nota-se também que, com Ana, Elisa assumia uma posição ativa nas brincadeiras. Elisa começou a brincar de esconde-esconde. Nas filmagens, ela também brincava assim com a mãe, sendo ela própria que iniciava a brincadeira. Elisa brincava de aparecer e desaparecer, surgindo, então, o *fort-da*. Na filmagem dos 24 meses, Elisa se envolveu em várias brincadeiras relacionadas ao *fort-da*. Ela fez o palhaço aparecer e desaparecer. Ela dormia e acordava. Depois, ela brincava que ia sair (ir trabalhar) e retornava para a casa. Gosta de mexer nos batons e na bolsa da mãe. Já consegue brincar sozinha.

Nas filmagens, Maria Helena introduzia na brincadeira os interesses da filha, mostrando-se bastante atenta ao que a filha mostrava querer fazer. A mãe significava o que

a filha fazia, deixando, porém, um espaço de escolha à filha, pois perguntava como ela gostaria de seguir brincando.

Elisa brincava em várias passagens da filmagem de fazer os bebês dormirem. Ela os nanava, colocava-os no berço. Tal brincadeira pode estar representando toda a problemática do desmame e do dormir, visto que a menina ainda dorme com os pais. No período de 24 meses, Elisa brinca com a mãe, demonstrando na brincadeira a transição do ser bebê ao ser criança. Em alguns momentos, assumia o lugar do bebê na história (posição passiva), para, logo em seguida, passar a ser a mãe da história. Aí, ela era a mãe que saía para trabalhar.

Elisa possui um objeto transicional, o qual era a fralda, além dos bonecos. Tanto a fralda como os bonecos estão relacionados ao momento de dormir e à transição para ser criança. Percebe-se, portanto, a partir deste caso, que mesmo a mãe tendo dificuldade para realizar o desmame, ela se relacionava de outras formas com a filha, não priorizando somente a relação corporal. Ela valorizava as conversas e a fala da filha. Brincava bastante e significava o que a filha fazia. Todas estas trocas simbólicas propiciam que a criança encontre-se respaldada para enfrentar as ausências da mãe. O próprio *fort-da* aponta para uma tentativa de lidar com a ausência da mãe.

#### 4.1.5. Caso 5 – Marta e Paulo / Mateus

Marta revelou que os primeiros meses foram difíceis, sendo que houve um momento em que ela pensou em se suicidar. Marta encontrava-se sozinha com o filho e não conseguia acalmá-lo. O choro de Mateus era descrito como *gritos insuportáveis*. Mais tarde, os pais descobriram que Mateus tinha refluxo e alergia ao leite.

Para a mãe, o saber médico constituiu-se numa referência nos cuidados ao filho. Na presença de qualquer problema, ela logo se reportava ao pediatra. Marta mencionava não ter tido apoio da mãe nem da sogra. Revelou ter se sentido desamparada, sentindo falta de alguém que tivesse mais experiência com bebês. Devido a isso, recorria com frequência ao pediatra. Quanto à sua mãe, referiu que ela havia sido muito mais pai do que mãe para ela e a irmã. Marta tinha medo de não conseguir ser afetiva com o filho, em função de sua mãe ter sido muito distante. Percebeu, entretanto, que estava mais afetiva, inclusive com as crianças com quem trabalhava.

Marta não conseguiu amamentar, pois ela referia que o filho era muito *esganado* e queria algo fácil, o que o teria levado a não conseguir pegar o bico do seio. Uma amiga sua foi quem acabou amamentando Mateus nos primeiros dias e depois ele seguiu com a mamadeira. Percebe-se que a mãe depositava no filho recém-nascido a responsabilidade

pela dificuldade surgida na amamentação. Marta acabou resolvendo tal problema, ao transferir o amamentar para outra pessoa.

A mãe descreveu o filho, dizendo que ele era mais parecido fisicamente com o pai, mas no jeito de ser se parecia com ela, pois ele era bravo e dava uns gritos parecidos com os dela. Marta continuou descrevendo-o assim até os 24 meses. Entretanto, Marta reconhecia no filho características herdadas do pai (Paulo), como ser comilão e gostar de carrinhos. Mateus, portanto, não era referenciado apenas à mãe.

Marta depositava intencionalidade nos atos do filho. Quando Mateus urinava, molhando os pais, Marta dizia que ele havia feito de propósito. Assim, da mesma forma que com a amamentação, a mãe imaginava que o filho ainda bebê já possuía um querer próprio.

Com quinze dias de vida, Mateus passou a acompanhar a mãe ao trabalho em alguns dias da semana. Quanto a isso, Marta relatou que, mesmo pequeno, o filho teria que se adaptar à rotina dela. Além disso, ele teve que se acostumar com as ausências da mãe, visto que Marta viajava com frequência, sendo que a primeira viagem ocorreu em torno dos três meses. As viagens foram constantes nestes dois primeiros anos. Marta cuidava para não acumular muitas viagens num mesmo mês. Tais fatos demonstram que, para Marta, o filho foi quem teve que se adaptar à sua rotina e não o contrário.

Marta menciona que, após sair da maternidade, passou no trabalho para apresentar Mateus aos funcionários. A sensação que teve foi a de que deveria permanecer ali, enquanto o filho seguia para a casa com o pai. O tema do trabalho é um assunto constante nas entrevistas com Marta, tendo ela inclusive mencionado que considerava a instituição que dirige como um filho. Percebe-se que ela se sentia dividida entre o trabalho e o filho em vários momentos. Na fase dos três meses, Marta contou que o trabalho estava exigindo demais dela, o que diminuiu o tempo que ela tinha com Mateus. Para ela, ambos os filhos estavam desamparados.

A falta de tempo para o filho nos primeiros meses levou Marta a optar por colocá-lo numa creche, a qual Mateus começou a frequentar com cerca de seis meses. Marta relata que não estava conseguindo estimular o filho (pela falta de tempo) e a creche poderia fazer isso no lugar dela. Mateus não apresentou problemas para se adaptar e permanecia lá todo o dia, perfazendo quase dez horas na creche. Em algumas entrevistas, a mãe mencionou sentir pesar por não ter acompanhado o desenvolvimento do filho de perto. Entretanto, logo referia que este era o ônus, por querer seguir com sua vida profissional.

A mãe já tinha um planejamento sobre a vida do filho. Entretanto, alguns contratemplos acabaram gerando mudanças nos planos de Marta. Ela, no entanto,

demonstrou conseguir absorver tais mudanças. Algumas destas situações são evidenciadas quando Mateus acaba dormindo no quarto dos pais ou ainda quando a mãe o deixa andar de motoca na sala, mudando a disposição dos móveis. Percebe-se, portanto, que apesar de uma certa dificuldade, ela tem conseguido lidar com os fatos que não acontecem exatamente da forma como ela imagina. Caberia ressaltar que os filhos não correspondem exatamente àquilo que os pais esperam deles. É justamente nesta brecha que surge a possibilidade de o filho constituir um espaço próprio.

O filho surpreende Marta, pois está adiantado no seu desenvolvimento. Ela pensou em começar a alfabetizá-lo com três meses. Paulo foi quem se opôs e depois a própria Marta percebeu que se trataria de um adestramento. Nota-se, no entanto, que a mãe valoriza e estimula as capacidades adiantadas que o filho demonstra. Além disso, Marta revelou sempre ter vestido o filho como um menino, evitando roupas de bebê. Ela procurava fazê-lo parecer com um guri e também deixar evidente que era um menino. A mãe percebia que brincava com o filho e o levava a passeios, como se ele fosse uma criança maior.

Mateus, aos três meses, já assistia TV e brincava com uns palhaços. A mãe sempre brincou bastante com ele. Aos oito meses, a mãe brincava de esconde-esconde com ele, colocando uma fraldinha na frente do seu rosto. Aos 12 meses, a mãe descreve uma cena em que Mateus foi quem se escondeu da mãe, passando a assumir uma posição ativa no brincar. Marta contava histórias para o filho, dramatizando-as e inventando vozes para os personagens. Nos 12 meses do bebê, Marta relatou gostar de fazer descobertas junto com o filho, imaginando o que ele estaria pensando e significando as reações dele. Desde os 12 meses, Mateus se interessava por carros. Ele reconhecia os diferentes modelos, e também sabia dizer quando era um táxi, um ônibus ou uma lotação. Mateus possuía uma coleção de carros, semelhante ao pai, quando este era criança. Além disso, possuía várias motocas, com as quais andava dentro de casa. Mateus, na filmagem dos 12 meses, trouxe seus carros, brincando com eles. Além disso, ele sempre mencionava que os carros eram do pai, demonstrando o quanto a relação entre a mãe e o filho não ficava circunscrita somente aos dois, pois o pai acabava estando presente, através da brincadeira escolhida por Mateus.

No caso 5, Mateus usava a fralda e o bico para dormir dos três meses até os 24 meses. A fralda também deve ir à creche e o acompanhar em outros passeios. Ele a usa nos momentos de dormir e quando está no carro. Esse paninho tem um nome *nhonho*. Mateus procura pelo cheirinho e gosta do toque da fralda, ele a amassa e a coloca perto do rosto. A mãe percebe que a maciez é uma característica que deve ser mantida. São várias fraldas,



não sendo uma única, pois Mateus aceita a troca, desde que se mantenham as características dela.

Marta ressalta que Mateus gosta muito de brincar com outras crianças, percebendo que o filho conquista as pessoas. Além disso, nos 24 meses, ele já consegue brincar sozinho durante algum tempo, isto é, ele suporta a ausência da mãe durante um período.

Aos 12 meses, a mãe começou uma campanha contra a fralda e o bico. Ela pensava que o filho já poderia fazer outras coisas que não apenas estar sempre agarrado à fralda e ao bico. É interessante que a mãe possa ir propondo esta substituição de objetos, apresentando outros ao filho. Entretanto, no caso de Mateus, a mãe parece se antecipar, talvez pela sua particularidade de adiantar o desenvolvimento do filho. Aos 24 meses, no entanto, estes planos foram alterados, pois a mãe notou que não seria bom retirar os dois ao mesmo tempo, ainda mais no período em que ele começava a controlar os esfíncteres. Assim, Mateus seguiu com o *nhonho* e com o bico. Novamente, há uma mudança nos planos da mãe.

Nos 12 meses, a mãe relatou estar sendo mais difícil quando precisa se separar do filho, principalmente quando precisa viajar. Ela percebeu um envolvimento maior com o filho, visto que antes, de acordo com Marta, as solicitações ocorriam mais em função de necessidades e, neste momento, Mateus chamava a mãe para mostrar algo que podia fazer ou porque queria a sua atenção. Nas despedidas, ela sempre conversava muito com o filho, explicando que ficaria fora alguns dias. No retorno dela, Mateus às vezes mostrava-se mais distante. Nas últimas entrevistas, ela relatou que ele estava mais manhoso, querendo dormir segurando a sua camisola.

Quando Mateus chora ou quando não quer fazer algo, a mãe sempre procura acalmá-lo com o *nhonho* ou propondo brincadeiras. Assim, quando o filho apresenta resistência para fazer algo, ela procura contar histórias, encenando vozes. Marta também inventa apelidos para o filho. Percebe-se que a mãe cria um espaço lúdico para ele. Ela também utiliza esta estratégia quando Mateus chora (raramente) para ficar na creche.

Marta sempre estimulou a independência e autonomia do filho. Desde os primeiros meses, a mãe já significava os atos do filho como detendo intencionalidade, percebendo nele um querer próprio. Mateus, por sua vez, mostrou-se decidido e, por vezes, teimoso quando queria algo. Nas filmagens, evidencia-se isto quando ele não aceita algumas brincadeiras propostas pelos pais e insiste em fazer o que tem vontade.

A mãe demonstra doar-se pouco ao filho nos primeiros meses. Ela relatou não imaginar que a maternidade invadiria de tal forma a sua individualidade. Talvez resida aí o que leva a mãe a encontrar substitutos para suas funções (a amiga que amamenta, a creche

que estimula e o pai que cuida, quando viaja) nos primeiros meses de vida do filho. É justamente neste período que a mãe se encontra entregue às solicitações do filho. Os substitutos, no entanto, são escolhidos com critério. O pai foi quem sentiu pesar pela passagem de Mateus de bebê a criança. As separações começaram a se tornar mais difíceis para a mãe, quando o filho estava com um ano. Antes deste período a mãe percebia o filho muito circunscrito a necessidades, o que talvez dificultasse uma aproximação maior dela.

Entretanto, Marta brinea muito com o filho e, apesar, de passar pouco tempo com ele, aproveita o tempo em que estão juntos, dedicando-se a Mateus. A sua doação aparece no que diz respeito a significar os atos do filho, oferecendo os objetos com um significado também. Nas filmagens, ela inventa histórias e as dramatiza, incorporando na brincadeira o que Mateus faz. Além disso, ela, em vários momentos, pergunta ao filho o que ele quer fazer, propiciando um espaço de escolha a ele. Há, porém, alguns momentos em que Marta preocupava-se em mostrar o funcionamento dos objetos.

Percebeu-se o quanto a mãe possibilitou que o filho pudesse vir a se relacionar com outras pessoas. Mateus também possuía uma fraldinha doada pela mãe (outro substituto) a qual constituiu um objeto transicional para ele. Além disso, Mateus demonstra um interesse grande pelos carros e brinca de esconde-esconde, o que aponta para o início do *fort-da*. É interessante relacionar a brincadeira do *fort-da* a uma fala da mãe, na qual ela diz que Mateus está habituado a *essa coisa de perder e depois ter de volta o pai e a mãe*.

## **4.2. Aspectos Gerais**

Este tópico da discussão tem como objetivo concatenar aspectos gerais dos casos estudados, relacionando-os ao referencial teórico deste trabalho. Dessa forma, serão expostos alguns aspectos comuns, encontrados em mais de um caso, bem como, serão ressaltados tópicos particulares a um único caso. Tanto os aspectos comuns como aqueles presentes em apenas um único caso estão circunscritos ao tema deste estudo. Assim, irão contemplar a forma como a mãe se torna ausente para o filho, ou seja, como ocorrem as separações entre ela e a criança, assim como de que forma surge o objeto/espaço transicional para esta criança.

### **4.2.1. O papel da mãe**

#### **Como a mãe apresenta o objeto ao filho**

Na introdução teórica deste estudo, foi exposto que é na relação com a mãe que a criança constitui o seu interesse pelos objetos. A busca pela satisfação das necessidades por parte da criança conduz a um relacionamento com a mãe marcado pelo desejo de ser amado. No momento em que a mãe falha em responder aos apelos de seu filho, a relação a este objeto real (objeto da necessidade) se abre e se complexifica, permitindo a entrada de outros elementos (objeto imaginário) (Lacan 1956/1992). Entretanto, estas primeiras experiências de satisfação e, portanto, o objeto real que as desencadeou irão marcar os objetos que virão posteriormente (Freud 1905/1990). Este recorte constitui o tema desta discussão. Não há como separar o movimento que ocorre com a mãe, isto é, a presença/ausência, da constituição de objeto pela criança. A passagem do objeto real ao objeto imaginário (constituição de objeto) também está referenciada a este movimento materno.

Foi possível perceber em todos os casos que a ligação que a criança estabelece com um determinado objeto ocorre a partir do oferecimento deste objeto pela mãe. Assim, no caso 1, Heitor demonstrava interesse por objetos que produziam sons e música. Durante a gravidez, o pai colocava músicas. Logo nos primeiros meses, a mãe ofereceu o rádio. As panelas com as quais ele brincou desde os três meses até os 24 meses foram se transformando de objeto para bater em objetos para produzir músicas. Desse modo, mesmo com a dificuldade que Heitor vinha apresentando de se manter afastado da mãe, ele conseguiu estabelecer uma ligação com alguns objetos, com os quais tenta brincar, isto é, criar músicas. Há também o momento na filmagem, no qual, durante a ausência da mãe, Heitor vai buscar justamente o objeto que a mãe lhe oferecera antes. Pode-se pensar que a dificuldade em estabelecer um envolvimento maior com os objetos (o que aparece nas filmagens, pois ele pouco brinca de fazer-de-conta), reside na forma como a mãe ofereceu os objetos a ele. É certo que a mãe dispôs objetos ao filho, entretanto, ela sempre fazia referência a estar distraído Heitor, sendo que os brinquedos não propiciavam uma comunicação entre mãe e filho, mas sim permitiam que a mãe pudesse fazer as suas atividades, conseguindo *enganar* Heitor, como ela mesma referia.

Percebe-se, portanto, que a ligação que a criança estabelece com um objeto depende de como a mãe (ou o pai) o ofereceu ao filho. Winnicott (1971/1975) refere que a maioria das mães dispõe aos seus filhos algum objeto especial, com a expectativa de que o filho se torne apegado a ele. Os bebês, por sua vez, também apresentam a tendência a entremear objetos *diferentes-de-mim*. Partindo disso, o autor relata que, após alguns meses, os bebês começam a gostar de brincar com bonecas ou outros objetos, ou ainda, brincam com o som de seu balbúcio, com canções e melodias. Este objeto, justamente, irá representar a

transição de um momento de união entre mãe e filho para outro momento no qual a criança começa a se reconhecer como um ser separado da mãe. Ainda de acordo com Winnicott, quando a mãe se ausenta por um período excessivamente longo, em que as lembranças que a criança tem sobre ela começam a se esvaír, os fenômenos transicionais, da mesma forma, também passam a perder o sentido para esta criança. Isto corrobora a dependência entre a mãe e os fenômenos transicionais. Winnicott faz referência a um caso em que o menino demonstrava interesse por cordões. Este menino havia passado por longos períodos de ausência da mãe e o autor menciona que o cordão significava o temor pela separação (destaca-se do objeto real uma característica simbólica), ressaltando a função de comunicação deste cordão. Entretanto, tal função estava se modificando para assumir um papel de negação da separação, sendo que aí o cordão se tornaria uma “coisa em si” (p. 36). Para Dolto (1988/1989), o objeto transicional é uma “representação substancial de um laço emocional necessário ao sujeito (...)” (p.103), isto é, este objeto irá justamente mediar a busca da criança pela mãe, propiciando a comunicação. Assim, se uma criança é entregue a um objeto sem que a mãe esteja presente utilizando-o como meio para interagir com o filho, este pode permanecer estático (“coisa em si”), não apresentando as particularidades dos fenômenos transicionais de vitalidade e realidade próprias, salientadas por Winnicott.

No caso 2, a mãe se mostrou pouco disponível no sentido de estabelecer trocas simbólicas com a filha. Assim como no caso 1, Renata preocupava-se mais em realizar as atividades da casa, restando pouco tempo para permanecer com Ana Carolina. A mãe relatou ter oferecido um paninho à filha, com o qual ela acabou não estabelecendo qualquer ligação. Pode-se questionar de que forma este objeto foi apresentado. A ligação a um objeto pela criança depende da possibilidade de a mãe estabelecer com o filho um jogo no qual o objeto venha a ser tomado por seu valor simbólico, e não pelas propriedades que ele apresenta no real (Lacan 1956/1992). Isto se encontra em profunda conexão com o que foi dito acima sobre a função de gerar comunicação. A possibilidade de a mãe destacar propriedades simbólicas do objeto advém do engajamento dela na interação com o filho. Assim, se Renata apresentou este objeto apenas como um pano, relegado a ser uma “coisa em si” (Winnicott, 1971/1975), dificilmente a filha se vincularia a ele, a não ser que fosse oferecido como o paninho que tem o cheiro da mãe ou como um paninho com propriedades anímicas, por exemplo. Renata, nas filmagens, apresentava-se mais preocupada em ensinar à filha como funcionam os objetos (propriedades reais), do que propor significados a eles, montando uma brincadeira de faz-de-conta. O que acaba ocorrendo no caso 2 é que a menina, na filmagem dos 12 meses, oferece-se como objeto nas brincadeiras, pois ela quer sentar no carrinho de boneca e deitar no berço. Nos 24

meses, Ana Carolina demonstra um deslocamento desde a posição assumida nos 12 meses. Ela brinca com os objetos, não precisando mais ser o objeto. Entretanto, o tema do brincar é o ser bebê. O pai, por sua vez, mostrava-se mais disponível, no sentido de estabelecer uma relação *humanizante* com a filha, transmitindo brincadeiras, como o futebol. Mannoni (1982/1986) refere que a mãe que se atém mais às necessidades do filho, acaba privando a criança de uma mãe simbólica. No caso 1, a mãe também demonstra preocupação com o uso correto dos objetos (mostra como eles funcionam nas filmagens). Ambas as mães dos casos 1 e 2 apresentam-se pouco disponíveis, não só em termos de tempo, como também no que diz respeito a querer conhecer o interesse dos filhos, incorporando no brincar o que eles propunham.

O caso 3, por sua vez, demonstra como o interesse de Nádia pela música e por objetos que produziam sons foi despertado desde a gravidez. A mãe ouvia música quando estava grávida e, depois, cantava para a filha dormir. Ambos os pais promoviam batucadas, das quais Nádia já participava. A mãe colocava música para a filha adormecer. Nas filmagens, a mãe cantava e o pai batucava. A reação de Nádia é dançar, demonstrando o envolvimento dela com estas brincadeiras. A mãe relatou que gostaria que a filha se apegasse a algum objeto, visto que ele auxiliaria nos momentos de ausência da mãe. Entretanto, Nádia não se apegou a um objeto específico. Possivelmente isto ocorre devido a, neste caso, a música ter propiciado um espaço transicional. Winnicott (1971/1975) refere que a música, através de balbucios que se transformam nas primeiras notas musicais, pode se constituir num objeto transicional. Para Dolto (1984/1992), a mãe que nutre seu filho com palavras associadas às brincadeiras ou com canções acaba propiciando que a criança não venha a precisar de um objeto transicional. Ressalta-se, entretanto, que Dolto está se referindo ao objeto como algo concreto, visto que o próprio Winnicott já havia concebido a música como um objeto transicional. É importante ressaltar esta passagem de Dolto, visto que Neusa demonstrava estabelecer uma relação *humanizante* com a filha. A mãe significava o que a filha fazia, dando um sentido ao que lhe ocorria. Os objetos eram apresentados com um significado e engajados em uma brincadeira.

Cabe ressaltar que o pai também se posicionava desta forma, sempre inventando novas brincadeiras e dramatizando-as. Dolto (1984/1992) ressalta a relação *humanizante* que se estabelece entre mãe e criança, através das trocas por meio de vocalizações, do olfato, de mímicas, isto é, através de trocas lúdicas, visto que esta relação incentiva a comunicação da criança. Os pais se engajam na brincadeira e a criança, por sua vez, também. A música cumpria então uma função de comunicação.

Nos casos 4 e 5 encontramos crianças que desde os primeiros meses apresentaram ligação à fraldinha. Nestes dois casos, a fralda foi apresentada e colocada junto à criança no momento de ela dormir. No caso 5, a mãe relatou que utilizava a fralda para acalmar o filho. Além disso, a própria mãe teve uma fraldinha quando criança e o pai até hoje adormece segurando a ponta do lençol, denotando a passagem deste interesse dos pais para o filho. Ressalta-se ainda, neste caso, que a fraldinha tinha um nome *nhonho* e a mãe percebia que a maciez da fralda era uma característica importante a ser mantida. De acordo com Winnicott (1971/1975), o objeto é percebido pela criança como possuindo textura e demonstrando realidade ou vitalidade próprias. Percebe-se o quanto também para Winnicott eram fundamentais as características simbólicas deste objeto, que passava a representar algo mais, para além das propriedades reais dele.

No caso 4, além da fraldinha, Maria Helena (mãe) apresentou outros objetos à Elisa. Foram vários bonecos que se sucederam no interesse da menina. Os dois primeiros foram colocados pela mãe no berço da filha, enquanto o último, a própria Elisa buscou. Os bonecos também eram importantes no momento de dormir, porém a fralda era essencial. Já no caso 5, havia os carrinhos pelos quais Mateus demonstrava grande interesse. Estes, no entanto, não precisavam se fazer presentes no momento de dormir, eles eram requisitados por Mateus para brincar. Cabe ressaltar, entretanto, que em ambos os casos as mães ofereceram os objetos, destacando deles um significado, isto é, privilegiando suas características simbólicas, muito mais que do que a aparência deles na realidade. Da mesma forma que no caso 3, as mães dos casos 4 e 5 privilegiavam no relacionamento com o filho as trocas simbólicas, brincando de faz-de-conta e mostrando-se disponíveis a conhecer o que os filhos queriam. Estabelecia-se uma relação *humanizante* entre mãe e filho (Dolto, 1984/1992).

Para que se possa compreender melhor o que seria estar disponível ao filho numa brincadeira, estabelecendo trocas simbólicas e propondo uma relação *humanizante* faz-se referência a uma passagem na qual Dolto (1981/1996) descreve uma brincadeira que ela montou com um bebê (que estava com a mãe), o qual encontrara em um jardim público. Dolto apresentou um chapéu ao bebê, nomeando-o e descrevendo-o. O bebê passou a se interessar pelo objeto, para logo em seguida, começar a deixá-lo cair ao chão, fazendo com que Dolto o buscasse e o entregasse novamente ao bebê, a cada vez que o objeto era jogado ao chão. A mãe que se queixava, dizendo que o filho era arisco, mencionou que em função de o bebê jogar tudo ao chão, ela simplesmente havia cessado de lhe apresentar qualquer objeto. Esse recorte pode ser evidenciado em várias passagens das filmagens, tanto no sentido de se poder observar como um objeto passa a significar algo mais, para além de

suas propriedades reais, como no que diz respeito a se visualizar como as mães podem fazer cessar o brincar em uma criança, porque a brincadeira lhes é incômoda e elas não estão disponíveis. Meira (2003), descrevendo o brincar da criança contemporânea, assinala que tal atividade está relegada a um segundo plano, pois os pais o consideram, muitas vezes, como *perda de tempo*. Além disso, os brinquedos tornam-se excessivos, não priorizando as relações que eles irão possibilitar. As crianças brincam cada vez mais solitárias, visto que alguns brinquedos não propiciam trocas.

### **Como a mãe se separa do filho**

Para Winnicott (1971/1975), o surgimento do espaço transicional torna-se possível quando a mãe se constitui em uma *mãe suficientemente boa* para o filho, cadenciando as suas ausências à capacidade da criança em suportá-las. No caso 5, percebe-se a dificuldade da mãe em entrar no estado que Winnicott (1956/2000) denomina *preocupação materna primária*. Após quinze dias do nascimento, ela já retornava ao trabalho, inclusive levando Mateus junto. Nota-se, portanto, que ao invés de ocorrer uma identificação dela ao filho, a fim de perceber as necessidades dele, o filho foi quem teve que se adaptar à rotina da mãe. Marta (caso 5) também apresentou dificuldades para amamentar Mateus e, além disso, sempre estimulou nele características de uma criança maior. Da mesma forma, Rosane (caso 1) referia não conseguir imaginar o filho como bebê e se mostrava satisfeita quando ele conseguia fazer algo adiantado no seu desenvolvimento. Tais dificuldades também são percebidas em Renata (caso 2), a qual também não buscava uma compreensão das necessidades da filha, evitando que se estabelecesse uma dependência entre ela e Ana Carolina. Entretanto, tal dependência é crucial no desenvolvimento das crianças. Neste período, Winnicott (1960/1990) refere que o bebê não existe sem a sua mãe, isto é, sem a provisão ambiental que a mãe fornece. Esta adaptação inicial às necessidades do bebê possibilita que ele constitua a sensação de *continuidade de ser*, começando a existir e a construir um ego pessoal. Ao sair deste estado de preocupação materna primária, a partir de pequenas falhas ao responder à criança (a mãe passa a não responder mais exatamente do lugar que a criança espera), a mãe começa a retornar à sua própria vida, tornando-se relativamente independente das necessidades da criança. Tais características correspondem ao estágio de dependência relativa entre mãe e filho, no qual justamente começam a ocorrer os fenômenos transicionais. O que se percebe, no entanto, nos casos citados acima (casos 1, 2 e 5) é que as mães iniciam uma desadaptação às necessidades do filho em um momento bastante inicial, em especial nos casos 2 e 5, em que se vê tal movimento de forma mais evidente. No caso 1, nota-se mais claramente a ambivalência da mãe frente a

situações de separação e que digam respeito à independência do filho. Em alguns momentos, a mãe se faz excessivamente presente, quando já não seria tão necessário e, em outras situações, torna-se ausente, quando o filho ainda precisaria dela. O que se conclui nestes casos é, antes de tudo, o embaraço da mãe na tentativa de cadenciar as frustrações surgidas a partir de sua desadaptação à capacidade do filho em suportá-las.

Entretanto, Marta (caso 5), como foi referido no primeiro tópico exposto, mostrou-se disponível a estabelecer trocas simbólicas com o filho, isto é, parece propor o estabelecimento de uma relação *humanizante* com o filho. Mesmo permanecendo pouco tempo com o filho, durante a semana, Marta aproveitava os momentos em que estavam juntos para brincar com Mateus, disposta a conhecer o filho (seus interesses). Dolto (1984/1992) não fala de um estado em que a mãe se identifica ao filho, mas afirma que é na relação com a mãe que se constitui a imagem do corpo da criança. É através da imagem do corpo que a criança pode sentir-se a mesma (*mesmice de ser*). Esta imagem do corpo se configura a partir das significações que a mãe deposita no que ocorre com o filho e ao redor dele. Assim, quando surge uma experiência desconhecida, a criança aguarda um significado da parte da mãe, a fim de tornar a experiência reconhecível. Esta capacidade de a mãe significar o que se passa com o filho suscita na criança o que Dolto denomina de *presença reasseguradora memorizada de sua mãe*. Se Winnicott (1956/2000) refere que ocorre uma identificação da mãe às necessidades da criança, Dolto menciona que a mãe vai depositar significados no filho (primeiras inscrições simbólicas). Winnicott, por sua vez, refere uma desadaptação da mãe às necessidades do filho; enquanto Dolto preconiza o estabelecimento de uma relação *humanizante*, através das castrações *simbolígenas*, as quais permitem que a criança vá modificando o modo de se relacionar com a mãe (e o mundo), substituindo os objetos.

As dificuldades surgidas no desmame estiveram presentes em quatro dos casos estudados. No caso 4, até a entrevista dos 24 meses, Maria Helena seguia amamentando a filha, a qual inclusive dormia na cama dos pais. Da mesma forma que Marta (caso 5), Maria Helena mostrava-se disponível a brincar com Elisa, interessada em saber o que a filha queria. Entretanto, a retirada do peito seguia sendo protelada. Maria Helena justificava-se dizendo que a amamentação era o momento em que se sentia mais próxima da filha, deixando nas entrelinhas a idéia de que era ela quem precisava disto e não mais a filha. Quando a criança busca satisfazer as suas necessidades, no momento da mamada, não é só o alimento que ela procura, mas também os significados decorrentes das trocas estabelecidas com a mãe (Dolto 1984/1992). Assim, são importantes as sensações visuais, auditivas, olfativas que também permeiam este momento. De uma busca pelo alimento, a



criança busca ser amada (Freud 1905/1990). É na capacidade de a mãe reconhecer isto que repousa a possibilidade de ela modificar a relação com o filho, a qual deixaria de estar referenciada no corpo a corpo. No entanto, mesmo seguindo com a amamentação, Maria Helena não deixava de reconhecer os demais pedidos da filha, visto que não se detinha somente em prover as necessidades dela, como já foi dito acima.

Para Winnicott (1971/1975), se inicialmente a tarefa da mãe consiste em possibilitar a ilusão ao bebê, através da completa adaptação às necessidades dele; posteriormente caberá a ela também propiciar a desilusão, por meio de uma gradativa desadaptação. Este autor refere que a tarefa da desilusão é anterior ao desmame. Caso o processo de desilusão se interrompa, o bebê não conseguirá chegar ao desmame. Dessa forma, Winnicott pressupõe que a simples retirada do peito não configura o desmame, pois ele pode ocorrer sem que se opere a tarefa de desilusão e a conseqüente aceitação da realidade. Considerando-se o caso referenciado acima (caso 2), percebe-se o contrário, visto que a mãe propõe uma desadaptação às necessidades da filha (a filha vai à creche, demonstra independência nas filmagens e a mãe respeita o seu espaço, permitindo que ela faça sozinha aquilo que já consegue), porém segue amamentando. Parece ocorrer, então, o processo de desilusão, enquanto a amamentação permanece. No caso 1, Rosane demonstra bastante pesar pelo momento do desmame, sentindo-o como uma separação definitiva. Além disso, a todo momento ela mencionava imaginar que o filho não iria aceitar a retirada do peito. Ela, entretanto, consegue cessar com a alimentação no peito. Ressalta-se, no entanto, que a tarefa ilusão-desilusão parece, em alguns momentos interrompida, visto que a mãe segue muito próxima ao filho, presumindo que o filho não estará bem caso ela não esteja junto dele.

No caso 3, Neusa também relatou dificuldade ao parar de dar o peito. Observa-se, entretanto, que ela conseguiu cadenciar esta retirada do peito, sem fazê-la de forma abrupta, ainda dando o peito quando ela percebia que a filha pedia muito, o que exemplifica o que Winnicott (1971/1975) refere sobre a *mãe suficientemente boa*. Dolto (1984/1992) refere que a castração *simbolígena*, e a conseqüente sucessão de objetos, permite que a satisfação direta e imediata encontrada no corpo dê lugar a uma outra forma de se relacionar. Não se trata de abolir o corpo, mas sim modificar a relação referenciada exclusivamente em necessidades. Há uma frase de Neusa que parece contemplar esta questão ressaltada por Dolto:

*(...) é uma coisa um pouco difícil, mas ao mesmo tempo tu tem que pensar que é importante, né, porque é uma fase que passou, que ela queria ficar mais perto, e tal, mas que ela tem outros agora... a partir de agora ela vai ter outros*

*interesses, né (...) Que a mãe tem que deixar que a criança vá crescendo, né, não tem (...)*

É interessante refletir sobre a frase de Neusa (caso 3), referindo que, a partir daquele momento, a filha passaria a ter outros interesses. Possivelmente o desmame pode se configurar num momento (dependendo de como a mãe o realiza), no qual se vislumbra o que Lacan (1956/1992) preconiza sobre o momento de virada, em que o objeto deixa de ser um objeto de satisfação e passa a ser um objeto de dom (de um objeto real de necessidade passa a ser simbólico).

Em relação ao caso 1, ressalta-se que Rosane menciona a dificuldade de permitir a entrada de outras pessoas na relação com o filho. Ela toma para si as tarefas relacionadas com Heitor, não se sentindo tranqüila se são as avós ou o pai que cuidam do filho. Ela se sente da mesma forma em relação à creche.

Para Freud (1914/1990), o filho surge como aquele que concretizará todos os sonhos dos pais. Mais especificamente na maternidade, a falta justamente vem a se especificar no desejo ao filho (Jerusalinsky, 1984). Neste momento de virada, entretanto, a mãe falha em responder aos apelos do filho, fazendo com que ele se volte a um terceiro. De acordo com Jerusalinsky (1984), “a ruptura da continuidade entre mãe e filho é a intromissão de um discurso que, operando na mãe a castração simbólica, obriga ambos à referência a um terceiro” (p.10). Neste tópico, pode-se pensar o quanto as mães fazem referência ao pai da criança, isto é, referenciam o filho ao pai. No caso 2, a mãe percebe grande parte dos comportamentos da filha como um reflexo de atitudes suas. A mãe se vê na filha, pois julga os gritos e choros da filha, como sendo crises semelhantes às suas e às de sua família. Mais tarde, a menina começa a imitar o pai, buscando uma referência nele, como saída para o ideal que a mãe supunha nela, como sendo uma criança com *crises de nervosismo* e brava. O agir da mãe com a filha era modelado, presumindo o que a mãe sentia e não o que a filha sentia. O pai consegue relativizar um pouco esses significados que a mãe supõe na filha (apesar de a mãe dificultar a entrada do pai, ele consegue intervir). Rosane (caso 1), com relação à possibilidade de deixar o filho sozinho, imagina que as reações dele serão parecidas com as suas, que não conseguia lidar com as dificuldades sozinho, o que a faz permanecer junto do filho grande parte do tempo, como uma forma a garantir o seu bem-estar. Inclusive, quando é o pai quem sai com o filho, Rosane não fica tranqüila, permitindo assim a pouca interferência do pai. Ela, entretanto, percebe uma grande semelhança física entre Heitor e o pai, ressaltando as características de bravo que o menino herdou do pai. Já no caso 5, por sua vez, o pai em alguns momentos detém os planos da mãe (referenciados aos ideais dela), quando, por exemplo, arrefece a

idéia de ela alfabetizar o filho aos três meses. Marta também incentiva o interesse do filho por carros, aproximando-o do pai (que também brincava com carros). Nos casos 3 e 4 ainda, as mães reconhecem nas filhas semelhanças com o jeito de ser do pai, sendo que no caso 3 a mãe percebe a filha parecida fisicamente com o pai. Além disso, há várias passagens nas filmagens em que se evidencia o quanto as mães permitem a interferência do pai. No caso 3, há um momento em que o pai insiste em que a mãe deixe a filha tentar empurrar o carrinho, impedindo que a mãe, devido ao medo da filha cair, interrompesse a brincadeira. Maria Helena (caso 4) propõe a brincadeira de telefonar ao *Tatata*, tornando o pai presente na brincadeira, mesmo quando ele está ausente. Já no caso 1, há uma passagem em que a mãe afasta do pai a cadeirinha em que o filho iria sentar, aproximando-a dela, dificultando a tentativa do pai se aproximar de Heitor. Pode-se pensar o quanto esta referência do filho ao pai também indica de que forma a mãe está se separando, pois assinala o quanto a mãe não mantém o filho numa relação exclusiva a ela. A ligação da criança a um objeto também aponta para isso.

Winnicott (1963/1990) refere o período denominado de *dependência relativa*, no qual se desenvolve uma desadaptação gradativa da mãe às necessidades do bebê. Neste momento mãe e filho iniciam uma separação. Esta fase dura dos seis meses aos dois anos, coincidindo com o período em que aparecem os fenômenos transicionais. Neste estágio, a compreensão pela empatia dá lugar à compreensão a partir dos sinais que o bebê indica. Neste momento, portanto, a mãe deve estar atenta àquilo que os filhos lhe indicam, seus interesses, o que querem fazer, os objetos de que gostam. Isso faz parte da tarefa de ilusão-desilusão. Caso a mãe se antecipe, sem permitir ao filho o esforço de se fazer entender, o bebê pode ficar num estado de permanente regressão, fundido à mãe. Encontramos em vários momentos da filmagem, em especial nos casos 1 e 2, passagens nas quais, algumas mães demonstraram pouca disposição a compreender os sinais que o filho emitia, pois não os incorporavam à brincadeira ou ainda seguiam insistindo com um brinquedo do seu interesse, desconsiderando os sinais que a criança lhe indicava, quando pegava outro brinquedo ou iniciava outra brincadeira. Numa etapa da filmagem do caso 2, Ana Carolina demonstra grande interesse pelas bonecas russas, enquanto a mãe insiste em mostrar os demais brinquedos na sala. Ana Carolina chega a chamar a atenção da mãe, numa tentativa de fazê-la ver com qual objeto quer brincar. Nos casos 3, 4 e 5, nota-se que as mães procuram fazer com que os filhos se façam entender, forçando-os a falar quando querem algo, não propondo uma compreensão imediata aos gestos deles.

Cabe ressaltar que a relação mãe e criança é composta por um trio. Dessa forma, o modo como uma mãe se relaciona com seu filho está permeada pela forma como se

estabeleceram suas relações com seus pais. Há sempre três pessoas envolvidas numa relação (Lacan 1956/1992). Pode-se perceber, mais claramente em quatro casos 1, 4 e 5 (o que não significa dizer que nos outros casos isto não ocorra), a referência à relação estabelecida com os pais, ou mais especificamente com a mãe, percebendo a grande influência que exerce sobre a relação que a mãe institui com o filho. No caso 1, Rosane menciona sempre ter sido muito protegida pelo pai, o qual sempre achava que algo de ruim aconteceria caso ela saísse sozinha. Rosane acaba reproduzindo com Heitor esta preocupação. Maria Helena (caso 4), por sua vez, viveu somente até os cinco anos com a mãe, a qual lhe entregou para ser criada por outra família. Ela refere que ter um filho constituía a possibilidade de formar uma família, pois sempre se sentia muito carente. Além disso, a amamentação era o momento em que se sentia mais próxima da filha (ela não foi amamentada pela sua mãe), configurando possivelmente uma tentativa de elaborar uma relação interrompida. Já ao caso 5, Marta refere que a sua mãe sempre foi muito distante, o que talvez tenha dificultado uma aproximação maior entre ela e o filho, visto que ela refere que não imaginava que sua intimidade seria tão invadida com a maternidade.

No movimento em que a mãe falha em responder à criança, o apelo da criança à mãe ausente é circunscrito por Lacan (1956/1992) nos jogos de repetição aos quais a criança se entrega. O autor exemplifica tal momento, referindo a brincadeira dos bebês ao fazer aparecer e desaparecer uma bola. Este objeto imaginário (a bola) não representa senão a mãe, assumindo para a criança (por um momento) a função dela, enquanto esta se faz ausente.

Para Winnicott (1971/1975), o surgimento dos fenômenos e objetos transicionais depende da capacidade de a mãe se apresentar como uma *mãe suficientemente boa*, a qual possibilita que a criança possa fazer a transição para um momento em que ela já se reconhece como um ser separado da mãe. No próximo tópico a discussão seguirá sobre os fenômenos / espaço transicional.

#### 4.2.2. Fenômenos / espaço transicional

Winnicott (1971/1975) refere que os bebês, logo que nascem, tendem a usar o punho, os dedos e os polegares, a fim de estimular a zona erógena oral. Mais tarde tal fenômeno é substituído pela ligação a um objeto em especial. Para o autor, portanto, ocorre uma progressão do fenômeno inicial *mão na boca* para o manuseio dos objetos. Será abordado, neste tópico, o modo como ocorreu esta progressão nos casos estudados, bem como as características dos fenômenos e da ligação a algum objeto em especial.

Ressalta-se o quanto a identificação do fenômeno / objeto transicional é facilitada ao se perguntar com o que a criança dorme. Em todos os casos, são encontrados objetos ou um maneirismo, os quais são necessários para que a criança adormeça. Nos casos 4 e 5, as crianças utilizam uma fraldinha como objeto transicional. A fralda é importante no momento de dormir, o qual Winnicott (1971/1975) refere como sendo o instante em que se manifesta a ansiedade depressiva. De acordo com Dolto (1984/1992), os objetos transicionais tornam-se necessários quando há um perigo que ameaça separar a criança do lugar de segurança materna. O adormecer configura um momento no qual a motricidade e deambulação da criança cessam, dificultando a rememoração pela criança da relação com a mãe. O objeto transicional lhe proporcionará isto. Nestes dois casos é evidente a procura pela fralda no momento de dormir ou ainda como uma forma de acalmar a criança. No caso 5, a fralda pode ser lavada, mas a maciez do tecido deve permanecer, assim como o cheiro. Para Dolto, predominam o aspecto tátil e olfativo no objeto. Este, de acordo com Winnicott, é percebido como possuindo calor, textura e movimento, demonstrando vitalidade. O objeto é acariciado, podendo também ser mutilado. Mateus (caso 5) gosta do toque da fralda, amassa-a e a coloca perto do rosto. Ele também dá um nome à fralda. Winnicott salienta que à medida que o bebê começa a produzir sons organizados, pode surgir uma palavra que designe o objeto transicional.

Nádia (caso 3) para adormecer, aos 11 meses, precisava estar segurando o lençol ou a roupa da mãe. Aos 14 meses, tais fenômenos são substituídos pela necessidade de alguém alisar seus cabelos. De acordo com Winnicott (1971/1975), assim como um objeto, um maneirismo, uma palavra ou uma melodia também podem surgir como fenômenos transicionais. No caso 1, aos 12 meses isto também se evidencia em Heitor, visto que para pegar no sono, ele precisa ficar se nanando e fazendo um barulho, ao mesmo tempo em que coça a orelha e mexe no rosto. Ana Carolina (caso 2) também apresenta um maneirismo, porém ocorre quando mama no peito. Ela suga os dedos e depois a mão toda, inclusive parando de mamar para sugar os dedos. Morde também o traveseiro, já incluindo um objeto aí, assim como Nádia ao segurar o lençol ou a roupa da mãe. Quanto à presença da música, observamos logo cedo, nos casos 1 e 3, o interesse por objetos que façam barulho e o gosto pela música. Entretanto, somente aos 24 meses parece que a música começa a assumir uma função de fenômeno transicional, tornando-se importante no momento de dormir. Heitor (caso 1) solicita que a mãe coloque música para ele dormir e os pais de Nádia (caso 3) percebem que a música ajuda-a a relaxar (facilitando o adormecer).

Em quatro dos cinco casos (1, 2, 3, e 4) percebeu-se a importância da amamentação no momento de dormir. No caso 4 isto ocorreu até os 24 meses (quando encerrou a

pesquisa). Nos demais casos, a amamentação foi essencial até o desmame. De acordo com Dolto (1988/1989), o objeto transicional torna-se o objeto mais próximo à experiência de amamentação e, assim, encontra-se estreitamente ligado à necessidade (já sendo também um objeto de desejo). Nestes casos, porém, o próprio peito desempenhava a função transicional. No caso 2, entretanto, observa-se que o maneirismo se destaca da experiência de amamentação. Dolto ressalta que o objeto transicional vem apontar o deslocamento da mãe como objeto de satisfação de necessidade, em conformidade ao que Lacan (1956/1992) preconiza acerca da passagem do objeto de satisfação ao de dom. É interessante perceber que no caso 1 e no caso 3, o maneirismo (citados acima) começa a aparecer no período do desmame, isto é, justamente no momento da saída da mãe desta função de satisfação de necessidades. No caso 4, no entanto, a mãe segue amamentando, mas Elisa apresenta a fralda (e depois uma boneca), associada ao peito. Winnicott (1971/1975) ~~ressalta que o objeto transicional constitui um símbolo da união do bebê e da mãe, isto é, “simboliza a união de duas coisas agora separadas, bebê e mãe, (...), do início de seu estado de separação”~~ (p.135). Dessa forma, o aparecimento de um maneirismo na época do desmame, relaciona-se a este momento justamente surgir como uma separação. Considerando o surgimento do objeto transicional num momento de separação, cabe destacar uma passagem da filmagem do caso 1, na qual Heitor, quando a mãe está fora da sala, volta-se para o cachorrinho que a mãe havia lhe oferecido no instante anterior. O pai não o estava conseguindo envolver na brincadeira e Heitor se ressentia, procurando a mãe, como ela não aparece, ele recorre ao cachorrinho. Novamente se sobressai o que Dolto refere que restituição da segurança materna através de tal objeto.

Salienta-se, ainda, em torno do tema da amamentação, o uso posterior da mamadeira ou bico como objeto utilizado para adormecer. Em todos os casos (com exceção do caso 4, pois Elisa segue mamando no peito), parece ocorrer uma substituição do peito pela mamadeira. Nos casos 1 e 2, Heitor e Ana Carolina precisam da mamadeira para dormir. Nádia (caso 3) a usa em alguns momentos, conseguindo às vezes adormecer sem tal objeto. Mateus (caso 5), por sua vez, recorre ao bico. Percebe-se que o que se mantém é a atividade do sugar, seja na amamentação, na mamadeira ou no bico. Freud (1905/1990), denominando o sugar com leite de *chuchar*, observa que ele aparece no lactente podendo seguir até a vida adulta. Este sugar “alia-se a uma absorção completa da atenção” (p.168), conduzindo ao adormecimento ou, até mesmo, a uma reação motora semelhante ao do orgasmo. O autor refere ainda que os lábios, a língua e mesmo o dedão do pé são tomados para sugar. Este pode se associar à preensão rítmica do lóbulo da orelha ou ainda se apoderar de uma parte de outra pessoa. Pode ocorrer também a fricção de uma

parte sensível do corpo, como os seios ou genitália externa, desencadeando, às vezes, a masturbação. Percebe-se, portanto, uma ligação entre os maneirismos e o sugar.

Ressalta-se que nos casos 1 e 2 ocorre, em torno dos 24 meses, o início de atividades auto-eróticas do tipo descrito por Freud (mexer no *tico* e nas *tetinhas*, respectivamente). O autor afirma que nestas atividades a pulsão não está dirigida para outra pessoa, mas se satisfaz no próprio corpo. A criança se entrega a elas na busca por um prazer já vivenciado e agora lembrado, associado à experiência de amamentação, entretanto tal repetição se dissocia da necessidade de absorção do alimento. Ainda de acordo com Freud, ele enfatiza que a criança procura uma parte do próprio corpo, em função de ficar independente do mundo externo, o qual ela não consegue ainda dominar. Esta última frase torna-se importante para a reflexão acerca dos casos 1 e 2, nos quais as atividades auto-eróticas ocorrem justamente num período de descoberta do mundo pela criança. Talvez a dificuldade de se voltar ao mundo externo, em especial mais flagrante em Heitor (caso 1) o conduza a voltar-se ao seu corpo. Winnicott (1971/1975) afirma que o emprego de satisfações auto-eróticas configura o meio pelo qual o bebê lida com os fracassos da mãe, ou seja, com a sua crescente desadaptação às necessidades dele. No caso 1, a entrega de Heitor à satisfação auto-erótica tem levado à interrupção do brincar. Winnicott desvincula o elemento masturbatório do brincar, referindo que ele se encontra essencialmente ausente neste momento, pois a excitação física, se não cessa o brincar, deteriora-o.

Nádia (caso 3) elege uma boneca para acompanhá-la enquanto dorme, em torno dos 24 meses. Com esta boneca ela brinca como se fosse sua filha, podendo-se notar a capacidade do bebê criar e imaginar a partir do objeto, enfatizada por Winnicott (1971/1975). No caso 4, Elisa liga-se a vários bonecos, porém é também aos 24 meses que a boneca torna-se importante para ela adormecer. Percebe-se, assim como no caso 3, que Elisa age com a boneca reproduzindo com ela o que experienciou com a mãe, isto é, criando a partir do objeto.

Winnicott (1971/1975) preconiza haver uma ligação entre os fenômenos de sugar os dedos até à ligação a um objeto especial, referindo que os fenômenos/objetos transicionais se localizam numa área intermediária situada entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto. Este autor pressupõe que os padrões estabelecidos na tenra infância podem se manter na infância ou ainda se ampliar (o que indicaria saúde). Entretanto, um mesmo objeto pode permanecer durante todo o período inicial da vida. O que se percebe em todos os casos é o surgimento de fenômenos transicionais, com exceção dos casos 4 e 5, os quais desde os primeiros meses utilizam a fralda, até o desencadear de

uma ligação a um objeto especial (nos casos 3 e 4, as meninas elegem bonecas e a escolha recai sobre a mamadeira nos casos 1 e 2). Os objetos iniciais nem sempre são abandonados, como no caso 4, em que Elisa não renuncia à fralda. Além disso, nos casos 1 e 2, a mamadeira é acompanhada pelas atividades auto-eróticas. No caso 2, a procura pela mamadeira não é tão evidente, pois o que se ressalta, além da satisfação auto-erótica, é a busca pelo colo, no início, da mãe e, depois, do pai. Winnicott menciona que há casos que muitas vezes não apresentam objeto transicional, já que a mãe é quem está no lugar deste. O estado de transição, nestes casos, é fruído ou a seqüência dos objetos usados é rompida. Discute-se se Ana Carolina estaria numa posição assim, visto existir a mamadeira e os fenômenos auto-eróticos e, somando-se a isto, ela brinca e tem objetos pelos quais se interessa.

É importante ressaltar que estes fenômenos e objetos transicionais inauguram a área intermediária de experimentação e constituem a primeira possessão que *seja não-eu* (Winnicott, 1971/1975). Este autor ainda salienta que não se trata do primeiro objeto, mas sim da primeira possessão. Portanto, é enfatizada a atividade que se impõe ao objeto ou à zona do corpo. Com exceção do mamar no peito e na mamadeira (nos quais se evidencia uma posição mais passiva da criança), os demais fenômenos demonstram a capacidade do bebê criar, imaginar e inventar a partir dos objetos. Tais características se destacam mais quando se observa o brincar, propriamente dito. No brincar, Winnicott também ressalta o fazer, muito mais que o conteúdo ali exposto.

Paralelamente aos fenômenos/objetos transicionais, observa-se a ligação das crianças a objetos e brincadeiras do seu interesse. Winnicott (1971/1975) refere que a zona intermediária não se extingue e os fenômenos ali situados derivam para o brincar e para a experiência cultural. O brincar está situado num espaço potencial entre o bebê e a mãe e ele varia conforme as experiências de vida que o bebê tem em relação à figura materna. Percebe-se que nos casos 3, 4 e 5 há um envolvimento maior com brincadeiras de faz-de-conta, sendo que as mães nestes casos também estimulam tais brincadeiras, pois apresentam objetos com significados aos filhos, montando histórias no momento de brincar. Em conformidade com a característica da atividade presente na brincadeira e, possivelmente, sendo o precursor de tal idéia, Freud (1920/1990) preconiza que as crianças, em suas brincadeiras, “repetem tudo que lhes causou uma grande impressão na vida real, (...), tornando-se senhoras da situação” (p.28). Dessa forma, a criança repete as experiências que experimentou passivamente, assumindo um papel ativo. Além disso, Freud ainda ressalta que há um outro desejo que domina a brincadeira, isto é, o desejo de crescer e poder fazer o que os adultos fazem. Na passagem da passividade para a atividade,



a experiência desagradável é transferida para um dos companheiros na brincadeira. Esta propriedade da atividade já se encontra presente nos fenômenos/objetos transicionais, visto que se trata de uma área de experimentação e constitui a primeira possessão.

Com relação às brincadeiras, percebe-se em todos os casos, o quanto a eleição das brincadeiras expressa a passagem da passividade para a atividade. Nos casos 3 e 4, as meninas brincam com as bonecas de dar mamadeira a elas, assim como os pais fazem com elas. No caso 3, Nádia brinca nas filmagens de nanar a boneca. Elisa (caso 4); também nas filmagens, encena diversas vezes o adormecer da boneca, nanando-a e inclusive cantando cantigas de ninar. O último recorte da filmagem do período de 24 meses de Elisa revela de forma clara a passagem da passividade para a atividade, sendo que todas as brincadeiras encenadas são relativas ao *fort-da*. Assim, ela brinca de dormir e acordar, de sair e voltar ou ainda com o palhaço que se esconde no cone. Há momentos na brincadeira em que a mãe a nana, fazendo-a dormir (passiva) e há outros instantes nos quais Elisa brinca de sair para trabalhar, levando sua bolsa e seus filhos junto (ativa). Salienta-se o quanto ela domina os objetos, a ponto de sem hesitação utilizá-los com outras funções, destacando características simbólicas deles e não se atendo às suas propriedades reais. Dessa forma, percebe-se que todo o movimento iniciado pela mãe nos primeiros meses, quando brincava com o filho, dando um significado aos objetos e não se preocupando com a função real deles, resulta no brincar de fazer de conta. Winnicott (1971/1975) pressupõe ser no brincar que a criança experiencia o viver criativo. No caso 2, nas filmagens do período de 12 meses, Ana Carolina procura entrar no carrinho de boneca e no berço, entregando-se a uma posição passiva, na qual ela experimenta o que os outros imprimem nela. Entretanto, aos 24 meses, ela já conduz a brincadeira em alguns momentos. No caso 1, percebe-se apenas uma ocorrência de faz-de-conta, na qual Heitor deposita significados nos objetos, mas a brincadeira logo é interrompida pelos pais. No caso 5, a mãe propõe algumas brincadeiras de faz-de-conta, às quais o filho corresponde, porém não se nota ainda, uma iniciativa dele no sentido de propor e conduzir o brincar, incumbindo-se de um papel mais ativo. Winnicott (1971/1975) refere que numa fase inicial é a mãe quem brinca com o bebê, cuidando para se ajustar às atividades lúdicas do filho. Posteriormente, a mãe acaba introduzindo o seu próprio brincar e percebe como os bebês/crianças se posicionam na aceitação ou não das idéias dela. Nas filmagens, observa-se estes movimentos das crianças em todos os casos, nos quais há pelo menos uma passagem que expressa a revolta a uma proposta da mãe (pais). O caso 5, em especial, apresenta uma cena em que Mateus luta contra a insistência do pai em ensiná-lo a aparafusar. O autor enfatiza que isto delinea o caminho para um brincar conjunto. Nos casos 3 e 4, evidencia-se um brincar conjunto, em

que mães e filhas discutem e combinam de que formam vão direcionar a brincadeira, havendo um respeito por parte de ambas as mães à imaginação e às capacidades da filha.

Santa Roza (1993) afirma que os fenômenos transicionais consistem em precursores de operações simbólicas, constituindo uma etapa de transição para uma série de jogos de caráter repetitivo, com caráter de ocultação, tais como: ocultar o rosto com uma fralda e desvendá-lo, deixar cair objetos, abrir e fechar caixas e portas e o esconde-esconde. Em classificação semelhante, Jerusalinsky (1999) agrupa uma gama de jogos, os quais denomina de estruturantes. Entre eles, encontram-se o *fort-da*, os jogos de imitação e ocultamento, deixar cair objetos e o esconde-esconde. Considerando-se as entrevistas com as mães, a brincadeira de esconde-esconde está presente em quatro dos casos estudados (casos 2, 3, 4 e 5). Nas filmagens, observamos o esconde-esconde nos casos 3 e 4, sendo que elas assumem uma posição ativa no brincar, visto que tomam a iniciativa de propor tal brincadeira, escondendo-se primeiro. No caso 2, Ana Carolina (aos 24 meses) se interessa pelo palhaço que aparece e se esconde no cone, assim como pelas bonecas russas as quais também vão aparecendo, à medida que são descobertas. Ambos os jogos relacionam-se com o *fort-da*, visto que retratam o aparecer e desaparecer. Cabe ressaltar o que Freud (1920/1990) menciona acerca do *fort-da*, referindo que a criança faz desaparecer e reaparecer o objeto, numa tentativa de lidar com a ausência da mãe. O autor ainda salienta que tal brincadeira representa a “grande realização cultural da criança” (p.27), pois ela renuncia a uma satisfação instintual, já que deixa a mãe se ausentar. Nádia (caso 3), além do esconde-esconde estava interessada em abrir e fechar gavetas e portas, apresentando portanto outra brincadeira estruturante. Santa Roza refere que estes fenômenos configuram uma passagem do pólo natural ao pólo cultural, possibilitando o acesso da criança à função simbólica. Ao falar disso, não estamos fazendo menção senão à própria estruturação do indivíduo.

#### 4.3. Considerações Finais

Ao analisarmos o papel da mãe na construção dos fenômenos/espço transicionais, podemos concluir que é essencial a relação estabelecida entre mãe e criança na formação de tais fenômenos. Enfatizamos, entretanto, que para além da função de *mãe suficientemente boa* (Winnicott, 1971/1975), é essencial que se estabeleça uma relação *humanizante* (Dolto, 1984/1992), visto termos percebido que as trocas simbólicas entre mãe e filho exercem grande influência tanto na construção de fenômenos transicionais, como no brincar. Além disso, é importante ressaltar juntamente com as trocas simbólicas, o

privilégio dado por Dolto à palavra, pois segundo a autora, é somente através da palavra que a criança pode se liberar de seus vínculos substanciais. Retomando o que apontou Souza (2001), a linguagem nos possibilita negativizar a realidade, tornando-se possível imaginá-la de um outro modo.

Quanto aos fenômenos, todas as crianças apresentaram em algum momento um objeto, um maneirismo, com o qual pudessem lidar com a ausência da mãe. Destacamos que estes fenômenos foram facilmente reconhecidos quando se perguntava com o que a criança dormia. Em todos os casos, o uso de tais fenômenos ocorreu no momento de adormecer.

Ressaltamos que a realização de um estudo longitudinal dos 3 aos 24 meses possibilitou acompanhar estes bebês/crianças desde os primórdios dos fenômenos transicionais até uma ligação ao objeto transicional, sendo seguido pelo brincar. Dessa forma, foi-nos possível romper com o estilo de estudos (descritos anteriormente), nos quais ressaltava-se a identificação do objeto transicional, para passarmos a salientar o espaço potencial que se cria entre mãe e bebê. O estudo de Winnicott (1971/1975) transcende e não se atém a uma classificação dos tipos de fenômenos/objeto transicionais, enfatizando a importância da zona intermediária. Modell (1995) refere que para Winnicott “a criação que o bebê faz do objeto transicional ilustra o próprio processo mental subjacente à criatividade em geral” (p.98). Este objeto recebe da criança significado e vida. O autor ainda salienta que esta transformação criativa da realidade pode se tornar um meio de sobrevivência psíquica. Há controvérsia, porém, quanto ao pressuposto de que uma mãe sensível às necessidades de seu bebê pode proporcionar uma atitude criativa em relação à vida, visto que grandes artistas tiveram relacionamentos bastante difíceis com as suas mães. Não obstante, na observação dos casos que compõem este estudo, constata-se a importância da interação lúdica entre mãe e bebê, evidenciada nos casos 3, 4 e 5, na construção do espaço transicional e na facilitação da separação, assim como na socialização da criança.

Nosso estudo não se ateve a comparações dos casos, mas sim em descrever como ocorreu o surgimento dos fenômenos transicionais e como se estabelecia a relação entre mãe e filho. Abstivemo-nos de julgar qual criança apresentaria melhor desenvolvimento, assim como também não nos coube a tarefa de apontar a mãe mais sensível. Enfatizamos determinados pontos importantes nestas mulheres em relação ao processo de separação mãe e filho. Porém, não nos ativemos tanto à adaptação ou desadaptação da mãe às necessidades da criança. Enfatizamos, isto sim, as trocas simbólicas. Winnicott (1971/1975) refere que a primeira possessão *não-eu* corresponde ao primeiro uso de um

símbolo. A partir dessa abordagem, foi possível observar no decorrer deste trabalho, o que procuramos destacar nos resultados apresentados, as propriedades simbólicas que a mãe depositava nos objetos, em detrimento do apego às propriedades reais. Destacamos também a capacidade criativa que nasce a partir dos fenômenos transicionais. É possibilitado à criança criar, fazendo com que ela possa dar um novo significado àquilo que foi recebido dos pais, podendo assim, talvez, até optar por ser diferente daquilo que os pais imaginaram para ela.

Cabe destacar algumas dificuldades encontradas na realização deste estudo, as quais trouxeram algumas limitações. Este trabalho se insere numa ampla pesquisa desenvolvida pelo GIDEP/UFRGS. Por isso, a entrevista continha perguntas relativas às demais pesquisas efetuadas paralelamente, o que a tornava bastante extensa e cansativa, sendo difícil, por vezes, aprofundar o tema referente ao nosso estudo. Além disso, houve a impossibilidade de utilizar todos os casos previstos no projeto, em decorrência da não uniformidade dos procedimentos metodológicos. Também, em relação às filmagens, acreditamos que o trabalho seria enriquecido caso as filmagens pudessem ter sido feitas nas casas ou mesmo na creche (que a criança frequenta), desfazendo a impessoalidade do laboratório e, talvez, propiciando dados mais fidedignos ao dia a dia da criança. Os brinquedos utilizados também poderiam ser diferentes, visto que no período dos 24 meses, alguns brinquedos provocavam nos pais o apego ao funcionamento deles, em detrimento do faz-de-conta.

Entretanto, ressaltamos que tais dificuldades podem ter empobrecido o estudo, porém não o inviabilizaram, visto terem sido contemplados os objetivos propostos. É comum que um estudo longitudinal atravesse complicações, ao longo de sua realização, desde o fato de serem várias coletas de dados até toda a captação dos recursos necessários, tanto humanos, quanto materiais. O mérito na realização deste estudo portanto, repousa neste trabalho de equipe, destacando-se o desprendimento de todas estas famílias, as quais participaram por cerca de dois anos desta pesquisa.

Salientamos, adicionalmente, a utilização das filmagens na análise dos dados, um fato não muito frequente, já em decorrência da dificuldade para realizar a análise, bem como devido ao dispêndio de tempo para executar o estudo.

Por fim, destacamos que apesar do tema dos fenômenos transicionais ser amplamente descrito, a presente pesquisa mostrou-se inovadora por agrupar aspectos antes não considerados conjuntamente, tais como a realização da pesquisa fora do *setting* clínico, partindo de dados empíricos apreendidos longitudinalmente e cuja referência teórica foi a Psicanálise.

Consideramos importante a realização de novos estudos nesta área, visto que poucos neste formato longitudinal têm sido efetivados, ainda mais com a característica de ampliar os fenômenos transicionais, ponderando também o brincar, isto é, considerando o espaço transicional. Possivelmente, uma pesquisa com observações naturalísticas (com filmagens sistemáticas) possibilitaria grande contribuição para este área.

## REFERÊNCIAS

Abram, J. (2000). *A linguagem de Winnicott*. (M.G.Silva, Trad.). Rio de Janeiro: Revinter. (Original publicado em 1996).

Ahluvalia, T. & Schaefer, C. (1994). Implications of transitional object use: a review of empirical findings. *Journal of Human Behavior*, 31 (2), 45-57.

Bollas, C. (1992). *A sombra do objeto*. (R.M.Bergallo). Rio de Janeiro: Imago.

Busch, F. (1974). Dimensions of the transitional object. *Psychoanalytic study of the child*, 29, 15: 215-229.

Coriat, E. (1997). *Psicanálise e clínica de bebês*. (J. Jerusalinsky, Trad.) Porto Alegre: Artes e Ofícios.

Dolto, F. (1999). *Tudo é linguagem* (L. Machado, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1994).

Dolto, F. (1998). *Solidão*. (I.C.Benedetti, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1995).

Dolto, F. (1996). *No jogo do desejo – ensaios clínicos*. (V.Ribeiro, Trad.). São Paulo: Ática. (Original publicado em 1981).

Dolto, F. (1992). *A imagem inconsciente do corpo*. (N.M. Kon, M. Levy, Trad.). São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1984).

Dolto, F. (1989). *Inconsciente e destinos* (D.D.Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1988).

Freud, S. (1990). A interpretação dos sonhos (W.I.Oliveira, Trad.). Em J. Salomão (org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (vol. 5, 323-611). Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1900).

Freud, S. (1990). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (V. Ribeiro, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (vol. 7, pp. 127-228). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).

Freud, S. (1990). Sobre o narcisismo: uma introdução (T.O.Brito, P.H.Britto, C.M.Oiticica, Trans.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (vol. 14, pp. 89-119). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).

Freud, S. (1990). Os instintos e suas vicissitudes (T.O.Brito, P.H.Britto, C.M.Oiticica, Trans.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (vol. 14, pp. 137-162). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).

Freud, S. (1990). Além do princípio do prazer (C.M.Oiticica, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (vol. 18, pp. 17-85). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).

Gaddini, R. (1975). The concept of transitional object. *Journal of american academy of child psychiatry*, 14, 6: 731-736.

GIDEP (2001a). *Entrevista sobre a experiência da maternidade – 8º. mês do bebê*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.

GIDEP (2001b). *Entrevista sobre a experiência da maternidade – 12º. mês do bebê*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.

GIDEP (2001c). *Sessão de filmagem aos 24 meses*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.

GIDEP (2001d). *Entrevista sobre o desenvolvimento da criança aos 24 meses*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.

Jerusalinsky, A. (1984). *Psicanálise do autismo*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Jerusalinsky, A. & colaboradores (1999). *Psicanálise e Desenvolvimento Infantil: um enfoque transdisciplinar*. (D. Lichtenstein et al., Trads.) Porto Alegre: Artes e Offícios.
- Jonsson, C.; Elwin, I. & Weingarten, B. (1988). The use of attachment objects and transitional object equivalents in separation situation: naturalistic observations in swedish day nurseries. Em P.C. Horton & H. Gerwitz et al.(Orgs.).*The solace paradigm: na eclectic search for psychological immunity* (pp.229-250). Madison, CT, US: International Universities Press.
- Jonsson, C.; Reimbladh, G. & Sjöswärd, E. (1993). Forms, uses and functions of children's favourite objects. *Scandinavian Journal of Psychology*, 34, 86-93.
- Jonsson, C. & Taje, M. (1983). "Good enough" mothering and the incidence of transitional objects after infantile colic. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry*, 22, 6: 545-548.
- Khan, M. M. (2000). Introdução (D. Bogomoletz, Trad.). Em D. W. Winnicott (Org.), *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Klautau, P. (2002). Uma incursão pelas teorias de Winnicott e Lacan através do espelho. *Cadernos de Psicanálise do Circulo Psicanalítico do Rio de Janeiro*, 24, 15: 87-99.
- Lacan, J. (1992). *A relação de objeto e as estruturas freudianas*. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre (documento de circulação interna). (Original publicado em 1956-57).
- Lacan, J. (1998). Formulações sobre a causalidade psíquica (V. Ribeiro, Trad.). Em Jacques Lacan, *Escritos* (pp. 152-194). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1946).
- Lacan, J. (1999). *As formações do inconsciente* (V.Ribeiro,M.A.Vieira, Trads.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1957-1958).
- Laville, C. & Dione, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas.



Lehman, E.; Arnold, B.; Reeves, S. & Steier, A. (1996). Maternal Beliefs about children's attachments to soft objects. *American Journal of orthopsychiatry*, 66 (3), 427-436.

Lehman, E.; Denham, S.; Moser, M. & Reeves, S. (1992). Soft object and pacifier attachments in young children: the role of security of attachments to the mother. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 23, 1205-1215.

Mannoni, M. (1986). *De um impossível a outro*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1982)

Mannoni, M. (1998). A contribuição de Winnicott para um trajeto na Psicanálise (M.S.B.Machado, Trad.). *Estilos da Clínica*, 4, 8-19.

Meira, A. M. G. (2003). Pequenos brinquedos, jogos sem fim – os sintomas no brincar da criança contemporânea. Em A. M. G. Meira (org.), *Novos sintomas*. Salvador: Ágalma.

Modell, A. H. (1995). *As raízes da criatividade e o uso do objeto*. (J.O.A.Abreu, Trad.). Em P. L. Giovacchini (Org.). *Táticas e Técnicas psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Petot, J.M. (1992). *Melanie Klein II – o ego e o bom objeto – 1932-1960*. (B. Haber & cols., Trad.). São Paulo: Perspectiva.

Piccinini, C. A. & colaboradores. (1999a). *Observação da interação familiar*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.

Piccinini, C. A. & colaboradores (1999b), adaptado de Fullard e cols(1984). *Ficha de impressões gerais dos pais sobre o temperamento da criança*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.

Piccinini, C. A. & colaboradores (1999c). *Entrevista sobre a experiência da maternidade – 3º. mês do bebê*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.

- Santa Roza, E. (1993). *Quando brincar é dizer: a experiência psicanalítica na infância*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Steier, A. & Lehman, E. (2000). Attachment to transitional objects: role of maternal personality and mother-todler interaction. *American Journal of Orthopsychiatry*, 70 (3), 340-350.
- Souza, O. (2001). *Os continentes psíquicos e o vazio em psicanálise*. Em C. Da Poian (Org.). *Formas do Vazio*. São Paulo: Via Lettera.
- Spitz, R. A. (1998). *O primeiro ano de vida* (E.M.B. Rocha, Trad). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1965).
- Stake, R. E. (1994). *Handbook of qualitative research*. Sage: Denzin & Lincoln.
- Stevenson, O. (1954). The first treasured possession. *Psychoanalytic Study of the child*, 9, 19: 199-217.
- Tavares, E. (1998). O brincar na clínica com crianças. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 14, 54-67.
- Triebenbacher, S. (1997). Children's use of transitional objects: parental attitudes and perceptions. *Child Psychiatry and Human Development*, 27 (4), 221-230.
- Triebenbacher, S. & Tegano, D. (1993). Children's use of transitional objects during daily separations from significant caregivers. *Perceptual and Motor Skills*, 76, 89-90.
- Winnicott, D. W. (2000). A preocupação materna primária. (D.Bogomoletz, Trad.) Em D. W. Winnicott (Org.). *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago (original publicado em 1956).
- Winnicott, D. W. (2000). A observação de bebês numa situação padronizada. (D.Bogomoletz, Trad.) Em D. W. Winnicott (Org.). *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago (original publicado em 1941).

Winnicott, D. W. (1999). *Os bebês e suas mães*. (J.L.Camargo, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (original publicado em 1988).

Winnicott, D. W. (1990). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. (I.C.S.Ortiz, Trad.). Em D. W. Winnicott (Org.). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas (original publicado em 1963).

Winnicott, D. W. (1990). Teoria do relacionamento paterno-infantil. (I.C.S.Ortiz, Trad.). Em D. W. Winnicott (Org.). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas (original publicado em 1960).

Winnicott, D. W.(1975). *O brincar e a realidade* (J.O.A.Abreu,V.Nobre, Trads.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1971)

Winnicott, D. W. (1954). Preface. Em O. Stevenson (Org.). The first treasured possession. *Psychoanalytic Study of the child*, 9, 19: 199-201.

Wolf, A. & Lozoff, B. (1989). Object attachment, thumbsucking, and the passage to sleep. *American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 28, 2: 287-292.

Zornig, S. A. (2000). *A criança e o infantil em psicanálise*. São Paulo: Escuta.

## ANEXO A

### ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE (GIDEP - UFRGS - 04/2001)

(Terceiro mês do bebê)

**1. Eu gostaria que tu me falasse sobre o bebê nestes primeiros três meses.**

*(caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...*

- Como está o desenvolvimento/crescimento do teu bebê?
- O que o bebê já é capaz de fazer que te chama mais a atenção (quais as suas habilidades)?
- Como tu descreverias o jeito do teu bebê, agora, com 3 meses?
- Era como tu imaginavas? (Se não era) O que está diferente?
- Com quem tu achas que ele é parecido? (física e emocionalmente) Era como tu imaginavas?
- Como tu te sentes com isto?
- O bebê teve cólica neste período? Como foi? O que tu fazias para acalmá-lo?

**2. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está sendo a tua experiência de ser mãe pela primeira vez?**

*(caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...*

- Como foi o parto? E os primeiros dias depois? Foi como tu imaginavas?
- Como tu estás te sentindo?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como mãe?

**3. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre o teu dia-a-dia com o bebê.**

*(caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...*

- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do bebê? Como tu te sentes?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Porquê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Porquê?
- Tu costumavas brincar com ele? Com que frequência?
- Que tipo de brincadeiras vocês costumam fazer?
- Como ele reage a estas brincadeiras?
- Onde o bebê passa a maior parte do tempo?

**4. Eu gostaria que tu me falasse como estás vendo o teu marido como pai.**

*(caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...*

- Como é o jeito dele lidar com o bebê?
- Como tu achas que ele está sendo como pai?
- Era como tu imaginavas?
- Que tipo de apoio ele tem te oferecido neste período? Tu solicitas a ajuda dele nos cuidados do bebê? Como ele reage?

**5. Tem outras pessoas te ajudando a cuidar do bebê?**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Quantas horas esta pessoa fica?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do bebê?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- Como o teu bebê reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) como ele? E hoje, como ele reage?
- Como esta pessoa é com ele?
- *(Caso o bebê fique mais de 5 horas semanais aos cuidados de outra pessoa)* Porquê vocês escolheram esta forma de cuidado para o bebê? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)

**6. O bebê foi para a creche?**

*(Caso não tenha mencionado)*

*(Se o bebê foi para a creche)*

- Com que idade?
- Quantas horas ele ficava na creche? Quantas horas ele fica agora?
- Como foi a adaptação dele? Como ele está hoje em relação à creche?
- Como tu te sentiste? Como tu te sentes hoje em relação à creche?

- Por que escolheram colocar na creche? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)

- Porque escolheram a creche que ele está?

**(Se não foi para a creche)**

**Vocês estão pensando em colocar o bebê na creche? Quando? Porque escolheram colocar na creche?**

- Como tu achas que ele vai reagir?

- Como tu achas que tu vai te sentir?

## ANEXO B

**Ficha de impressões gerais dos pais sobre o temperamento da criança**

(Adaptado de Fullard et al., 1984)

GIDEP- UFRGS – 04/2001

1. **Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre a alimentação do bebê:**  
*(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...*
  - Ele tem horários regulares para comer?
  - Como é o comportamento dele durante a alimentação?
  
2. **Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre o sono do bebê:**  
*(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...*
  - Ele tem horários regulares para dormir? Onde ele dorme?
  - Como é o comportamento dele durante o sono?
  
3. **Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre o choro do bebê?**  
*(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...*
  - Ele chora com muita frequência? Em que momentos ele chora? Quem o acalma? Como ele/ela o acalma?
  - Quando ele chora qual é a intensidade do choro dele (forte, fraco)?
  - Vocês percebem diferentes tipos de choro do bebê? Vocês poderiam me dar alguns exemplos?
  
4. **Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre a troca de fraldas e de roupa do bebê:**  
*(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...*
  - Com que frequência ele é trocado de fraldas? O que ele costuma fazer durante a troca de fraldas?
  - Com que frequência ele é trocado de roupa? O que ele costuma fazer durante a troca de roupa?
  - Em que horários ele costuma fazer cocô?
  
5. **Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre o banho do bebê:**  
*(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...*
  - Quem dá o banho?
  - O que ele costuma fazer durante o banho?
  
6. **E quando ele está acordado, como é que ele fica?**  
*(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...*
  - O que ele costuma fazer quando está acordado?
  
7. **Como é a reação inicial do seu filho(a) diante de:**
  - Novos alimentos (e depois?)
  - Pessoas estranhas (e depois?)
  - Lugares estranhos (e depois?)
  - Festas (e depois?)
  - Mudanças na rotina de vida dele? (e depois?)
  - Momentos de separação de vocês? (e depois?)
  
8. **Como vocês descreveriam o humor do seu filho(a) ao longo do dia?**  
*(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...*
  - Como ele fica quando alguma coisa o agrada?
  - E como ele fica quando alguma coisa o desagrada?

## ANEXO C

ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE  
(GIDEP - UFRGS - 04/2001)

(Oitavo mês do bebê)

**1. Eu gostaria que tu me falasse sobre o bebê desde a última entrevista que a gente conversou.**

*(caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...*

- Como está o desenvolvimento/crescimento do teu bebê?
- O bebê ainda mama no peito? Qual foi o motivo do desmame? Como ele reagiu? Como tu te sentistes com isso?
- O bebê já engatinha? Como foi o começo? Como tu te sentes com isso?
- O que ele já é capaz de fazer que te chama mais atenção (quais as suas habilidades)?
- O bebê apresentou algum problema de saúde neste período? Que cuidados exigiu?
- Como tu descreverias o jeito do teu bebê, agora, com 8 meses?
- Era como tu imaginavas? (Se não era) O que está diferente?
- Com quem tu achas que ele é parecido? (física e emocionalmente) Era como tu imaginavas?
- Como tu te sentes com isto?

**2. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está sendo a tua experiência de ser pai?**

*(caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...*

- Como tu estás te sentindo como mãe?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como mãe?

**3. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre o teu dia-a-dia com o bebê.**

*(caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...*

- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do bebê? Como tu te sentes?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Porquê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Porquê?
- Tu costumava brincar com ele? Com que frequência?
- Que tipo de brincadeiras vocês costumam fazer?
- Como ele reage a estas brincadeiras?
- Onde o bebê passa a maior parte do tempo?
- Tu precisaste ficar afastada do bebê neste período? Por quanto tempo? Qual o motivo?
- Tu trabalhas fora? Se sim, já retornaste às atividades? Como foi o retorno ao trabalho?
- Como você se sente quando está longe do bebê?
- Como você acha que o bebê se sente quando fica longe de você?

**4. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre algum objeto preferido do bebê.**

*(caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Qual é este objeto e como ele é?
- (caso não seja um objeto) Seria uma parte do corpo (da criança/mãe), uma música, um movimento, afagar o corpo, uma palavra?
- Em que momento o bebê procura este objeto?
- O que o bebê faz (com o objeto ou parte do corpo)?
- Você lembra quando isto apareceu?

**5. Eu gostaria que tu me falasse como tu estás vendo o teu marido como pai.**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Como é o jeito dele lidar com o bebê?
- Como tu achas que ela está sendo como pai?
- Era como tu imaginavas?
- Que tipo de apoio ele tem te oferecido? Tu solicitas ajuda dele nos cuidados do bebê? Como ele reage?

**6. Tem outras pessoas te ajudando a cuidar do bebê?**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Quantas horas esta pessoa fica?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do bebê?
- O que te agrada? O que te incomoda?

- Como o teu bebê reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) com ele? E hoje, como ele reage?
- Como esta pessoa é com ele?
- *(Caso o bebê fique mais de 5 horas semanais aos cuidados de outra pessoa)* Porque vocês escolheram esta forma de cuidado para o bebê? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)

#### **7. O bebê foi para a creche?**

*(Caso não tenha mencionado)*

**(Se o bebê foi para a creche)**

- Com que idade?
- Quantas horas ele ficava na creche? Quantas horas ele fica agora?
- Como foi a adaptação dele? Como ele está hoje em relação à creche?
- Como tu te sentiste? Como tu te sentes hoje em relação à creche?
- Por que escolheram colocar na creche? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)
- Porque escolheram a creche que ele está?

**(Se não foi para a creche)**

- Vocês estão pensando em colocar o bebê na creche? Quando? Porque escolheram colocar na creche?
- Como tu achas que ele vai reagir?
- Como tu achas que tu vai te sentir?



**ANEXO D****OBSERVAÇÃO DA INTERAÇÃO FAMILIAR  
(12º mês do bebê)**

Oi, como vocês estão? Como a gente já havia combinado, hoje nós vamos conversar um pouco mais com vocês e filmar o bebê, como fizemos no último encontro. Primeiro nós gostaríamos de começar filmando o bebê com vocês dois.

***Primeiro momento: filmagem do bebê com os pais em atividade livre:***

- Vocês podem ficar bem à vontade e fazer como vocês normalmente fazem quando estão com o bebê.  
(tempo de 8 minutos)

***Segundo momento: filmagem do bebê com o pai (alternar a ordem):***

- Agora vamos filmar o bebê com o pai, depois nós trocamos.
- *Para o pai:* Você pode ficar à vontade e fazer como normalmente você faz quando está com o bebê.  
(tempo de 8 minutos)

***Terceiro momento: filmagem do bebê com a mãe:***

- Agora vamos inverter, vamos filmar o bebê com a mãe.
- *Para a mãe:* Você pode ficar à vontade e fazer como normalmente você faz quando está com o bebê.  
(tempo de 8 minutos)

***Quarto momento: filmagem do bebê com os pais:***

- Agora gostaria de continuar filmando vocês dois com o bebê por mais alguns minutos.  
(tempo de 8 minutos)

***Quinto momento: filmagem do bebê com os pais durante a entrevista sobre temperamento do bebê.***

- Para terminar, gostaríamos de continuar filmando o bebê enquanto nós conversamos.  
(tempo livre)

## ANEXO E

**ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE  
(12º mês do bebê)**

**1. Eu gostaria que tu me falasse sobre o bebê desde a última entrevista que a gente conversou.**

*(caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...*

- Como está o desenvolvimento/crescimento do teu bebê?
- O bebê apresentou algum problema de saúde neste período? Que cuidados exigiu?
- O que ele é capaz de fazer que te chama mais a atenção (quais as suas habilidades)?
- O bebê ainda mama no peito? Qual foi o motivo do desmame? Como ele reagiu? Como tu te sentiste com isso?
- O bebê já está caminhando? Quando foi o início? Como foi? Como te sentes com isso?
- Como tu descreverias o jeito do teu bebê, agora, com 1 ano?
- Era como tu imaginavas? (Se não era) O que está diferente?
- Com quem tu achas que ele é parecido? (física e emocionalmente) Era como tu imaginavas?
- Como tu te sentes com isto?

**2. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está sendo a tua experiência de ser mãe?**

*(caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...*

- Como tu estás te sentindo como mãe?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como mãe?

**3. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre o teu dia-a-dia com o bebê.**

*(caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...*

- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do bebê? Como tu te sentes?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Porquê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Porquê?
- Tu costumava brincar com ele? Com que frequência?
- Que tipo de brincadeiras vocês costumam fazer?
- Como ele reage a estas brincadeiras?
- Onde o bebê passa a maior parte do tempo?
- Tu precisaste ficar afastada do bebê neste período? Por quanto tempo? Qual o motivo?
- Tu trabalhas fora? Se sim, já retornaste às atividades? Como foi o retorno ao trabalho?
- Como você se sente quando está longe do bebê?
- Como você acha que o bebê se sente quando fica longe de você?

**4. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre algum objeto preferido do bebê.**

*(caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre ...*

- Qual é este objeto e como ele é?
- (caso não seja um objeto) Seria uma parte do corpo (da criança/mãe), uma música, um movimento, afagar o corpo, uma palavra?
- Em que momento o bebê procura este objeto?
- O que ele faz (com o objeto ou parte do corpo)?
- Você lembra quando isto apareceu?
- (Caso já tinha aos 8 meses) Este objeto mudou nos últimos meses? Como está atualmente?

**5. Eu gostaria que tu me falasse como estás vendo o teu marido como pai.**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...*

- Como é o jeito dele lidar com o bebê?
- Como tu achas que ele está sendo como pai?
- Era como tu imaginavas?
- Que tipo de apoio ele tem te oferecido? Tu solicitas a ajuda dele nos cuidados do bebê? Como ele reage?

**6. Tem outras pessoas te ajudando a cuidar do bebê?**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Quantas horas esta pessoa fica?
- Como tu te sentes com outra(s) pessoa(s) cuidando do bebê?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- Como o teu bebê reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) com ele? E hoje, como ele reage?
- Como esta pessoa é com ele?
- *(Caso o bebê fique mais de 5 horas semanais aos cuidados de outra pessoa)* Porque vocês escolheram esta forma de cuidado para o bebê? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)

**7. O bebê foi para a creche?**

*(Caso não tenha mencionado)*

*(Se o bebê foi para a creche)*

- Com que idade?
- Quantas horas ele ficava na creche? Quantas horas ele fica agora?
- Como foi a adaptação dele? Como ele está hoje em relação à creche?
- Como tu te sentiste? Como tu te sentes hoje em relação à creche?
- Por que escolheram colocar na creche? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)
- Porque escolheram a creche que ele está?

*(Se não foi para a creche)*

Vocês estão pensando em colocar o bebê na creche? Quando? Porque escolheram colocar na creche?

- Como tu achas que ele vai reagir?
- Como tu achas que tu vai te sentir?

**8. Pensando um pouco nos cuidados do bebê ao longo do primeiro ano de vida do bebê ...**

- Ao longo deste primeiro ano de vida, tu vivenciaste situações estressantes? Quais?
- Tu solicitavas mais ajuda nestas situações/períodos?
- Houve mudança de pessoas\creches que cuidaram do teu bebê? Por quê? Com que frequência?

**ANEXO F**  
**SESSÃO DE FILMAGEM**  
**24 MESES**

**Primeiro Momento:**

Filmagem da criança interagindo com um dos cuidadores (alternar a ordem):

Tempo: 10 minutos

- Vocês dois podem ficar a vontade e brincar com estes brinquedos. Vocês terão que descobrir como eles funcionam.

- Brinquedos: - Boneca Chapeuzinho Vermelho/vovó/lobo  
- Cofre  
- Picaboo (cone com o palhaço)  
- Bolas de passar no arame/martelo

**Segundo Momento:**

Filmagem da criança com o outro cuidador

Tempo: 10 minutos

- Vocês dois podem ficar a vontade e brincar com estes brinquedos. Vocês terão que descobrir como eles funcionam.

- Brinquedos: - Bancada de Madeira  
- Bonecas Russas  
- Palhaço saltador (na barra)  
- Arame de passar os objetos de madeira

**Terceiro Momento:**

Filmagem da Criança com o pai e a mãe

Tempo: 6 minutos

- Agora gostaria de continuar filmando vocês brincando três por mais alguns minutos.

## ANEXO G

## ENTREVISTA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA AOS 24 MESES

**1. Eu gostaria que tu me falasses sobre o/a (nome) desde a última vez que a gente conversou (aos 18 meses).**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Como está o desenvolvimento/crescimento do/a (nome)?
- Que coisas o/a (nome) mais gosta de fazer? Que coisas ele menos gosta?
- O/A (nome) apresentou algum problema de saúde neste período? Que cuidados exigiu?
- Como tu descreverias o jeito do/a (nome) agora, aos dois anos?
- O que o/a (nome) está fazendo que mais te chama atenção?

**2. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre a linguagem/fala do/a (nome).**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Como tem sido a comunicação com (nome)?
- Como tu te sentes com isso?
- (Se já fala) Quando falou as primeiras palavras? O que ele/a fala? São palavras ou pequenas frases?

**3. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre**

**- Alimentação do/a (nome)**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Como tem sido a hora das refeições? Como é o comportamento dele ao alimentar-se/ser alimentado?

- Quem de vocês participa mais da hora das refeições do/a (nome)? Alguma razão para isto?

**- O sono do/a (nome)**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Como tem sido a hora de dormir do/a (nome)? Como é o comportamento dele quando está dormindo?

- Ele tem um quarto só para ele ou dorme com alguém?

**- O controle do xixi e do cocô do/a (nome):**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Ele/a usa fraldas?

- (Caso use) Quando precisa trocar as fraldas como ele/a se comporta? Como tu te sentes com isto?

- Quem de vocês costuma trocar as fraldas do/a (nome)? Alguma razão para isto?

- Quando você está pensando em tirar as fraldas? Como pensa fazer isto?

- (Caso não use) Quando tirastes as fraldas? Como foi? Como tu te sentiste com isto?

- Qual a reação dele/a ao usar o pinico/troninho?

**- A hora do banho do/a (nome):**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Como tem sido a hora de tomar banho do/a (nome)?

- Como é o comportamento dele/a ao tomar banho?

- Quem de vocês participa mais do banho do/a (nome)? Alguma razão para isto?

- **A troca de roupa do/a (nome):**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido a troca de roupa do/a (nome)? Como é o comportamento dele/a ao trocar de roupa?

- Quem de vocês participa mais da troca de roupa dele/a? Alguma razão para isto?

- **A escovação de dentes do/a (nome):**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido a hora de escovar os dentes dele/a? Como é o comportamento ao escovar os dentes?

- Quem de vocês participa mais desse momento? Alguma razão para isto?

**4. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre as brincadeiras do/a (nome):**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como é que ele/a brinca? Qual a brincadeira preferida dele/a?

- Ele/a costuma brincar com outras crianças?

- Como ele/a se comporta enquanto brinca? (corre, fala, irrita-se facilmente, etc.)

- Você costuma brincar com o/a (nome)? O que costuma fazer? Como você se sente?

- Ele/a costuma brincar sozinho? Desde quando? Como você se sente?

**5. Eu gostaria que você me falasse um pouco sobre algum objeto preferido do/a (nome):**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Qual é este objeto e como ele é? (Caso não seja um objeto)

- Seria uma parte do corpo/a (da criança/mãe), uma música, um movimento, afagar o corpo, uma palavra?

- Em que momento o/a (nome) procura esse objeto?

- O que ele/a faz (com o objeto ou parte do corpo)?

- Você lembra quando isto apareceu?

- (Caso já tinha aos 18 meses) Este objeto mudou nos últimos meses? Como esta atualmente?

**6. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre a tua experiência de estar sendo mãe/pai.**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu estás te sentindo como mãe/pai nesse momento?

- Tu estás tendo alguma dificuldade?

- Como tu te descreves como mãe/pai?

- Você seque algum modelo de mãe/pai que você já conheceu?

- Você evita algum modelo de mãe/pai que você já conheceu?

- Quais as atividades que tu mais gosta de fazer como o/a (nome)? Por quê? (Solicitar mais de uma)

- E quais as que tu menos gosta? Por quê? (Solicitar mais de uma)

- O que tu sabes sobre o teu relacionamento com a tua mãe/teus pais aos 2 anos de idade?

Como tu imaginas que era o teu relacionamento de vocês? De que forma tu pensas que a tua relação com a tua mãe/teus pais quando eras criança influenciou no teu jeito de ser mãe/pai do teu filho?

**7. Eu gostaria que tu falasse um pouco sobre os momentos em que (nome) tem ficado longe de ti:**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Quais foram esses momentos em que vocês tiveram que ficar longe?

- Como te sentiste? Como ele/a se sentiu?

- (Se o motivo foi ir para a creche) Com que idade iniciou?

- Qual o motivo que o levou a colocá-lo/a na creche?
- Como foi a adaptação do/a (nome)? Como te sentiste?
- Quantas horas ele/a fica na creche?
- *(Se não tem ido a creche)* Quem fica com o/a (nome) no dia a dia? Como você se sente com isto?
- Tem alguém que ajuda a cuidar do/a (nome)? Como você se sente com isto?
- Vocês pretendem colocá-lo/a na creche? Quando? Por quê?

**8. *Eu gostaria que falasses um pouco sobre como tu estás vendo o teu esposo(a)/companheiro(a) como mãe/pai.***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Como é o jeito dele/a lidar com o/ (nome)?
- Que coisas ele/a costuma fazer com o/a (nome)? Que coisas ele/a não faz? Por quê?
- O/A esposo/a te ajuda no cuidado do/a (nome)? Tu solicitas a ajuda dele/a? Como ele/a reage?
- Tu notas alguma diferença no envolvimento do/a esposo(a)/companheiro(a) com o/a (nome), comparando quando ele/a era bebê e agora que ele/a tem dois anos?
- Vocês têm alguma discordância com relação aos cuidados do/a (nome)? Em que? Como é?

**9. *Em geral, como tu estas vendo o relacionamento do casal neste momento?***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Tem havido alguma mudança no relacionamento do casal nestes últimos meses?
  - *(Caso positivo)* A que você atribui essas mudanças? Como era antes? Como está agora?
  - A tua família e a família do teu marido têm interferido no jeito de tu lidares com o/a (nome)?
- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre isto tudo que a gente falou?**

**IMPRESSÃO**

